

# HYMNOS E FLORES

JORNAL LITTERARIO

Editor: Alfredo Elysis Pinto d'Almeida.



## Introdução

O seculo actual merece uma especial menção e um logar distincto na historia, pór ser elle o seculo das tentativas litterarias de todo o genero. Concorre para este desenvolvimento o amor das lettras tão propagado pelo universo, graças á civilisação, a liberdade da imprensa, essa amnestya (permittam-me a expressão). que os governos concedem á juventude comprehendedora, e o fogo com que toda a mocidade deseja pagar um tributo de gloria á sua patria, concorrendo para o engrandecimento d'ella.

Ainda assim, de todos os generos de litteratura, aquelle que maior incremento tem tomado, e mais adeptos tem acolhido em seu seio, he a poesia, essa doce linguaagem da alma, essa meiga filha do mais sublime pensamento humano.

O gosto por esta arte revela quasi sempre um character um pouco elevado, uma imaginação viva e sentimental, uma tendencia para tudo quanto é sublime e divino! E embora não seja elevada ou ideal, o poeta não é um character baixo e sujeito a paixões mesquinhas: lá tem na alma o germen de todas as grandes virtudes, e de todos os sentimentos heroicos, assim lh'os saibam inspirar e inculcar.

O romance é não só muito delectoso, e mais ainda do que a propria poesia, pela variedade de typos e scenas que apresenta, como util tambem (alludo ao romance moral; d'este só e de nenhum mais quero fallar).

A missão do romancista é mais espinhosa  
HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 1.

do que a do poeta; porque, devendo ter sempre em vista moralisar e não preverter, deve tambem saber conciliar o agradável com o proveitoso, para captivar o leitor e podér ao mesmo tempo deliniar algum typo da sociedade, com toda a sua ridente ou asquerosa realidade, conservando sempre o pseudonimo para não offender susceptibilidades.

Os poetas bons são mais apreciados do que os bons romancistas, mas d'estes ha mais que d'aquelles, e geralmente são lidos com maior interesse.

He por todas estas considerações que nos resolvemos a intitular de «HYMNOS E FLORES» o nosso jornal, pequena colleção de romances e contos, esboceto imperfeito de todas as feições mais caracteristicas da sociedade.

A missão dos romancistas e poetas deve ser a de espalhar flores sôbre os escolhos do mundo: flores sem espinhos queremos nós offerecer aos nossos leitores, para lhe suavizar algumas horas de ocio e aborrecimento

Os nossos hymnos, singellos como a crença que nol-os inspira, serão sentidos como gotas de pranto, chorando sôbre uma esperança perdida, ou sôbre a erradição d'um pensamento do Céu!

Suppram os desejos o que a nossa intelligencia não póde attingir, e sejamos bem accollhidos pelos esforços, que practicamos. Da censura ou approvação do publico, depende a vida d'este nosso arrojado, mas voluntario tentamen litterario!

LODEIRO. HENRIQUETA ELYZA.

20 DE NOVEMBRO DE 1862.

## DESDITA

A minha amiga C. A.

Que lhe importam ao desgraçado as ameaças do ceu ou as ruínas da terra?

REBELLO DA SILVA. *Ódio velho não cança*

Que m'importa o desprezo do mundo  
Se eu desprezo seu louco par'cer?  
Que m'importa o sarcasmo pungente  
Que entre risos envolve o prazer?

Que m'importam as gallas que enfeitam  
D'esta vida amargura cruel?  
Que m'importa que passe inda a esponja  
Em meus labios arados de fel?

Que m'importam tristezas da terra  
Se não sinto seu louco furor?  
Que m'importa alegria e ventura  
Se meu peito não pulsa d'amor?!

Que m'importam os risos da turba  
Que nos mostram sarcasmo ou desdem?  
Ninguem sabe que triste amargura  
Cada um d'esses risos contem !!

Quantas vezes o riso da orgia  
He um grito que affoga o soffrer?!  
Quantas vezes não cabe no peito  
O veneno d'atroz padecer?!

He que a vida contem amarguras  
Que nem todos as podem sondar !!  
Magoas ha que são sempre um mysterio  
Que só sabe quem soffre um pezar !!

He que os risos ás vezes amargam  
Mais que o pranto d'atroz dissabor!  
Ninguem ha que decifre o mysterio  
No silencio que envolve uma dor!

Ninguem ha que desvele a desdita  
Que se occulta em gelada mudez!  
Que respeite a risada convulsa  
Que um anathema envolve talvez!

E, se a dor se dissolve no pranto,  
Um espinho da alma nos sai,  
Mas, se ha pranto que verte amargura,  
Dores ha, que nem pranto as extrai.

Lodeiro, 12 de Setembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

## ANJO E MULHER

A minha boa mãe em tributo de veneração eterna.

## INTRODUÇÃO.

... eu lhe direi o que é o mundo,  
e o amargo castigo das acções más.

C. CASTELLO-BRANCO. *Rom. de um homem rico.*

A mulher nem sempre he mulher, algumas vezes por um engrandecimento de virtudes, que a fazem abnegar-se a si propria, para se dedicar á felicidade de outros seres, a mulher pode conquistar a palma de martyr e o epytheto de anjo, que por ahí se dá vulgarmente a toda a mulher bella e que ás vezes nada merece menos do que tal nome!

Ha destes exemplos de magnanimidade, mas infelizmente raros, quasi phenomenaes! A fragilidade humana não permite que nos despojemos a nós mesmos de uma felicidade que he ou pode ser nossa, para a hirmos sacrificar no santuario da amizade. Pode uma alma sanctificar-se assim, pode elevar-se até á esphera das concessões mais sublimes, pode quasi egualarse a Deus, mas poucas são aquellas que tem a coragem de o tentar!!

Parece-nos mui longo o martyrio, por maior que se nos avulte a gloria que d'elle nos resulta. Haja, porém, franqueza. Encontra-se mais abnegação na mulher do que no homem: não porque lhe falte a elle a coragem, mas porque não tem o heroismo, que n'ella sobra.

O homem é um pouco mais egoista da sua felicidade do que a mulher, porque, aprendendo desde creança a dominar, maior queda dá o seu orgulho, tendo de renunciar a uma ventura que julgava necessariamente sua. A mulher pelo contrario tendo sido educada sempre com as ideias de respeito e obediencia, e vaidosa em extremo dos dotes que por vezes lhe grangeam a submissão do homem, tornado escravo de seus menores caprichos, a mulher, que mira sempre occasiões em que se possa fazer notar, acções pelas quaes possa libertar-se do pesado jugo que lhe foi imposto logo ao nascer, a mulher, digo, muitas vezes se torna sublime, quasi impossivel, tendo por unico movel a vaidade só! Este desejo de dizer um dia ao homem: «Olha para mim e vê que valho mais do que tu» he o incentivo de quasi todas as grandes acções das mulheres.

Ha, porém, ainda algumas excepções: ha a abnegação da mulher sem vaidade, ha a dedicação sem o desejo de gloria!!

Quando se dá este mais que rarissimo, mas todavia possível exemplo, he perdoavel esta phraze:

«A mulher he um anjo na terra.»

E he ou antes devia sel-o se ella comprehendesse bem a sua sublime missão, e se o homem a soubesse respeitar, e lhe não desnaturasse suas mais suaves tendencias.

#### CAPITULO I.

Cruel espinho é a memoria.

REBELLO DA SILVA. *Odio  
velho não cança.*

Angelina he o typo da mulher anjo, Izaura o da mulher frivola, e vaidosa de seus encantos; e todavia são irmãs! Irmãs como o são dois arbustos nascidos da mesma planta, um dos quaes, vestido de brilhante folhagem, se corôa na primavera com uma grinalda de flores frescas e perfumadas, e o outro, crescendo esguio e enfesado, parece querer avassallar o mundo, e curvar o seu irmão, sem comtudo lhe poder roubar as bellezas.

Angelina era a modesta e pura violeta, Izaura a roza soberba e desdenhosa. Qual das duas valia mais, o leitor o dirá no fim.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYZA.

### RECORDAÇÕES

A L.

Já mil gozos frui n'esta vida,  
Magoas mil já tambem ressentí!  
Hoje resta memoria florida,  
Se recordo, o passado sorri....

Dôr amarga nos labios perpassa,  
Em sorriso que envolve só dôr!  
Só em magoas a vida hoje passa  
Dôces magoas se lembram amor!

Ha memorias que fallam ao peito  
Nas mil notas que o pranto vibrou  
Ha lembranças de triste respeito  
Que recordam a dôr que passou!..

Cada nota suave embalada,  
Em sorrisos que outr'ora gozei,  
Me recorda ventura passada  
Qual nos sonhos da vida sonhei!

Do passado saudoso que resta?!  
Em meu peito que vibra a paixão?!

O que vale ao que a vida detesta,  
Se escutou em amor sempre «Não!»

Com saudade recordeo o passado

Ai! passado que não volverá!

Com que ardor um momento adorado!

Ai! momento que não voltará!

E quem sabe o que resta d'outr'ora?!

Diz-me, oh! virgem, as fallas d'amor!

Não me fallas d'esp'ranças agora

Só derramas no seio amargór!

Fui tão cedo, tão cedo olvidado!..

Não te lembras do amor que te ouvi?!

E, se o velas, quem sabe? ai! amado

Talvez seja! Nos sonhos o vi!

Sabe, virgem, não tens meu olvido,

Nem na vida jámais o terás..

Se d'amor já tivesse descrido,

Ai!... Mas não! tu jamais saberás...

O passado me é grato, saudoso.

Tantas graças jámais volverão!

Tens amor? diz, oh! virgem! ditoso

Os meus prantos não mais voltarão...

Coimbra 12 de Novembro de 1862.

ALFREDO ELYSIO

### OS DOIS GABELLOS

Genio travesso do *Coisas e Loisas*, tu cujo espirito folgazão e patusquinho tanto alento me dêste em dias bem tristes da minha triste vida, tu que rival foste do Silvio Pellico para arrancar-me ao desespero, e talvez ao suicidio, em amarguradas horas que o demo suma, vem de novo assoprar-me a phantasia, comtigo erguel-a ás subidas regiões da gargalhada, onde habita a flor dos meus leitores, do mundo enfeito e gala e divertimento. Faz-me rir, genio amigo, faz-me rir, que tristezas bem bastam a quem as tem, nem males remedeiam ou pezares a quem de raiz os sofre n'este mundo. Nascemos a chorar, a chorar morremos; porque não riremos sequer em quanto vivos? Dois trincos a satanaz que a alma enlucta, dois pulos ao folgar que a alma alegre.

Sentem-se e escutem, que vão ouvir as aventuras romantico-tragico-grotescas d'um homem grande em muita coisa, cujo nome retumbará altisonante d'um polo a outro polo: chamava-se Antão.

Das prendas ahí digo as principaes.  
- O sr. Antão nadava como um cação, dançava como um pião, comia como um glutão, batia-se como um Sansão, vestia-se como um pimpão,

e ardia como um volcão de amores pela sua Mariquinhas.

A Mariquinhas é que era uma ingrata de meus peccados. Só por isso lhe quero mal, que por tudo o mais lhe daria a vida, e os leitores também. Que lindos cabellos que tinha, a feitiçeira! Que olhos, que boca, que mãos, que pés! Pois o melhor inda eu não disse. Eram dois cabellinhos na ponta da barba, que eram dois grilhões para os mais esquivos. Foi n'elles que se prendeu o sr. Antão n'uma hora negra que elle chorava sempre.

Em quanto a espirito, a Mariquinhas era a luminaria do seu sexo.

Nada de maus sentidos ás minhas palavras. Luminaria é o termo proprio. Significa um astro radiante, ou de luz e fogo como o sol, ou de luz e melancholia como a lua. Vejam a Biblia, no capitulo primeiro do Genesis.

Para os que não tiverem a Biblia, ahí vaé outra explicação.

Luminaria é synonymo de lanterna; e lanterna é toda a mulher. Em dia, ou antes, em noite de festa, quem põe luminarias põe lanternas, é sabido e visivel.

Ora que mulheres sejam lanternas também é claro.

Baixemos á analyse da natureza dos dois objectos, e vejamos a ideia media que os ha de ligar.

O que é uma lanterna? Uma coisa que se põe á janella. Primeiro ponto de analogia.

Mais. Que é uma lanterna? Um traste que serve para nos allumiar e dirigir na escuridade. Pois a mulher é a nossa luz e a nossa guia n'esta vida.

Ainda mais. Dividamos a palavra. Que temos? *Lan* e *terna*. *Lan*, coisa que aquece; *terna*, attributo essencial da mulher. Logo a mulher é uma *lan-terna*, isto é, uma coisa que aquece com ternura.

Se tudo isto não é logicamente verdadeiro assim como é verdadeiramente logico, eu desde já me condemno a reservar para mim aquellas lanternas, sem querer impor a ninguem a minha ideia.

Era pois a Mariquinhas uma luminaria, em cuja luz se tinha abrasado a queimadiça pessoa do sr. Antão. Foi o caso, que o sr. Antão andava uma tarde a *beber o pó das areias* nas margens do atlantico, ha poucos mezes a esta parte, quando um bando de gaivotas vieram, no dorso de uma onda, poisar na praia. Passou o homem, riu e bateu as palmas. Tomaram vôo as aves com horrenda grita; deram no ar tres gyros em volta d'elle, e foram longe poisar de novo n'um rochedo.

Rodou Antão sobre a perna esquerda, passando pela memoria esta quadra popular:

Toda a vez que eu vejo vir  
Gaivotas á praia-mar  
Cuido que são meus amores  
Que veem para me buscar.

E desta vez pareceu-lhe a elle que não mentia a quadra. No ponto para onde se dirigiram as passarolas estava de pé o vulto seductor de uma mulher formosa, com a mão sobre a testa espreitando o pôr do sol.

Era a Mariquinhas.

O nosso homem estremeceu até á medula, como quem tivera a revelação de que era alli a sua mulher fatal. Olhou para ella extatico e de tanta belleza selectou em seu gosto uma pequenissima parte, aquelles fatidicos pellinhos da barba, que já notámos á curiosidade de quem lê.

Plantou os no coração e em tão má hora, que cresceram duas serpentes que lhe entocaram para sempre a vida.

A primeira coisa que elle fez foi a mais natural. Esperou.

Mariquinhas depois de attentar no sol attentou no seu admirador Antão. Pelo fio electrico do magnetismo animal, que é uma grande realidade digam lá o que quizerem, soube instantaneamente que aquelle homem estava doído por ella.

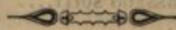
Sorriu-se. E sorriso foi esse que foi cravar-se como uma seta no coração do fino amante entre os dois cabellos que já lá estavam.

Retirou-se depois, mas vagarosa, mas triste, mas pensativa.

E Antão lá lhe foi seguindo a pista. Tão concentrado ia e tão feliz, que ao virar d'uma esquina deu-lhe um peito extranho d'encontro ao seu, e elle com as costas d'encontro á rua. Foram dois *ahs* e dois *pas*. Desastrada coisa!

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA



Toda a educação que não é religiosa incompleta o homem, e não consegue, quando muito, senão fazer d'elle um animal intelligente. É um erro pensar que o homem é grande pela sciencia; não ha grandeza nem humanidade senão pelo conhecimento de Deus.

L. AIMÉ-MARTIN.

A liberdade e a virtude são irmãos; se a ultima desaparece de um estado, a primeira pouco se demora n'elle.

REBELLO DA SILVA.

## Aos quatorze annos de um mancebo

14 de Março de 1861

Fiel ao costume antigo  
Trago ao meu joven amigo  
Versos proprios d'este dia

Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguem tão d'alma os faria.

A. GARRETT.

No berço dos amores te embalarãam,  
Na cidade gentil a quem as brisas  
Em bando folgasão  
Afgam docemente as brancas vestes  
Que a cingem recostada sobré o monte  
Em leda posição.

N'estas margens formosas do Mondego,  
Do nosso patrio rio ameno e bello,  
A luz te despontou:  
A luz da primavera precedeste,  
Da deusa foste o digno mensageiro,  
A flor que a annunciou.

E d'estes annos teus a primavera  
Recorda a primavera dos teus dias;  
Planta nova e loucan,  
As folhas desabrochas vigoroso:  
Não raia já o alvor, mas claridade  
D'esplendida manhan.

O sol da flicidade aquece a vida  
Que ligeira te corre entre carinhos,  
Entre mimos de mãe;  
Aureo nome, tão doce, e puro, e sancto  
Que no ceu as angelicas toadas  
Mais puro som, não têm.

Do pãe o braço forte te sustenta,  
Do avô a amisade te abençoãa,  
Meigas caricias mil  
Te circumdam da tia, toda extremos,  
E amigos verdadeiros te rodeiam  
Na edade juvenil.

As horas do prazer depresssa correm,  
E a vida é sonho amargo cujas fezes  
É bem duro esgotar,  
Relampago veloz d'aureos instantes,  
Rosa louçã que punge nos espinhos,  
Ou virgem no enganar.

Archiva na memoria o dia d'hoje;  
E mui breve a saudade do preterito  
Mais cãro o tornarãa;  
O passado semelha a flor que murcha  
Cujo tenue perfume é o epitaphio  
De quem não vive já.

A. A. F. P.

## UMA PAGINA

.....  
Ao descair a tarde  
do dia seguinte, passeiava com Alberto á beira  
do mar.

Era deslumbrante o quadro, que a natureza  
n'aquella hora nos offerencia. O sol, meio es-  
condido entre nuvens pouco espessas, alumia-  
va o horisonte em clarões de fogo, que parecia  
bordado com brilhantes franjas d'oiro. Hora  
solemne, em que as trevas, de que o mundo  
se envolve, parecem revellar os vedados myste-  
rios da morte, e a alma, como que desprendida  
do involucro terrestre, procura o mundo da te-  
licidade, porque ancia.

Chegado ao limite, que deve de dia da noite,  
o magestoso astro parece patar em sua car-  
reira, parece dizer um adeus de saudosa des-  
pedida ao mundo, que acaba de alagar de vi-  
vificante luz, para afinal desapparecer nos seios  
das ondas. Era um espectaculo maravilhoso,  
que faz nascer n'alma uma vaga melancholia  
de involuntaria tristêza.

— Que sentimentos te desperta n'alma esta  
hora do crepusculo? me perguntou Alberto,  
depois d'um longo silencio, em que parecia  
absorto em profunda meditação.

— Reconheço a existencia de Deus, e o do-  
minio do homem sobre as forças naturaes, res-  
pondi eu com a voz um pouco abafada. Póde  
dizer-se com o primeiro stylista francez, e can-  
tor do progresso — quem nunca contemplou o  
mar, e o silvo do vapor que lhe rasga as ondas,  
não póde conhecer a Deus, nem o poder do  
apostolo da creação.

— E eu sinto a necessidade d'um bom amigo,  
prosequio elle. Este rugido das vagas, este  
murmurio da brisa, estas sombras, que nos tra-  
zem a noite, este ceu com o astro, que se está  
levantando. n'aquella orla prateada, tudo me  
faz despertar no coração mil sentimentos, que  
a alma não pode calar, e que só podem sêr  
depositados no peito de quem os comprehenda.  
Julgo, que és meu amigo, disse elle, apertan-  
do-me convulsivamente a mão. A tua alma não  
está ainda contaminada da hypocrisia da epo-  
cha; as crenças, que, por uma lei irresistivel da  
nossa organização moral, se geram e robuste-  
cem no espirito de todo o homem, não se te  
desfolharam ainda ao contacto das miserias, e  
circoustancias do grande mundo. Has-de ou-  
vir-me. Vou contar-te o maior dos meus segre-  
dos.

— Provavelmente temos alguma questão  
amorosa?!

— Como advinhaste tu? perguntou elle com  
anciedade.

— Fallas-te-me do coração; e por isso era  
de crêr, que houvesse o amôr. É o fóco, d'onde

irradião todos os sentimentos ternos. Ha talvez rivalidades; queimavas incenso a alguma deusa da inconstancia; não é assim?!.. Pouco importa, amigo. Um duello...

Alberto fitou de repente em mim os olhos, cheios d'este brilho, que os incendeia, quando se vê propallado um sentimento, que é todo nosso, e disse-me, como fallando a si mesmo. — Enganei-me! julguei encontrar um amigo sincero, achei apenas um conhecido, que me não comprehendeu! Paciencia!

Esta palavra foi proferida com um desalento total; mostrava de per si a angustia, que o turturava. Conheci aqui esta primeira belleza da nossa naturêza, a necessidade de communicar-mos a algum os nossos sentimentos e creanças mais intimas, que nos opprime constantemente, fechadas no sanctuario da consciencia. Um ai sentido e maguado lhe escapou inadvertidamente dos labios, como fugido ao coração.

— Devia-o ter adivinhado — proferiu elle ainda, não lembrado talvez, de que o estava escutando.

E, depois d'um pequeno intervallo, lançando-me os olhos, embaciados d'uma lagrima, me dizia:

— Fazes-me um favôr? Esqueces-te do que ha pouco me ouviste?

— Ao contrario, respondi eu de prômpto, exijo, que me digas ainda mais. Gracejei um momento com a tua dôr, e não me arrependi ainda. Queria, assim, conhecer a profundeza de tuas magoas, e sondar a amargura do teu coração. Agora falla, Alberto.

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

### AINDA ESPERO

E bella, sempre bella! os meigos olhos  
Mais languidos talvez que n'esses dias

Em que juncto de mim

Em rosas transformavas meus abrolhos!

Mais bulicoso o rir — quando sorrias —

Mulher, eu vi-te assim.

E então soltara só queixume inutil

Que é a voz do meu amor. Tu nem me ouviste,

Pois quando se é feliz,

A dor, que os outros soffrem, nós é futil!

E n'essa hora soffri! Lagrima triste

Diz mais que o labio diz.

Sou homem, e banhou-me a face o pranto!

Mas quaes gottas d'orvalho disparzido

Por sobre a murcha flor

Lhe trazem mais alento e novo encanto,  
Assim do pranto meu, por ti vertido,  
Tirei um novo ardor!

E em noutes de ventura acaso ás vezes  
No louco perpassar de ardente walsa

Ousei beijar-te a mão...

Ai! surriste... prenuncio de revezes!

Escondês-te no seio a voz que é falsa,

Mas disse o riso — não —!

Barreira altiva e forte, que não devo  
Vencer talvez em longo volver d'annos,  
Me davas no desdem

Com que sempre zombavas d'esse enlevo

Que soubeste inspirar-me nos enganos

Que teu sorriso tem.

Correndo apoz sedento ás turvas aguas

Que o prazer nos offerta em vaso impuro,

Sem te esquecer jamais,

Quiz n'ellas affogar as fundas magoas

Que entrevia somente no futuro

Quaes trevas sem fanaes.

Rasgado o tenue veu, que o sentimento

D'instinctivo pudor me poz na fronte,

Eu vi no chão cahir,

Quaes folhas que batidas pelo vento

Lá perdem viço e côr em secco monte,

As creanças do porvir.

Do passado envolvido na saudade

Senti gelar meu sangue a fria aragem

D'um ermo triste e nú;

Só tinha do viver na soledade,

— Allivio á minha dor — serena imagem...

Que me lembravas tu!

Mas embora não saibas quanto a vida

Que se passa entre amor e ais ignotos

Em magoas sempre dóe;

Como o nauta sem vêr que é já perdida

Da esp'rança extrema luz, não cala os votos,

E lucha como heroe,

Assim arcando audaz com sorte infausta

Que folga em vir zombar de meus anhelos,

Constante heide lutar;

E depois, do soffrer na taça exhausta,

Talvez queiras, mulher, lançar mais bellos

Confortos d'esse olhar!

Que uma creença restou: nem posso apenas

Por instantes descer de ti, que ás ancias

Podes trazer-me a paz;

Vejo indo no porvir visões amenas

Embalada minh'alma nas fragancias

Do amor que lhe darás!..

Serei feliz então! De novo aberto  
O sacrário d'esperanças, quasi extinto  
Por um condão fatal,  
Surgirei do lethargo, em fim desperto,  
Qual Lazaro surgiu, roto o recinto  
Do leito sepulchral!

24 de Agosto de 1862

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA

## O Arco de Fiorillo

Fiorillo era um celebre violinista Italiano de grande habilidade, mas que carecia absolutamente d'amor proprio tão commum nos seus compatriotas.

Vivia em Londres no fim do ultimo seculo, em cuja cidade habitava tambem o barão de Bayge, homem tão affeiçãoado á musica, que em tudo a encontrava; se ouvia ranger os gonços d'uma porta, miar um gato, ou disputar acaloradamente n'uma rua, no mesmo instante pegava n'um livro de lembranças e apontava as inflexões musicaes correspondentes; não havia na cidade vendedor ambulante cujo grito peculiar não se achasse reproduzido no livro do barão.

Apesar desta affeição á musica, e dos muitos mestres que teve, e das tres horas diarias que dedicava ao estudo de violino, jamais conseguiu tocar com affinação, e ainda menos dar os bemoes. Fiorillo, que então era seu mestre, desesperava-se e não sabia o que havia de fazer com o seu discipulo.

Um dia o barão já zangado arremessou o instrumento para longe de si, e exclamou:

— Bastante tenho aguentado.

— Que diz, *milord*? lhe perguntou o mestre.

— Digo, que estou resolvido a fazer uma representação á alta camara para que prohiba, sob pena de multa, a todos os compositores de musica empregarem bemoes nas suas composições.

— Graciosa resolução! exclamou Fiorillo rindo ás gargalhadas.

— Pelo menos moral, respondeu o barão com dignidade.

Depois de tres annos de um estudo tenaz, conseguiu o barão tocar um *solo* menos os bemoes; e, entusiasmado com este resultado, disse a Fiorillo que queria dar aos seus amigos uma prova da sua habilidade, e que o encarregava de dispor tudo para dar um concerto no domingo seguinte.

Passarão-se, pois, os bilhetes de convite aos presidentes de ambas as camaras, a varios titulares, e a outras muitas pessoas nobres, as quaes, já conhecedoras da originalidade do ba-

rão, aceitarão o convite com maliciosa prevenção.

Chegou o dia do concerto, e Fiorillo excessivamente pensativo, achava-se sombrio e meditando.

— Que tendes, meu querido mestre? perguntou miss Betty, sobrinha do Barão.

— Ai! menina, respondeo o mestre; seu tio vai comprometer esta noute vinte annos d'uma profissão honrosa.

— A vossa reputação é bem conhecida; e porisso não vos apouquiteis; se se rirem, ridevos tambem; o triumpho hade ser esta noute, de quem mais se rir.

Apezar dos conselhos de miss Betty, assistio ao ensaio tremulo de medo. O barão chegou com a maior tranquillidade, collocou-se no logar destinado para os muzicos, e sem esperar pela sua vez roçou desesperadamente com o seu arco as cordas do violino.

Aquillo foi uma desordem completa, um desconcerto geral, mas os musicos que estavam fallados para o adularem, applaudirão-n'o com enthusiasmo.

Tudo tinha corrido bem até ali, mas chegada a hora do concerto diviso o barão entre os convidados o principe, excellent violinista, e a duqueza de Cambridg, que passava pela primeira cantora d'aquelle tempo.

O barão tremeo de terror, foi procurar accleradamente Fiorillo, mas este tinha desaparecido.

— Pois senhor, não ha remedio senão tocar, succeda o que succeder, mas visto que meu mestre me abandona em tão criticas circumstancias, vingar-me-hei do seu abandono, tocando com o seu arco.

Chegou a hora do concerto, que teve principio por um magnifico côro de Handell, desempenhado com acerto e mestria. Seguitão-se depois duas composições do celebre Paisiello, e pela ordem do programma seguia-se o *solo* do barão. Este executou com uma destresa admiravel o que lhe estava destinado. A assemblea que tinha assistido só com intenção de rir-se, ficou suprehendida de ver como o barão se tinha despenhado; ouvirão-se entusiasmaticos *vivas*, e repetidos applausos, e agitação-se lenços em honra do barão que ignorava o que se passava em redor de si; tremia, escorrendo em suor.

No dia seguinte o escudeiro, quando limpava os instrumentos, notou que as sedas do arco estavam untadas de cebo; suprehendido foi chamar o barão, e este tambem admirado chamou Fiorillo.

Ahi tem o arco que tão bem me servio esta noute; peço-lhe que m'o dê como uma grata recordação, e acceite em troca esta pequena lembrança.

Ao dizer isto, entregou-lhe o documento de um vitalicio de cem libras esterlinas.

— Mas quem poz o arco d'esta maneira?

Fiorillo abaixou a cabeça, e não respondeu. — Meu querido tio, lhe respondeo miss Betty, o vosso mestre occultou-se hontem á noute detraz d'um biombo, e foi quem tocou, em quanto o tio manejava com tanta mestria o seu arco untado de cebo.

— Muito fóra de mim devia eu estar! julgava que eu é que tinha ganhado tão entusiasticos applausos.

*Trad. de*

F. L. DE CACERES

### Outro Moyses

Que vultu solitario no alto de Moab  
Estende avido olhar ás terras lá fronteiras?  
A vista os sonhos d'alma — os campos de Judá,  
Segor e Manassé, e as virides palmeiras l..

Os olhos se lhe turvam! Cai o varão sancto l..  
Suspira sem siquer na terra amada entrar!  
Tambem sem alcançar-te, simbolo d'encanto,  
Falleço á tua vista, lyrio, a suspirar!..

SIMÕES DIAS

### Charada

Parfois l'aube en naissant aux lointains  
horisons

De ses brillants rayons répand la douce  
armée;

Et tout en éclairant et la mer et les monts  
Franchit tout doucement mon obscure

Tandis que, en s'éveillant à peine, ma pen-  
sée

Mollement encore bercée

Dans l'aile du sommeil qui s'en ira bientôt  
Fait ainsi, en craignant, un bruit un peu  
plus haut.

Mais en sortant après aux champs où bout  
la vie,

Je vais la retrouver au bout d'une prairie.

Et j' ai jecté là bas sur l'ombre des tilleuls  
Où l'amour autrefois menait mes bisaieuls.

Son aile m'enleva dans les plages profondes

Où se meuvent toujours les mondes sur des  
mondes.

A. L. S. Y.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

### ARCHIVO PITTORESCO

*Principal Redactor — Sr. Silva Tullio*

EDITORES — CASTRO, IRMÃO & C.<sup>a</sup>

Os ultimos numeros publicados d'este interessante jornal contém primorosas gravuras representando os principaes monumentos levantados para commemorar o consorcio de Suas Magestades. Além de diversos artigos e gravuras de assumptos nacionaes e estrangeiros trazem mais as seguintes: Vista do pavilhão real, e panorama da Praça do Commercio — Arco do commercio, no largo do Corpo Santo — Columna da Praça de D. Pedro, vista de noite etc.

O *Archivo Pittoresco* publica-se regularmente ha 5 annos; é o primeiro jornal que formou no paiz uma boa eschola de gravura em madeira, sendo actualmente todas as estampas feitas nas suas officinas.

Os 4 volumes já completos contém mais de 600 gravuras sendo a maior parte nacionaes; vendem-se juntos ou separados a 2:000 rs. cada um. O preço da assignatura para o 5.<sup>o</sup> volume em publicação é, em Lisboa 2:000 rs., nas Provincias, franco de porte, 2:200 rs. — Numero avulso 50 rs.

Subscreve-se e vende-se no escriptorio da empreza, rua da Boa-Vista palacio do conde de Sampaio, e nas principaes livrarias.

### HYMNOS E FLORES

COIMBRA

PROVINCIAS

Semestre..	500 réis	Semestre..	560 réis
Anno.....	1\$000 réis	Anno.....	1\$100 réis
		Avulso.....	50 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a *Alfredo Elysis Pinto d'Almeida*, rua das Colchas, Coimbra. Escripto recebido, não se restitue. Publicações litterarias annunciam-se por dous exemplares.

### EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes de fóra o obsequio de mandar satisfazer a importancia de suas assignaturas.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA



## SAUDADE

A D.

.... e tempo que foge não  
volta....

R. DA SILVA.

Saudade, quem não sentira  
Teus amargos dissabores?  
Quem não sabe como expira  
Em dolorosos temores  
A voz que solta um adeus  
Aos escuros escarcueus  
D'um futuro sem amores?!

Quem não sabe como a vida  
É triste, sem affeições?  
A terra arida, despida  
Das mais puras illuzões?  
Quando a saudade pungente  
Nos faz com furia demente  
Odiar, as multidões?!

Quem não sabe que amargura  
Um adeus pode conter?  
Quem não sabe que a ventura  
Morre onde nasce o soffrer?  
E deixa apóz si um traço  
Que nem o apaga o espaço  
Nem tempo faz esquecer?!

Ai! quem uma vez na vida  
Não sentiu o pranto ardente  
Queimar-lhe a face abatida,  
Curvada ao chão, impotente  
Sob o peso d'anciedade?  
Quem não lê a eternidade  
N'um olhar de despedida?!

Lodeiro 28 d'Agosto de 1862.

HENRIQUETA ELISA.

A poesia é a lingua harmoniosa do espirito,  
quando a dôr, o entusiasmo ou a esperança o  
elevam acima da prisão de limos do nosso des-  
terro.

REBELLO DA SILVA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 2

## ANTO E MULHER

(Continuação)

A pouca distancia de Braga, está uma pequena casa de campo, situada n'um vasto ter-  
rapleno, dominado de todos os lados por mon-  
tanhas, tendo por docel a coma verdejante de  
uma duzia de seculares carvalhos, e ouvindo a  
seus pés o rumorejar do rio Este.

O sitio é pittoresco e formoso, tanto mais que  
parece surgir como um oasis do centro de uma  
natureza inculta.

A casa é pequena e d'um só andar, cercada  
por um lado d'um jardim encantador e do ou-  
tro por um bosquesito, formado por vasta ran-  
mada de parreiras; tudo isto finalmente é fei-  
ticeiro e poetico. Parece que uma fada, tocando  
ali com varinha magica, fez surgir aquella ha-  
bitação do centro de montanhas!

E' ao pôr do sol d'uma tarde de Julho, for-  
mosa, quen'e e embalsamada; as aves soltam  
melodiosos cantos, saudando a desappareição do  
rei dos astros, que deixa no cume das monta-  
nhas uma aresta brilhante de rosados raios!  
Ao longe, ouve-se uma cantiga pastoril, festi-  
val e melancolica, acompanhada pelo suave  
balar de innocente cordeiro! No ceu não per-  
passa uma nuvem; é tudo azul e transparente  
como um lago em que todos os objectos se re-  
tractam!

Faz-se por momentos ali um silencio em  
toda a natureza, que parece recolhida em fer-  
veroso extasis ante a bonança de um dia tão  
feliz. Parece, que a voz de Deus então falla  
n'aquella solidão, áquella mudez, e as aves  
relomam seus alegres trinadoes, o zagal reco-  
meça a cantiga terminada, a briza embala as  
flores, e finalmente tudo vive, tudo palpita ali.

Uma das janellas da casa abriu-se e uma  
suave figura de mulher appareceu a ella. Lá se  
assentou, e, com o braço apoiado no peitoril, e  
a cabeça docemente reclinada na mão, fica a  
scismar, com os olhos suspensos na abóbada  
celeste, e a alma preza n'esse olhar, perseguindo  
uma visão que parece querer fugir-lhe!

Saiem de dentro uns sons de piano e a voz  
suave e fresca de mulher, que vem cazar-se cá  
fóra com o rumorejar da briza e os gorgeios do  
rouxinol!!

E a visão da janella? inclina a cabeça para  
fóra como para escapar ás dolorosas reminis-  
cencias ou impressões que lhe desperta aquella  
muzica! Com o peito arquejando sob o pezo  
d'uma horrivel anciedade, a tez afoqueada e os  
labios tremulos, parece dizer á briza: «Oh! tu  
que passas leva contigo estes sons, que me  
acordam na mente visões impossiveis, ideias  
inconsideradas!!»

1 DE DEZEMBRO DE 1862

E o piano cessou seus acordes; no mesmo momento, outra joven assomou á janella, cantando ainda por entre dentes, e fez esta pergunta á que já lá estava:

— Que tens tu, que assim estás tão melancolica? Em que pensas?

— Bem sabes que aquella muzica me faz mal respondeu a outra, que nós ficaremos chamando Angelina.

— Ah! sim! faz-te lembrar de Jorge, o ingrato que já não vem vêr-te! disse Izaura em ar de zombaria.

— Não, filha, recorda-me minha mãe!

E a donzella, cobrindo o rosto com as mãos, poz-se a chorar!

Izaura fingiu não dar por isso, e continuou a cantarolar. No fim de alguns minutos exclamou:

— Estou hoje impaciente! tenho um palpito de que Jorge vem cá. Que dizes a isto, minha Angelina?

O silencio d'esta foi a unica resposta que obteve.

— Oh! oh! bem o dizia eu, exclamou ella outra vez, tendo deixado passar alguns minutos. Jorge não será aquelle cavalleiro que vem subindo a encosta a toda a brida do seu cavallo?

D'esta vez Angelina estremeceu; e, tendo levantado a cabeça, olhou para o sitio indicado por sua irmã, e disse entre risonha e chorosa:

— E' elle, é!

— Queres tu que eu vá ao seu encontro, lá álem, em quanto ficas enchugando os olhos? porque tu choraste e não podes apparecer-lhe assim!

— Faz como quizeres, minha irmã: para satisfazeres a tua vontade, podes ir, mas não digas que é para obedecer a um capricho meu!

Dizendo estas palavras, Angelina fitou a joven com olhos precrutadores. Izaura não pode supportar este olhar, e voltou o rosto para o lado. Depois de breve silencio, disse a sua irmã:

— Ao menos deixa-me acenar-lhe com o lenço.

— Aqui, não, juncto de mim! não quero que elle pense que sou eu, exclamou Angelina, arancando-lhe o lenço arrebatadamente das mãos.

— E' o mesmo, vou para o jardim!

Quando Izaura se retirou da janella, Angelina soltou um suspiro, e murmurou tristemente: «Meu Deus! meu Deus!»

(Continúa)

HENRIQUETA ELYZA.



## Lgrimas

A L.

As lagrimas são o alivio do que vive.

R. DA SILVA.

Se as faces banha o pranto,  
Só tenho por encanto  
Lembrar o meu amor!  
Se maguas sinto n'alma  
O pranto m'as acalma,  
Extincto seu ardor.

Ás vezes sonha a mente  
Amor eterno, ardente,  
Que tu oh! virgem dás!  
Não vê a desgraçada,  
Que a esperança já finada  
Ao peito não dá paz!..

Se busco no passado,  
Ai! vejo fui amado,  
D'um anjo divinal!  
Se busco no presente,  
Eterna dor ressentida  
O peito meu fatal!..

Nem uma crença vejo!  
Amor dos ceus desejo  
Desejo bem cruel!..  
Que eu hoje passo a vida  
D'esperanças já despida  
No gozo de seu fel!..

Embora, morra a crença!  
Que eu soffro tal sentença  
Que o mundo vil me dá!  
Se a dor no peito sinto,  
Não tenho o pranto extincto  
Eterno durará!..

És minha irmã, saudade,  
E das-me infelicidade!  
Ai! pranto és meu condão!  
E d'essas tantas glorias  
Só restam as memorias  
Por duro galardão...

Coimbra — Nov. de 1862.

ALFREDO ELTISIO.

La modestie est peut-être la seule vertu, qu'on puisse sans inconvénient louer avec excès dans un jeune homme.

GENLIS.

## OS DOIS CABELLOS

(Continuação)

Deixámos Antão Carocha.

Gostam do sobrenome? Pois eu lhes digo como lhe elle veio. Uma vez pelo entrudo quiz Antão, era ainda rapazote, divertir com ingenho e graça uma sociedade elegante. Pensou, dormiu sobre o caso, e com as auras matutinas veio-lhe uma ideia sublime, e mais que tudo original. Ruminou-a por tres dias, aplaudiu-se d'ella e resolveu pôr mãos á obra.

No dia proprio não houve quem o lombri-gasse na rua. Fechado so comsigo, a seus mais intimos não revelou o seu segredo.

Chegou a noite.

Na sala onde ia *brilhar*, e logo saberão porque assim digo, a invenção do sr. Antão, era reunido um punhado de flores-animadas, colhido no sortidissimo jardim desta cidade.

E la estava Antão com ellas.

Com danças, com toques, com descantes, andava tudo em polvorosa. A meia noite aquedou tudo e serviu-se o chá.

— Agora — pensou Antão.

E sahio.

No melhor da funcanata, quando cada dextra empunhava uma chavena, e cada sinistra uma torradinha com manteiga, troou aos quatro cantos da casa uma voz medonha.

— Fogo!

Foi como um raio. Levantou se tudo. Quatro vestidos, dois de gaze e dois de seda, estavam em lavaredas.

— Que é isto? clamaram todos.

E apontavam para umas luzinhas pequenas que se cruscavam infinitas no chão, e donde tinha partido o incendio.

Abaixou-se o mais animoso, estendeu a mão, cclheu uma luz e viu.

Era uma carocha com um pavio acceso nas costas!!!

Torradas, chavenas, bandeijas, leques, luvas, quanto havia, quanto se ponde apanhar, foi arremessado num momento sobre os pobres bichos, que ali ficaram, e os vestidos queimados, todos victimas da luminosa ideia da sr. Antão.

O chá serviu para extinguir o fogo: uma gargalhada geral extinguiu com o susto o mau humor.

A vingança da sociedade foi soberba e dura-dora: appellidou o inventor de Antão Carocha, appellido que inda hoje tem, e que aqui fica estampado até á ressurreição dos capuchos.

Vindo ao ponto, iamos nós dizendo que deixámos Antão Carocha espichado de costas sobre as pedras da rua. Foi mal feito. O pobre diabo hade ter amargado a cardada com o ca-

dello de frio que tem estado. Alem do baque e do desapontamento. Não era o homem tão parvo que não achasse ridiculo o estender-se na lama deante da mulher amada. Ergueu-se de um pullo desmaiado e tremulo. Olhou para todos os lados, e não viu ninguem. A menina-luminaria tinha desaparecido, e nem lhe restava ao menos a esperanza de ser lastimado.

Pensando melhor achou que era isso uma felicidade, por onde se prova que tudo neste mundo é relativo. Verdade seja que tinha perdido o fio da sua Ariadna, que o havia de pôr a salvo do incerto e escuro labirinto do seu amor; mas tambem tinha evitado um desgosto que lhe traria morte se a visse rir da sua desgraça. Que era o mais provavel o ella rir, como eu riria, como tu ririas, como elle riria; como nós todos ririamos.

Desandou, caminhou, e enfiou em casa ainda enfiado.

Era noite fechada, ou para ser mais bonito:

Já na orla do horisonte

Se foi o sol recostar,

Não vagueia pelo monte

Vadio armento a balar.

Não se ve meigo clarão

Que deleita o coração

N'uma noite de luar.

São versos copeados textualmente d'um impresso em papel amarello, cujo auctor foi meu condiscipulo em latim e contemporaneo na Universidade, n'esse tempo um poeta inspirado como vêem, e hoje juriseconsulto de mão cheia, auctor eximio da *Theoria das provas*, obra momentosa e de muito peso... nas estantes dos livreiros. Vieram aqui mesmo ao pintar em auxilio da minha chocha prosa. E sirvo-me d'elles sem escrupulo, apesar de saber que é uma invasão á propriedade litteraria, porque tenho o auctor por bom rapaz e meu amigo, e desde já lhe dou licença para transcrever tambem todos os meus versos, *se eu algum dia os fizer*.

Toda essa noite foi um vivo inferno para o Carocha. Muitas horas levou em amoroso extasis, representando-se na phantasia aquellas fórmas angelicas, aquelle sorriso tão fagueiro, aquelles dois cabellinhos de sedução. Era nessa hora um verdadeiro poeta, se poesia não quer dizer senão— enlevo doberoso—, como opina Camillo Castello-Branco. As estrellas fitava-as e não as via, que os olhos rasos d'agua pendiam para a terra, onde lhe era encadeado o coração. Mas encadeado como Prometheu no Caucaso, com um abutre negro a chuchar-lhe as fibras. O abutre era o amor. Comparação nova e feia. Deixa-a ser que é minha e não me fica bem engeital-a j' agora.

Pela volta da meia noite o somno venceu o

amor. Não admira. Foi um deus que venceu outro. E dormiu como um prelado até alto dia seguinte. Quiz-se levantar da cama com a presteza com que se levantára da rua, mas achou que não era uma coisa tão facil como a outra. As pedras, se lhe não tinham posto os ossos num feixe, tinham-lhe posto a carne em salada.

Sempre a final se levantou, é verdade, mas custou-lhe duas caretas, dois gemidos, e o chegar tarde ao banho. Como lhe pagará a Mariquinhas tanto soffrer !?

Eu lhes digo.

Quando Antão vinha entrando na praia ia ella a entrar na barraca depois do banho. Enxergou-o de relance, e foi espreital-o de vagar por uma fisga da lona. Viu-o discorrer sem tino pela praia toda, passar as mãos pela testa muita vez, uma outra tambem apumar as costas derreadas, e deixar-se cabir em fim num tamborete de pinho.

Entretanto enxugou-se e mudou de fato.

Espreitou a occasião em que elle olhava para outra parte, e escapou-se para o ar livre.

De costas como estava, estremeceu Antão: tinha-lhe advinhado a presença sem a intercepção da lona. Que é engano cuidar ninguem que só com os olhos da cara vê quem ama. Quem ama tem olhos em toda a parte.

Elle ergueu-se e cõrou, ella olhou para o mar e fingiu não tel-o visto. O coração bateu-lhe mais forte um quasi nada; mas não sei dizer se por vaidade de se conhecer procurada, se por outro sentimento menos egoista e mais macio. E' coisa que as mesmas mulheres raro differencam em sua alma, por onde muita vez se enganam a si ou enganam os outros.

Tudo á falta de não estudarem as mulheres psychologia.

De Antão não pensava ella que o amasse, mas o certo é que tinha-se lembrado de o encontrar e folgado quando o encontrou.

Para tentar-lhe, ou antes tentar-lhe a dedicação, e em certo modo adquirir evidencia do effeito que produzia naquelle homem, deu volta como de quem se dispunha a ir-se embora, e caminhou uns dez ou doze passos. Parou de repente, e virou-se. Viu. Antão acompanhava-a a distancia razoavel. Chegou-lhe a sua vez de corar, talvez de zanga por ter sido surprehendida. Ha disso ás vezes. E outra coisa inda mais notavel. Ficou aborrecendo o pobre coitado, mas com vontade de ver onde iria parar aquelle episodio.

Partiu na certeza de que a seguiam. A breve passos correteou-lhe da mão um lenço de cambraia rendada.

Antão ergueu os olhos ao ceu, e apanhou o lenço. Aquillo foi agua-ardente entornada no incendio, e subiu aos ares chamareda immensa

quando elle desdobrou o lenço, e no chão cahiu este bilhete em papel cartão:

«Maria Angelica das Dores.»

— Ah! — suspirou o Carocha — angelica é ella com certeza; as dores... essas são para mim!

E aqui lhe veio um bom pensamento. Parou, esperou, e quando no horizonte se escondeu a sua estrella, retomou a trilha de seus passos e foi curar as costas com um banho de salmoeira.

(Continúa)

J. SIMOES FERREIRA

## SONETO

Dá-me ao rosto, minh'alma, essa apparencia  
Que mostra vida e luz onde ha só trevas;  
Se em dourado sonhar já não te enlevas  
Não reveles abysmos da existencia.

Evocando as memorias da innocencia  
Nas scenas do passado em vão te cevas;  
Porque em azas de fogo assim te elevas  
Tu, que sentes do mal a torva essencia?

Soffrendo, esconde, pois, a dor intensa.  
Qual guarda o eremita em funda gruta  
As reliquias da cruz em que só pensa.

Se viver é luctar, tambem da lucta  
Mais firme porventura surge a crença  
Restaurando o porvit que em sombras nuta!

Julho de 1862.

LUIZ CARLOS.

## UMA PAGINA

(Continuação)

Já houve, quem affirmasse, que a verdadeira amizade se encontra no caminho da vida, como a palmeira no deserto. É assim. A amizade tal, como deve sêr, a intima alliança de duas almas, a candida sympathia de dois corações acha-se raras vezes. Os Pilades e Orestes já não pertencem a este seculo. Os Nizos e Eurialos desapareceram ao contacto da corrupção contagiosa, que corre desassomburada por todas as camadas sociaes. É summamente difficil encontrar-se uma alma candida e pura, que, contemplando attenta o vasto mar dos interesses e egoismo, espelhamento da sociedade actual, se não deixe levar pela onda progressiva dos cynicos e dos descrentes, que com o riso d'es-

carneo a contrair-lhe os cantos da bôcca motejam dos affectos mais sanctos do coração humano!..

Alberto, porém, conhecia-me de perto. Eramos amigos no singelo sentido da palavra.

— Diz-me, perguntou elle, conheces Adelaide... ?

— Perfeitamente.

— E não sabes o lugar, que ella occupa no coração d'este teu amigo ?

— Quem ? Adelaide ?!

— Sim : parecez-me tão admirado !

— E não queres, que me admire, e até mesmo me maravilhe ? Quando julgava ouvir de teus labios o nome de Ermelinda...

— Oh ! por Deus não pronuncies o nome d'essa mulher ; preciso esquecê-la, como o renegado procura esquecer a religião, que abandonnou ; como o proscripto procura esquecer a patria, que o viu nascer, os braços, que o embalaram no berço, os queixumes e languidos olhares da amante, que lhe apparece em sonhos a sorrir maguas e saudades.

— Mas essa transformação rapida...

— Não te admirarias, se conhecesses bem o caracter de Ermelinda.

« A sua existencia é uma cadeia de continuos caprichos !. Amei-a deveras, amei-a com delirio. Olha, queres saber esta pagina da minha vida intima, a alteração, que se operou em meus sentimentos, quando conheci esta mulher ?

« Até aos meus vinte annos os dias corrião-me suaves e bonançosos, como os de dois estre-mecidos amantes, depois de dez annos de suspiros, na primavera do consorcio. Porém a natureza com todas as suas grandezas, a flôr com o seu perfume, a ave com o seu gorgeio, o céu com as suas estrellas, e o mar com as suas ondas de prata eram harmonias perdidas para a minha alma. E o que desejava eu n'esta quadra feliz da minha vida ? Queria que a civilisação me levasse commoda e rapidamente n'um Wagon do caminho de ferro ; me fizesse beber o genuino chá da China, e o café do Oriente na sumptuosa porcelana de Sevres, ou da Saxonia ; me desse um somno reparador entre lençôes da Irlanda, apresentando me antes o prezumpo da Virginia, os vinhos de Bourdeaux e da Madeira, e os licôres deliciosos da Italia. O meu corpo extasiava-se entre os variados deleites do conforto, e o meu espirito, apesar das suas peculiares ambições em procurar as commoções que a arte provoca, resignava-se bem ao repouso a que estava condemnado. Ria-me dos poetas, que contavam as suas commoções em face da natureza, e dos seus intimos desejos ; que se extasiavam diante do calix da flôr pendido para a terra ; do desabrochar da roza orvalhada pelos prantos da aurora ; do

murmurio do regato por entre os brancos seixinhos ; do scintillar das estrellas, que doidejavam no reflexo encantado da lua, que tornava um cintilante de saphiras rutilantes o rio aonde mostrava a pallidez de sua face ; deante dos flocos de neve, dos arminhos, e do cacho dos lyrios... ; porque tudo isto para mim, eram nuvens, que andavam perdidas nos plainos do ceu, que elles assim baptisavam com os mais maviosos e dôces nomes, e interpellavam com os seus ternos queixumes.

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

## O MORIBUNDO

Da vida vou findar o meu degedo,  
E não mais te verei, sonhado amor !  
E deixo-te sosinha aqui tam cedo,  
Sem ao menos contar-te a minha dor !

E morro sem o abraço da partida  
Longe de ti, pombinha, que eu amei !..  
E vou-me, sem te vêr, cá desta vida,  
Trilhar novos caminhos, que eu não sei...

A morte não vem longe ; que eu bem vejo  
O termino fatal do meu viver.  
E morro sem siquer um leve bejo  
Levar de cá, por premio ao meu soffrer !

Podesse ao menos vêr-te juncto ao leito...  
Dizer-te o, que este amor por ti me diz !..  
Podesse ainda unir-te neste peito...  
Depois... oh ! Ceus ! morria tam feliz !

SIMÕES DIAS.

## INFELIZ POR CAPRICHADO

I

Muita gente se lembra ainda do sr. Felisberto Manuel Carneiro, o fidalgo da quinta da Cruz-quebrada. É provavel que nenhum dos meus leitores ouvisse fallar deste homem, que representa um papel importante na historia que vou contar, por isso dir-lhe hei tudo que sei a seu respeito.

Era o fidalgo d'um caracter colerico, que sabia refrear muito á sua vontade com pessoas, que lhe eram superiores, ou de quem dependia, mas que aos inferiores se mostrava tal qual era, soberbo e despeitoso.

Descendente d'uma familia, possuidora apenas da quinta que lhe dava o nome, e que pre-

feria viver na miseria a trabalhar, herdára d'ella o pobre patrimonio e asidéas, e pertendia contestar por uma apparencia faustosa os boatos que corriam a respeito da sua fortuna.

Em 18. habitava Coimbra com a sua filha unica, mulher de formosura vulgar.

Frequentava a casa do fidalgo a flor da sociedade conimbricense, que vinha em chusma prestar homenagem a Eufemia. Mas havia entre os adoradores de sua filha deus que o fidalgo notara pela assiduidade de sua visitas. Dos dois aquelle, que mais captivava as attentões d'Eufemia fôra Possidonio Borges Martins, que, embora fosse apenas bastardo d'um fidalgo, tinha uns ares de fidalguia, que lhe faziam realçar os meneios pertenciosos.

Se a causa das paixões fosse causa que se explicasse, certamente não escreveria esta historia por não achar explicação plausivel da paixão que pouco a pouco se formou no coração d'Eufemia por Possidonio.

Não via por bons olhos o fidalgo a frieza com que Eufemia recebia o outro mancebo, em quem phantasiava um bello genro; e, por isso tratou d'impedir que as visitas de Possidonio se amiassem e que a sympathia que elle parecia ter inspirado á filha se não transformasse n'outro sentimento, mudando-se para a sua quinta da Cruz-quebrada, pouco distante de Coimbra.

Estavam pae e filha havia quinze dias na quinta, e já o primeiro julgava estar livre para sempre de Possidonio Martins e a segunda ter sido esquecida por aquelle de quem era todo o seu coração, quando uma tarde elle despertou os cães da Cruz-quebrada, tocando ruidosamente a sineta do portão.

Andava á caça, segundo o seu costume, o fidalgo com o creado e mordomo e tinham-se desviado para o outro extremo da quinta, em quanto Eufemia viera colher flores a um prado proximo do portão. Echoaram-lhe n'alma as badaladas da sineta; e machinalmente foi abrir o portão. Saltou do cavallo, em que ia montado, Possidonio e se não se lançou aos pés d'Eufemia foi porque observara que a relva estava humida.

Desfizeram-se em prôtestos d'amor e n'isto ficariam até á noite se os não viesse interromper o fidalgo, que voltava da caçada.

Baluciou Possidonio um comprimento e disse em seguida que viera saber da saude de Sua Ex.<sup>a</sup> e da sr.<sup>a</sup> D. Eufemia.

Acolheu-o o fidalgo com uma frieza, que não ia longe da descortezia.

Possidonio ficou desorientado; e, pedindo-lhe as suas ordens, retomou o caminho da cidade.

— É quasi noite, disse o fidalgo apenas se achou a sós com a filha. Vamos para caza.

Seguiu Eufemia silenciosa, temendo que che-

gados a caza, o pae lhe dirigisse algumas reprehensões, mas, contra a sua expectativa, este apenas ali entrou, deixou-se cahir n'uma poltrona e murmurou com desalento:

— Só uma perdiz! Matei só uma perdiz!

(Continúa)

A. COELHO.

## A. Ex...

Vi-te quando minh'alma em desespero

Arrojava sem dó crencas e amor

Quando um aspecto severo

Me mostravam os ceus, o valle, o monte

E não achava em todo o horisonte

Senão as leis da dôr, da eterna dôr.

Vi-te quando no manto recamado,

Que a noite estende pela terra e mar

O astro mais amado

Se enluctava com a nuvem agoureira;

E quando a lua outr'ora tão fagueira

Me par'cia imitar

Do soberbo desdem pela miseria

Ou do sepulchro a lampada funerea.

E tu rajaste, estrella, no meu céu

E da desgraça dissipaste o véo.

Elevaste minh' alma a infindo goso,

Deixa-me alçar um throno á tua imagem

E nas azas te irá da doce aragem

Esta palavra sempre: «Eu sou ditoso!»

A. L. S. V.

## Ha cinco annos

(FRAGMENTO)

O navio largou as amplas vellas ao vento e a terra foi fugindo pouco e pouco, tornando-se um ponto negro lá no horizonte. Encostado na amurada, entretinha-me em ver as ondas desfazerem-se em espuma contra a prôa do baixel veloz, que me levava para terras estranhas, triste e só. Sentia um prazer suave em ver misturarem-se algumas lagrimas com as vagas, que se dirigiam para aquellas praias, que tão saudoso deixava pela primeira vez; e ali á tarde, ao pôr do sol, quantas horas não passava, scismando no minha terra, que tão bella era, quando os ultimos raios lhe doiravam as cumeadas dos montes e as comas das cazinhas da serra!

Então recordava mil venturas passadas, como se mais não devessem voltar e eu chorei! Cho-

rava como depois, deixando essa mulher, em quem mal sonhava eu tanta maldade!

Se uma lagrima basta á expurgação de uma culpa, a quatro e quatro me tem regado ellas a face, de arrependimento!

Nessa grande cidade, entre o tumultuar de um povo immenso, achei uma mulher que, julguei, poderia comprehender me. Dei-lhe o coração, a alma, tornei-me escravo d'ella.

Mimosa como a violeta do valle a quem um debil raio de sol faz pender offendida, bella como sonhei mil vezes o meu anjo tutelar, parecia que os sentimentos que abrigava no peito se lhe reflectiam no rosto, em toda aquella candura, n'aquelle sorriso, enlevo do meu ser.

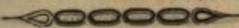
Uma noute, noute de eterna saudade, olhava eu o firmamento em que as estrellas mal se distinguam, offuscadas pelo brilho da lua; lembrei-me do ceu da minha terra e que em breve teria de regressar. Uma dôr profunda veio enevoar-me a frente e ella soube conhecer a causa da magua a que era alheia! Encostou a face á minha e eu cuidei que um ferro em braza m'a devorava, e o peito d'ella unio-se ao meu que mal continha o pulsar do coração e disse-lão baixinho que nem a brisa ouvira: « Não desespere! »

Então cortei-lhe uma trança dos cabellos d'oiro, ella sorriu-se, beijei os como se quizera imprimir-lhes o signal dos meus labios, e ella sorriu ainda. Quiz depois dar-lhe um osculo na face virginal, mas uma força occulta impediu-me ..... não poude!

.....  
E não era mais do que uma estatua! sonhei um anjo e só tinha uma mulher ao meu lado, uma mulher como todas, fria e sem alma, como o marmore!

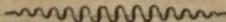
Ah! se uma lagrima basta á expurgação d'uma culpa, a quatro e quatro me tem regado ellas a face, de arrependimento.

M. C. FERRAZ DE NORONHA.



E' triste condicção dos pintores de quadros de ventura não poderem elles deter-se largo espaço e alargarem a obra em combinados matizes de felicidade. Para debuxar tristezas, e negras cores é que mais pende o humano espirito, quer seja de lhe sairem do intimo as sombras, quer se tema de que o leitor se descompraza nas descripções d'uma duradoura felicidade.

C. CASTELLO-BRANCO.



## SEU NOME

(Na Fonte das Lagrimas)

Eis-me só; a natureza  
Falla só em torno a mim;  
Falla-me o canto das aves,  
E esses perfumes suaves  
Que a brisa traz do jardim;  
Falla-me a fonte que corre  
Em crystaes a borbulhar;  
Falla a frescura dos ares,  
E estes cedros seculares  
Levemente a sussurrar,  
Porque o zephyro entre as folhas  
Vem travesso duidejar;  
E os toucados nevoentos  
Que envolvem montes e ceus;  
E esta relva... e as florinhas,  
Que tudo falla de Deus!

Não fallam homens; mas falla,  
Falla na sua mudez  
Essa fonte que recorda  
Os tristes fados de Ignez.  
Aqui não fallam meus labios;  
Mas falla-me o coração,  
Que me segreda no peito  
Um só nome... que mais não,  
Mas um nome que me é caro,  
Que é toda a minha paixão;  
Que entre os desgostos da vida  
Como um pharol me reluz;  
Um nome todo meiguice,  
Que no som nunca desdisse  
A doçura que traduz.

18...

A. A. F. P.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

OU

Breve confrontação entre estes dois Poemas.

Ao confrontar os dois Poemas portuguezes *Lusiadas* e *Oriente*, bem conhecemos não ter cabedal de sabedoria para o fazer como ser devia, nem tão pouco paia poder dar devidamente o merecimento a qualquer d'elles: levou-nos a isto não animozidade ou opinião partidaria; mas sim (tendo pouco antes lido os *Lusiadas*) notar ao ler o *Oriente*, que elle não era tão original como o seu auctor diz, e que muitas couzas que J. Agostinho de Macedo diz no *Discursso Preliminar*, analysando os *Lusiadas*, não serem originaes de Luiz de Camões, vêem alli, senão textualmente copiadas, ao menos imitadas.

Na verdade nunca supozemos que J. Agostinho de Macedo, tendo exprobado tão cruelmente a Camões o ter se servido de materia alheia para compor o seu Poema, chegando até a dizer que toda a fabula d'elle era cirzida de pedaços alheios, que o bom que nos Lusíadas havia era extranho ao seu auctor, e a chamar-lhe servil traductor, tivesse a pouca cautella de não só se servir de materia também alheia para compor o Oriente; mas até de reproduzir n'elle o que, diz, Camões imitou e copiou.

J. Agostinho de Macedo diz no seu Discurso Preliminar a paginas 58: « Não sei, na verdade, que nome dê a este invencível furor d'imitar, que se descobre até nos maiores Poetas; não só imitam ou transcrevem em grande, mas descem ao parcial e ao pequeno com a imitação: o mesmo Virgilio, formado o seu Poema de 12 Livros, os 6 primeiros são fundidos nos moldes da Odysseia e os 6 ultimos nos da Iliada etc. etc. » Ora, visto isto, segue-se que todos os Poetas imitam os outros seus antepassados, e é tão difficultoso (se é possível) fazer um Poema original, que J. Agostinho de Macedo analysando, segundo diz, os Lusíadas para não cabir nos erros em que cahira Camões, não lhe foi isso possível.

Longe de nós o pensamento de taxarmos por isso J. Agostinho de Macedo de pouco sabio: antes pelo contrario o considerámos como um grande talento, e se assim não fosse, não emprehenderia elle tão arduo trabalho, qual o de compor um Poema Epico; só sim o crimina-mos por negar aos Lusíadas de Camões originalidade quando o seu Oriente também a não possui.

Pela seguinte confrontação se verá que J. A. de Macedo não foi sómente buscar a estrangeiros com que compôr o seu Poema; mas também despojou Camões em alguns lugares.

Dividiremos este pequeno escripto em duas partes, e mostraremos na primeira aquillo em que Macedo imitou Camões, e na segunda analysaremos o seu Discurso Preliminar, na parte que diz respeito á Analyse que faz das Lusíadas, e sobre elle faremos algumas observações.

## PRIMEIRA PARTE

### MACEDO IMITANDO CAMÕES

#### I

#### Imitação de maior vulto.

#### CONFRONTAÇÃO 1.<sup>a</sup>

*Camões* — Faz que Bacho tenha um soliloquio de indignação pela affronta que ia receber dos portuguezes com a descoberta da India.

*Lusíadas* — Canto 1.<sup>o</sup> Est. 74 a 76.

*Macedo* — Faz que satanaz tenha também um soliloquio pensando na mesma affronta.

*Oriente* — Canto 3.<sup>o</sup> Est. 6 a 14.

#### — EXAME —

Tanto nos Lusíadas como no Oriente ha soliloquios nos personagens contrarios á empreza.

#### CONFRONTAÇÃO 2.<sup>a</sup>

*Camões* — Tendo os portuguezes aportado primeiramente á Ilha de Moçambique, os habitantes da illa eram gentios, logo que o governador d'ella soube que eram Christãos lhe concebeu um odio mortal: quer allí aniquillal-os, porém a vigilancia de Vasco da Gama lh'o não permite, e hombardeia a povoação. Commette pazes o Mouro ao que parece, arrependido, com o sentido assolapado de lhe metter nas naos um Piloto que o entregue em um porto visinho, para este fim avizado. Recebem os nossos o Piloto que os quer metter no tal porto visinho; porém Venus aparta a frota d'elle com ventos contrarios. O Mouro que vê seus designios frustrados os mette na ilha e cidade de Mombaça. Sendo os portuguezes aqui ameaçados onde o Rei os tinha acolhido bem (para melhor os enganar) Venus sobe ao Ceu e allí falla a Jupiter em favor d'elles. Jupiter lhe promete protecção, e lhe diz muitas couzas que os portuguezes haviam obrar de futuro no Oriente. Manda em seguida a Mercúrio, que vá preparar em Melinde um porto seguro onde os portuguezes se recolham, e avizar ao Gama que se parta para lá. Mercúrio depois de ter ido a Melinde com a fama apregoar o illustre feito dos portuguezes, vem á frota e ali n'um sonho participa ao Gama o grande perigo que n'aquelle porto corriam, e que logo se fosse para Melinde onde acharia um porto seguro, e tudo o que desejasse.

*Lusíadas* — Canto 2.<sup>o</sup> até Est. 63.

(Continúa)

A. M. C.

#### Charada

- |          |   |                             |   |   |
|----------|---|-----------------------------|---|---|
| Imitação | { | Ninguem lhe escapa no mundo | } | 2 |
|          |   | Seja plebeu, seja nobre;    |   |   |
|          |   | Tanto fere o homem rico     |   |   |
| Original | { | Como fere o homem pobre.    | } | 2 |
|          |   | Fere a alma a quem a tem    |   |   |
|          |   | Fere o corpo em quem recai. |   |   |
|          |   | Para o todo emfim-lhe achar |   |   |
|          |   | Em grossa porta buscai.     |   |   |

L. C.



## A NOITE

É tão suave ess'hora,  
Em que nos foge o dia,  
E em que suscita a lua  
Das ondas a ardentia.

A HERCULANO.

Eu amo a noite ! Quando o sol dardeja  
Em froxos raios seu final clarão,  
Despreza a mente na amplidão adeja,  
Nas brancas azas d'immortal condão !

Eu amo a noite ! porque em sonhos bellos  
Embalá a alma com suave luz,  
E eu amo os sonhos ! porque são anhelos  
Que nos elevam a buscar Jezus !

Eu amo as trevas ! porque a luz acorda  
Dos sonhos d'alma no viver real.  
E é triste a vida se nos vibra a corda,  
Que triste falla d'uma dôr fatal !.

Eu amo a noite ! porque tem mysterios  
Que assaz me fallam d'um futuro vir,  
Presagios tristes amo em cemiterios  
A horas mortas com socego ouvir.

Eu amo a noite ! porque os veus da alma  
Co'as sombras descem, quando a noite vem,  
Se a luz que encerra minha dor acalma,  
Me enlucta e cega cô o fu gor que tem.

Eu amo a triste, socegada, amena,  
Calada e erma do menor rumor :  
Se vem a briza a ciciar serena  
Ligeira passe, balbuçando a flor !

Assim eu amo-a ! e em silencio mudo  
Horas e horas a vel'ar a sós,  
Esqueço a vida e esse mundo e tudo,  
Senhor ! na terra lembro apenas vós.

Lodeiro 27 de Novembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

## ANJO E MULHER

## Capitulo 2.

...aos affectos mortos, as lagrimas não os reverdecem ; o calor dos suspiros não abre os olhos, nem anima o peito que seccou a aridez do sepulchro.

R. DA SILVA. *Ódio velho não cança.*

Decorridos alguns instantes, o cavalleiro que subia a encosta parou á porta da casa e apeou-se, depois de ter saudado graciosamente Angelina !

— Como está hoje ? disse elle. Ainda continua a soffrer ?

— Meu Deus ! que mudança ! como elle me trata ! murmurou consigo a joven.

E um doloroso aperto de coração não lhe permittiu fallar.

Tendo entrado, o mancebo, que não era outro senão Jorge, dirigiu-se a Angelina, e, depois de alguns cumprimentos banaes sobre a sua belleza, perguntou-lhe aonde estava sua irmã.

— Izaura, respondeu Angelina, depois de alguma excitação, estava ha pouco aqui e creio que foi passear para o jardim.

— E porque não foi tambem, minha amiga ? parece-me que este ar puro da tarde e um pequeno passeio lhe haviam de fazer bem á saude !

Havia certo interesse n'estas palavras e uma especie de commoção na voz que as proferia que contudo estava completamente exempta de amor ; era antes estima e compaixão que ellas revelavam !

Angelina não se illudiu com a sua verdadeira expressão ; mas, fazendo um esforço sobre si mesma, proferiu :

— Vou chamar minha thia e minha irmã ; mas primeiro, Jorge, diga-me uma couza. Porque não tem vindo ? Que mal lhe fizemos nós ? Acaso é menos nosso amigo ? Diga, Jorge, e perdôe-me esta desconfiança ; acho-o tão diferente do que era, quando...

— Quando que ? interrogou o mancebo, com certa inquietação.

— Nada, nada ! ia a dizer uma coisa que talvez me não perdoasse ! Então que quer ? ! estes dias tenho soffrido tanto !...

E a donzella ao mesmo tempo deixou pender a fronte ; e, offerecendo uma flor a Jorge, proferiu estas palavras :

— Aceite esta saudade que foi colhida no primeiro dia em que faltou !... um fatal presentimento me dizia que não havia de ser o ultimo..

— Angelina, Angelina ! não falle assim ! exclamou o mancebo, juntando as mãos

15 DE DEZEMBRO DE 1862.

Mas ainda d'esta vez as suas palavras não tinham as inflexões ternas do amor, nem da desesperação; era como o grito do remorso! mas illudiram a pobre menina, que, achegando-se mais a elle, e tomando lhe a mão, exclamou com transporte:

— Jorge, Jorge! bem sei que não és ingrato, mas, diz-me, porque motivo não tens vindo ha já tantos dias?!

— Ora, bem sabe que a morte de meu pai me trouxe muitos cuidados, que até ahí não tinha; e que, deixando os seus negocios em máu estado, ás vezes me vejo sem um instante de ocio. Aquella maldicta demanda rouba-me todo o tempo.

Angelina pareceu convencida, mas outra duvida ainda lhe suggeriu o seu espirito, e ella observou:

— Mas, porque me não trataes como d'antes?

— Porque d'antes eramos crianças, e hoje receio offendel-a, tratando-a com demasiada liberdade.

— São subterfugios, meu amigo.

N'este momento, Izaura entrou; e, dirigindo-se a Jorge com a mais bem fingida ignorancia, exclamou:

— Oh! lá! o senhor Jorge por aqui?! Que novidade foi esta?

O mancebo levantou-se com certa precipitação, que não poude dissimular, e comprimintou Izaura, apertando-lhe cordealmente a mão.

Angelina a um canto observava-a.

— Olha, disse Izaura, chegando-se a ella, trazia esta roza para ti, mas, como aqui está o senhor Jorge, supponho que terás mais gosto em que lh'a offereça.

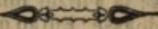
— Não, não! disse Angelina, dá-m'a antes a mim!

Porém era já tarde; a roza tinha passado em um instante da mão de Izaura para a do mancebo, que a comprimiu contra o coração por um movimento expontaneo e inconsiderado.

Poucas horas depois, a flor que lhe tinha dado Angelina jazia pelo chão, dispersa folha a folha; e a roza de Izaura pendia viçosa do lado esquerdo do casaco de Jorge.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



A B.

Vôa, meu estro, n'essas plagas bellas,  
Que tão singellas acordar me vem.

Vôa, meu estro, n'esse mundo aereo,  
Divino, ethereo, que minh'alma tem!

Accende o peito dôce, brandamente  
E abraça a mente de celeste amor.

Se d'este mundo minha esp'rança vôa,  
Ai! só echôa pelo espaço a dor!

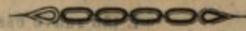
Oh! foi a virgem que abraçou meu peito.  
Só me deleito no que então sonhei!  
Tu só, meu estro, em mil arroubos d'anjo,  
Serás archanjo d'esse amor que dei.

Vôa, meu estro, n'essas plagas bellas,  
Que tão singellas acordar me vem.

Vôa, meu estro, n'esse mundo aereo,  
Divino, ethereo, que minh'alma tem!

1862.

ALFREDO ELYSIO



## QUEIXUNES

(No Penedo da Saudade)

Por este vasto horizonte

Vão-se os olhos dilatando;

Percorrem de monte a monte

Os olivedos de frente,

E o Mondego deslisando

Pelo seu leito de areia.

A vista aqui se recreia,

E dilata o coração;

Aqui se aviva a saudade,

Aqui se l'mbra outra idade,

Outros tempos que la vão.

Aqui sentidas endeixas

Solta o moço enamorado,

Aqui, triste e magoado,

Vem confiar suas queixas

Aos tristes echos d'além;

E as ternas queixas que exhala

Os echos dizem tambem;

Por que tudo aqui lhe falla

Ao amor que n'alma tem.

Mas eu não; porque receio

Que o echo seja infiel,

E o que guardo no meu seio

Q'vã, traidor e cruel,

Aos extranhos recontar;

Porque o echo é chocalheiro,

E repete por inteiro

Tudo... tudo... sem falhar.

É por isso que não digo;

Reservo tudo comigo

No fundo do coração,

Desgostos, penas, ciume,

De dores todo o cardume,

Todo o peso da afflicção...

18...

A. A. F. F.

## OS DOIS CABELLOS

(Continuação.)

O que agora vinha muito a geito era o dizer qual foi o bom pensamento que poude ser concebido 'numa alma de carocha; mas não o faço e ca tenho as minhas razões. Deixo Antão a braços com as ceruleas aguas do atlantico, e vou-me no encalço da Mariquinhas. Não me supponham, ainda assim, namorado de seus encantos, que mais prézo a minha qualidade de homem serio, o que significa, homem que teme por amor das costas o cume alheio. E em prova da minha verdade, venham todos comigo e a vista lhes fará fé.

Maria Angelica vivia so em sua casa. So, não: com uma creada e um ga'lo. Era uma tapariga bonita, e garota como os demonios.

Entrou em casa a rir como uma perdida, atirou fóra o lenço da cabeça, soltou o cabelo sobre um penteador, mudou os pés das botinhas humidadas da areia, e recostou-se 'numa cadeira, exclamando:

— Que bello appetite me faz tudo isto! Ser-me o almoço, Carlota.

Nisto bateram levemente na porta.

— Está em casa, visiuha? — disse uma voz terna.

— Estou, visinho.

— Dá licença?

— Licença e almoço: vem em boa occasião. Abre a porta e põe duas chavenas, Carlota.

Entrou a visita, que era um, como os leitores sabem. E um rapazola chibante. Alto, desempenado, olhos grandes e expressivos, e um bigode negro e farto que fazia gosto.

Tinha todos os matadores para qualquer mulher, e a Mariquinhas não lhe resistia. Quando lhe elle apertou a mão estava ella como casca de malagueta. E o seio arfava-lhe tão docemente, e a voz tremia com tal feitico, e os olhos baixava-os com tanta graça, que só de imaginal-o se me está indo o coração.

E um dos grandes gosos de um homem o estar a ver estes pequenos effeitos que produz na mulher que ama.

— Já vejo que vim cedo; suppunha que já teria almoçado.

— Pois tão tarde é elle? Ind'agora chego do banho.

— Então foi hoje muito tarde.

— Não fui, vim. Sente se, e em quanto almoçamos tenho muito que lhe contar. Que horas são?

— Perto de onze.

— Ai, credo! Carlota, avia-te d'ahi.

Dêmos nome e posição ao novo figurão que aqui vem para a acção em prejuizo do sr. Antão.

Vicente Raposo era um moço de vinte e cinco annos que amava seriamente a Mariquinhas. Não tenho mais que dizer, nem é preciso. O nome ahi fica, e amor é uma posição, ou mais ainda disposição, como qualquer outra. É a mais importante.

Quem a tiver não procure outra, que não tem de achar mais nenhuma perola nos recantos tenebrosos da vida. Diz isso, pouco mais ou menos, V. Hugo, o auctor dos *Miseraveis*, e d'esse paradoxo, e de muitos outros paradoxos, que bem estudados, bem meditados, dão a final grandes verdades.

Vicente Raposo não é agora um nome simpático de todo, mas sempre é melhor do que Antão Carocha. Pois o proprietario fazia para o d'este tanta differença, como eu para Alexandre Magno.

O conquistador de Macedonia bem vejo que está aqui mettido á cunha; mas tambem assim está o Pilatos no credo, e muitos nomes de toda a gente em muitos escriptos que se vêem todos os dias. E auctores sabemos nós que d'ahi gacharam alteada reputação. Façam de conta que tambem eu vou armar á reputação com estes *dois cabellos*. Não me ficará muito segura, mas paciencia. Quem não tem o que deseja contenta-se com o que pode.

Entretanto está o almoço na mesa, e os nossos personagens comendo e cavaqueando.

— Vamos então la a saber — diz Vicente temperando a segunda chavena de chá — o que é que a minha querida visinha tem a contar-me.

— Ora! Já lh'o não digo.

— Pois tambem lhe não dou este coração.

— Mas eu furto-lh'o.

— E eu que lhe fazia?

— Dava-me outro.

— Pois experimente e verá.

— Para que, se o meu visinho m'o dá de boa vontade.

— Se me conta o que prometeu.

— Alto la, que não prometti coisa nenhuma. Disse-lhe que tinha para contar, e não que havia de contar: faz differença.

— Está bom: fico mal com a visinha e não volto cá.

— Pois tão curioso é? Sempre quero ver isso, não lh'o digo.

— Ha de arrepender-se.

— Porquê?

— Por muitas razões. A primeira porque fica sem saber onde eu estive hontem á noite...

— Que me importa!

— Talvez importe. Era uma reunião onde havia meninas cor de rosa.

— Mal empregadas em não serem azues como as brisas do Lamartine! Divertiu-se? Que lhe preste. Tambem eu me diverti.

— Oh! mas eu diverti-me muito; e gosei que é mais do que divertir. Se a vizinha soubesse tudo...

— Nem quero saber. Já lhe disse que não me importa. E além disso tenho mais em quem pensar.

— Sim, vizinha? Os meus parabéns.

— Obrigada. Mas não lhe digo quem é.

— Que me importa! É a vizinha servida de mais chá?

— Agradeço.

— Diz isso tão seria...

— Que lhe importa?

— Gosto de a ver assim; está cada vez mais linda. Se soubesse como lhe ficam a maçar essas cores vivas, estava sempre como agora. Esse mesmo gesto de enfado, esse olhar de relampago, e no fim de tudo esse sorriso... Eu já esperava isso. No céu do seu character não pode haver nuvem duradoira. Não me diz nada?

— Deixe-me.

— Está zangadita?

— Não sei.

— Vou-me embora.

— Tão cedo!

— Pois a vizinha está descontente comigo...

— Eu ainda não disse tal.

— Está bom, não saio.

— E eu em paga vou dizer-lhe tudo. Carlota, levanta isto d'aqui. Vamos sentar-nos noutra parte.

Dicto e feito. Passaram a uma outra casa, e em quanto a Mariquinhas foi passando o pente pelo cabello para enxugar melhor, cabello comprido, basto e finissimo, Vicente devorava-se de loucos desejos olhando-a e esperando.

— Já sabe que tenho um namoro? — principiou Maria Angelica, dando um meneio airoso á cabeça para espalhar o cabello.

— Não acredito.

— Faz muito bem; mas é verdade.

— *Namorar* é uma coisa ridicula, e a minha linda vizinha não é capaz de coisas ridiculas.

— Acha? Sempre lisongeiro! Nem eu disse que tal fazia. O visinho é que está fazendo supposições por sua conta. Eu não namoro, tenho um namoro, tenho quem me *faça a corte*. Entende agora?

— Maravilhosamente.

— Parece-me que o visinho entende melhor o francez do que o portuguez?

— Acontece a muita gente boa. Mas vamos ao ponto.

— Eu lhe digo.

E de certo diria, se não adivesse um estôrvo. Entrou a creada com uma carta.

— Letra desconhecida!.. exclamou a menina das Dores — ah! é *d'elle*. Lea.

— E se não fór?

— É, com certeza. Foi um palpite que me

não falha. Lea, lea, que deve ser bom. Que dirá?

Vicente Raposo tomou a carta, olhou-a, revirou-a, passou-a para a mão esquerda, e poz-se com a direita a afagar o bigode. Estava fechada por um sinete onde se viam dois corações passados por uma setta, e sobrepujados por uma coroa de laranjeira.

Abriu-a, e entrou a ler:

O bella flor do valle peregrina!

O mimo das subtiz brandas auras!

Inspiração das aves!

Almo ideal do genio!

Enamorado assomo do crepusculo!

Dos pensamentos meus és tabernaculo.

A ti, a ti sómente, o pulchra vi gem,

Primor da natureza, ó minha estrella,

Incensam meus desvellos,

Em ti sómente penso!

Tu és do meu viver vida da vida

Que sem ti para mim a vida é nada.

Em vez de assignatura trazia a data d'esse dia.

— Não se dá um modo mais innocente de fazer uma declaração: disse o ledor.

— E com que fragrancia de poezia!.. acrescentou a Mariquinhas. Eu já li isso n'outra parte. E' d'um poeta brasileiro, que se chama não sei como.

— E' exacto. Nem eu.

— Deixe-me ler a mim tambem. Ah! que lindo verso!

— Inspiração das aves! —

Ora aqui está a razão porque o homemzinhão escolheu a estrophe. Lembraram-lhe as gaivotas. São contos largos que logo lhe direi. Vamos adiante. Ca está outro:

— Enamorado assomo do crepusculo —

Foi ao sol-posto que me viu. Melhor:

— Tu és do meu viver vida da vida —

Que quer isto dizer, visinho?

— Não sei. Deve ser coisa muito fina, que se não vê.

— Tudo isto é delicioso. É homem de gosto o meu namoro.

— E um ladrão, se me dá licença. O que lhe vale a elle é que nisto de litteratura portuguezes e brasileiros podem furtar á vontade, que ninguém se importa com isso. Reproduzir obras alheias é augmentar a gloria do auctor.

— Agora sério. Este homem viu-me hontem, viu-me hoje, segue-me e persegue-me. Nem em minha casa me deixa descansada. É intoleravel.

— Elle conhecia-a de antes?

— Não, que eu saiba.

— Então quem lhe diria o seu nome?

Os olhos do perguntador ficam pregados no rosto da menina; a pergunta entrou-lhe no fundo d'alma.

Quem sabe se elle teria visto?

— Provavelmente viu-o escrito na areia — respondeu ella rindo e toda encarnada —: ou teria alguma *inspiração das aves*.

— Parece-me que nem uma coisa nem outra, visinha.

— Pois olhe que foi. Apanhou-o da areia.

Abaixou os olhos, sorriu, e calou-se Vicente.

— Foi hoje á praia, visinho? — perguntou ella de repente.

— Fui: — respondeu elle simplesmente.

Calaram-se ambos.

Maria Angelica só então comprehendeu que tinha commettido uma leviandade. E arrependeu-se, e envergonhou-se de si mesma. O que tinha feito, que então lhe parecerá uma brincadeira sem consequencia, representava se-lhe agora uma coisa muito séria, que era necessario remediar de qualquer modo e de prompto.

Chegou uma cadeira e sentou-se ao pé de Vicente.

Depois olhou um instante para elle, que continuava cabisbaixo amarrutando a carta entre os dedos, e disse-lhe assim:

— Como ha de ser isto, visinho?

— Como a visinha quizer.

— Não me diga isso com esse modo que me afflige.

— Duvido.

— Duvida? Duvida de mim?

E tal foi a inflexão de voz com que disse isto, que Vicente ergueu a vista para ella.

Bailhavam-lhe nos olhos duas lagrimas como duas pedras, que rolaram pelas faces quando a encarou.

Vicente deu um ar de riso, e murmurou por entre os dentes:

— Lagrimas de crocodilo...

Romperam os soluços.

— Está com o estérico, visinha? Olhe que se faz feia com isso.

Elle continuava a chorar sem dizer nada. Escondeu a cara entre as mãos, e deixou-se ficar muito tempo.

Vicente estava gosando com tudo aquillo. Tinha-se dado o papel de tyrannete, porque gostava de a ver assim. Dizia elle que gostava das lagrimas das mulheres, como das trovoadas de maio. Passam rapidas e tudo fica mais gracioso.

Quando lhe pareceu bastante, que todo o goso tem um termo, ameigou a voz e disse:

— Ora vamos lá, o que passou não vale chorar-se, mas remediá-se. Sejamos amigos, e não ha mais nada. Amanha, na praia a visinha mostra-me o seu homem, e deixa o comigo. Quer assim?

— Mas não lhe faça mal, não?

— Não faço, descance. Agora saio.

— Obrigada por tudo, visinho. Adeus.

Maria Angelica já ficou alegre. O que nos faz tristes é a consciencia; acreditem.

(Continúa) J. SIMÕES FERREIRA

### À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. G.

Vão mansamente as aguas d'este rio  
Correndo até seu fim... Tem fim ao menos  
Estes espelhos d'agua tão serenos!

Mas eu, que ao céu envio

Constante prece porque enfim me aclare

Este mysterio que tortura a alma,

Heide ver tudo agora

Rir, viver e gosar em doce calma,

E eu, que soffro, soffrer sem acabar!

Pois soffra embora,

Ha de ter fim comosco o meu penar!

A luz, que a alma tem, minha senhora,

Se quando tenta a morte destruil-a,

E a desgraça que vem a prevenil-a,

Ha um olhar de mulher, que a reanime,

E com a celestial consolação,

Venha ungir o afflicto coração

Bem como o sol dá seiva á alga, ao vime,

Então, como a um incendio

O vento dá vigor, e ao longe estende-o,

Assim aquella luz surge brilhante

No peito de quem é profundo amante.

A. L. S. V.

### UMA PAGINA

(Continuação)

Que me importava vê-los todos a saudar a sublime imagem, gerada nos devaneios de seu sentimento, poisada no horisonte com uma aureola de luz a iluminar-lhe a face linda, ou a saltitar, como as Sereias, nas azuladas aguas do lago ao apparecimento dos primeiros raios do sol? Se eram sombras, perdidas no ceu da poesia, mas vistas pelo olho interior no fumo do charuto, quando, recostados nos sophas, saboreavam a chavena de café oriental, como n'lo diz o segundo poeta da França!

Aqui tens a minha crença, quando conheci Ermelinda. Senti immediatamente uma nova vida, toda diversa, porque era do coração. N'aquella alvura, como de alabastro, ou de nuvem de perolas, envolta em luz, e na pallidez de sua phisionomia consubstanciou-se todo o meu sêr; parecia-me a encarnação viva da belleza, ou d'aquella phantastica visão, que aljófrada pelas transparentes gótas de orvalho da manhã se esboça na athmosfera por entre as neblinas da aurora.

Foi no baile do V., quando estava contemplando a grandeza e esplendor d'aquelles salões, que a vi toda pensativa, retirada do movimento d'aquella sociedade d'elite. Contemplei a absôrto, porque me parecia estar vendo um dos personagens d'Ossian, ou uma d'aquellas ideias creaturas concebidas pela imaginação sublime de Shackspeare.

Surprehendido no meu extasis pelo V. fui-lhe apresentado para a walsa, que se seguia. Aquelles momentos, em que delirante, rapida e candida de enthusiasmo a vi com o seu collo de neve a arfar perto de meu peito, voaram rapidos, como o raio que se desprende das nuvens, tão grande era o meu enlevo!

Confessei-lhe o amor ardente, que sentia correr por todas as fibras do coração, e fui correspondido.

Passou-se um anno de mutua correspondencia, e de protestos d'um amor infinito, que vinculava as nossas almas, quando soube que acceitara o *rendez-vous* do Primo. Revellei-lhe este sentimento, que me lançava n'alma um martyrio cruel; lembrando-lhe as nossas juras, o nosso futuro de felicidade e ventura. E sabes a resposta que saiu de seus labios, com a face incendiada de rubôr? — «sou livre; e não dou a justificação do meu procedimento!» Tracta-me hoje com uma indifferença mortal!!!

Deus sabe, como a sua imagem vem ainda torturar-me o coração!.. Mas heide esquecer-l-a!

Mal vae ao homem, que não modela o sentimento pelos dictames da razão; e que n'esta existencia se deixa levar mansamente pelo influxo d'uma paixão!..

Tenho força bastante para calcar-o ao pé, fingindo sempre nos labios um sorriso de contentamento, embora o coração tenha libado a longos tragos o fel amargoso d'um martyrio cruel!..

Se descer-mos á analyse da mulher, ver-se-ha facilmente, que a sua organização delicada e sensivel precisa de amor, e sêr amada; e é n'isto, que se resume o encanto da sua vida, a alma dos seus pensamentos; e o idolo do seu coração. A força activa, que a domina toda, é principalmente o desejo de ser amada, e de contemplar em volta de si um numero sempre

crecente de admiradores. Assim sente ella o espirito inundado d'este enebriante perfume, que lhe agrada e satisfaz a imaginação, o orgulho, a dignidade, e o egoismo innato do gosô e do imperio!.. Porém devo confessar, que para a maior parte d'ellas o amor é uma distracção, e um passatempo delicioso. N'este caso transforma se muitas vezes em necessidade. Na alta sociedade é quasi sempre assim. A mulher ahi precisa de ter adoradores, como a terra precisa do sol, que a inunda de luz, como a planta precisa do carbono, que a alimenta, como o homem precisa do ar que respira, e como a flor do orvalho que lhe dá o frescor, e o viço. Surgem então essas relações, que servem de lisongear-lhes a sua vaidade, e que sam mais uma ironia pungente, mais um escarneo atroz aos nobres sentimentos do coração!.. E ai do que lhes contrariar o seu viver!..

É o mar, como ellas! No principio sam ternas caricias, sonhos doirados, constancia eterna, beijos suaves! — é a vaga, que se espriguça limpida na areia, que lambe com feiteiro murmuro o rochedo e a praia! —: mais tarde é o orgulho, o desprezo, e a cholera! — é a onda, que se ergue gigantesca, que rebenta altiva, que se despedaça indomavel contra a terra, que a comprime!..

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

## SALSADA POETICA

Sou poeta! Bella prenda  
Para um rapaz de bom gosto!  
Hei de cantar ao sol posto  
Como canta o rouxinol!  
Com tanto que ó dote renda  
Prometto a qualquer donzella  
De lhe chamar minha estrella,  
Da minha vida o pharol!

Filha do sol e da lua  
Creada no seu regaço,  
Fada colhida n'um laço  
Armado por meu amor!  
Que junto á pureza sua  
Terá no rosto a candura  
Os olhos de cor escura  
Cabellos da mesma côr

As faces de rosa e leite  
Juntará dentes de jaspe  
— Qu'inda que o brilho se raspe  
Serão sempre de marfim!  
A boca, p'ra mais enfeite

Será bonita e pequena  
Com mais um rasgo de penna  
Terá labios de carmim.

Heide vestil-a de branco  
Aperlal-a d'aseviche  
Quero que a musa capriche  
No calçar do lindo pé!  
Seja çapato ou tamanco  
Hade ser de hom duraque  
Usará de merinaque  
P'ra não perder de quem é.

Além de rica e formosa  
Saberá tocar piano,  
Ha de cantar de soprano  
Nos bailes de seu papá!  
Será muito espirituosa  
Quer na sala, quer á mesa  
Ha de fallar com pureza  
Do Francez o patois!

Amiga do romantismo  
Por matar certo desejo  
Sahirá da foz do Tejo  
Uma noite a bordejar.  
Rirá das furias do abysmo,  
E do mar entregue aos nubes  
Lerá do Bardo os Ciumes  
Á froxa luz do luar.

Quebra o leme! Oh sorte ruda  
Que será do pobre esquisel  
Ergue a cabeça um Recife  
Já da prôa pouco alem l  
Virgem santa nos acuda  
P'ra que o barco a terra abique  
Que vamos aqui a pique  
Sem que nos valha ninguem!

Em quanto que chora o çujo  
Marinheiro a triste sina  
Canta animosa a menina  
No meio da cerração.  
Triste vña a d'um marujo  
Qual d'ellas a mais cansada  
Que pela triste soldada  
Passa tormentos.  
Dão! Dão!

Mas a fallar a verdade  
Inda tormentos mais duros  
Soffro eu, que em taes apuros  
Não sei quem n'hade acudir!  
De que me vale a vontade  
Se me falere o talento!  
Se desta me vejo exempto  
N'outra não torno a cahir!

Quanto não erão felizes

Os nossos velhos poetas  
Que tinham nove muletas  
Para taes occasiões!  
Agora, quebra os narizes  
Qualquer dos vates da moda  
Ou fica fora da roda  
Quando se mette em funcções!

Mæl haja a moderna escolla  
Que não consente a alejados  
Quando por nossos peccados  
Abundam mais do que os são,  
Quantos dão tratos á bolla  
P'ra rimar cheiro com péro  
Que seriam mais que Homero  
Se fossem vates pagãos!

Collegas! Chorai comigo  
As ruinas do Parnaso!  
Sobre o seu sepulchro razo  
As lyras vamos quebrar!  
Durmam no mesmo jazigo  
Os seus cavacos despersos...  
Digamos adeus aos versos  
Vamos batatas cavar!

(Continúa)

SEVERINO D'AZEVEDO.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

Macedo — Faz que Satanaz (raivoso de não ter surtido effeito a tempestade com que queria sepultar no mar os portuguezes, e de que mais adiante fallaremos) faça apparecer no mar uma ilha, na qual, encantando os portuguezes com a vista d'ella, possa aniquillal-os. Os portuguezes enganados alli se introduzem, e o Infante D. Henrique, que via do Ceu o perigo que elles corriam pede a Deus soccorro para elles, o que alcançado, desce á armada, e alli n'um sonbo representa ao Gama o perigo em que estavam, e o persuade a apartar-se d'alli e a seguir viagem até Melinde, onde encontraria um porto seguro e um Rei sabio e prudente que lhe daria piloto para a descoberta da India.

Oriente — Canto 5.º e 6.º até ao fim d'este.

— EXAME —

Nos Lusíadas — Encontram os portuguezes em Mombaça um obstaculo á empreza.

No Oriente — Na ilha ideal que Satanaz fama aos portuguezes encontram elles um obstaculo tambem á empreza.

Nos Lusíadas — Venus que vê o perigo em que os portuguezes estavam, sobe ao Ceu e implora para elles a protecção de Jupiter.

No Oriente — D. Henrique que vê o perigo dos portuguezes pede a Deus protecção para elles.

Nos *Lusiadas* — Por ordem de Jupiter vai Mercurio n'um sonho dizer ao Gama que se parta d'alli para Melinde.

No Oriente — Por ordem de Deus desce D. Henrique á armada e n'um sonho diz ao Gama que logo saia d'alli para Melinde.

Parece-nos que tudo isto é uma imitação.

#### CONFRONTAÇÃO 3.ª

*Camões* — Faz que o Rei (\*) peça ao Gama que lhe conte a historia de Portugal, e os perigos que passaram até chegar alli (na vizita que o mesmo Rei fez á Armada); ao que elle cede.

*Lusiadas* — Canto 2.º Est. 109 e seguintes.

*Macedo* — Em Melinde faz que o Rei peça ao Gama que lhe conte a Historia de Portugal, o que elle faz, acabado o banquete que o mesmo Rei lhe dá.

*Oriente* — Canto 8.º — Estancia 2.ª e seguintes

#### — RESUMO —

Nos *Lusiadas* — Ha pedido do Rei de Melinde ao Gama, quando lhe vai vizitar a Armada, de lhe contar a Historia de Portugal e os perigos que correram até alli.

No Oriente — Ha o pedido do Rei de Melinde ao Gama, depois de lhe dar o banquete, de lhe contar a Historia de Portugal.

Aqui ha duas differenças: uma é que o Rei de Melinde não pede ao Gama no Oriente lhe conte os perigos que passou na viagem; mas elles não ficam por contar, porque Macedo lh'os faz dizer; ainda que não tão mudamente como *Camões*, e a outra é que o Vasco da Gama de *Camões* conta ao Rei de Melinde a historia de Portugal quando elle vai ás naos, e o de *Macedo* conta-lh'a depois do banquete que elle lhe deu.

(\*) de Melinde

(Continúa)

A. M. C.

### AO ACTOR SIMÕES

Conquistas mil tropheus d'altiva gloria  
No prelo do talento, actor sublime!  
Nem ha genio immortal que não domine  
Nas luctas d'esta vida transitoria.

Depois d'aqui fulgir, inda a memoria  
Ao respeito dos tempos não se exime!  
É luz, que abrilhantara mesmo um crime  
Se pretendesse acaso honra illusoria.

Mas se é puro o clarão mais nos inflamma  
Os jovens corações. Quem pode olhar-te,  
Sem que sinta abrasal-o a mesma chamma?

«Logar ao genio pois» Em toda a parte  
Onde souora chegue a voz da fama  
Eis o *salve*, Simões, que deve dar-te!

LUIZ CARLOS

### RECORDAÇÃO

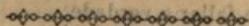
Quando o prazer nos doura a vida e nos embala em suas voluptuosas azas, não nos lembramos dos dias de ventura ou dôr, porque a alma propensa ao esquecimento, só vive então pelo presente. Mas quando a saudade pungitiva se o peito soffre, nos rebenta do seio, a recordação das horas queridas torna-se então um vivo tormento. A brisa no seu perpassar nos recorda, se amamos, a falla mimosa da virgem, e se o vento ruge, lembrão nos as tormentas em que vivemos.

Assim eu tambem, gozei ventura e dôr! Momentos doces e amargos, mas que logo olvidava pela serie de sensações que me agitavam. Dias loucos foram esses que não voltarão; morta a crença que nos resta?! Menos que illusoria esperanza, que simelha a luz quasi extincta. Apoz doçuras de amor, vem os desenganos; e com elles o pezar.

Soffre-se por muitos annos, tendo-se a certeza de um porvir de felicidade; mas custa gozar mil delectes n'um momento, para depois seguir-se uma infinidade de penas. E' triste ouvir fallas de amor verdadeiro uma vez só na vida. Mas depois de tudo resta a lembrança, a recordação fagueira, que fazendo brotar insensivel o pranto, nos adoça as amarguras.

E' ella apenas que me falla terna nas suas melodias; e o que me diz é bem grato; dá-me ainda esperanças e me guia no caminho da vida; porque da esperanza nasce o pranto, e o pranto lava com seu amargor os nossos tormentos, depois a flor reflorece, mais bem debilmente. Sem a recordação das horas de prazer ou dor, seriamos insensíveis a tudo.

11 de 12 de 62.



#### Charada

- Agora resta a lembrança..... 1  
Adverbio que se alcança..... 1  
Vi-o só sem companhia,  
E pretensão me dizia.



## DEUS SEMPRE

Á Ex.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. A. M. A.

Tenho desejos ardentes  
Quaes lavas escandecentes  
D'um volcão.  
Imagens d'immensa gloria  
Sonhos de louca victoria  
Illusão !...

Fadada para o martyrio  
Que importa que este delirio  
No soffrer  
Me destrua minha crença ? !  
Quem pode triste sentença  
Esquecer ? !

Soffro e a voz não levanto.  
O animo não ousa tanto  
N'esta dor !  
Do peito não vêm um brado,  
Que me seja bem fadado  
Para amor !

Amor !.. palavra descrida,  
Crença mais que fementida  
Vão sonhar !  
Vão sonhar que me embalaste  
E que depois me deixaste  
Sem amar !

Se em momentos de loucura  
Poude crer n'essa ventura  
Que é do ceu,  
Veio cedo o desengano  
Com seu halito profano  
E venceu !

Hoje só tenho uma esp'rança,  
Qual meiga luz de bonança  
A surgir !  
Da minha vida no termo  
Hadê vél-a o peito enfermo  
Lá sorrir.

Alem da morte ha a vida—  
Alem da campa sumida  
Ha um Deus !  
Ha premio para a desdita  
Ao transpôr da alma afflicta  
Para os Ceus !!

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL.—N.º 4.

## ANJO E MULHER

### Capitulo 3.

Quanto sua alma penava  
Só alma pode saber ;  
Martyrios quantos passava  
Eu não me atrevo a dizer.

GARRETT. Votos denodados.

Entretanto que as tres personagens d'esta scena conversam, daremos ao leitor um rapido esboço de cada uma em particular, e contar-lhe-hemos os promeneiros precedentes a este dia.

Jorge era um rapaz de 26 annos, de figura sympathica e um pouco distincta, que dava ideia de um character e intelligencia pouco vulgares.

Não succedia comtudo assim ; a intelligencia do mancebo era bastante limitada; porém seis annos de Coimbra tinham-lhe dado boas maneiras, certo desembaraço e bastantes conhecimentos, pela maior parte um tanto nocivos; mas estes sabia-os elle occultar sob a capa d'um romancismo perfeitamente simulado, e que mais o fazia distinguir.

Era finalmente um homem cheio de attractivos; e, como se não exemptava de certa hypocrisia, era quizi irresistivel.

Filho de um negociante de Braga, herdou d'elle uma soffrivel fortuna; e, como tinha só uma irmã, estava no caso de ser um brilhante partido para qualquer menina.

Jorge, porém, estava ligado dêsde ha muito, por uma afeição profunda, a Angelina; e, desde a morte de seu pai, que tinha fallecido ha um anno, por um juramento, que lhe fizera, de desposala.

Vamos a explicações sobre o comportamento do pai de Jorge.

As duas familias foram sempre muito amigas: accresce de mais a mais que Angelina e sua irmã eram duas soffríveis herdeiras ! Por um outro lado os dois pais projectaram um casamento entre as duas crianças, logo que ellas chegassem a idade de se poder realizar.

Mais tarde veio a afeição d'elles facilitar mais este contracto.

Quando Jorge regressou de Coimbra com os seus estudos completos, seu pai notou n'elle certa tendencia para a extravagancia, e muita volubildade, se bem que ainda mostrasse muita afeição por Angelina.

À hora da morte, receendo que Jorge não cumprisse a promessa, que era a mira de seus mais ardentes votos, exigiu-lh'a em juramento, que foi prestado sem a menor difficuldade, porque nenhuma afeição maior lhe tinha apagado a imagem de Angelina. Mas depois; sem ser

1 DE JANEIRO DE 1863.

precizo dizer mais, creio que o leitor poderá já ter percebido, que era Izaura a preferida: diremos tambem pelo que.

Contava Angelina os seus 23 annos; era alta, muito esbelta, mas excessivamente magra e pallida. Tinha a tez alva e transparente como o jasmim; os olhos bem rasgados e de um azul suave e claro, como o d'um çeu sem nuvens; os cabellos louros, finos e abundantes e a boca um pouco grande e naturalmente melancolica. Era a mão pequenina e branca como a de uma figura de jaspe.

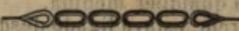
Angelina era uma creatura ideial, ninguem diria, vendo-a coberta d'alvas roupas com os louros cabellos esparsos sobre os hombros, que era uma joven, que vivia, e respirava, e sentia n'este mundo! Sua figura aerea, e, para assim dizer, quasi transparente, parecia mais uma visão fugitiva prestes a estender suas azas para a mansão dos anjos.

Tinha uma frente de sancta e uma cintura de seraphim. Era uma mulher bella, mas d'essa belleza suave, vellada e poetica; podia-se fazer adorar pelos poetas, mas não amar pelos homens.

Todavia nem sempre tinha sido assim; dos dezaseis até aos vinte annos tinha tido um brilho de mocidade incrível; parecia que uma seiva ardente e saudavel lhe corria nas veias, e lhe tingia as faces e os labios d'um vivissimo carmim.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



## A uma rosa de pennas

(Fragmento)

I

Acaso não são as flores  
Os emblemas do prazer?  
Não dizem umas amores  
No peito a reverdecer?..  
E outras tudo verdores,  
Tudo esp'ranças e viver?..

Vendo-as, acaso existe  
Que as não ame logo alguém?..  
Que, se o rosto tinha triste,  
A aleg'al-o depois vem?..  
Quem insensivel persiste  
Ao vêr as flores?.. Ninguem.

Nas galas de que se veste  
Symboliza sempre a flor  
Um pensamento celeste

Ou de ventura ou de amor:  
Nem se atreve a mais agreste  
A dar desgostos ou dor!

E, se ideia de tormento  
Alguma quer exprimir,  
Quasi sempre é sentimento  
De dulcissimo pungir;  
Soffre sim o pensamento  
Mas sem a esp'rança fugir...

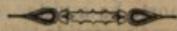
II

Mas a vossa, meu amigo,  
Que me diz a vossa flor?..  
Da rosa tem a figura,  
Mas não diz como ella amor;  
As pennas de que é formada  
Somente indicam a dor;  
É mais constante que as outras,  
Dura mais o dissabor.  
As outras todas têm brilho,  
Têm perfumes, têm frescôr;  
A vossa falta-lhe mesmo  
Da vida o doce calor:  
Das mesmas folhas tão lindas  
E' fingido o seu verdor;  
Em tudo mostra só penas,  
Respira em tudo amargor..

Mas embora, que esta prenda  
Tem p'ra mim alto valor;  
Não significa ternuras,  
Ledos protestos de amor;  
Mas de amizade perpetua  
E' um sagrado penhor;  
O pezar de vossa ausencia  
Mostra o pallido candor,  
As pennas expressam mudas  
Fundos segredos de dor...  
E quem sabe se uma esp'rança  
Reprimida por temor,  
Não revelam essas folhas  
Na sua virente côr?..  
Não mostram fundo receio  
As pennas de casto alvor?..  
Um sentimento mais terno,  
Recatado por pudor?..  
Não confirmam quanto uns olhos  
Me disseram no fulgor?..  
.....

18...

A. A. F. P.



Ser poeta é ter na frente  
Um signal de maldição.

C. CASTELLO-BRANCO.

## OS DOIS CABELLOS

(Continuação.)

Os importunos são semelhantes aos tolos de que resa a Biblia: ha d'elles grande numero. E o que mais admira é como ha quem os ature. Mais mulheres do que homens. Quem atura, não quem importuna, entendamos.

Maria Angelica, quando á tardinha quiz sahir a passeio, deu de caras com o seu derretido Antão que lhe entrava a porta de casa.

Um e outro ficaram desconcertados. Ella fugiu para dentro e fechou a porta: elle concentrou no coração a dor e o sangue. Tudo isto foi rapido e irreflectido. Não poude ella fazer menos, nem elle mais.

Voltou o socego e nenhum ficou satisfeito de si. Ella quizera ter sido menos mulher; elle quizera ter sido mais homem. Veio-lhe a reacção que lhe deu animo, e, com o coração inda a fazer tít-taf, mas resolido a tudo, estendeu a mão e bateu á porta.

— Queita ter á bondade de entrar: disse a Carlota abrindo a porta.

Achou-se Antão numa saleta quadrada, forrada a papel nem bom nem mau, com quatro ou cinco cadeiras derriamadas com symetria em toda a roda.

A creada retirou-se logo por uma porta que visivelmente dava para o interior, á qual fechou com a chave, circumstancia a que não attendeu o nosso homem, de mal á seu jeito que estava.

Eram seis horas. Pois deram seis e meia, deram sette, deram sette e meia, e Antão sem tornar á ver ninguem, nem perceber o menor ruído. Era como se tivesse cahido numa sepultura.

A primeira meia hora não custou a passar. De momento a momento lhe parecia sentir passos, e figurava-se-lhe ver entrar o « mimio subtil das brandas auras », toda angelica como seu meigo nome, amorosa e terna como a rolinha da selva.

Esta comparação é d'elle, e de muitos outros em taes pontos. Eu de mim dou-lhe de mão, e só á escrevi para dar cor local á narrativa, sendo verdadeiro na exposição do que lá ia pela pobre alma d'aquelle infeliz.

A segunda já foi mais comprida e amarga. Passou-lhe pela ideia que tinham querido divertir-se com elle, e rugiu de indignação justissima. Entrou a passear agitado de angulo a angulo da casa, e tirava o chapéu, e arrepellava-se, e mettia dó.

Cançou e parou. Era natural. A mim inda succederia peor. Morria ou matava-me; que mais não fosse senão para depois me vingar da Marquinhas, fazendo-a morrer de medo e remorsos quando me visse o cadaver alli espichado.

E o Carochá fazia-o, se de tal se lembrasse. Acabava-se a historia, mas não tinha duvida. Não faltam Carochas por este mundo.

A terceira foi meia hora d'aquellas que envelhecem um homem. Antão ja a não poude levar de pé. Alma e corpo estavam prostradissimos. Para descanso do corpo aproveitou uma cadeira; para o da alma mandou vir as lagrimas. Mas que lagrimas, minhas Senhoras, que lagrimas! Eram lavas candentes do immenso vulcão de seu peito, cada uma das quaes, como gotas de chumbo derretidas, lhe cavaram nas faces um sulco profundo e tremendo. E partindo dos olhos, rasgando as faces, pendurando-se da barba, inda no chão cahiam tam ardentes, que deixavam signal como o vitriolo. La estarão inda hoje, epitaphio'a tamanha dor.

Deram oito horas.

Antão contou-as uma á uma. Levantou-se firme e secco. Mão ignota lhe tinha dado volta á torneira e as lagrimas tinham cessado. Tirou da algibeira uma carteira, da carteira rasgou uma folha, aproximou-se d'uma janella, e ao ultimo lusco-fusco escreveu:

« Anjo maldicto. O amor é uma condemnação infernal. Estou-o sentindo e não posso fugir-lhe. Tens zombado do meu affecto, mas não é inda tempo de rires. Estou vivo e sou um homem; e não ha exemplo na historia de nunca uma mulher ter zombado de um homem impunemente. »

Façam ideia o que elle sabia de historia. *Fez naufragio* cabindo no pelago da sciencia. A Senhora da Bonança lhe acuda! E a tantos outros que, andando atascados nas misérias da ignorancia charlatan, quanto mais se agitam, tanto mais sossobram!

E depois tomou o papel, poizou-o sobre a cadeira em que estivera sentado, fechou a porta com estrondo, e sahiu.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA.

## AUSENCIA

Tristezas pois me buscais;

Dizei-me o que pertendeis

P. RODRIGUES LOBO.

— Ei-la, coitada, á janella

— Cantando a triste Leonor.

— Bem mostra á pobre cantando

— Se no peito existe a dor!

— Foi praço fado da Leonor

— Engano se

— Noites e dias inteiros

— Passa-as, a pobre á cantar;

— Que as magoas, que está soffrendo,

— Não as pode ella occultar.

« Os meus primeiros amores  
 « A mim alguém m'os levou !...  
 « Que me não leve com elles  
 « Quem da vista m'os tirou !..

« Maldicta a hora em que ao mundo  
 « Chorando, chorando vim.  
 « Magoas, que sinto, n'esta alma  
 « Ninguém as soffreu assim !

« Quem vive d'amor ausente  
 « Que venturas pode ter ?  
 « Se lhe levaram com elle  
 « Vida que tinha a viver ?

« Quem tiver tristeza d'alma  
 « Venha comigo chorar ;  
 « Que o chorar faz bem aos tristes  
 « Faz as magoas olvidar.

Assim cantava; chorando  
 Tristezas da sua dor  
 A pobre se consolava  
 D'ausencia do seu amor.

Depois um dia calou-se  
 Ninguém a viu mais cantar :  
 De penas, que o amor lhe dera,  
 Findára a pobre a chorar!..

SIMÕES DIAS.

## INFELIZ POR CAPRICHIO

II

Voltára entretanto Possidonio a Coimbra, e sem cuidar no seu vestuario de passeio foi vizitar o ente, que o consolava da ausencia d'Eufemia.

Este ente era a menina Ignacia, que pelos modos padecia da mesma doença d'Eufemia.

— Tão cheio de pó, Sr. Possidonio, foram as palavras que soltou Ignacia ao lançar os olhos sobre Possidonio.

— É verdade, disse este, sacudindo o pó com o chicotinho, e balanceando-se ufano, pois percebera o fundo d'aquella exclamação.

— Fez alguma viagem ?

— Um pequeno passeio.

— Poderei saber até onde ?

— Se adivinhar...

— Foi para o lado da Pedrulha ?

— Enganou-se.

— Seria então para o lado de Condeixa ?

— Adivinhou.

Ignacia mordeu os labios e continuou :

— Olhe, advinhei até, quem é que foi vizitar.

— Não desgostavas de saber quem foi.

— Certa pessoa que mora na Cruz-quebrada.

Um olhar que acompanhou estas palavras fez estremecer de medo Possidonio.

Aquillo foi o primeiro relampago da tempestade, que rebenlou immediatamente.

— Sr. Possidonio estou já cansada de supportar todos os insultos, que me dirige. Julguei que o Sr. fosse um cavalheiro, e é bem tarde que me desengano.

— Sr.<sup>a</sup> D. Ignacia, isso não se diz a um homem como eu.

— Tem razão. A um homem como o Sr. não se diz nada. Manda-se pôr na rua por os creados.

— Ah ! que se não fosse uma mulher...

— Rua, Sr. Não se atreva a fazer o melhor gesto d'ameaça.

Sabiu corrido Possidonio e ficou Ignacia triumphante.

Assim acabou aquella doce entrevista de namorados.

Possidonio entrou em caza e deitou-se desesperado n'um campê.

N'um dia tinham morrido todas as suas esperanças. Ignacia acabava de o mandar pôr na rua, e o pae d'Eufemia não estivera longe de fazer o mesmo.

Serenado um pouco o espirito principiou de scismar, que razões seriam as do fidalgo para o ter recebido com tanta descortezia.

— Não tenho duvida, concluiu passados alguns minutos. Já tarda ao fidalgo que eu peça a mão d'Eufemia. E porque o não farei eu ?

Acaso não tenho a certeza de que sou amado por ella ? E que bello bofetão que eu dava n'aquella maldicta Ignacia !

Foi, seguindo este curso d'ideias, que chegou a tomar a resolução de pedir a mão d'Eufemia, para o que se apresentou no dia seguinte na Cruz-quebrada.

Coube d'esta vez ao fidalgo ser o primeiro a fallar-lhe. O Sr. Felisberto estava n'aquelle dia de pessima catadura. A razão era ter recebido, havia pouco, intimação de sahir da quinta dentro em trinta dias, para que esta fosse vendida a fim de pagar suas dividas.

Possidonio foi recebido n'uma sala da caza da Cruz-quebrada. Respondeu-lhe o fidalgo com uma leve inclinação de cabeça aos cumprimentos, e indicou-lhe uma cadeira.

Esteve enleado Possidonio, procurando o meio de romper o silencio até que a final se animou a dizer.

— Julgo que V. Ex.<sup>a</sup> conhece o estado da minha fortuna ?

— Nunca m'importei com os negocios dos outros, respondeu o fidalgo secamente.

— Devo então fazer-lhe conhecê-lo.

— Ignoro a razão porque isso me possa interessar.

— Depressa a saberá. Actualmente possuo, em dinheiro perto de quinze contos, e bens de raiz que rendem annualmente dez mil cruzados. Parece-me que é uma fortuna rasoavel.

— Continúe se lhe apraz.

— V. Ex.<sup>a</sup> conhece as minhas qualidades individuaes, não é assim?

— Sufficientemente.

— N'esse caso peço-lhe a mão da Sr.<sup>a</sup> D. Eufemia.

— Sr. nunca poderei perdoar o insulto que acaba de me dirigir.

— Insulto!?

— Sim. Que insulto maior se hade dirigir a um homem que a desgraça persegue, que vir-lhe offerecer ouro em troca da honra.

— Mas não sei em que soffre a sua honra com o meu pedido.

— Eu sou fidalgo e o Sr. quem é?

Recebeu Possidonio a injuria com santa resignação e sahio, contentando-se com lançar um olhar furibundo para o fidalgo.

Ao sahir da Cruz-quebrada encontrou-se com um cavalleiro, que parecia dirigir-se para ali.

— Por estes sitios, disse este ultimo puchando aos labios um sorriso ironico.

— Como vês, meu caro Aniceto.

— Viestes visitar o fidalgo?

— Vim.

— O mesmo faço eu.

— A deus, Aniceto.

— A deus, Possidonio.

E cada um seguiu seu caminho.

Deixemol-os ir e vamos observar o que n'aquelle momento fazia Eufemia.

Escrevia o seguinte:

« Possidonio

« Mal sabes os tormentos que passo n'esta solidão, onde tenho por unica companheira a melancholia. Ah! Possidonio, quantas saudades tenho d'essas noutes de baile, em que tu estavas sempre junto a mim!

Comtudo não posso negar que a solidão me attrahe, mas n'ella sinto o coração oppresso pela falta d'uma pessoa a quem possa communicar as sensações...

Aqui Eufemia foi interrompida pela voz de seu pae, que a chamava.

(Continúa)

A. COELHO.

A prova da verdadeyra Fé, e a fineza do verdadeyro amor, não he seguir ao sol, quando elle se deixa ver claro, e formoso com toda a pompa de seus rayos, senão quando se nega aos olhos, escondido, e encuberto de nuvens. Vede-o no espelho da natureza.

P.<sup>o</sup> ANTONIO VIEIRA.

## No 1.<sup>o</sup> Anniversario da morte

DA EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup>

D. Joanna Augusta Simões de Carvalho

Fallecida em 20 de Dezembro de 1861.

Sou pobre de consolos; nem existe  
Quem de lagrimas tristes nunca enxuto  
Possa as d'outro enxugar.

JOÃO DE DEUS.

Rôxa saudade, que meu canto envolve,  
Vem dar-me á lyra teu alento e voz;  
Tu só, que as maguas do soffrer dissolves,  
És doce allivio de quem geme a sós.

Echo da tarde, que lhe ouviste as queixas  
Então soltadas, quando á cruz vergou,  
Oh! vinde ao menos inspirar-me endeixas  
Que a dor affaguem de quem tanto a amou.

Vi-a, risonha, dos jardins da vida  
Colhendo as rosas, pensativa e só;  
E hoje na lousa da final jazida  
Já cresce o musgo que lhe encobre o pó!

Fatal contraste! Juventude e graças  
Eram-lhe adorno quando a vira então;  
Depois, batendo suas azas lassas,  
Fugiu dos homens, onde tudo é vão.

Meiga andorinha, que em paiz extranho  
Buscou abrigo que não teve aqui;  
Sentindo o mundo com rigor tamanho,  
Foi mais tranquilla reviver alli.

Entre as rajadas que despede o norte  
Perde o perfume delicada flor;  
Ao duro sópro do tufão da morte  
Perdeu a virgem seu viver d'amor.

Foi-te a vida qual thalamo de flores,  
Onde sempre embalada em brando aroma,  
Não previras que o tempo as graças doma  
E rouba d'alma os sonhos seductores.

Quando leda te vi cuidar de amores  
Quão bella te adornava a negra coma!  
Teu rosto, como a aurora quando assoma,  
Da rosa e lyrio tinha as varias côres.

Ao fagueiro porvir que amor dispende  
Abrindo o doce cofre da innocencia  
Teu seio descuidoso emfim se rende...

Mas ah! sentindo em breve da existencia  
Quebrado o fragil nó, que as almas prende,  
Fundiste na do ceu a terrea essencia!

Em lucto envolve a terra, ó quadra hybérna e triste !  
No prado, verde ha pouco, eis murcho o lyrio já ;  
Tu, rompe a custo, ó sol ! Quem prazenteira viste  
Não mais, ao vér-te a luz, contente sorrirá !

Dorme hoje solitaria em leito, onde a ventura  
Da juvenil idade em cinzas se desfaz ;  
Quem sabe se lnda allí, no pó da sepultura,  
Se encontra emfim do olvido a desejada paz ? .

Respeito ao somno eterno ! A sombra é seu imperio,  
Vedado ás ambições do mais ousado olhar ;  
É sempre a lucta van no campo do mysterio :  
Lá onde a vida finda, o genio irá findar ?

Silencio é tudo agora ! Apenas sobre a terra  
Se escuta o soluçar da allicta e triste mãe ;  
Arcanos d'um porvir a campá á caso encerra ?  
Que importa a coração que a magna em si contém !

Se a voz que solto a custo em carme de saúde  
Pudesse allivios dar a quem suspira assim !  
Só resta, no soffrer, memoria d'outra idade  
Que possa ás penas d'alma o termo achar emfim.

Mas nã ausencia de quem, cingida em brancas vestes,  
Transpóz ignoto mundo, em luz rasgando os veus ;  
Dão treguas pranto e dor : em regiões celestes  
Devera de habitar quem tanto amára os Ceus !

20 de Dezembro de 1862.

LUIZ CARLOS SIÑÕES FERREIRA.

## UMA PAGINA

(Continuação)

— Perdão, Alberto ; não calumnies assim o  
character augusto da mulher. Ella é o ente, que  
nos serve de amparo nas tribulações da vida, e  
nos faz sonhar a felicidade e a ventura ; é a  
estrella brilhante, que nos guia os passos n'este  
ermo melancholico ; é ametade da nossa alma,  
separada pela Providencia ao lançal-a na terra,  
para se insuflar n'este barro humilde, e que  
procura incessantemente completar-se e unir-  
se, para gozar na plenitude da sua substancia...  
As suas palavras sam sempre a fiel expressão  
do que lhes pulsa n'alma ; a constancia a vir-  
tude e o amor sam a sua bussula. Não a jul-  
gues por esse prisma embaciado pelo martyrio,  
e ciume.

— As tuas foram ás minhas crencas, sempre  
vivas e luminosas desde que me julguei amado  
por Ermelinda. Hoje, porém, deffino-a com o  
primeiro classico d'actualidade, e grande poeta

A. F. de Castilho, no seu inemita vel poema os  
Ciumes do Bardo — : escuta o genio inspirado.

Fé, bom velho, virtude, amor, constancia  
Fugiram d'este globo indigno d'elle ;  
Mulher pura e fiel não ha nem bouve ;  
Crês tu que a tua o seja ? Aos lares corre,  
Entra emprevisto, e la verás, se eu erro.  
Todos nós somos victimas incautas  
Todos ellas... verdugos. As mulheres  
Com flores o punhal disfarçam rindo.  
Credulidade em nós, astucia n'ellas  
Aó Pudor feminil alçaram templos.  
Em vão zeloso amante as fecharia  
Do mar no fundo, ou no amago da terra :  
Adultera la mesmo ardera a mente,  
E tão celeste a voz, o olhar tão puro,  
Tão meigo o riso, as lagrimas tão promptas !..  
Raça infame de vivoras dolosas !  
Podesse uma so nau contel-as todas,  
E o piloto fosse eu ; triumpho eterno !  
Livré era o mundo, e os seculos vingados.  
Desejos sempre vãos !.. reaes só dôres.

— Protesto contra a verdade d'esses versos ;  
sam o ideal do ciume ; e este parte-se no an-  
gulo da vida positiva, e não pode ter existenc-  
cia alguma ; deves crêr, que a experiencia é  
mais efficaz que os devaneios luxuosos d'essa  
imaginação garrida e lusatrá.. Crê na mulher,  
Alberto ; e desfaz esse denso ven, que cobre a  
tua razão desvairada, porque Ermelinda amou-  
te, e continua a amar-te...

— Oh ! não é possível !!! Ligou a victima ao  
seu carro de triumpho, e passou sorrindo. Achou  
de prompto, e havia já escolhido quem a conser-  
vasse depois no seo throno de rainha. Eduardo  
hade ser egualmente victima dos caprichos  
d'aquella mulher. Hade conhecer em breve que  
Sthendal crearia para ella o amor vaidade, se  
outras lhe não fizessem acreditar antes na sua  
existencia.

(Continua)

M. N. A. COUTINHO.

## Paraphrase d'outro de Camões

A' morte do meu amigo Maquell Vicente  
Fernandes

Amigo, que tão cedo, nos deixaste  
No carcere d'este mundo, saudosos,  
Gosa no ceo, dós dias venturosos,  
Que a gosar, 'nesta vida, não chégaste.

Se lá 'nesse logar onde voaste  
Memoria téns d'amigos extremosos,

Não t'esqueças dos socios lacrimosos,  
De quem, no extremo adeus, te separaste!

E se ainda, d'aqui, te merecermos,  
Que em tua alma s'encontre piedade  
A dor, que nos ficou de te perdermos,

Pede, amigo, ao Senhor da Eternidade,  
Que, na campa, dos prantos, que vertermos,  
Desabroche, depois, um saudade.

Coimbra 27 de Novembro de 1862.

SEVERINO D'AZEVEDO.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

### CONFRONTAÇÃO 4.<sup>a</sup>

*Camões* — Faz n'um sonho apparecer a D. Manuel os rios Indo e Ganges. Este diz a D. Manuel já ser tempo de mandar gente a descobrir o Oriente, d'oode hade receber grandes tributos. Acorda D. Manuel, convoca a conselho os grandes do Reino, dá-lhes parte da visão e alli elegem Vasco da Gama para o descobrimento e conquista da India.

*Lusiadas* — Canto 4.º Estancia 68 a 80

*Macedo* — Figura D. Manuel sonhando, ao qual apparece uma Matrona e o persuade a mandar á descoberta da India. Depois apparece-lhe um Serafim mandado por Deus a persuadi-lo da mesma cousa, e lhe promete bom exito. Acorda, chama os senhores a conselho, e alli Vasco da Gama se offerece para o descobrimento.

*Oriente* — Canto 1.º Est. 12 a 79.

— RESUMO —

*Nos Lusiadas* — Ao Rei D. Manuel apparece em sonho uma visão, que são dois rios, que o incitão á descoberta da India.

*No Oriente* — Ha duas visões em sonho a D. Manuel incitando-o tambem ambas á descoberta da India.

*Nos Lusiadas* — Ha depois o chamamento dos grandes a conselho e eleição do Gama para a empreza.

*No Oriente* — Ha tambem o chamamento dos senhores a conselho, offerecendo-se n'aquelle occasião Vasco da Gama para a empreza.

Uma mui pequena differença ha aqui, qual a de ser eleito Vasco da Gama para a empreza nos *Lusiadas*, e offerecer-se elle para o mesmo no *Oriente*.

### CONFRONTAÇÃO 5.<sup>a</sup>

*Camões* — Figura apparecer um velho na occasião do embarque dos portuguezes, que lhes reprehende a ousadia de transpôr o tumido elemento, a troco de que? da fama e gloria futuras.

*Lusiadas* — Canto 4.º Est. 94 a 104.

*Macedo* — Na occasião do mesmo embarque faz apparecer tambem um velho que lhe reprova a mesma ousadia, até se lhe prendêr a voz na garganta. A este segue-se depois um velho guerreiro que continua a reprovar tão arduo commettimento.

*Oriente* — Canto 2.º Est. 12 a 19.

— RESUMO —

*Nos Lusiadas* — Um velho apparece na praia, brada contra a tentativa.

*No Oriente* — Um velho apparece na praia e brada contra a partida, até que a falla se lhe prende. Segue-se-lhe depois um guerreiro velho no mesmo trabalho.

Ha aqui só a notar (que não achamos imitação) o intermetimento do 2.º velho, e a circumstancia de ao 1.º se prendêr a voz na garganta, da qual fallaremos adiante.

### CONFRONTAÇÃO 5.<sup>a</sup>

*Camões* — Ao chegarem os portuguezes ao Cabo Tormentorio, lhes apparece um gigante, que é o Adamastor, o qual os reprehende de quererem transpôr os limites vedados, e navegar aquelles mares até então desconhecidos. Prediz-lhes depois os trabalhos que soffreriam, e todos aquelles que os quizessem imitar. Desapparecido que o gigante foi, eleva o Gama a voz ao Côro dos anjos, e lhes pede alcancem de Deus se não realizem os vaticinios do gigante.

*Lusiadas* — Canto 5.º Est. 39 a 60.

*Macedo* — Chegando a frota ao mesmo cabo, lhe apparece um fantasma de tão desmedida estatura, que quasi tocava os ceus com a cabeça, tendo ainda os pés escondidos na agua. Este fantasma era a Idolatria, que exproba aos portuguezes a ousadia de navegar aquelles mares até então vedados, e lhes diz, que tendo elle na sua mão a espada da vingança, os castigaria de tal atrevimento se não voltassem para traz.

Tendo desapparecido o fantasma, o Gama óra a Deus e lhe pede os não desampare, pois trabalham por augmentar a sua Fé.

*Oriente* — Canto 7.º Est. 31 a 39.

(Continúa)

A. M. C.

## Tristeza

Quão rico d'encantos o tempo corria!  
Que triste o presente, quão pobre ficou!  
Só resta a saudade, qual vaga harmonia  
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

A. A. SOARES DE PASSOS.

Oh! para sempre adeus horas felizes, que eu gozei na primavera da minha existencia. Oh! para sempre adeus, dias ditosos, que eu vi nascer risonhos debaixo d'esses astros do ceu da infancia! Perdido é já tudo!.. Nuvens espessas enlutam os horisontes da felicidade, que então gozei!

Hoje não me resta mais que a lembrança do passado. Oh! quanto eu fui feliz!..

Nessas horas de mysterio, quando o sol se esconde no Oceano, e a rainha dos astros se mostra brilhante no alto do firmamento; nessas horas em que o pensamento voa na aza da phantasia, e o ceu, e a terra infundem tristeza, uma lagrima de saudade me rola das faces cavadas, um suspiro arrancado do amago do coração, saltado de meus labios, se perde no espaço... sem que aquella por quem eu choro m'o possa retribuir. Lembro-me de minha mãe, que a negra parca me roubou, deixando-me na orfandade...

Só... n'este mundo, onde o odio se gera, e as paixões se irritam!..

Choro o amor de mãe! O primeiro gozo da existencia!.. tudo perdi!..

O infortunio murchou as flores de meus dias de innocencia, as quaes, dispersas pelo sopro da morte, mirradas caíram sobre uma louza!..

Em vão no passado procuro uma esperança! O passado é já fludo, e o porvir? No porvir só vejo horisontes carregados, sem luz, nem ar!

Esperança! ultimo recurso dos desgraçados porque não vens em meu auxilio? Porque não vens verter uma gota do teu balsamo consolador, no meu pobre coração arroxeadado pelas magoas? Vem! vem ainda uma vez, meiga esperança, verter nas feridas da minha alma o teu balsamo divino. Esperança! Esperança! Mas o que pode esperar este cadaver galvanizado pelos restos d'uma vida enfesada!..

Oh! para sempre adeus, minha esperança; se ainda uma vez me vires, não me falles d'este mundo enganador, onde estou sorvendo a largos tragos as fezes do calix da vida; falla-me de Deus que é teu amor, do ceu que é a tua patria, e para lá então minha alma voará comtigo.

Evora 10 de Dezembro.

F. LIBANIO DE CACERES.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos um exemplar da oração funebre que o Corpo Escollastico Eborense mandou recitar por occasião das exequias, que o mesmo Corpo fez celebrar por alma do sr. D. Pedro 5, no dia 11 de Dezembro de 1861. Está muito bem escripta; sentimos, porém, que a modestia do auctor a deixasse anonyma. Agradecemos ao sr. Libanio de Caceres tão agradável offerta:

## Charada

Busca em mil.....	1	} 2
Busca em anno.....	1	
Busca em mil.....	1	
Busca em anno.....	1	

Entre flores  
Tenho amores.

A. NOBERTO

Rogamos ás Ill.<sup>mas</sup> Redacções com quem trocamos o obsequio de annunciarem o seguinte:

## HYMNOS E FLORES

## Periodico Litterario

## PREÇO

COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Semestre..	500 réis	Semestre..	560 réis
Anno.....	1\$000 réis	Anno.....	1\$100 réis

Brazil — anno — 1\$600 réis fortes

A quem assignar por um anno promette a redacção *gratis* um volume de romances e poezias, contendo pelo menos 100 paginas d'impressão. Será a edição muito nitida, e a parte litteraria muito escolhida.

Quem pretender assignar póde dirigir-se ao editor: — Alfredo Elysio Pinto d'Almeida, rua das Colchas, Coimbra.

## Expediente

A redacção dos «HYMNOS» roga a todos os Ill.<sup>mas</sup> Sn.<sup>ts</sup> que ainda não pagaram, que se dignem enviar o importe da sua assignatura ou em valles do correio ou em estampilhas o mais brevemente possível.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA



## SAUDADES

Dura necessidade quando engrossa

Como agua na ribeira

Quem não foge, podendo, vendo-a vir?

Quem ha porém que possa?

SÁ DE MIRANDA. *Psychis.*

Tenho saudades ! quem sabe

O que ter saudades é ? !

Quem conhece esta anciedade

Que não é a infelicidade

Nem o remanso da fé !

Quem vê cabir a pedaços

Uma esp'rança que se exvai,

E a cada passo perdida

Mais uma crença na vida

Que como a flor morre e cai !..

Quem já sentiu este vacuo

Que um desejo esp'rado em vão

Nos deixa n'alma prostrada,

Ao dezalento votada

Mais triste que a solidão !..

Póde então achar as notas

Que em prantos oiço gemer,

Prantos d'immensa harmonia,

Que da lyra a poesia

Não póde bem descrever !

Prantos de dor ! dor suave

A que faz bem o chorar !

Gotas tão dôces e amenas

Que se deslizam serenas

Sem doer ao perpassar !..

Saudade ! não és tormento

E gozo não és tambem !

És suave anciedade

Que não é a infelicidade

Mas que mil pennas contém.

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

Ha destinos infelizes que mais se exacerbam, quando, no atirarem-se ao seu termo fatal, encontram obstaculos, que apenas podem retardar-lhes uma hora a extrema queda.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

HYMNOS E FLORES 1.º VOL.—N.º 5.

## ANJO E MULHER

## Continuação do Capitulo 3.

Foi n'esta epocha, que ella inspirou uma paixão entusiasta a Jorge, que não era poeta, e não amava o ideal.

Depois, quando a mai de Angelina morreu, esta começou a definhar-se, como a flor a quem falta o sol.

A morbida tristeza da joven, o seu estado de fraquesa doentia e assustadora resolveram sua thia, por conselho dos medicos, a tiral-a de Braga, e ir-se estabelecer no campo. Angelina adquiriu com esta mudança bastantes melhoras, e mais alegria, se bem que ficava mais longe de Jorge, a quem amava desde os 15 annos, com o extremo de quem não conhece a inferioridade do objecto, a que dedicou seus cuidados.

Por esta epocha achava-se elle ausente para Coimbra, aonde tinha ido concluir o seu curso de direito. Na volta olhou para Angelina com indifferença; e, em vez de mostrar desejos de concluir o contracto material, cuidou quanto ponde em não fallar em tal; e mesmo raras vezes a ia visitar.

Notou Angelina tudo isto; e evitou da sua parte tambem lembrar-lhe coisa alguma, a não ser o seu amor.

Ha almas nobres que, tendo no seio a resignação, que dá vida aos desgraçados, occultam suas magoas e seus soffrimentos sôb a apparencia de uma pura felicidade, para enganarem aquelles que amam, e não encherem de remorsos quem lhe amargurou os dias da vida.

Angelina possuia uma alma assim e no seu cogitar intimo se consolava, com a esperanza nos ceus e os olhos da alma em Deus.

«— Quem sabe, dizia ella muitas vezes, se elle não fará sacrificio, cazando comigo; e se o fará só por cumprir uma promessa. Na verdade elle tem razão para me aborrecer; eu já não possuo nenhum dos encantos que d'antes o fascinavam. Vê-me sempre pallida, triste e doente, como as folhas do Outomno, que o vento arrasta. Ai! de mim! minha mocidade, minha belleza, minha alegria tiveram uma curta primavera, como ellas, e como ellas sumiram-se tambem ligeiras no pó da terra! Não será piedade, compaixão, antes do que amor ou sympathia, o sentimento que hoje lhe inspiro?—»

Em quanto estas coisas se passavam no espirito de Angelina outras bem diferentes iam no de sua irmã.

Não será mau dizermos duas palavras sobre ella.

15 DE JANEIRO DE 1863.

## Capitulo 4.

Não era a flor tenra que de mimosa se esrega; era a rosa feita, aberta e luxuriante que nasceu bella, cresceu forte, sente a vida e ama a luz.

R. DA SILVA. *Odio t'elho não canço.*

Izaura tinha na epocha em que damos começo á nossa historia 16 annos. Era de estatura regular e mais gorda do que magra; contudo tinha a cintura delicada e graciosa. Tinha um pizar particular e dava certos movimentos ao collo e á cintura, que lhe gratificaram o nome de pomba; e era effectivamente com esta ave que ella se podia comparar; e com um pavão, pela vaidade com que se olhava. Seus cabellos eram castanho lustroso, e cheios de reflexos ondeados; a tez um pouco morena, e brilhante de seiva vital; rosto perfeitamente oval, boca pequena e risonha e olhos negros e deslumbrantes de brilho!

Sempre alegre e feiticeira no gesto, sempre viva e travessa como uma criança, parecia creada para ser o opposto de sua irmã.

As vezes um brilho quasi selvagem passava como um deslumbramento do espirito em seus feiticeiros olhos. Era n'esses momentos que possuía uma fascinação irresistivel, como a de um mau genio!

Izaura era uma mulher para inspirar paixão a todos os homens e fazer enlouquecer muitos; mas fazer sentir, isso é que não. Também não era ella capaz de sentir um affecto qualquer que fosse; mas gostava havia algum tempo de Jorge, não por sympathia, nem por inclinação, mas por capricho e emulação: porque a tinha de sua irmã, e jurara furtar-lhe as atenções de Jorge, sem pensar, nem prever as consequências que a sua levandade podia ter.

Digamos em abono da verdade, que Izaura não era má; era simplesmente muito vaidosa de seus encantos; e, como incapaz de sentir, impossivel lhe seria comprehender o sentimento de sua irmã; aliás não lhe faria guerra.

Ha dois mezes já que Izaura se correspondia com Jorge, sem que o soubesse Angelina, apezar de ter suspeitas do procedimento de sua irmã. Porém era uma alma candida de mais para tentar uma explicação, que sabia ser difficil para si, e vergonhosa para ambas. Demais a mais queria estudar os sentimentos de Jorge; e depois, se visse que elles iam de accordo com os de sua irmã, fazer um sacrificio que estava sem duvida superior ás suas forças, mas que a elevava muito a seus proprios olhos. Era a renuncia de todos os seus direitos em favor d'elles.

Para isto necessitava de um esforço superior

a si mesmo, á sua razão e á sua vontade; o resultado devia de ser a morte; mas Angelina tinha a consciencia de que fazia uma boa acção, que lhe seria largamente compensada no reino dos justos.

Era esta crença, era a lembrança de sua mai, que ella tanto amava, que a sustentavam n'esta lucta com o seu proprio coração.

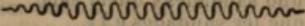
Uma unica coisa se apresentava por obstaculo ao seu espirito; e vinha a ser a lembrança de que Jorge não podia ser feliz com sua irmã.

Era esta a ideia que mais a turturava, porque não conhecia o caracter do mancebo, e o julgava um espirito igual ao seu!

Pobre anjo! essa illusão te despenhou!!.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



## CONSTANCIA

A te principium, tibi desinet.

VIRGILIO.

Eis-te longe! Na ausencia, que deploro  
Porque sinto d'amor saudoso enleio,  
Nem mesmo pensarás que sempre adoro  
O tempo que de ti feliz me veio.

Irás ao baile á noite. Lá, na dança,  
Pousando a mão de neve em mão d'estranho,  
Nem sequer me darás doce lembrança,  
Que pague d'este affecto ardor tamanho.

E depois, ao sorrir de cada aurora,  
Ou vendo ao longe o sol que já desmaia,  
Deslembrando o soffrer de quem te choia,  
Contente folgarás na lisa praia.

Rendidas te virão beijar as plantas  
As ondas com seus beijos d'alva espuma,  
Por vêr-te o meigo rosto e graças tantas  
Ha de a lua romper a densa bruma.

Eu, porém, no volver dos olhos tristes,  
So vejo que a distancia nos separa;  
E ás aguas digo então: «Porque fugistes,  
Levando-me d'amor a prenda cara?»

Se o Mondego me escuta as livres queixas  
Com suspiros responde aos ais que solto;  
Mas tu, que sem cuidado assim me deixas,  
Nem sabes que em tristeza fico involto!

Sentada em throno rico de vaidade,  
Terás adornos mil de falsa pompa;  
Eu, triste, no gémor d'esta saudade  
Receio que d'est'alma as fibras rompa.

Risonhos pensamentos d'outras eras  
Me vêm dourar da magna instantes duros;  
Feliz, se do passado que me deras  
Não surgissem porém tão maus futuros.

Ha longo tempo já que a vez primeira  
Te vi sorrindo á vida em ceu d'encantos;  
Descêras inda ha pouco a vir ligeira,  
Roupas d'anjo trocar por terreos mantos.

Minha lyra, embalada então na infancia,  
Aos sons da tua voz os sons apura,  
Soltando novos carmes de constancia  
A cada novo accento de ternura.

E em quanto, mariposa d'outras salas,  
Procuras pressurosa novas flores,  
Té longe do prestigio d'essas galas  
Hei de sempre cantar os teus louvores.

Pois se hoje não me é dado ouvir-te accentos  
Com que tanto de ti nos enamoras,  
Inda tenho a memoria de momentos  
Que podem compensar tão longas horas.

Setembro de 1862.

(Do Instituto) LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

## OS DOIS GABELLOS

(Conclusão.)

Estava hoje lendo o capitulo IX d'um romance papafina que ahí anda nos prelos, a *Providencia*, de Augusto Sarmiento, o poeta sentimental das *Sensitivas*, romance que os meus leitores terão mais tarde occasião de apreciar, quando deparei com algumas linhas que se as tivesse lido Antão, lido não, adivinhado, ter-se-ia poupado a grande desgosto e poupado outrem ás consequencias d'elle. Ellas ahí vão:

«O coração quasi sempre é uma cidadella que, se não se rende ao primeiro assalto, tambem não cede mui facilmente a longo cerco.»

Olhem que é uma verdade como de quem as conhece. É commun aos dois sexos. Aproveite-se d'ella quem estiver nas circumstancias.

Est'outra porém é especifica:

«De ordinario a mulher nunca afasta o thuribulo com que lhe incensam a vaidade, embora lhe não seja agradavel o perfume, senão quando nas aras d'esta divindade toda mundana ha quem deponha oblata de maior estimacão. Onde ha um Cain de quem se engeitam as offerendas, ha um Abel com quem a complacencia não tem lemites.»

O homem tem razão, e o exemplo tenho-l'ho

eu mostradô na Mariquinhas das gaiivotas, como lhe chama quem eu sei. Se não fôsse aquella maldicta affeição pelo seu Raposo, a menina Angelica era a primeira que dava a mão para beijar ao Carocha. E á mão o ia levando até se enfastiar de rir com elle. Eu gôsto muito de ver rir uma mulher de um homem, para compensar os milhares de vezes em que os homens se riam das mulheres.

Mas já dissemos que aquella affeição era coisa seria, e a Mariquinhas tambem era uma rapariga seria, apezar de rir muito. Entendam como podem, se quizerem. Nem eu sou de gastar tempo com gente leviana, conhecendo allás que é o campo mais vasto e productivo para quem escreve dos outros. Garota lhe chamei não sei onde, mas não quer dizer nada. Não viram a apologia do garoto em V. Hugo? Pois se eu fosse V. Hugo havia de fazer aqui a apologia da garota. E tanto mais, quanto a garota excede o garoto. Reservo isso para mais tarde, se antes me não tiver alguém lançado mão da ideia. O que digo ja é que de garotos, de andrajos ou casaca, não gôsto nada: por garotas dou o beijo. E' uma pecha como qualquer outra. E não a tenho unica. Accitem-me a confissão, que nunca a fiz em letra redonda mais sincera. Nem em manuscripto, valha a verdade. Isto de sinceridade é fructa muito fina para se dar assim a qualquer que nol-a peça. Ainda não ha muitos mezes que tive de calar-me com uma zurzidella soffrivel por ter tido a tolíce da sinceridade. Fico de alcatêa para outra vez. Cahi em ser sincero, mas sincero de veras. Conto de fazer cheitar a fumo o pobre misero que me ature tal sinceridade. Estendo o vivo numas grelhas de S. Lourenço, que lhe hão de deixar cicatrizes para toda a vida. Nada; attenções e delicadezas boas são para quem as entende. Os tolos chamam-nos tolos.

Aqui tem outra pecha minha: fallar do que não vale a pena. Heide pôr pimenta na lingua para ver se tenho emenda. É outra, o estar-me a entreter com o Antão. Conheço que é um tolo; mas, não sei o que é, ser tolo pelas mulheres não se toma como tolíce. Ellas gostam; e o de que ellas gostam é bom, parece-me. O certo é que Maria Angelica achou sua graça e bilhete que encontrou sobre a cadeira. Deu-lhe para muito alimento ao seu genio galhofeiro aquella bravata escripta a lapis: mais ainda do que tinha dado a declaracão anterior escripta a tinta.

Cão que ladra não morde. Sabia-o ella como o sabe toda a gente, excepto quem tenha sido mordido por cães que ladram. Não lhe deu, por tanto, cuidado o futuro.

No outro dia levantou-se mais cedo, tomou o seu banho descansadamente, e indicou a pessoa do Sr. Antão á curiosidade do Sr. Vicente.

O qual caminhou direito a quem estas letras

está escrevendo, e apontando mentalmente para o homem, disse-lhe assim:

— Conheces aquella figura?

— O da manta encarnada e verde?

— Sim.

— Conheço.

— Quem é?

— E' o sr. Antão Carocha.

— Estas-te divertindo.

— Não ha tal, fallo serio: Se queres que te apresente...

— Quero.

— Vem d'ahi.

Depois dos cumprimentos preliminares, depois da apresentação com todas as ridiculas formalidades da coisa, disse Vicente:

— Sr. Antão; preciso de fallar a sós com V. Sr.<sup>a</sup> Peço-lhe o obsequio de dar-me a sua morada, para lhe não dar o incommodo de procurar-me na minha.

— Na hospoderia da *Perola*, primeiro andar, quarto numero 50.

Ao meio dia estava Vicente na hospedaria. Ahi vae uma rima, que é um defeito em prosa; mas não estou agora para emendal-o. Antão ficou atarantado. Não conhecia aquelle homem, nem lhe tinha passado pela cabeça o que teria elle comsigo. Entretanto recebeu-o com quanta cortezia poudé, que não seria muita.

E o visitante começou por estas palavras:

— Sr. Antão Carocha...

— Perdão, interrompeu o visitado, tenho de advirtir a V. S.<sup>a</sup> que me offende chamando-me assim. Eu chamo-me Antão Alves de Andrade.

— Muito bem, sr. Antão Alves de Andrade, não me torna a esquecer; tem tres as no nome.

— Asno nome, senhor! Agora insulta-me.

— Mil perdões, cavalheiro. Isto é uma mnemonica de que uso. Não vale zangar. Socegue para fallarmos serio.

— Diga V. S.<sup>a</sup>

— Sei que o cavalheiro tem paixão d'alma por uma linda menina...

— E o cavalheiro que tem com a minha vida particular?

— Vamos mal se assim continua, sr. Antão. Sente-se, descance, socegue. Aliás não temos nada feito. Está de ma fé comigo, e faz-me injustiça. Para lhe provar que sou seu amigo é que vim aqui hoje. Attenda-me.

Antão estava num brazeiro. Tinha visto aquelle homem fallar com a Mariquinhas na praia, e tinha-lhe parecido suprehender um olhar de soslaio para elle em quanto fallavam. Tinha pois uma pedra no sapato, como se lá diz. Entretanto fez das tripas coração, e calou-se.

Vicente proseguiu:

— Ora eu, que tenho conhecimento particular com essa menina, venho offerrecer ao cavalheiro a minha intervenção para com ella. Aceita?

A proposta era tam fóra do que se esperava, que tambem deixou o homem fóra de si. Para ganhar tempo e terreno foi dizendo:

— Não entendo o que V. S.<sup>a</sup> quer dizer.

— E' simples, meu caro. Posso apresental-o áquella senhora, e teria muito prazer em lhe prestar esse pequeno serviço. E para prova da verdade, aqui lhe trago este papel que hontem esqueceu a V. S.<sup>a</sup> sobre uma cadeira d'uma casa onde V. S.<sup>a</sup> entrou sem licença. Entregolh'o porque o pode comprometter. E olhe que uma mulher nunca se ameaça. E' um pessimo systema, que não dá resultado nenhum.

O Carocha estava fulo. Levantou-se num impeto de raiva, lançou mão do papel, fel-o em pedaços, e bradou:

— O Senhor deve-me uma satisfação, e já.

Raposo deixou-se ficar sentado, e sorrindo com modo affavel, disse:

— Devo-lhe uma satisfação, eu? Porque? Valha-o nossa Senhora da Bonança!

— Porque? Porque está zombando da paixão mais seria da minha vida...

E ao dizer isto cahiu de chofre no sobrado, como o toiro dos sacrificios ferido da secure sacerdotal.

Correu a elle Vicente, mas já não poudé sustel-o. Quiz erguel-o, e tambem não poudé. Era hirto como um cadaver, com os olhos esgaseados mas baços. Pobre moço! Os temperamentos colerico — sanguineos são atreitos áquelles desastres, que tão depressa vêm como vão. Uma pouca d'agua fria na cabeça, ou quente nos pés faz logo effeito.

Quanto voltou a si, sentiu Antão que tinha uma boça mais desenvolvida na cabeça. E seriamente se espantou de tal phenomeno. Não podia explicar como tendo levado uma pancada para dentro, a cabeça tinha amolado para fóra. Já tem succedido a outros.

Vicente Raposo assistiu-lhe até o deixar com a cabeça enopada em agua de vegeto. E deu-lhe alguns conselhos. Entre elles, este:

— Não confie nunca o seu coração a uma mulher sem indagar primeiro se ella pode ou quer acceitar-lh'o. O menos que lhe custa é quebrar a cabeça, sem proveito. Adeus.

O Carocha foi melhorando de vagar, e d'ahi a oito dias recebeu dois bilhetes atados com um fio de seda verde dentro d'um sobrescrito. Um era da Mariquinhas, outro do seu feliz rival.

Espicaçado pelas duas serpentes do seu amor, veio para Coimbra, e deu-se a escrever compendios. Consta-me que não tem sido mais feliz. Coitado!

E por ser verdade, e este me ser pedido, o escrevi e assigno.

J. SIMÕES FERREIRA.

## Improvisado

Riamos, que o mundo, composto de risos !  
 Não deixa que um pranto se possa verter ;  
 Pois ha quem perturbe seus hymnos festivos,  
 Com prantos que o brilho lhe rouba ao prazer ?!

Que vida ! que mundo ! que inferno de magoasi !  
 Que lento marasmo no peito a subir !  
 Acaso se pode descer a este tumulo  
 Cõ o escarneo pungente nos labios a rir ?!...

Se soffro ? Não soffro ; que heroico remedio  
 A maguas atrozes he rir, sempre assim.  
 Se soffro ? Não soffro ; pois vês minhas lagrimas ?  
 Quem chora é que soffre, e eu rio sem fim.

Que vida ! que mundo ! haverá quem não goste  
 Do riso que assomos de gozo nos traz ?  
 Eu rio, contente, e prometto que o rizo  
 Nos labios já frios constante verás !!....

Um pranto ? isso nunca ! riamos no mundo,  
 Que é o unico gozo, que a vida nos dá.  
 Cõ a morte na alma, nos labios um riso,  
 Quem ha que saudoso do mundo não vá ?!

4 de Janeiro de 1862. SOUSA.

## O rei e o homem do povo

Publicaram ha pouco os jornaes politicos  
 uma carta do sr. A. Herculano. Foi uma novi-  
 dade. Ha muito que a penna do nosso historia-  
 dor emmudecera ; e se extranhava tão prolong-  
 ado silencio. Se bem nos parece, são estas as  
 primeiras linhas que escreve no nove reinado ;  
 e valem ellas amarga censura ao andamento  
 politico das cousas. Pondo de parte considera-  
 ções, que não pertencem á indole d'este jornal,  
 extractamos d'ella um facto que honra a me-  
 moria do rei *muito amado*, e que é referido com  
 a singeleza e sinceridade que caracterisam  
 quem o escreve. Diz a carta :

« El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem  
 consigo, procurou-me um dia para me pedir,  
 dizia elle, um favor. Era o de acceitar a com-  
 menda da Torre e Espada. Recusei ; e com a  
 sinceridade que elle sempre encontrou em mim,  
 expuz-lhe amplamente os motivos da minha  
 recusa. Aquelle grande espirito, complexo de  
 extrema doçura, de alta comprehensão, e de  
 profundo sentir, debateu, sem se irritar, as pon-  
 derações, talvez demasiado rudés, que lhe fiz.  
 Concluiu por me dizer que cada um de nós  
 podia proceder n'aquelle assumpto em harmo-

nia com as proprias convicções. Que elle cum-  
 pria o que reputava um dever de rei, e que fi-  
 zesse eu o que a consciencia me dictasse.

« Como os outros homenz, os reis, embora se  
 chamem D. Pedro V, estão sujeitos a aprecia-  
 rem mal as pessoas e as cousas. Nem eu valia  
 o que elle suppunha, nem a commenda valia  
 nada.

« O que valia muito, apezar do seu innocente  
 erro, era esse moço de vinte e quatro annos,  
 esse filho de D. João I, D. Duarte extraviado  
 no seculo XIX, vindo pedir como favor ao filho  
 do povo que lhe acceitasse uma mercê, porque  
 entendia que o dever a isso o obrigava.

« Se a Providencia reserva no segredo dos  
 seus decretos redempção e renovamento para  
 este paiz, será porque elle ainda soube achar  
 em si lagrimas caudaes e sinceras para verter  
 sobre o ataude d'aquelle martyr. »

Lição e exemplo nos fornece este facto, que é  
 rarissimo na historia dos povos e nos reinados  
 dos imperantes. O rei soube apreciar o merito,  
 e quiz para si a gloria da recompensa ; o grande  
 historiador sustentou firme a heroica abnega-  
 ção do popular. Ambos no seu posto se mostra-  
 ram dignos um do outro.

Corre-nos o mundo eivado de egoismo, fera-  
 cissimo de pretensões ineptas, alagado em ri-  
 duculos embustes, de modo que quasi extranha-  
 mos um pedido, que foi um dever ; um orgulho,  
 que é dignidade de character e consciencia de  
 si proprio !

Foi D. Pedro V um rei... mas um rei real e  
 verdadeiro. Não pautou por outros o seu rei-  
 nado, mas modelou-o para que servisse de  
 norma a todos. Foi ephemero na duração...

Ostendent terris hunc tantum fata, neque ultra  
 Esse sinent...

mas, benefico e probo, liberal e activo, deu-nos  
 em cada passo uma lição que aproveitar, um  
 incentivo que seguir ; e formou dos seus seis  
 annos de reinante a página mais esclarecida  
 nos fastos das monarchias.

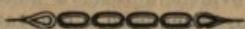
O sr. A. Herculano encauceou no serviço e no  
 lustre da patria ; defendeu-a, com o sangue das  
 veias, illustrou-a com os suores do estudo. E  
 soldado e poeta, historiador e politico, tem  
 sido, sobretudo, probo e honrado, d'aquelles  
 de quem nos disse o poeta conimbricense :

Homem d'um só parecer,  
 D'um só rosto, uma só fé,  
 D'antes quebrar que torcer ;  
 (Elle tudo pôde ser)  
 Mas de côrte homem não é.

São os dois illustração do seculo, e gloria da

nação. Honram e justificam o partido liberal, cujos canones sagrados são a norma de um, e foram a educação do outro. Recusa o homem do povo a distincção do rei; curvou-se o rei para receber a condecoração do povo! Memoravel contraste, que prova quanto vale a liberdade, a nobreza do seu systema, a elevação dos seus principios. Gloriava-se o rei de possuir o premio das suas fadigas, a recompensa dos seus serviços; sobeja ao subdito o nobre orgulho da isempção, rara na sociedade, na côrte rarissima! Oxalá que para povos e reis fructifique o exemplo, e a lição aproveite...

A. A. DA FONSECA PINTO.



### DEVANEIO

Que erradas contas faz a phantasia!

Cantões — Sonetos.

Quando eu contigo a sós, te vejo livre a trança  
Cahir nos hombros nús, que á neve roubam cõr,  
A mente se me perde em lubrica lembrança,  
Esvae-se a minha força em turbações d'amor.

Depois se já da face as rosas te descoram,  
E em meu convulso peito a fronte vens posar,  
Meu labio unindo ao teu, se lá mil gozos moram,  
Em taça de prazer me é dado então libar...

5 de Janeiro, 1863.

LUIZ CARLOS.



### AMOR E MARTYRIO

Imitação de D. Juan W. Munné

A. J. J. RODRIGUES DE MATTOS

Morte ti chama; al cominciar d'el giorro  
L'ultimo instante. Al indo onde te parte,  
Non'tornerai!

GIACOMO LEOPARDI.

I

Já havia decorrido bastante tempo, desde que o sol occultára a sua frente de ouro, nas esverdeadas aguas do vasto oceano.

O horizonte, que simelha a um toldo caprichosamente estendido por sobre a terra, começava de trocar as purpurinas cores, pelas tenues tintas do crepusculo.

O vulto grandioso da noute baixava rapido, a tomar posse do logar d'onde o astro formoso do dia o expulsára havia algumas horas; a lua, envolta em mysteriosos veus, despontava nos confins do firmamento.

Helena, a sympathica doente do palacio d'Ulé-  
ra, adormecera sentada no seu leito.

O semblante cadaverico inclinado para o peito, como a flor mimosa cuja aste o sopro do vento vergou, ostentava uma tez pallida e melancholica, aonde as tempestades da alma no seu transitio violento tinham gravado profundos vestigios.

Os cabellos, abundantes e negros, fluctnavam sobre os hombros da virgem, e á luz duvidosa do cabir do dia pareciam desenhos fantasticos de marmore preto n'um fundo d'alabastro.

O peito ondulava-lhe obrigado por uma respiração convulsa, como as ondas do mar s'encrespam ao sopro do noto forte.

A thysica consumia as forças d'Helena e a morte bradava-lhe ás portas do coração.

Aos pés da cama da doente estava sentado um joven.

Os circulos atroxeados, que lhe circumdavam os olhos, as sombras, que lhe annuviavam o rosto, demonstravam que esgotara até ás fezes o calix da amargura humana.

Com o ollar fixo no semblante immovel d'Helena, dedilhava nas cordas d'uma lyra accentos tristes e mellicosos, como o murmuro da brisa que esvoaça pela solitaria campina; eram os suspiros intimos d'uma alma enferma.

Um pouco mais distante, sentado n'uma poltrona estofada, destacava-se o vulto d'um homem de presença activa e sorriso frio, reflexo d'uma alma agitada mas forte.

Contemplava absorto as vastas amplidões do mar que lá ao longe desenrollava as suas bulicosas aguas.

— João?! disse a virgem despertando.

O joven estremeceu violentamente.

— Helena?!

— Porque não cantas?! continuou a donzella com uma voz fraca mas amorosa.

— Cantarei.

João preparou-se para entoar um cantico que compusera nos dias fugitivos de sua ventura. Sua voz, harmoniosa como o trino do rouxinol em tarde amena de primavera, ia em breve encher o espaço de suaves vibrações.

Helena estava immovel como a estatua d'um sarcophago; apenas, de quando em quando, se lhe traduzia na face a imagem d'um pensamento acerbo, que lhe occupava a mente.

O rosto de Sexto, o velho de que fallámos, tambem estava queto e sereno como o d'uma imagem das que decoram um templo gothico.

O mancebo começou assim. (1)

« Lua rainha da noute! Derrama o teu clarão virginal e suave pelos campos e valles esmaltados por lindas flores, que teus raios galvaniz-

(1) O cantico no original está tambem em prosa.

sam de prata; inunda com tua luz os precipícios das gigantescas rochas e lança-lhe um manto fantástico; beija as ondas do mar e falla-lhes d'amor!

És bella quando, arroupada de nublosas e diaphanas vestes, inclinas a fronte para escutar os amorosos juramentos de duas almas que se adoram ou os gemidos dos corações que os espinhos da saudade dilaceram.

És sublime quando ergues a pateada face no meio dos milhões d'astros diamantinos, que o Eterno suspendeu no espaço para servirem de corte á tua gloria.

Amo-te oh lua! porque me ensinaste a sentir as intimas commoções do amor; porque és a imagem do sentimento mysterioso e enches de prazer ineffavel a alma pura e immaculada.

Amo-te! porque desnudas o mundo da realidade grosseira e material, para o povoares de sombras fantasticas, e de arrebatadoras harmonias.

Amo-te mais que ao sol; porque se este ostenta uma titilante corda de rubro fogo, tu, singella e miaviosa, derramas o teu brilho suave nas horas silenciosas e perfumadas da noite.

Tu és o astro dos que soffrem, assim como o sol o é dos felizes.

Quando appareces na aerea região, vai o desgraçado, para quem feneceu a esperanza, regar com o pranto a campa da mulher que amou; e quando as lagrimas, que as dores intimas extraem da agonia do padecer, orvalham a lousa fria, tu escondes a face detraz do veu das nuvens e choras com o infeliz as illusões cahidas uma a uma da arvore do coração, como diz o poeta. (2)

Tu conheces os mais reconditos arcanos da alma que ou embriagam os prazeres ou as paixões despedaçam.

Acolhes as confissões de amor e não vais offerece-las á irrisão das turbas, atraíçoando a amizade, que te não crê perjura.

Escutas o respirar da selva nas horas em que o Senhor impoz á natureza o preceito do descanso.

Prestas ouvidos ás notas aérias e fugitivas que vibram os zephiros nocturnos.

Beijas o calix das flores, que, ao influxo de teus raios palpitanes, abrem o seio para arroubar a terra de doces perfumes.

Es o symbolo do idial e do sublime; quando illuminas o universo, a alma do poeta desprende-se do mundo e vai nas azas da phantasia prescrutar as regiões desconhecidas do infinito.

Lua! primor do Supremo Autor da criação, eu te saúdo, porque os raios da tua benefica luz bem depressa baterão na minha frente, quando

chegar a hora d'eu tambem prantear sobre os tumulos!»

O joven calou-se, e um suspiro prolongado escapou de seu peito.

Helena olhou para João; e duas grossas lagrimas, que lhe brotaram das suas opacas pupillas, foram a recompensa da canção do poeta.

Ao canto succedeu o silencio; a virgem cerrou as palpebras e como que adormeceu.

O mancebo chegou-se a ella, collou os labios na sua nivea mão, dando-lhe um osculo tão santo como o do filho na mãe que respeita e estremece, e sahiu do aposento.

Sexto seguiu-o vagarosamente e o silencio invadiu de novo o quarto da menina d'Uléra.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

## El Poeta y la Fortuna

«Ni me demandes consuelo  
ni esperes nada de mi.  
Poeta marchate al cielo  
que el mundo no es para ti.»

— Y siempre el mismo rigor!  
y aspereza igual te advierto!  
cual será, fortuna, el puerto  
que quiera acujer-me? — «Amor.

« Mas ese amor que te inspira  
el genio que te obedece,  
y no le fallarás! porque ese  
demandas-lo a tu lira.»

— Y cruzare sen ventura  
siempre el mundo? — « Hasta que muera»  
mas de dicha, se quisieras  
yo se una senda segura.»

— Vamos fortuna los dos  
y como se llama? — « Mira  
adular, vender tu lira »  
— Vé sola Fortuna a Dios.

LEON DE LA VEGA.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

— RESUMO —

Nos *Lusiadas* — Apparece um gigante que os intimida e promete vingarse de tal temeridade.

(2) Allusão a uma poesia d'Espronceda.

*No Oriente* — Aparece um fantasma que os intimida e promete vingar-se.

*Nos Lusíadas* — O Gama óra depois de desapparecido o gigante.

*No Oriente* — O Gama óra depois de desapparecido o fantasma.

*Era melhor copiar esta passagem, para se não dizer que a imitou do principio ao fim.*

#### CONFRONTAÇÃO 7.<sup>a</sup>

*Camões* — Faz que Neptuno mande, a pedido de Bacho, reunir todos os Deuses maritimos, aos quaes Bacho diz : que se admirava como ha tanto tempo permittiam que os portuguezes, com nunca visto atrevimento, sulcassem suas aguas : que esta affronta não era só feita a elles, porque por si tambem temia que se chegassem ao Oriente escurecessem a sua gloria com suas façanhas, que assim lhes pedia, e a Neptuno, remedio a estes males. Os Deuses cheios de ira mandam promptamente a Eolo, rei dos ventos, o qual logo os solta furiozos contra a Armada portugueza. Succede logo uma tremenda tempestade, que não poucos estragos faz nas náos, e vendo-se o Gama tão perseguido, óra, a qual oração intercepta Venus (que é nos Lusíadas a protectora dos portuguezes) e descendo dos Ceus com as suas nymphas socega os ventos com promessas amorosas.

*Lusíadas* — Canto 6.<sup>o</sup> Est. 6 a 91.

*Macedo* — Faz que satanaz reuna todos os Demonios, e lhes expõna perigos que o Inferno, com a descoberta da India soffreria, por que introduzidos alli os portuguezes, a queda da idolatria era infallivel. D'aqui sae acompanhado dos seus satellites, chega ao pé do Oceano, e vendo a Armada portugueza ir cortando mansamente as ondas, se enraiva aponto tal que promove uma temivel tempestade, que não poucos estragos fez nas naos. Vendo-se o Gama tão combatido, óra, e vem logo um anjo que tocando o mar socega os furacões e muda o vento fortissimo em zéphiro brando.

*Oriente* — Canto 3.<sup>o</sup> Est. 3 a 47.

#### — RESUMO —

*Nos Lusíadas* — Ha um concilio de Deuses no mar, aos quaes Bacho mostra as offensas que receberiam dos portuguezes se estes chegassem a descobrir a India.

*No Oriente* — Ha um concilio de Demonios aos quaes satanaz mostra os perigos que corriam com a descoberta da India pelos portuguezes.

*Nos Lusíadas* — Deste concilio resulta uma tempestade, ordenada por Neptuno que bastantes destroços faz na Armada.

*No Oriente* — Saindo Satanaz do tel concilio

promove uma tremenda tempestade que não poucos destroços faz nas naos.

*Nos Lusíadas* — O Gama, vendo-se tão perseguido, óra a Deus ; porém Venus intercepta esta oração, e vem em ajuda d'elle, socegando os ventos com promessas amorosas.

*No Oriente* — O Gama óra, vendo-se tão perseguido, e logo desce um anjo que socega a tempestade.

*Isto não precisa de commentarios. É mais uma imitação.*

#### CONFRONTAÇÃO 8.<sup>a</sup>

*Camões* — Descreve varias figuras que o Gama vê nos portões da cerca do rei de Calecut, e que representam a antiga historia da India, da Auria e da Grecia.

*Lusíadas* — Canto 7.<sup>o</sup> Est. 51 a 54.

*Macedo* — Descreve tambem varias figuras que o Gama vê nas portas do Palacio do Rei de Calecut, cujas figuras representam tambem acções da antiga historia da India e outras partes.

*Oriente* — Canto 9.<sup>o</sup> Est. 32 a 34.

*Isto é tal qual o mesmo ; ha as mesmas figuras que representam as mesmas acções, só com a unica differença de que Camões as descreve nos portões da cerca do Rei, e Macedo nas portas do Palacio do mesmo Rei.*

(Continúa) A. M. C.

#### BIBLIOGRAPHIA

Recebemos dous exemplares de um folheto satyrico cujo titulo é «A religião no seculo XIX» que muito agradecemos.

O seu preço é 60 reis, e acha-se á venda em Coimbra em casa do sr. José de Mesquita na rua das Covas e na Livraria Central ; em Lisboa na mesma Livraria Central, e no Porto em casa do sr. Luiz José d'Oliveira rua de Santo Antonio.

#### Charada

Apenas um — o — me junta,

Teras util animal..... 2

A ti bem perto me liga

Que tens util vegetal..... 2

Linda flor que te meneias

Nos jardins tãe donairosa !

Dá-me, dá-me que te beije

Tuas pet'las cõr de rosa l.

A. NOBERTO.



## VEM MEU ANJO

IMITAÇÃO DE D. JUAN MUNNÉ

Jadis, vois-tu, l'avenir, pur rayon  
Apparaissait à mon âme éblouie,  
Celle vision  
C'est évanouie.

VICTOR HUGO.

Em doces sonhos delirando amores,  
Rápida, breve foi minha existencia;  
Como d'inverno as solitarias flores  
O vento impulsa com feroz violencia.

Louco procuro com demente anhele  
Illusão bella que meu sonho viu.  
Anjo divino já não posso vel-o!  
Mágico encanto que p'ra mim sorriu!

Assim luctando com a negra sorte  
Vejo fanada minha linda flor.  
Sinto na alma já gelada morte,  
No pranto amargo d'uma intensa dor.

Mentida imagem d'illusão querida,  
Ceú de minh'alma quem te escurecen?  
Candido archanjo que me dêste a vida,  
Ai! volve, volve d'esse puro ceú.

Oh! volta e dá-me com amor alento,  
Vem que perdida minh'esp'rança jaz!  
Anjo não tardes, porque meu tormento  
C'um teu sorriso tu m'adoçarás.

Existo só por teu amor divino,  
Oh! minh'esp'rança se concentra em ti.  
Estrella pura, luz de meu destino,  
Oh! vem junctar-te para sempre aqui.

Adeus! não ouves minha dor sentida?  
Perdida a alma fina-se a chorar.  
A vida passo como flor pendida  
Entre essas ondas de agitado mar!

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 6

## ANJO E MULHER

### Capitulo 5

Teria 'naquelle instante  
Mór tortura o coração?

GARRETT. *O conde de Abranches.*

Leitora amiga, para não cançar tua paciencia, será melhor que lances comigo um veu sôbre os acontecimentos dos quatro primeiros mezes, que se seguiram a está scena. Demais são elles tristes e dolorosos para entreter o espirito alegre e esperançoso de quem me lê. Começámos este nosso romance em julho; iremos continual-o em novembro.

Depois d'aquella seductora tarde, tão triste para Angelina, nunca mais um raio de fugitiva alegria illuminou seu rosto; nem um sorriso de pallida felicidade descerrou os labios da virgem do martyrio!

Foi grande de mais o abalo para compleição tão delicada, e as provas muito duras para um espirito tão enfraquecido como o seu. Todas as dúvidas a que como tábuas de salvação, até alli se agarrava com phrenesi, cahiram a seus olhos, fazendo-lhe ver a horrorosa realidade! Era mais que certo que Jorge amava Izaura, e que esta lhe correspondia, ao menos com um capricho de instantes. E Angelina, a pobre assucena pendida, tinha-se tornado um objecto de odio para ambos, como o unico obstaculo á sua felicidade!

A pobre menina queria ainda duvidar; apagava-se com desespero a uma illusão que lhe sorria. Quiz tentar a última prova; uma experiencia terrivel que ia decidir da sua vida ou da sua morte. Para isso chamou a si todas as suas forças e exclamou:

«É preciso! sacrifique-me eu e mais ninguém!»

Pretextou uma dor de cabeça, em quanto Jorge conversava com sua irmã, e retirou-se da sala; e depois, tendo deixado decorrer alguns minutos, voltou a escutar á porta. Então foi testemunha d'uma scena que quasi a feriu de demencia.

Sua tia tinha-se tambem retirado, e Jorge, na sala só com Izaura, estava de joelhos a seus pés, e pedia-lhe, com as expressões mais vehementes que o amor pôde achar no coração, que consentisse em fugir com elle.

1 DE EEVEREIRO DE 1863

— Faço-te, dizia o joven, o sacrificio da minha honra e da minha salvação. Quem sabe se a mão descarnada de meu pae se não erguerá do tumulo para amaldiçoar nossa união?! Quem sabe se o seu brado me não perseguirá por toda a parte, fallando á minha consciencia involuntariamente criminosa, e me não deixará um instante de repouso?! E assim mesmo eu tudo esqueço por ti, desprezo os deveres mais sagrados que podem existir no mundo e ainda além d'elle, calco a opinião da sociedade e quero ser maldicto, repudiado, aborrecido e condemnado para sempre ao desprezo dos homens e de Deus, mas quero ser teu e de nenhuma outra, e quero conduzir-te ao altar e ahí jurar ante o ceu ou o inferno, que serei eternamente teu!!

Izaura ouviu-o impassivelmente, e no fim, sorrindo-se, respondeu-lhe:

— Projectos de louco, meu amigo! Não é porque eu tema a opinião dos homens, nem tão pouco a maldição de Deus, que não podia condemnar-nos por um acto que não está na nossa vontade; não é por nada d'isto, não! nem me julgues pueril ou supersticiosa, porque o não sou! mas, já que queres que te diga tudo, é porque ainda não estou bem certa do sentimento que me inspiras. Não te digo que isso não possa ser, nem mesmo que não venha a realisar-se mais cedo ou mais tarde, mas dá-me tempo para pensar: e, em vendo a loucura de minha irmã mais acalmada, então sim!

— Que te importa tua irmã? exclamou Jorge. Confesso que tambem me inspirou paixão; mas, somos nós culpados, se ella perdeu todos os encantos, que ainda podiam apaixonar o homem, que te não conhecesse?!

Angelina não poudo ouvir mais; apertando a fronte com ambas as mãos fugiu para o seu quarto, como se uma visão horrível a perseguisse. O que então se passou 'naquella alma só Deus o poderia avaliar. Prostrada no chão, rojando a frente com desespero, não soltava uma queixa, nem um gemido sequer! só de quando em quando murmurava por entre soluços estas horriveis palavras:

«— É preciso morrer, é preciso morrer!... Sou um obstaculo á sua felicidade, eu que julgava poder-lh'a dar! Estou feia, já me não póde ver! que desgraça, que desgraça, meu Deus! Pois môrra embora é seja elle feliz!

Oh Senhor! vós não me haveis de prolongar muito este martyrio, porque eu não sou má, e em nada o mereci! não é assim, meu Deus? Que crime commetti? O de o amar muito, quasi tanto como a vós? Porque me não tiraste então a vida, quando o conheci? Não posso ver a sua felicidade! isso não! não exijaes de mim este sacrificio que póde mais que a minha razão e a minha consciencia! Eu prometto concorrer com tudo o que possa para isto se concluir, mas só á hora da minha morte, para que possa morrer sem um sentimento de odio para minha irmã!»

A esta dolorosa anciedade seguiu-se um aniquilamento de forças, e Angelina perdeu os sentidos.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

## AMOR

L'amour n'a pas d'orgueil;  
il embrasse les pieds qui le  
foulent...

J. SANDEAU.

Eu já vivi; mas agora  
Morreu-me a alma de dor;  
Pois o fogo que a devora  
Matou-m'a — de abrazador.  
Vivia vida de fada,  
Formosa vida encantada,  
Que foi em fim desfolhada  
Quem dissera?... pelo amor!

Mulher! oh anjo! adorei-te!  
Meus cultos eram só teus!  
Em meu peito colloquei-te  
Sup'rior até a Deus!  
Eram teus os meus amores,  
Da minha alma as lindas flores,  
De mancebo os meus verdoros,  
Da ventura os sonhos meus!

Dei-te tudo; mas que importa  
Ir-te tudo aos pés lançar,  
Se essa tua alma está morta,  
Não responde ao meu amar?...  
Que vale do echo o gemido  
Para o monte resequido?...  
Que val do nauta o bramido  
Para o bramido do mar?...

Toda a crença do meu peito,  
Toda a esp'rança puz em ti!  
Porém tudo foi desfeito  
Sem que houvesse dó de mi!  
Que não pagues 'num instante  
A minha dor penetrante,  
Esse fogo chammejante  
Dos tormentos que soffri?

Se pudesse este meu brado  
Dar-te vida ao coração?...  
Vir trocar-me o negro fado  
Na doçura da afeição?...  
Mas não pôde; que és de gelo;  
Teu peito, formoso e bello,  
Bate sereno e singelo,  
Mas não sente uma paixão!

Oh! maldicto o que primeiro  
Acreditou na mulher;  
Que em seu olhar traçoiero  
Concentrou o seu viver!  
Julga-se feliz e amado,  
Mas por fim, desenganado,  
Inda crê ditoso fado  
Se pudesse só morrer!...

Se tu, ó virgem, no mundo  
Não amas a mais ninguém;  
Porque ao meu amor profundo  
Correspondes com desdem?...  
Porque não amas, donzella?...  
És acaso como a estrella,  
Que brilha, serena e bella,  
E não sente amor também!...

Após negra desventura  
Que me resta soffrer mais?...  
Vivo longe, oh! sorte dura!  
De teus dotes divinaes..  
Em meu longo soffrimento  
Póde só o pensamento  
Minorar o meu tormento,  
Lembrando-me os teus signaes.

Nas lindas margens do Ceira  
Vives contente e feliz;  
Tua imagem feiticeira  
Rouba á rosa o seu matiz;  
Eu nas margens do Mondego  
Vivo em triste dessocego,  
'Nesse engano duro e cego  
Que desgraças só prediz.

Sonho ás vezes negros sonhos,  
Que me apertam o coração;  
Vêm pensamentos medonhos  
Exaltar minha paixão;  
Do ciume ardente brasa  
As entranhas logo arrasa,  
Logo em fogo o peito abrasa  
Qual a chamma d'um vulcão.

Outras vezes, juncto ao rio,  
Pensativo me assentei;  
Ao ouvir-lhe o murmurio  
De saudades me finei;  
Mais feliz essa corrente  
Te mirou a linda frente,  
E assim corre docemente  
Mais suberba do que um rei.

Tenho inveja á fresca brisa,  
Doudejando pelo ar;  
Em tórno de mim deslisa,  
Vem minha face afagar;  
Esta brisa que eu invejo,  
Que em minha bôcca bafejo,  
Te sorveu talvez um beijo  
Nos teus labios de nacar.

Invejo o sol rutilante,  
Todo rico d'esplendor,  
Talvez fite o teu semblante,  
Tome d'elle o seu fulgor;  
Invejo além esse outeiro  
Que te mira prasenteiro,  
Quizera d'alli fronteiro  
Dar-te um suspiro d'amor.

Mas embora essa distancia  
Inda augmente por meu mal;  
Não vencerá a constancia  
D'este meu peito leal;  
Eu votei-te amor profundo;  
O meu norte 'neste mundo  
É amar-te, qual segundo  
Nunca amou, nem mesmo equal.

Linda virgem, formoso anjo,  
Da minha vida condão,  
Mais mimosa que um archanjo,  
Só do ceu emanação:  
Só por ti, que eternamente  
Reinarás em minha mente,  
Só por ti, por ti sómente  
Voto a vida e coração. A. A. F. P.

## OS DOIS OLHOS

Um dia d'estes pelo meio da tarde a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Josephina Faria de Cerqueira recebeu pelo correio a seguinte carta:

*Minha rica senhora*

Eu sou um tolo com pretensões a original. Não creio em amor e não gasto tempo inutil. Se v. ex.<sup>a</sup> se sente com desejos muito ardentes de ler escriptos meus, podêmos combinar duas ou tres cartas por semana mediante retribuição que valha a pena em hom sonante. Se lhe fizer conta a proposta, v. ex.<sup>a</sup> dirá até onde chega a sua generosidade, e eu verei se me convem pôr de parte outros quefazeres que me dão vida.

Com todas as considerações

De v. ex.<sup>a</sup>  
muito vener.<sup>or</sup> e cr.<sup>o</sup>

*Leonardo de Mesquitella e Castro.*

Ora D. Adelaide ficou transida. Amarrotoou nas mãos o papel, passou-lhe uma nuvem pelos olhos, e cabiu extenuada sobre uma cadeira. As duas por tres estava sem sentidos. Foi uma grande cousa em taes alturas. O desmaio é somno d'alma, e em quanto se dorme colhem-se forças. Nas mulheres sobre tudo o desmaio é uma grande arma e um grande recurso. A natureza, que deu garras ao tigre, dentes ao javali, pernas á corça, astucia á raposa, casca á tartaruga e veneno ás serpentes, deu o desmaio ás mulheres. Vale-lhes de tudo isso:

É uma these verdadeira, cuja demonstração deixo á experiencia dos leitores, mas sem applicação ao nosso caso, porque D. Adelaide estava sosinha. E sos comsigo ainda, ás vezes, as mulheres são sinceras.

No que aliás se parecem muito comnosco. Queixámo-nos todos, e, ou todos temos razão, ou nenhum a tem. Opino pela segunda. Quem tem telhados de vidro não atire aos do vizinho.

Uma hora depois estremeceu D. Adelaide. Passou a mão gelada pela testa, aspirou com força e abriu os olhos. Ficou pasmada de se ver no chão. Pouco e pouco veio vindo a

memoria, depois a intelligencia, depois a percepção, a final viu claro o que e porque da sua posição horisontal.

Tornou a ler a carta, e ainda sentiu um abalo estranho: leu-a mais duas vezes e riu-se d'ella. Admirou-se da originalidade, e sentiu-se ufana de ter merecido uma carta original. O auctor, se o estimava d'antes, mais o ficou estimando agora.

Pois que o estimava é certo.

Estava ella aqui ha tempo no theatro de D. Luiz, eram dez horas da noite, conversando bem descuidada com a mana mais nova que lhe ficava ao lado, quando entrou a sentir um incómodo desusado, que nem era dor nem tambem prazer. Era um desassocego indeterminado, uma sensação indistincta, de que ella queria e não queria ver-se livre.

Volveu olhos á plateia, por acaso, talvez. E tambem por acaso foram elles deparar com outros que de lá a estavam fitando com uma fixidade medonha.

Virou-se logo para dentro, e de modo, que a mana disse-lhe:

— Que tens tu?

— Nada: respondeu ella. Porque?

— Estás tão córada...

— Eu? Ora essa! Dizias tu que o Brandão te prometteu mandar vir a *Fôrça do Destino*, logo que chegue a Lisboa...

— Era isso, pouco mais ou menos. Mas para onde estás tu a olhar?

— Para a plateia; pois para onde queres tu que eu olhe?

— Mas para quem?

— Para ninguem, porque olho para todos; tens perguntas!... A mim disse-me elle...

— Elle, quem?

— O Brandão.

— Ah!

— Parece-me que tu é que estás distrahida?!

— Estou concentrada, que é differente. Diz lá.

— Disse-me o Brandão que o Verdi vem brevemente a Madrid só para ver desempenhar aquella sua última ópera.

— Já é. Conheces aquelle homem, que está num dos primeiros bancos, com um binoculo de marfim?

— Aonde?

— Alli, quasi no centro do theatro. Olhe, lá está o binoculo assestado para o nosso camarote.

— Não vejo.

Via, via. Eu jurava-o, se o juramento não fôsse um peccado tamanho. Mas D. Adelaide disse que não, lá teria seus motivos.

Notem o conhecimento d'arte com que eu digo — motivos, e não razões. Para mim é de fé que as mulheres determinam as suas acções, quasi sempre, por motivos, e quasi nunca por conhecimento de razões. Vejam no dictionario de synonymos a differença d'um termo a outro.

E vindo ao assumpto, posso affirmar que aquella noite marcou um periodo novo no viver de D. Adelaide.

Acabou o theatro, foi para casa, recolheu-se ao quarto e tentou adormecer. Não houve de que. Poz-se a scismar. E o resultado foi que no outro dia estava pallida. O mal e o bem á face vem.

Em compensação dormiu d'uma assentada a noite seguinte. Isto não será romantico, mas é verdade. A natureza tem necessidades imperiosas, e o dormir é uma d'ellas. Entretanto, quando acordou, a primeira lembrança que teve foi d'aquelles dous olhos que a fascinaram d'um modo incrível.

Mau é pensarem as mulheres 'numa cousa duas vezes, e peor ainda pensarem 'numa pessoa. A cousa querem-na: a pessoa... gostam d'ella, vá lá.

Passaram oito dias e mais de oito acontecimentos, que lhes não digo porque os podem adivinhar. A final D. Adelaide rompeu 'num excesso, que nem sei como o hei de dizer. Não me acreditam de certo. Practicou um attentado inaudito: escreveu uma carta.

Oh leis! Oh costumes! A que estado nós chegámos! E ella vive!!! Vive?... Apresenta-se em público, vae á missa, vae ao theatro! Ceus e terra se confundam e á confundam, sobre ella vomite o inferno as lavaredas todas!

Sim, minhas senhoras; quanto v. ex.<sup>as</sup> quizerem. E tanto mais, quanto a carta que escreveu foi a primeira e foi séria. O que nem todas fazem. Expoz 'num papel o que estava soffrendo de inquietação, dobrou esse papel sem tenção nenhuma, e mandou-o pelo correio a quem o tinha inspirado. É uma historia simples e innocente.

Nas vinte e quatro horas que demorou a reposta, arrependeu-se duzentas e quarenta vezes, na razão de dez por hora. Mas o ar-

rependimento não lhe valeu de nada, e a carta valeu-lhe a resposta que mostrei.

E depois...

Veremos.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA.

## NO ALBUM

DE

A. F. ALVARES DA COSTA TEIXEIRA E BRITO

DEDICADA À EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

### D. AMELIA JANNY

Se aljôfares te chove  
Na tez pallida e fina

A mão dura e moftina

Da desgraça, que o seio opprime e estreita,

Tens da poesia o dom que a dor remove

Que no peito infeliz balsamos deita,

'Nella procura allivio.

Quando em teu collo niveo

As tranças se desgrenham,

As finas tranças d'ebano tão escuro,

Que em cada ondulação a luz redobram;

E no liquido puro

Os olhos se te banham,

Pintando os ceus que sobre ti se dobram;

Quando alada a mente

Na doce inspiração

Ensina ao coração

Como no ceu se sente:

E vóá livre n'amplidão sem veus;

Então do mar das penas

Quão longe os escarceus

Se sotopõem ás aguas tão serenas!

Mas sei que ha 'nesta vida um arido deserto

Onde vamos firmando um passo vão e incerto,

Onde vem longe em longe um oasis, que se vae,

E, como o ar subtil, nos deixa e lá se esvae!

E sei tambem que o mundo é só dos desditosos,

Que estes annos crueis a todos são custosos;

Comtudo a fronte erguendo aos dias de mais luz,

Se 'nesta sombra densa um claro me reluz,

Descanso e folgo um pouco, e vejo 'num momento

Que vem dia melhor após o soffrimento.

27 de novembro de 1862.

SANTOS VALENTE.

## UMA PAGINA DE ROMANCE

Em quanto mil e mil no largo mundo  
Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,  
E julgo ouvir as preces por finados,  
E ver a tumba e o fumejar do incenso.

A. HERCULANO.

Quem ha ahí que não chore o mancebo,  
que na quadra mais bella e esperançosa da

vida, aos vinte annos, desce ao tumulo? Quem ha que se não magõe de vel-o, tocado pelo sópro da morte, definhar-se e myrrhar-se até volver-se cadaver? Quem ha que se não dôa, se vê desfazer-se-lhe a aureola de gloria, que no futuro o aguardava?!

Dizei a um homem qualquer. Um mancebo na flor da idade encetou a sua carreira nas sciencias, na milicia, nas artes, etc. Promettia muito. Era o prazer de seus paes, que se ufanavam de ter dado o ser a tal filho; era esperanza para a patria, que 'nelle aguardava um cidadão prestante; era um amigo para todos, porque todos conheciam as qualidades, que o ennobreciam — e esse mancebo morreu. Attentae bem que 'nelle descobrireis signaes de pesar.

É natural. O coração do homem, se o não perverteu a práctica do crime; se um cynismo requintado lhe não obliterou de todo o sentimento, o coração do homem, digo, não fica indifferente aos males dos semelhantes. Eu tambem chorei a morte de alguem, que vivia a vida dos vinte annos; chorei-a, porque, homem, ferem-me tambem os males dos outros; chorei-a, porque li as últimas palavras que escreveu, palavras repassadas de saudades do mundo, que ia deixar, dictadas pelo duvidar na immortalidade, tomadas em fim da unção da fé, porque mais proximo da morte, mais inclinado sobre o túmulo entreviu a eternidade, e 'nella Deus, e com elle os que na terra tinham já vivido a vida de transição. Assisti á lucta de ideias e sentimentos, que se lhe travára no espirito, quando conheceu que a morte lhe destendia o fio da vida, até em breve lh'o quebrar. O sentimento do infinito elevava-se-lhe até á immortalidade, guiava-lhe o espirito até Deus; a philosophia adulterada fallava-lhe só em terra... em pó. Aquelle, a quem me refiro, fructo primeiro e unico do amor, que tanto do coração uníra seus paes, era tambem o seu idolo. A infancia foi-lhe curada com desvelo. Sobravam para isso os meios; pedia-lhe o amor de pae e mãe.

Chegára a idade de lhe darem educação, e a carreira das letras foi-lhe desde logo destinada. Entrou e proseguiu 'nella com fructo; amou os livros, e um estudo aturado era a sua occupação quasi constante. Mereceu-lhe especial predilecção o estudo da philosophia racional. Metteu-se 'num mar de abstracções, e a fé, que em tenros annos lhe incutiram

seus paes, ainda verde, vacillou; a religião converteu-se-lhe em indifferentismo. Não que a verdadeira philosophia seja contrária á verdadeira religião, que em face d'aquella se ostenta esta em toda a sua verdade e pureza; mas por ventura que tinha bebido muito nos escriptos d'aquelles, para quem o homem não é mais que um pedaço de barro, que, tornado em cinza, o vento fará desaparecer para sempre. D'aqui vinha á lucta, que ás portas da eternidade se lhe travára no espirito. Não admira. A mentira veste muitas vezes as côres da verdade, e aquelle espirito não tinha o vigor bastante para extremar o verdadeiro do falso.

Adoeceu primeiro de ligeiros incommodos, que recrudesceram com o tempo até que cahiu 'num leito, que se requeitou pela febre; a febre estuou-lhe nas veias, e a vida expirou-lhe nos labios!...

Conheceu que lhe fugia, e 'neste estado sentiu necessidade de dar expansão ao que lá lhe ia por dentro. Com mão trémula e mal segura escreveu assim:

«Não me digam que lá fóra os dias são lindos e vivificadores!

«Não me digam que são lindas as noites! que a lua estirando seus raios prateados sobre as aguas, os reflecte docemente!... Não me digam que o rouxinol descanta aquelles hymnos de amor que tão suavemente nos acordam o sentir!

«Não me digam o que é ir procurar, no decahir d'uma tarde de estio, um logar ermo e elevado; de lá olhar para a terra, e ver desdobrar-se diante dos olhos uma esteira de verdura; estender a vista so longe, lá muito ao longe, e descobrir um largo horisonte!... logo, mais tarde, quando mais as sombras apertam a luz do dia, ver destacar-se na abobada azul do firmamento uma estrella, e logo outra, depois muitas, muitas, infinitas... e deixar revoar a alma por tudo aquillo... a alma?... Não sei.

«...Não me digam, não; não me digam nada d'isto, que é matarem-me mais cedo. Ás portas do tumulo não me encareçam as bellezas da terra, que é torturarem o pobre, que sente a lage fria da campa a descer sobre elle; que vê aberto um tumulo, que vac prival-o de suas mais caras affeições!... Estou na idade dos vinte annos, 'nesta idade, em que o homem poetisa tudo, em que não vê senão o

lado bom das cousas, 'nesta idade de illusões, sim, mas illusões, que nos fazem felizes: e comtudo sinto já um pé escorregar-me para a campa; vejo-me suspenso entre o tempo e a eternidade!...

«Oh! é triste morrer 'nesta idade! é mais triste ainda sentir que se morre, ver esvasiar-se a ampulheta, que nos mede os ultimos momentos de existencia, ouvir o bater compassado do relógio, que é como o ranger da lage tumular a descer sôbre nós... sentir... ver... apalpar a morte! E eu que tinha este coração cheio de esperanças! que antevia um futuro feliz! É horrível pensar 'nisto; é mais horrível ainda este duvidar ás portas do tumulo d'uma vida futura!

«Philosophia! philosophia! mataste-me as crencas; deste-me em troca das vigílias, que te dei, este duvidar pungente, que agora tanto me tortura o espirito, tão agro me pésa no coração!

«Se podesse crer que entre o tumulo ha dois mundos, o mundo transitorio, coberto de espinhos e urzes, e um mundo para que não houvesse medida de tempo, coberto de flores sem espinhos, a rescenderem o aroma da bemaventurança 'numa atmospherá a renovar-nos a vida constantemente; se podesse crer de fé firme na immortalidade, então a morte não me faria horror.

«Para os que crêem na immortalidade, para esses, deve a morte perder o que tem de acerbo; o horror do sepulchro para elles deve converter-se em luz de bonança... Mas a este desejo, a esta aspiração á immortalidade, não corresponderá alguma cousa de real? A avezinha tem o insecto, que lhe mata a fome, o grão de trigo, que o ceifador despreza, o regato nos prados para saciar a sede, o calor do sol, a sombra das arvores — para cada necessidade um meio de satisfação. A planta, se um sol abrazador a fez murchar, não se myrrhará de todo: algumas góttas de agua lhe farão adquirir o viço, o só rosciar da noite lhe dará vida. Os animaes todos encontram para cada necessidade uma satisfação.

«E não será assim para o homem? A esta necessidade da alma, que yae além do tempo, do espaço, a este sentimento do infinito, que não cabe na terra, a este vasio do coração, que não enchem poderes, riquezas, honras do mundo, corresponderá sómente o nada?... Não, não póde ser!... Sinto o espi-

rito, a alma a querer desprender-se-me do corpo, e solta d'elle subir... subir até perder-se no seio do Creador!...

«Por entre esta nuvem de morte, que se me acercou do leito, lá diviso ao longe, no extremo horisonte, um anjo, que me aponta a patria celeste... Por entre as portas do tumulo, que ahi estão abertas vejo a mansão dos justos, que vivem na paz do Senhor!... Bemdicto sejaes, Senhor, que me restituiste a fé.»

'Neste momento a penna cahiu-lhe das mãos; elevou os olhos ao ceu; balbuciou algumas palavras de oração: suspirou... morreu!...

ABEL P. DO VALLE.

## AO PÚBLICO\*

Quando o genio illustra a scena  
É bom que as palmas e bravos  
Se tornem do genio escravos,  
Que o triumpho é d'elle já;  
Se o talento a venda rasga,  
E se o mundo se revela,  
Conquista a gloria mais bella  
Que o proprio valor lhe dá.

Mas hoje na frente joven  
De quem, apenas na infancia,  
Aspira ainda a fragrancia  
D'essa idade toda amor,  
Não póde altivo talento  
Fulgar á luz do genio;  
Não póde sôbre o proscenio  
Notar-se eximio valor.

E porisso a gloria toda  
D'estes bravos, d'estas palmas,  
Só pertence ás nobres almas  
Que ao trabalho alento dão.  
O futuro embora traga  
Novas c'rôas, novos louros:  
De hoje temos mil thesouros  
D'uma eterna gratidão.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

\* Estes versos foram derramados na plateia do theatro de S. João, no Porto, em 4 de dezembro de 1862, por occasião do primeiro concérto do joven pianista Hernani da Fonseca Braga.

## PAGINA INTIMA

Vinte annos! mais um passo na escala do infortunio, mais um grão que da amputação do vivo cái na lage que tem de sumir o finado!! Vinte annos! serão o laço extremo d'uma cadeia de dores, e o olvorecer d'uma nova phase de dictas ignoradas, ou o preludio de mais fortes e encontrados embates no mar da vida, e a transição d'um triste desalento para as trevas impenetraveis do desespero?...

Vinte annos! e as flores da juventude, ainda no seu desabrochar para o sol da felicidade, que lá ao longe presentem nos confins do horizonte futuro, elanguecem pendidas, descoradas e murchas, privadas da seiva vitalicia, fanadas pelo sopro mortifero d'uma arida indiferença! Que é da esperança, esse orvalho celeste, que as reverdece e anima? que é da crença, esse suave calor da alma, que as irradia de brilhantes e puros raios? que é da vida, que é da felicidade emfim?! Nada, sempre nada! Lá jaz tudo sepultado nas ruinas d'um passado feliz, mas doloroso de recordar!...

Vinte annos! esta paragem brilhante e adornada da vida quasi sempre, é ás vezes um como sepulchro vasio de sensações, onde o espirito reclinado gosta de ir sondar as profundas trevas d'esse cahos que nos espera.

Agora, rasgado o veu diaphano das illusões, despidas as vestes d'uma mocidade ficticia e irrisoria, resta cobrir com as mãos os olhos, e resvalar com vertiginosa rapidez pelo despenhadeiro da incerteza, até ao abysmo tormentoso do desengano!

Vinte annos! e os olhos recuam do futuro para seguir a alma, que se volta para o passado, saudando-o no seu extremo adeus!

«Haverá paz no tumulo?» triste e sublime pensamento é este, que saiu da penna mais illustre do nosso Portugal, e que de continuo assalta o espirito, ferido do desalento da vida, reclinado sobre as campas e pedindo aos vermes o segredo d'aquelle silencio e os mysterios d'esse mundo desconhecido, para onde todos caminhâmos.

Não ha lagrimas que reverdeçam as cinzas calcinantes do edificio, que o *simoun* da alma abalou e desfez! Em quanto nos labios não expirar o derradeiro sópro da vida, en-

tre aquellas ruinas ha de palpitar a dor incisiviva d'uma recordação afogada em espinhos.

Ha vinte annos, pela primeira vez viu a luz a criança, e soltou um vagido doloroso e triste, que devia de ser o prologo d'uma longa carreira de heroicos infortunios!...

Vieram os afagos, vieram os carinhos e vieram os cantos que a embalarão no berço; mas veio tambem o anjo das lagrimas sellar-lhe na fronte o lemma d'uma fatalidade precoce e irremediavel.

Era o destino; quem podia fugir-lhe?... Flores, aromas, cantares alegres e suave luz do ceu, tudo contribue para lhe desmentir essa existencia de prantos, vaticinada no berço! é em balde que a mesma natureza lhe apresenta uma feiticieira illusão!... a convicção da desgraça lá lhe está gravada na consciencia!...

Venha mais um anno; e, quem sabe? talvez que as flores da primavera brotem da campã, que encerra vinte annos de calados soffrimentos.....

Janeiro 1 de 1863.

SOUSA.

## A L.

Era noite! e mil astros dourados  
Se estendiam no manto do ceu.  
Em meu seio pendeste a fronte,  
E ao meu labio collastes o teu.

Nova aurora surgia na mente,  
E a meu seio te uni com ardor.  
'Nesse instante jurára perder-me,  
Taes assombros sentia d'amor!

Vem a par do prazer a amargura;  
Que depois te esqueceste de mim!  
Ai! então doce amor me juraste,  
E esse amor breve teve seu fim...

ALFREDO ELYSIO PINTO DE ALMEIDA.

## Charada

Topei hoje um meu amigo      2  
Meia mula alli lhe dou  
E logo c'um barco fico!      2  
Linda flor dos prados sou.

A. NOBERTO.



## LAGRIMAS DO PROSCRIPTO

como ao pé do seu penar  
todo o penar é mesquinho.

THOMAZ RIBEIRO. D. Jayme.

Oh! terra da minha infancia,  
Única terra que amei,  
Posso saudar-te em distancia,  
Que, ai! de mim, não te verei!  
Zephyros brandos, perdidos,  
Levai meus tristes gemidos;  
Aos entes que lá deixei!

Dizei-lhe que soffro magoas  
Que um escaraoe são aqui;  
Que ninguém suspeita as fragoas  
Que ao deixal-os eu senti;  
Que não tenho um peito amigo,  
Onde possa achar abrigo  
Contra a dor que combati.

Os astros que aqui reluzem  
Não são do meu Portugal;  
Com que fogo lá traduzem  
Nosso sentir tão leal!  
A lua da minha terra  
Quantas bellezas encerra  
Em seu fulgir ideial!!

Esse rio que além vejo  
Não tem o doce embalar  
Das puras aguas do Tejo,  
Onde tanto fui brincar.  
Não tem seus doces queixumes  
Nem reflexos de mil lumens,  
Que lá se vão espelhar!

Oh! astro ardente e sem brilho  
Ail não és o mesmo soll.  
Lá douras o tomilho  
Com rosea cor d'arrehol,  
Aqui reflectes na areia  
Em chispas de que se ateia,  
Mais d'um ardente pharol!

O rouxinol das ameias  
Não nos falla aqui d'amor;  
Perdido lá nas aldeias  
Da minha patria ao calor,  
Respira sempre o aroma  
Que exhala a copada coma  
Das larangeiras em flor!

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 7

A suave primavera,  
Mimosa fada d'abril  
Sempre lá me apparecefa  
Cheia d'encantos, gentil:  
De galas cingia os montes,  
Coroando suas fronteas  
De flores a mil e mil.

Aqui, nunca a natureza  
Póde mudar de feição.  
Sempre, sempre a mesma asp'reza,  
Sempre uma ardente estação,  
Sempre um deserto sem flores,  
Sempre os bosques sem cantores,  
Sempre a mesma solidão!

Solidão! ail se soubessem  
Quanto custa assim viver?!  
Se uma familia tivessem  
Que não mais pudessem ver?!  
Se assim fóssem arrojados,  
De seu seio separados,  
Para nunca mais volver?!  
Se já sentiram no peito  
Doer de saudade atroz,  
Que ao amor outr'ora affeito  
Se visse por fim a sós...  
E da familia o gemido,  
Ver triste, repercutido  
Morrer-nos 'nalma sem voz!

Curvem-se então ao martyrio  
Que soffro sob este ceu  
As imagens que o delyrio  
Em tella fiel me deu.  
Da minha terra a lembrança  
Retrata com similhaça  
Tudo... tudo... o que perdeul

Adeus patria minha qu'rida,  
Não renegues quem te amou.  
Que por ti daria a vida  
Quem assim te idolatrou.  
Que tudo, tudo faria,  
Por voltar ainda um dia  
Ao seio que m'embalou.

Se esta cruz é minha sorte,  
Eu devo leval-a só.  
Venha o sudario da morte  
Envolver-me em frio pó!  
Espero a campa, cansado  
De viver, que o desgraçado  
Deixa este mundo sem d'ol!

Nem terei 'nessa hora extrema  
Um mensageiro de Deus,  
Que venha, dita suprema!  
Ouvir meu último adeus,  
E leval-o 'num gemido  
A sposa e filho querido  
Se eu for esp'ral-os nos ceus!!

Lodeiro, 29 de outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

15 DE FEVEREIRO DE 1863

## ANJO E MULHER

## Capitulo 6

Os soccorros são baldados  
Quando morre o coração.

GARRETT. *O Massinga.*

Quando voltou a si, despertou ainda com estas palavras nos labios:

«É preciso morrer, e quando ainda mal conhecia a vida! Mas no ceu tambem se vive, e eu hei de ser feliz nos braços de minha mãe!»

Dizendo isto, olhou-se num espelho; e, vendo a horrorosa pallidez que lhe cobria as faces, murmurou no amago de sua consciencia:

«Tem razão Jorge; que eu sou uma flor murcha, inclinada para o tumulo, em quanto que minha irmã se ergue viçosa, dourada pelo sol da vida e do amor! que este a faça feliz!»

Tendo acabado de proferir estas palavras, aspirou um frasco de vinagre aromatico, molhou com elle as fontes da cabeça e saiu.

Quando entrou na sala, sua tia correu para ella, pensando que iria cair; mas Angelina socegou-a com um sorriso, e dizendo-lhe ao mesmo tempo que já estava melhor.

Agora que passaram quatro mezes sobre estes tristes acontecimentos, leitores, vindes pedir noticias de Angelina ao romance, ou a quem tem a honra de vos entreter com estas frivolidades?!

— Izaura, tua irmã deseja fallar-te; vae, minha filha, vae, não a faças esperar, que poucos instantes terá ella para viver.

— Então, minha tia, Angelina está peor?

— Supponho que sim, e muito, porque pela primeira vez me disse que estava doente!

— E de que se queixa? exclamou a joven com certo mau humor. Nada me custa tanto como ver soffrer sem saber de que, nem o que se lhe ha de fazer. Ella não quer medico...

— Porque sabe que a sua doença é incuravel, disse-m'o ha um instante, com aquelle ar propheticico que nunca nos engana. Tu bem sabes o que aconteceu já pela morte de tua mãe.

— Pois sim, sim, minha tia, isso são visões. Mas eu vou vel-a, e hei de obrigar-a a

aceitar um medico; isto não póde ser assim; que dirão de nós?!

— Digam o que disserem, minha filha, primeiro que tudo quero evitar-lhe o menor desgosto; visto não querer medico, não o terá.

Izaura, sem dar ouvidos a sua tia saiu precipitadamente da sala, e correu para o quarto de sua irmã, a qual achou encostada nos travesseiros da sua cama, e antes risonha do que triste.

— Já vens? interrogou Angelina, levantando a cabeça ao ruido que Izaura fazia entrando.

— Aqui me tens, minha irmã, e bem sabes que não era preciso mandares-me chamar para eu vir saber da tua saude; parece-me que nunca faltei...

— Nunca, isso é verdade; tambem eu quero ser reconhecida; olha que te amo muito, muito, minha irmã, disse Angelina tomando a joven para si, e abraçando-a com ternura.

Uma subita vermelhição tingiu as faces d'Izaura, que olhou mais fixamente para sua irmã, notando-lhe no rosto os destroços da doença.

— Então, minha filha, continuou Angelina, não tens uma palavra para tua irmã? não lhe dizes que a amas tambem?

A esta inesperada interrogação, Izaura ficou enleada, sem poder articular palavra. Era difficil a situação para ambas; Angelina podia abusar d'aquelle instante de fraqueza de sua irmã, para a obrigar a uma confissão; mas ella queria empregar meios mais brandos; e, sem parecer notar aquelle enleio, disse-lhe, tomando-lhe as mãos, e dando á sua voz as inflexões mais ternas:

— Izaura, eu tenho aquella terrivel febre, que consumiu e levou ao tumulo nossa mãe, e que em breve me levará tambem a mim. Já sabia que havia de morrer assim, mas tão cedo não pensava! emfim Deus o quer, e é a sua e não a nossa vontade, que se deve de cumprir.

Angelina fez uma pequena pausa, durante a qual Izaura exclamou:

— Mas porque te obstinas em não querer um medico? elle póde-te ainda salvar.

— Illusões, minha filha, murmurou tristemente a joven. Que bem fizeram os medicos a tua mãe? livraram-n'a da morte? alliviarão-lhe ao menos os soffrimentos? Não! nada

d'isto fizeram; e a mim succederia ainda peor. Acredita, minha irmã, ha doenças de que só o poder de Deus nos salva; e a minha está 'nesse caso. Mas, para que me entretenho com estas cousas, quando te mandei chamar para negocios mais importantes?!

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

## AMISADE

(A Rosa)

Amitié, pure flamme!

P. DE FLAUGERGUES.

A amisade, que os peitos nos une,  
Jámais ha de no mundo murchar;  
Sentimento divino não morre,  
Não nos ha de a amisade acabar.

Póde o mundo, que é grande, que é forte,  
Em seus eixos tremendo ranger;  
Mas o fogo, que a alma alimenta,  
Só comnosco ha de vir a morrer.

Os momentos, que passo a teu lado,  
Dão-me encantos, dão vida e frescor;  
Teus carinhos abriram meu peito  
As moções da amisade e do amor.

Minha Rosa, meus votos no mundo  
São por ti, por ti só, e mais não;  
Conhecer só tu podes, amiga,  
Os segredos do peito quaes são.

A. A. F. P.

## TRADUÇÃO DE CATULLO

### À MORTE DO IRMÃO

Oh! meu saudoso irmão! Tenho corrido  
Mil diversas nações, e venho agora  
Dar-te o último dom, devido aos mortos,  
E um vão adeus dizer ás cinzas mudas!  
Porque morto és emfim! Cruel destino!  
Que fiz para perder-te?... Agora resta  
De nossos paes cumprir antigo rito  
Em tua campa deponho, irmão, a offerta,  
Funebre offerta em lagrimas banhada;  
Recebe-a tu, e adeus... adeus p'ra sempre!

A. L. SANCTOS VALENTE.

## OS DOIS OLHOS

(Continuação)

Recebida e lida a carta, D. Adelaide já dissemos como cahira e se levantára. E mais dissemos que muito mais ficára estimando o tolo original, como por modestia se appellidava o signatário d'ella. Tinha a consciencia de que era a unica mulher que tinha recebido uma carta assim. Isto lisongeava-a, e ás mulheres tomam-se infinito da lisonja. Ainda mais do que os homens.

Mais não digo; mas tanto, de certo. O que é muitissimo.

Quando um dia se inventar, que ha de inventar, creiam no progresso, um lisongeometro, poder-se-ha então determinar com segurança qual dos sexos sobreleva o outro 'neste particular. Em muitas cousas está sabido que os homens são muito superiores.

Em ridiculo, por exemplo.

Não produzo provas, porque eram capazes de dizerem que estou a talhar carapuças para cabeças alheias, quando eu, a maior parte das vezes, se alguma talho, pela minha a meço e talho.

Pela minha cabeça: de carapuça não uso, salvo de alguma com que me obsequieiam os meus amigos. D'essas sirvo-me; mas por pouco tempo. Têm sido todas de tão má fazenda, que de per si mesmas se estragam e inutilizam 'num instante.

Palavra puxa palavra, e aqui estamos nós a gastar tempo, e tinta, e papel, e penna, e paciencia, com uma frioleira que não presta para nada.

Voltemos á D. Adelaide.

Anda ahí uma eschola de reformadores, que fazem guerra de morte aos acentos. Imaginem que este escriptosinho ia cahir ás mãos d'um dos taes, e que tirava o acento ao *a* que precede D. Adelaide. Ora vejam o que ficava. Nada menos do que a pobre menina de pernas p'r'o ar. Havia de ser lindo. E decente, pois não. Sempre ha reformadores!... Outra cousa. Por um erro typographico o *a* desaparecia. Então é que nem a salvava a amphibologia. A cambalhota era certa. Sempre as mulheres estão sujeitas a cousas!...

Aquella carta exigia uma resposta, e não era D. Adelaide quem deixaria de a dar. O modo como, é que tinha suas dificuldades.

Pensou dois minutos, tornou a pensar, e escreveu:

III.<sup>mo</sup> Sr.

Não sou rica, mas não sou pobre. Os seus escriptos muito os desejo. Diga-me quanto valem dois por semana, incluindo já esta carta imaginosa que me mandou. Eu de mim é que não sei preço que pague o quanto a estimo. Mas não se tracta do quanto valem para mim, senão do em quanto v. s.<sup>a</sup> as avalia. Diga-o, que satisfação logo.

De v. s.<sup>a</sup>, etc.

Fechou a carta, e, ao escrever-lhe o sobrescripto, parou.

Parece que tornou a si do sonho magnetico que lhe dirigira a cabeça e o braço.

Passou a mão pela testa, e perguntou a si mesma:

— Que escrevi eu aqui?

E demorando a reflectir, não atinou. Abriu de novo a carta e leu.

— Estou doida! — disse consigo. Isto é lá cousa que se escreva a um homem, cousa que eu possa escrever a um homem tal?!

E para aproveitar este pensamento razoavel, que receiava perder outra vez, pegou na carta e lançou-a ao fogo.

Quero dizer que devia lançar se tivesse fogão. Causa que em Coimbra é perfeitamente inútil. Inútil não é o termo: deve ser, superfluo, ou, escusado. Parece que não, mas inda é custoso arranjár epithetos apropriados ás cousas.

Escusado é de certo um fogão em Coimbra. Quem vive 'nesta terra, sem ter nunca vivido 'noutra, não sabe o bem que gosa. Cuida que tudo assim é. Pois engana-se. Portugal tem um clima fagueiro: Coimbra tem-no fagueirissimo. A differença é de positivo para superlativo.

Pois faz-me falta agora um fogão. Aquella carta queimada 'num fogão ficava romantico, francezmente romantico. A verdade, se eu a disser, não lhe acham graça. D. Adelaide queimou a carta na luz do candieiro. Que cousa!

Mas sempre ficou sem ella, e era necessario escrever outra.

E se não escrevesse? Se não dêsse resposta?

Tambem lhe passou pela ideia. Mas não podia ser. Um homem fal-o-hia, uma mulher não; uma mulher amante muito menos. Um

homem fazia-o por despeito: uma mulher que ama não tem despeitos. Se os tem, não ama. Sirva isto de norma a quem precisar. A mulher quando chega a amar verdadeiramente, identifica-se de tal modo com quem ama, que se considera um todo unico, cujas partes não se escandalisam uma da outra. Ha hoje mais de dez annos que aprendi isto na *Corinna*, e desde então inda não encontrei um exemplo em contrario. Pois tenho estudado. O que é raro, excessivamente raro, é o amor verdadeiro. Ha milhares de sentimentos na alma que á primeira vista se parecem com elle, e que o não são. E nós não os differenciamos. Illudimo-nos tanta vez! Ou seja de outrem para nós, ou de nós para outrem. O conceito de que se ama só uma vez na vida, tenho para mim que é exacto. Assim nós sejamos tão felizes, que cheguemos devéras a amar e ser amados. Dá-se pouco. A organização social tem grande parte da culpa. E entretanto vive-se. Por onde se prova que o amor não é essencial á existencia. Deixem fallar poetas e romancistas. Ha muita gente, a maior parte, que vive e morre sem o conhecer nunca.

D. Adelaide inda tentou não responder. Esperou vinte e quatro horas, esperou quarenta e oito, e entrou o terceiro dia. Era Domingo. Depois da missa da Universidade, vinha ella a sahir a porta ferrea, quando depara de repente com o seu demonio tentador a vir da rua do Norte. Parou elle um instante para a deixar passar, e depois indireitou pela de *Entre Collegios*.

Mas esse instante foi terrivel. Aquelles olhos de fogo fulminaram-na.

A pobre menina foi até ao Jardim, ao Penedo da Saudade, deu volta pelas Theresinhas, mas tão a contra-gosto, tão só para satisfazer, que ninguem da companhia deixou de notar-lh'o.

Que conceito estaria aquelle homem fazendo d'ella? Aquelle homem a quem tinha escripto uma carta do fundo d'alma, e que lhe respondera uma extravagancia tamanha?

E aquelle homem seria realmente um monstro, ou aquella carta seria uma sonda? Que exprimiria aquelle olhar? Estaria elle zangado da falta de resposta? E que resposta devia ella dar?

'Nisto foi cogitando todo o caminho, 'nisto cogitando entrou em casa.

Recolheu-se ao quarto e fechou a porta. Sentia-se acobrunhada de tristeza immensa. Sentou-se como estava numa cadeira, sem força ter de tirar ao menos o chapéu.

Acertou de ficar por acaso virada para a janella. Estava um dia lindissimo. Lá fóra não bulia uma aragem. A natureza estava socegada e alegre, em pleno góso de si mesma.

E D. Adelaide viu isso de relance, e deu-lhe vontade de chorar.

— Porque não havia eu de ser uma ave, ou uma planta? Ellas gosam e eu soffro! Meu Deus, pois isto é assim?!

E saltaram-lhe dos olhos as primeiras lagrimas. Lagrimas que significam o primeiro desengano na mais suave illusão d'uma menina. Feliz a idade em que se choram! E mal haja o homem que lh'as faz verter, que não sabe os thesouros de ventura que alli se perdem!

Nem a responsabilidade enorme que d'ahi lhe vem! Ha vidas inteiras de sofrimento que não têm outra origem. Uma desillusão dura, em alma virgem, abre ferida que tarde fecha. E cicatrizar, nunca. Ou a cicatriz significa morte d'alma, a suprema desgraça.

Duas consolações ha no mundo para as grandes dores: a oração e as lagrimas. D. Adelaide depois de chorar ficou melhor.

Ergueu-se d'onde estava, enchugou os olhos, e foi tirar o chapéu. Tirou tambem a capa, tirou as luvas, e assim desembaraçada foi sentar-se á janella.

A janalla, como tantas outras d'esta terra, abria para um horisonte extenso, variado e bello. Ao longe serras; aos pés o rio; nas margens veigas. E na serras a alvejar a neve, e no rio a vogarem barcos, e nas veigas a voarem aves.

Mas o encanto não lh'o conhecia ella. Com os olhos fixos num ponto desconhecido, assistia ao que a cercava com o espasmo do somnambulo, a quem as impressões não repercutem 'nalma. De quando em quando estremecia, suspirava, e no lenço embebia uma lagrima esquecida. Os labios não faziam um movimento, mas aquelle estremecer, aquelle suspirar, eram indicios de muito pensar e de muito sentir. Em que pensava? Em que não tinha um seio amigo onde depositasse os thesouros do seu sentir. E que sentia? Muita cousa, mas tudo bom. Sentia-se amiga de

tudo e de todos, sentia o coração aberto com sensações novas, sentia o amor com todas as doçuras e enlevos da primeira manifestação.

E depois passava-lhe na memoria a imagem d'aquelle homem e d'aquelle carta, e sentia um calefrio terrivel, uma cousa indizível, mas que a fazia soffrer immenso. Estremecia e suspirava.

Passou horas alli. E passaria o dia todo se a não chamassem para o jantar.

Á noite, a sós comsigo, quando em casa já todos eram recolhidos, velava ella ajoelhada no seu quarto deante d'uma imagem da Virgem. O que lhe pedia, Deus o sabe. Levantou-se risonha, e escreveu então.

Era meia noite. Deitou-se e dormiu, como dorme quem confia.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA.

## RECORDAÇÃO

Cada passo que vou dando  
Por este sitio gentil  
É sempre nova saudade  
Que rebenta d'entre mil.

Se ha ventura sóbre a terra  
Existe de certo aqui,  
Onde, entre affectos e risos,  
Tranquillos dias vivi.

Onde no ceu de minh'alma  
Era tudo puro azul,  
Como o formoso horisonte  
Quando jaz sereno o sul.

Onde em horas feiticieras  
Só creadas para amor  
Eu me perdêra enlevado  
No perfume d'uma flor...

Onde á tarde vinha triste,  
Com prematuro pesar,  
Da ausencia que estava perto  
As duras magoas chorar.

Cada passo que vou dando  
Por este sitio gentil  
É sempre nova saudade  
Que rebenta d'entre mil.

Aqui me lembra que á noite  
Surpreza a lua me fez,  
Quando eu scismava 'nuns olhos  
Que me prenderam, talvez.

Além, por sôbre a campina,  
Eu ia em cada manhã,  
Colhendo rosas silvestres,  
Passeiar com minha irmã.

Risonhos tempos da infancia  
Aqui passaram tambem;  
Estes prados, estes bosques  
Ledas memorias contém.

E o recordar é tão doce  
Quando o presente nos diz  
Em cada seu desengano:  
«Tu serás sempre infeliz!»

Carvalhaes, 1 de novembro de 1862.

LUIZ CARLOS.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

### CONFRONTAÇÃO 9.<sup>a</sup>

*Camões* — Faz que Bacho invejoso da boa recepção que os portuguezes tiveram em Calecut, e certo da queda da idolatria, apparece a um sacerdote dos mahometanos, e lhe diz, que os portuguezes haviam fazer-lhes grandes danos e destruiriam a sua lei: que tractassem de conjurar a tempestade em quanto era tempo, porque depois lhe seria isso muito difficuloso. O mahometano accorda, e junctando-se com os companheiros, tractam todos de persuadir ao rei que os portuguezes eram piratas. O rei manda consultar os aruspices e os seus consultadores lhe dizem ser verdade aquillo que se diz. O rei vacilla, e não dá a definitiva resposta ao Gama por lh'o terem aconselhado os naires e catuaes, para que se demorasse mais, até que vindo as naus de Meca pudessem destruir as portuguezas.

*Lusiadas* — Canto 3.<sup>o</sup>, estancia 65 em diante.

*Macedo* — Satanaz vendo-se tão ultrajado dos portuguezes tenta novo estratagemas para os perder, e para isso serve-se da calúnia

e inveja. A calúnia incumbe de espiar os portuguezes, e persuadir aos mouros os males que elles tinham causado a seus paes, e que o mesmo queriam fazer-lhes a elles; que tractassem de oppor-lhe obstaculos em quanto era tempo, e á inveja encarregou de irritar contra os portuguezes os corações do Jogue e Naire que persuadem ao rei eram salteadores ambiciosos de colher riquezas. O rei vacilla e manda consultar os aruspices que confirmam os dictos, desfavoraveis aos portuguezes, e porisso não dá resposta definitiva ao Gama, porque o quer demorar até que venham as naus de Meca para os destruir.

*Oriente* — Canto 11, estancia 1 a 37.

### RESUMO

*Nos Lusiadas* — Bacco tracta de mover a vontade dos grandes de Calecut contra os portuguezes.

*No Oriente* — Satanaz tracta de despeitar os portuguezes no ânimo dos naires.

*Nos Lusiadas* — Fazem os mesmos naires por trazerem o rei ao seu partido, persuadindo-o de que os portuguezes eram piratas, o qual manda consultar os aruspices.

*No Oriente* — Persuadem os naires o rei de que os portuguezes eram salteadores, o que faz vacillar o rei, que manda consultar os aruspices.

*Nos Lusiadas* — Consultados os aruspices só tractam os mouros de demorar os portuguezes até que venham as naus de Meca.

*No Oriente* — Tendo sido consultados os aruspices só tractam os naires de demorar os portuguezes até virem as naus de Meca.

*Se não quizerem que isto seja uma cópia, hão de infallivelmente dizer que é uma imitação.*

Estamos inteiramente persuadidos que quem desapaixonadamente reflectir e pensar no que fica exposto ha de ser da nossa opinião, e é: que o Oriente é uma verdadeira imitação dos Lusiadas, muito embora o seu auctor diga que o considera o mais original possível, sem olhar que o louvor na propria bocca nunca é bom.

Até aqui temos confrontado o que achamos imitado de maior vulto, vamos agora ao de menor.

(Continúa) A. M. C.

## AO EXIMIO ACTOR SIMÕES

Não vês que delirio? Não sentes? Não ouves?!  
São raios de gloria! São bravos, Simões!...  
São c'róas e rosas, são prantos e risos,  
É mais um triumpho! São novos florões!...

São louros, que ceifas na scena, que honraram  
— Ristori e Taborda, Emilia e Soller!  
São lyrios, que junctas ás palmas virentes  
Que longe da patria soubeste colher!

É o culto sublime, votado ao talento,  
Que tens e que brilha, com tanto fulgor!  
É o salve divino, que aos labios acode,  
Áquelles, que presam do genio o valor!

É o canto dos cantos, que á falta d'um nome,  
Na lingua dos homens, se chama — ovação!  
É um hymno, que todos, aqui, te consagram  
Aceita-o e grava-o no teu coração!

1862.

SEVERINO DE AZEVEDO.

## AMOR E MARTYRIO

## II

Sexto está sentado juncto d'uma antiga  
mesa preciosamente embutida.

Por sôbre as cadeiras vêem-se agglomera-  
dos livros, cartas geographicas e desenhos.

A sala, d'uma architectura grave e magni-  
fica, faz parte d'um antigo mosteiro, que sendo  
outr'ora dedicado ao uso dos frades, serviu  
depois, quando elles passaram para outro  
convento, de palacio á nobre familia d'Ollera.

Sexto tem diante de si um livro aberto,  
ao qual não presta attenção; e com os bra-  
ços encruzados medita profundamente; dil-  
o-hieis a estátua do silencio reflectivo.

Os olhos encovados denotam que passou  
uma noite de tormentos e insomnia.

Uma lampada suspensa na abobada refle-  
cte nos azulejos de que as paredes estão co-  
bertas até meio, uma luz bruxeleante e som-  
bria.

O livro em que gastou as horas da noite,  
e que agora jaz abandonado, é o *Fausto* de  
Goethe.

Nesse poema do mal encontrava Sexto ve-  
nenos capazes de ulcerar-lhe o espirito e mo-  
ver-lhe o calor das sensações.

Um ruido distante, repercução dos echos  
do longo corredor que conduzia á sala, des-  
pertou o philosopho do seu meditar.

Eram passos de homem que resoando com  
fôrça no pavimento rapidamente se approxi-  
mavam.

Assomou nos umbraes da porta um joven;  
era esvelto e delicado como o anjo voluptuoso  
de Whallada do canto de Schiller.

O rosto aveludado e poetico era assombrado  
por grandes madeixas de cabello castanho,  
que poetisadas pela desordem apresentavam  
um effeito bello.

Entrou, sentou-se e deixou pender sôbre  
o peito, agitado com violencia, sua bella ca-  
beça.

Fios de lagrimas deslisavam-lhe pelas fa-  
ces.

— Quero chorar... exclamou elle... cho-  
rar... que já não posso conter em mim tanta  
dor.

— Chora, disse Sexto; assim alliviarás o  
coração. As lagrimas no homem são sempre  
nobres, porque são verdadeiras.

— São, replicou o poeta, como o balsamo  
que só profundas incisões podem extrair da  
seiva da arvore. Eu já sabia, continuou elle  
com voz pausada e lugubre, que a esperança  
das cousas do mundo é tão illusoria para o  
homem como a sombra de seu corpo. Não  
ignorava que embora o seu perigrinar seja  
largo tem sempre de vir abraçar-se ao phan-  
tasmá enganador, e dar pasto aos vermes do  
sepulchro, porque a esperança ainda existe  
alli. Bem o sabia e porisso em cada momento  
da minha ephemera felicidade erguia para  
Deus os olhos humedecidos de pranto.

— Deus, interrompeu Sexto, não quiz aco-  
lher as tuas preces, porque não eram bem  
agudos os espinhos da corôa que te cingia a  
fronte, porque não era bem acre o fel que  
te envenenava a ventura da adolescencia.  
Para as almas como a tua animadas pela  
chamma mais pura do igneo celeste, para as  
almas escolhidas, além do baptismo da agua  
ha o baptismo do soffrimento. Tambem já  
trilhei as sendas tortuosas e agrestes da vi-  
da, e profundas cicatrizes attestam quão ter-  
riveis foram os golpes que me vararam o co-  
ração. Saboriei com um prazer diabolicó o  
pomo que imprudentemente colhi da arvore  
da sciencia da vida. Esgotei a taça dos pra-  
zeres humanos toda inteira e ao mesmo tempo

que as últimas góttas de veneno me requeimavam os labios, minha alma afundava-se 'num abysmo de tédio e aborrecimento. Então, quiz-me ir sentar no banquete da morte, mas Deus teve compaixão do reprobó e abriu ante o meu desespero os largos horisontes do arrependimento. As luctas do pensamento robusteceram-me a alma que se transformou em marmore, e agora vigorosa e forte não ha paixões que lhe imprimam um vestigio sequer, nem espiuhos que lhe façam o mais leve ferimento.

— Isso é o passado, e o passado é irmão do olvido, redarguiu João. Hoje das dores que padeceste só vos restam as cicatrizes e a recordação. E eu, ai de mim...! depois de tão acerbos soffrimentos quando pensava engolfar-me em inefavel felicidade, vejo o espectro da morte erguer-se ante mim sarcástico, arrebatar-me aos meus sonhos e bradar-me, *Nunca!* Oh Helena!... Helena!...

— A realidade da morte é para ti, João, disse o sabio, o mesmo que para os que sacrificam no altar do mundo as mesquinhas aspirações do vulgo, uma ideia lugubre e tetrica. Mas que importa baixe á paz tranquilla da sepultura a mulher que depois de Deus mais amavas na terra? Não vive ella na tua imaginação cheia de gratas lembranças espiritualisada pela morte? Não será para ti o sonho de todas as noites? A sua imagem não te acompanhará todos os dias? Não a verás com uma aureola de luz, arroubada de celestes aromas, os labios sorrindo angelicamente e a fronte sublime inclinada para o poeta que fez de seu amor uma crença, da sua lembrança uma religião? Sim! vel-a-has sempre que entoares no teu alaude os tristes cantos da desventura! Não te fallarão d'ella a lua e as estrellas quando voluptuosamente sacudirem de suas madeixas raios argenteos? Sim, e a essas horas tu derramarás tuas lagrimas sôbre a campa d'ella. Ou por acaso o poeta amava essa virginea flor só para embriagar seus sentidos aspirando-lhe os perfumes?

— Sextó! exclamou João com voz forte

— Então, continuou o philosopho, melhor é que durma no sepulchro o ser que a imaginação do poeta ataviou com todas as louçanias d'um genio e bellezas d'um anjo. O mytho sublime, que lhe foi deusa das illusões. Melhor, sim, porque depois, quando o tempo obscurecesse a radiante aurora da bel-

leza que lhe circumda a face, quando o rosto começasse a contrahir-se, e os olhos a perderem seu deslumbrante brilho, quando por entre seus cabellos negros despontassem fios de prata visíveis assassinos do frescor da mocidade... Ai do poeta que invoca uma imagem para que, como a apparição da *Vita Nuova* do Dante, surja diante d'elle vestida de cores esplendidas, arroupada de alvos trages, modesta, innocente e poetisada pelos adornos da idade juvenil. Ai do poeta, porque essa imagem lhe matará o estro, reduzirá a cinzas sua religião, e as crenças de seu amor. E esse — Deus de amor — apenas promoverá em seus labios um sorriso desapiedado, em sua bócca uma blasphemia de escarneo!

— Sextó, disse João por seu turno, assim falla o homem a quem as borrasças da alma e as tempestades do sentimento apenas deixaram o egoismo da arte; assim expressam-se os que sacrificam tudo o que é humano ás concepções estheticas, sem pensar que só o ideal da realidade, que é a verdadeira esthetica da arte, pôde satisfazer á aspiração do peito aonde pulsa um coração que o sangue escalda.

Depois como absorvidos em profunda meditação ficaram ambos silenciosos por um grande espaço de tempo.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

#### EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

Revêrie — Couceira — Viso — Maio — Camelia — Violeta.

#### Charada

Dá-me chá, no mar me vez

Tudo me tem, se pó tiver

Lá desponta a meiga aurora

Ha paz onde eu estiver.

A. NOBERTO.

#### ERRATAS

A pag. 47 do n.º 6, col. 2, lin. 22, onde se lê — *se o mundo*, deve ler-se — *se ao mundo*. A pag. 48, col. 2, lin. 28, onde se lê — *pendeste*, leia-se — *pendestes*. Na mesma pagina, col. 2, lin. 33, em vez de — *assombros*, leia-se — *arroubos*.



## SONETOS

Em vão, em vão anciamos a ventura:  
Somos na terra qual viajante exausto  
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,  
E morre á sede, sem poder local-a.

SOARES DE PAÇOS. *Poesias.*

Soltei na minha lyra amargas queixas,  
Que um echo não acharam 'noutra lyra.  
Julguei que o sentimento era mentira,  
Zombando de meus prantos nas endeixas.

Chorosa a musa, soltas as madeixas,  
Só tristes cantos com terror m'inspira.  
Após cortada sua voz expira,  
E clama e brada: «Porque não me deixas?!»

Não sabes triste que só posso dar-te  
O fél amargo que a meus labios vem,  
Em tristes notas que não vou contar-te?!

É curta a gloria que meu ser contem;  
A par de maguas em que vou lançar-te  
É grande o mal e mui pequeno o bem!

Porque da lyra minha os sons plangentes  
Não têm já vibrações para alegrias?  
Como em ondas de pranto as agonias  
Se derramam em notas eloquentes?!...

Emballo a alma em sensações ardentes,  
Que outr'ora anhelos foram nos maus dias,  
Mas vagas notas, mortas harmonias  
Oh! lyra triste com terror presentes.

Será que oppresso longo tempo sendo  
Por maguas fundas que nos dão torturas,  
Já da alegria nem o nome entendo;

Ou que da lyra a natural doçura,  
Em fel amargo se converta, vendo,  
Que a dor nos volve sempre após ventura?!

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 8

## ANJO E MULHER

### Capitulo 7

A rosa de profunda amizade não se colhe sem ferir as mãos em muitos espinhos de contradicção.

G. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

— Tu bem sabes, continuou Angelina, que és a afeição maior que deixo 'neste mundo; porque ainda que muito amei Jorge, em presença da morte esse amor esquece, porque nenhuns laços me unem a elle. Deus não quer estas afeições que perturbam o último instante d'um moribundo; por isso, filha, o maior cuidado que me preoccupa, é o do teu futuro e da tua felicidade. És muito criança, não podes ficar ainda no mundo sem um apoio; o de minha tia, fraco e debil é. Mas, para te fazer feliz, só um meio conheço, e vem a ser, casar-te com Jorge! o homem que para mim escolhêra, e o unico que acho capaz de desempenhar esta missão.

Izaura, ouvindo estas palavras, estremeceu, e quiz replicar; mas Angelina interrompeu-a, dizendo-lhe:

— Bem sei que me irás dizer que o não amas, por isso que te acostumaste a ver 'nelle o marido de tua irmã; mas que importa isso, se possui elle as qualidades de se fazer amar por ti em pouco tempo? Casa com elle, depois virá o amor. Demais, em quanto o não amas, acostuma-te a ver 'nelle um irmão, até que lhe possas chamar marido. Que dizes a isto? nada respondes? interrogou Angelina com anciedade.

— Respondê-te com uma pergunta tambem. Porque não casas tu com elle?

— Porque não quero fazel-o viuvo no mesmo dia, respondeu Angelina tranquillamente. Olha, Izaura, não nos illudamos; parece-me que é tempo de te dizer que poucos dias tenho de vida; talvez apenas o preciso tempo para assistir ao cumprimento dos meus derradeiros votos. Por quem és, accrescentou ella, apertando sua irmã nos braços, em nome de Jesus e pelo amor que me tens, te rogo que me não negues esta última consolação! é o primeiro e derradeiro favor que te peço! Izaura, minha irmã, minha filha, poupa-me a uma recusa tua, tira-me do co-

1 DE MARÇO DE 1863

ração esta immensa dor. Olha, nossa mãe ouviu-nos do ceu, e ha de abençoar esta união! Izaura, Izaura, tu que dizes?!

A joven inclinou a frente e ficou muda. Alguns instantes permaneceu assim, mergulhada em si mesma; era já o remorso e a vergonha que lhe faziam rejeitar aquella proposta. Por fim, fazendo um grande esforço, exclamou:

— Farei o que tu quizeres, minha irmã, agora falta saber a vontade de Jorge.

— Obrigada, obrigada, Izaura; reconheço-te, acho-te emfim generosa e boa como d'antes, murmurou Angelina, juntando as mãos em signal de agradecimento. Agora, mais um serviço, dá-me penna, papel e tinta; vou escrever a Jorge; quando a acabar, mandarás um portador com a carta a Braga.

Izaura saiu, e Angelina escreveu o que se segue:

Meu amigo

Hoje á noite haverá aqui uma pequena reunião para celebrar o anniversario natalicio de minha irmã; espero que não falte, porque, sem a sua presença, seria muito incompleta.

Sou e serei até á morte

amiga muito sincera

*Angelina Augusta de Castro.*

É de presumir a pressa com que Jorge accudiu a este convite; mas tanto esmero pôz elle no seu vestuário, tanto zêlo em se mostrar com todo o seu brilhantismo, que, quando chegou a casa de Angelina, era já noite. Uma brilhante illuminação decorava toda a fachada da casa, que estava engrinalhada de flores! Os sons d'uma *vals*a faziam bater o coração do mancebo, que se apressou em entrar. Mas, por uma estranha irregularidade, a entrada estava completamente escura; nem uma luz brilhava mesmo ao longe, porque a porta da sala estava cerrada.

Jorge achou isto exquisito, e começava de fazer algumas reflexões, quando uma pequena mão lhe tomou as suas, e uma voz que elle conhecia lhe assoprou ao ouvido estas palavras:

— Vem *valsar*, aqui tens a tua noiva!... No mesmo instante uma porta em frente

d'elle abriu-se, e o reflexo de mil luzes dando-lhe de chofre no rosto lhe deslumbrou os olhos. Meio embriagado, entrou de repente, e só então é que, olhando para o seu lado, pôde conhecer Izaura 'naquella que levava pela mão.

Uma vertigem lhe passou pelo cerebro, um deslumbramento de felicidade o cegou, e elle, fóra de si, arrastou a joven no turbilhão da *vals*a!

Só depois, quando já cansado se sentava, e percorria com a vista todos os grupos, só então é que notou a falta de Angelina, que até alli lhe tinha passado despercebida; e, voltando-se para Izaura, lhe perguntou o motivo d'aquella ausencia.

— Está doente, respondeu seccamente a joven.

E quasi ao mesmo tempo passou pelo espirito de ambos uma sombra de remorso!

### Capitulo 8

Sentia-se ella pender ao tumulo e não era imaginario o seu mal.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs*

Decorreram alguns dias depois d'estes successos; Jorge e Izaura estavam já casados; e Angelina? O anjo da morte pairava-lhe á cabeceira, estendendo suas azas negras sobre o rosto angelico d'aquella martyr. O anjo do Senhor tambem do outro lado cingia-lhe já a frente d'uma corda de gloria, e contava-lhe os instantes de vida, ancioso de resgatar aquella bella alma, o sópro mais puro de Deus, do abysmo de soffrimentos em que jazia resignada, e arrebatada para a mansão dos justos, sua patria.

Na vespera ainda d'aquelle dia, tinha ella assistido á cerimonia do casamento de sua irmã; e quem a viu vestida de branco e coroada de lyrios, e mais branca e pallida do que elles mesmos, exclamava 'num transporte de admiração, que era ella sancta, e já não habitava na terra.

De facto Angelina parecia um cadaver! suas mãos cor de cêra já não sentiam nenhum calor; seus olhos azues tão bellos e tão puros estavam sem vida nem expressão, e seus labios arroxeados sem movimento!

Acabada a cerimonia, que ella presenciou com toda a presença de espirito, abraçou os

conjuges, e, chamando sua irmã, retirou-se com ella para um quarto, aonde esteve duas horas, entretendo-a dos seus novos deveres, dando-lhe conselhos sobre a maneira como havia de viver com seu marido e ensinando-lhe a comprehender o caracter de Jorge, e a poupal-o a desgostos e fazel-o feliz.

Ninguém soube o que entre as duas se passou, nem o que Angelina disse a sua irmã, que lhe podesse penetrar na alma; o que é certo é que todos presencearam, que, quando esta saiu do quarto de sua irmã, trazia os olhos arrasados de lagrimas; e, entrando no seu, esteve muito tempo em oração ante uma imagem de Jesus!!

Angelina soube o segredo de commover sua irmã tão vaidosa e tão frivola e talvez o de a regenerar. A approximação da morte deu eloquencia áquelles labios, que em breve se iam cerrar! Deus fez descer uma inspiração divina á alma da martyr, para que o seu último passo na vida fôsse ainda um exemplo de virtude, que, lançado na alma d'uma peccadora, podesse como uma semente benedicta florescer e fructificar.

Estava-se no dia 30 de novembro pela manhã; todos os montes que circumdavam a casa branca de Angelina estavam cobertos d'uma espessa camada de neve, que, como um vasto e alvo sudário, se estendia até ella. A natureza vestia lucto; estava pesado e escuro o ceu, e aquella alvura deslumbrante que cubria a terra, formando contraste com elle, mais contribuia para tornar o quadro mais tetrico.

Entremos no quarto de Angelina para lhe assistirmos aos ultimos instantes, se tu, leitora, te não intimidas e assustas com este espectáculo que aliás nada tem de assustador. Essa transição d'um espirito celeste d'este cahos de amarguras chamado mundo para a bemaventurança dos justos, póde, quando muito, deixar uma saudade na terra, mas leva a alegria para os ceus. Deus recebe aquella alma como uma filha perdida que volta para o seu seio!

Sobre uma vasta cama de pau preto, recamada de alvissimas roupas, repousa o corpo inanimado de Angelina, como uma estatua de jaspe. Alguns momentos de fugitivo somno lhe cerraram ha pouco as palpebras fatigadas da longa vigilia de toda a noite!

Approximai-vos e examinaí-a.

A respiração de seu seio é já um imperceptível cicio em seus labios; as palpitações de seu coração já não fazem agitar o lençol; apenas, inclinando-vos, podereis divisar um fraquissimo movimento. Ninguém dirá, vendo-a, que não é o cadaver d'uma sancta!

De repente abriu os olhos, espalhou uma vista languida e pasmada em torno de si, passou a mão custosamente pela fronte como para reunir as ideias e murmurou quasi inintelligivelmente estas palavras:

«Ainda vivo! É este o meu quarto, e esta a minha cama! Pensei que não tornava a acordar!»

Depois, como se uma ideia de subito lhe passasse pela mente, voltou-se para sua tia que a velava e disse-lhe:

— Desejava ver meus irmãos; depois quero para aqui um padre...

— Minha filha, exclamou a pobre senhora cheia de susto, achas-te peor?

— Minha boa tia, escute-me a respiração e diga-me se eu posso ter mais que uma hora de vida! murmurou fracamente Angelina.

A pobre tia inclinou-se e beijou-a nos labios; em seguida saiu, abafada pelos soluços.

(Conclue)

HENRIQUETA ELYSA.

## CONSENTES?

Quem, vendo os modos teus, quem, vendo o gesto  
Altivo, qual d'amor 'num são recato,  
Não sente 'nalma entrar-lhe um fogo honesto  
Que vae lavrando 'nella incendio grato?

Mas foges sempre esquiva, se nos olhos  
Te pinto o que por ti minh'alma sentel  
E quando busco a flor, só acho abrothos,  
E em tristezas me fico descontentel

Extranho fado o meu! Se á douda brisa  
Permites que te amime a rosea fronte,  
Porque não dás que eu beije a face lisa,  
E nas glorias d'amor vaidoso o conte?

Fevereiro de 1863.

LUIZ CARLOS.

A esmola é sempre boa; mas, quando, em vez de ser procurada, vae ella mesma procurar o pobre; quando o poupa ao trabalho, á vergonha de a sollicitar, e se lhe apresenta, não activa e arrogante, mas compassiva, modesta e consoladora, tem duplicado valor: é como uma segunda providencia.

RODRIGUES DE BASTOS. Os dois artistas.

## AO ACTOR ROSA

Resplende a luz do sol; resplende a luz da arte;  
 Universo e theatro os templos são do bello  
 Real e ideal; e são por toda a parte  
 O véu que vela Deus, e deixa a furto vel-o.

Levanta-me esse véu; amostra-m'o artista!  
 Contempla a tua estrella. O astro solitario  
 Envolve-te em fulgor! Surge! fala! espalh'a vista  
 A ideia, a vida, o amor, a luz... abre o sacrario!

ALBERTO TELLES.

## OS DOIS OLHOS

(Continuação)

Aproveitemos o somno da nossa heroína, mas não heroína no sentido vesgo do reverendo irmão do Morgado de Fafe, e levemos as nossas pessoas a outra parte. Vamos encontrar o sr. Leonardo de Mesquitella e Castro em sua casa.

São seis horas e meia da manhã do dia immediato. O homem já está a pé, e sentado á mesa. Uma tosca mesa de pinho por signal. Em quanto elle não dá pela nossa visita, conversemos baixinho, que é mister anticipar alguns conhecimentos para avaliarmos esse homem. Como vêdes, não é já creança. Nem velho. Annos não lh'os sei, nem sei que uma certidão de idade seja necessaria nestas alturas. Numa mulher o caso muda de figura. A mulher avalia-se pelos annos como o ouro pelos quilates. Com uma pequena differença. No ouro os quilates querem-se mais; na mulher os annos querem-se menos.

Isto é modo de dizer, porque realmente não atino em que desmereça ninguem com anno de mais ou anno de menos. Tenho conhecido, conheço, e é provavel que venha a conhecer, muita senhora que os annos de mais tornam respeitabilissimas; e tambem alguma que por de menos perde. Por onde se prova que uma mulher não é operação algebrica; os signaes de quantidade podem alterar-se impunemente. Quer dizer: uma mulher póde ter *mais e mais* igual a *menos e menos*: mais annos e mais merecimento, igual a menos merecimento e menos annos. Duas quantidades positivas eguaes a duas quantidades negativas. Um absurdo em algebra, uma verdade na mulher. A mulher é uma verdade composta de absurdos.

E que tem isto para o conto? Nada, é exacto. Mas serve para mostrar, e até demonstrar que a algebra se presta ao romance. Qualidade que muito boa gente seria capaz de negar-lhe. Tudo serve para tudo.

E ao conto.

Leonardo de Mesquitella não será um tolo original, como se inculca; mas sem contestação é um original tolo.

Diversas accepções têm dado á palavra original: aqui significa o que não é vulgar. Accpção mais conhecida.

Ora, que cousa ha mais vulgar do que um tolo?

Logo tolo original é absurdo.

Original tolo póde ser. Quer significar um ente raro e tolo, uma raridade em toleima. Isto ha.

E digam-me em consciencia, se tal não é um homem que escreve uma carta como a que escreveu Leonardo, carta gelada e cynica. Nós, o sexo brioso, o sexo de pundonor e de cavalheirismo, deveramos abominar de nós um tal homem, que teve o arrojo de escrever numa carta a uma mulher o que sentia quando a escreveu. Deveramos, e devemos. Se a franqueza fôsse permittida nas relações sociaes, para que serviriam os codigos do bom tom, os manuaes de civilidade?

Assim como o que se sente não convem que se diga, tambem o que se diz convem que se não sinta. Quem sabe se esta maxima dirigiu a penna que escreveu a carta? Lembrou-me agora, e é possivel. Pelo modo como Leonardo receber a segunda missiva de D. Adelaide é que havemos de julgar. Vamos a ver.

As oito horas levantou-se Mesquitella (que lindo nome!) e foi almoçar; ás dez vestiu-se e foi passear; ao meio dia recolheu e foi jantar. É um regimen de vida que será muito hygienico, mas é muito desusado. Pois o uso deve prevalecer á hygiene. Modos de ver, está claro.

À sobremesa recebeu da propria mão da sua servente, que não tinha elle nem criado nem salva de prata, a carta que dissemos escripta á meia noite. Para homem honrado, carta de mulher é segredo inviolavel. Leonardo leu, fechou e arrecadou. Fez bem. O peor é que nos deixa em curiosidade. Resignemos-nos uns com os outros, porque, como bem diz o Mantuano, é consolação na desgraça ter os penates na sucia. O que custa

a todos, a ninguém custa. E tentemos perscrutar d'outro modo o que nos praz saber.

Para um rapaz sobrio como é Leonardo, da sobremesa ao fim do jantar vai um nada. 'Nesse dia porém houve novidade: demorou-se e pediu café. Entretanto foi-se entretendo em equilibrar sobre a mesa uma rolha de garrafa. É uma cousa innocente, mas difficil. Recomeçou a tentativa umas trinta ou quarentas vezes a seguir, e o resultado foi sempre infeliz. A rolha conservava-se apumada em quanto a segurava; depois era de ver a presteza immensa com que reassumia a posição horizontal. E o homem não zangava: teimava. Depois de muito, desistiu.

Applicou-se a outro divertimento. Tomou a faca pelo cabo, mas ao de leve, bateu-lhe com a ponta no prato, e poz-se a contar o número de vezes em que a elasticidade da folha a fazia pular. Ou se não contava, parecia-o.

'Nisto desperdiçou não sei quantos minutos, até que lhe trouxeram o café. Tomou-o vagarosamente. E depois ergueu-se, passou a outra casa, e recostou-se 'num canapé com assento de chita. Palavra, nem meia. Durante todas estas diferentes phases de seu viver, conservou um silencio absoluto, semelhante a um philosopho ou a um ruminante.

Assim meio deitado tirou de novo a carta de D. Adelaide, e releu-a, terleu-a, e quarterleu-a. Decorou-a. E de cada vez que passava lá por um certo ponto, murmurava por entre os dentes:

— Pobre rapariga!

E ficava por um momento pensativo, com um vinco vertical cavado na testa.

O remate foi assim:

Endireitou á mesa de trabalho, e sem attender a que prejudicava as operações digestivas, tomou a penna, e escreveu:

#### *Minha rica senhora*

Se v. ex.<sup>a</sup> entrasse no verdadeiro conhecimento da minha vida, se pelo conhecimento da minha vida chegasse ao conhecimento do meu caracter, por certo tenho que não me daria mais o incómodo nem de ler as cartas de v. ex.<sup>a</sup>, nem de lhes responder. Que não sei qual das duas cousas mais me incomoda. O responder-lhes tira-me tempo, o lê-las tira-me sossego. E tudo me é indispen-

savel. Não supponho que por mero passatempo me escreva v. ex.<sup>a</sup>, aliás esta última carta só tinha uma resposta: tornar a envidual-a a v. ex.<sup>a</sup> Tomando em consideração o sentimento que a ditou, o menos que lhe faço é inutilisal-a d'outro modo, e esquecer-me d'ella. Fica porém v. ex.<sup>a</sup> prevenida de que não succederá o mesmo a outra que venha.

Com todas as considerações

De v. ex.<sup>a</sup>, etc.

E, como quem marchava debaixo d'um plano conhecido, não hesitou. Fechou a carta, lacrou-a, sobrescriptou-a, e mandou-a.

A de D. Adelaide, essa deu-lhe destino bem outro do que dissera. Abriu um pequeno cofre de pau sancto com imbutidos de marfim, cuja chave trazia sempre, tirou de dentro a irmã mais velha, uniu-as ambas, reviu-se 'nellas com satisfação de amante, e deu-lhes logar condigno 'numa cama de seda: o forro da caixa. Entendam lá os homens!

(*Continúa*)

J. SIMÕES FERREIRA.

## PARODIA<sup>1</sup>

Quando solta os cabellos dourados  
Meigos olhos volvendo p'ra o ceu,  
Como é linda! que rosas na fronte!  
Esse archanjo, mancebo, é o teu!

As venturas que eu pinto na 'mente,  
Já fruiste uma vez com ardor?  
Ai! se eu fôsse temia perder-me,  
Se é tão linda, que mata d'amor.

D'esse olvido a cruel amargura  
Que deploras, passou já por mim,  
D'essa noite em que amor lhe juraste,  
A saudade não pôde ter fim.

Setubal, 3 de fevereiro de 1863.

N. M. PORTELLA.

Paciencia, é a arma, é o triumpho, é a porção divina do homem, é a bemaventurança.

C. CASTELLO-BRANCO. *Rom. d'um hom. rico.*

<sup>1</sup> É feita á poesia A L., de Alfredo Elycio Pinto de Almeida, publicada a pag. 48 d'este periodico.

## DESVENTURA LITTERARIA

Não sabemos se é mais de lastimar a morte, se a loucura. São ambas fataes, ambas terribéis; por uma perdemos a vida, por outra a intelligencia. Se um cemiterio é a sepultura do corpo, é um hospital a sepultura do espirito.

A segunda comtudo nos parece mais temerosa. O morto lega-nos a saudade, o louco causa-nos uma dor perenne. A alma, roto o involucro fragil, voa livre a um mundo novo, que a religião e a consciencia nos ensinam a crer bom; mas pela loucura, privada da razão, é a ave que se debate no visco da desgraça, é a borboleta que cresta as azas no fogo do desespero. Miseraveis as duas, os momentos que lhe restam não são já vida, mas uma agonia lenta e pavorosa sem nome condigno em linguagem d'homens.

Simelha o louco o preso que no carcere estendem sobre o potro, a quem dilaceram os membros e retalham as carnes, sem que pelas feridas lhe possa fugir a vida, unico meio que o livraria dos tormentos. Sobre a campa do extinto o coração inda encontra um allivio, o labio uma prece; mas sobre a prisão do desvairado a mão implacavel do destino como que gravou o distico do Dante:

Lasciati ogni speranza, voi, che entrate.

A nossa litteratura ha pouco que soffren a perda d'um bom poeta, perda prematura que merece as lagrimas dos corações sensiveis pela desgraça que a promoveu. Foram duas as perdas: perdeu o poeta o juizo, perdeu a litteratura o poeta. E ambos perderam muito; este o fogo do ceu que anima a estátua, o raio do sol que illumina o homem, a intelligencia; aquella um operario da sua officina, que era penhor da sua gloria e um florão da sua coróa.

Trajem lucto as letras, que se finou um nobre espirito, que as cultivava com desvelo; embora reste ainda como monumento um corpo tornado automatico, sacrario vasio sem o Deus que o animava.

Triste condição, tristissimo desengano este necrologio em vida, este epitaphio da alma que so obscureceu por entre as nuvens da desdita, legando ao mundo algumas páginas brilhantes a par d'uma memoria deploravel

Tinha o infeliz espada e lyra; e o louro d'uma e o myrto d'outra murcharam ambos ao suão myrrador do fado adverso. Bem cabe aqui a sentidá estrophe que elle compoz outr'ora em agro instante de prophetica intuição:

Quanto é bello trazer a melancholica  
Imagem do passado, e collocar-a  
No altar da saudade,  
Onde o presente vae ajoelhar-se,  
E magoado medita...

Como afinava com o plectro d'ouro seus hymnos de amor...

Tu foste, amiga, a incarnação sublime  
Do aroma e da harmonia,  
Em harmonias teu amor se exprime,  
Aromas teu sorriso nos envia,  
.....  
Tens na face o pudor da fresca rosa,  
Tens 'nalma o fogo de eternal ventura.

Vêde o soldado do progresso e da liberdade...

O progresso em seu trânsito não pára:  
Como o rio que a arvore desthrona,  
Elle rasga no espaço larga zona,  
Calcando sceptros, desviando a tiara.

Ouvide o philosopho profundo...

E a terra nos espaços vae rolando,  
Qual lagrima sentida,  
Que da face do Eterno deslisando  
Trouxe a dor na ventura confundida.

Quão formosas as definições dos dois poetas, o Ovidio e o Horacio francezes...

No diadema do seculo reinante  
Resplendem, como orvalho sobre a rosa,  
Lamartine, essa perola mimosa,  
Victor Hugo, esse fulgido diamante.

Calaram-se os hymnos, a lyra emmudeceu, seccou a penna. O presente ajoelha-se ante o altar do passado, e magoado medita...

Estes versos de hontem já são memorias hoje. Fulgiu um instante o raio do genio, e o proprio fogo lhe consumiu as forças. Cur-

vemo-nos diante da desventura, e prestemos o tributo do respeito a essa sombra do que já foi grande.

A. A. DA FONSECA TINTO.

À C.

Por teus ondados cabellos,  
Por essa trança tão pura,  
Por teus olhos, que de vel-os  
Se enche a alma de ventura;

Abre á luz d'um sentimento,  
À chamma d'uma paixão,  
Com o mais casto pensamento  
O mais puro coração!

Ri do mundo, que te opprime,  
Que o gôso paga com a dor,  
E se podes ter um crime,  
Expia-o só pelo amor!

A. L. SANCTOS VALENTE.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

MACEDO IMITANDO CAMÕES

### II

#### *Similhanças ou imitações de menor vulto*

Achamos mui semelhantes, o retrato ou attitude do Gama antes de satisfazer ao pedido que lhe faz o rei de Melinde de contar-lhe a historia de Portugal, e o principio da resposta, em que elle lhe diz «não ser o competente para isso, mas sim um estrangeiro» como se pôde ver nas seguintes estancias:

Promptos estavam todos escutando  
O que o sublime Gama contaria;  
Quando depois d'um pouco estar cuidando,  
Alevantando o rosto, assim dizia:  
Mandas-me, ò rei que conte declarando  
Da minha gente a grã genealogia,  
Não me mandas contra estranha historia;  
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria  
*Lusiadas* — Canto 3.º, estancia 3.

Que outro possa louvar esforço alheio  
Cousa é que se costuma e se deseja:

Mas louvar os meus proprios, arreceio  
Que louvar tão suspeito mal me esteja, etc.  
Estancia 4.

Suspense e mudo o capitão famoso  
Vastas ideias 'nalma revolvia;  
Dubio um pouco parece, e em magestoso  
Accento, finalmente assim dizia:  
Do grande reino o quadro portentoso,  
Estrangeiro pincel traçar devia,  
Descrever seus brasões a estranhos toca  
Que é suspeito o louvor na propria bôcca.  
*Oriente* — Canto 8, estancia 4.

A chegada dos portuguezes a Calecut, o encontro com o Monçaide, exclamação e ida d'este ás naus, tudo é similitantissimo, como se pôde ver nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 22 a 28, e no *Oriente*, canto 9, estancia 1 a 12.

É tambem muito similhante a partida dos portuguezes para terra, e a apresentação ao rei descripta nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 43 a 59, e no *Oriente*, canto 9, estancia 12 a 15<sup>1</sup>.

Uma imitação de costumes encontrámos tambem nas seguintes estancias:

Bem juncto d'elle<sup>2</sup> um velho reverente,  
Co'os joelhos no chão, de quando em quando  
Lhe dava a verde folha da herva ardente,  
Que a seu costume estava ruminando, etc.  
*Lusiadas* — Canto 7, estancia 58.

Do reino um grande que da esquerda estava  
A folha ardente a mastigar lhe dava, etc.  
*Oriente* — Canto 9, estancia 14.

Achamos tambem muito semelhantes as fallas do Gama<sup>3</sup> ao rei de Calecut, feitas nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 60 a 63, e no *Oriente*, canto, 9, estancia 16 a 21.

Uma outra imitação encontrámos nas seguintes estancias:

Não sente quem a leva o doce pêso  
De soberbo com carga tão formosa, etc.  
*Lusiadas* — Canto 2, estancia 21.

<sup>1</sup> Nesta imitação ha uma differença, e é: que no *Lusiadas* vai, juncto ao rei, Vasco da Gama, e no *Oriente* Paulo da Gama.

<sup>2</sup> Rei de Calecut.

<sup>3</sup> Vasco da Gama nos *Lusiadas*, e Paulo Gama no *Oriente*.

Sôbre um branco Elephante; este caminha  
Do pêso que em si traz como ufanado; etc.

*Oriente* — Canto 1, estancia 29.

Mais outra nas seguintes:

Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E juncto de um penedo outro penedo.

*Lusiadas* — Canto 5, estancia 56.

Como a par d'um rochedo outro rochedo  
Insensíveis estão no alpestre monte  
Cada qual d'elles taciturno e quedo  
Conserva mutuamente imobil fronte.

*Oriente* — Canto 4, estancia 68.

É tambem muito semelhante a descripção  
d'uma terra que os portuguezes encontraram,  
feita por Camões nos *Lusiadas*, canto 5, es-  
tancia 62 a 64, e por Macedo no *Oriente*,  
canto 7, estancia 48 a 50, principalmente nas  
duas seguintes estancias:

As mulheres queimadas vêm em cima  
Dos vagarosos bois, alli sentadas;  
Animaes que ellas têm em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas:  
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,  
Na sua lingua cantam concertadas,  
Co' o doce som das rusticas avenas,  
Imitando de Tityro as camenas.

*Lusiadas* — Canto 5, estancia 63.

Em vagarosos bois vinham sentadas  
Tão negras como Ebanos, donzellas;  
Vestiam rudes pelles, e anastradas  
As fronte trazem de gentis capellas:  
Em doces sons; e em vozes concertadas  
Erguem canções que pareceram bellas;  
Amor ao peito humano o canto inspira;  
'Nelle exalta seu bem, seu mal suspira.

*Oriente* — Canto 7, estancia 50.

A comparação de Macedo no *Oriente*, canto  
11, estancia 63:

Como leões os Lusos indomados,  
Co'a flutuante máchina atracavam.

é imitada de Camões nos *Lusiadas*, canto 10,  
estancia 43:

Irão soldados inclitos fazendo  
Mais que leões famelicos, etc.

(*Continúa*)

A. M. C.

### Charada

'Noutras eras, ao som da marcia tuba,  
Colbi lousos, o mundo avassalando!  
Minha espada partiu-se 'nessas lides,  
E hoje em decadencia eis-me chorando. } 2

Ebrio d'esse prazer que a raiva inspira,  
De Seneca o verdugo assim fazia,  
Olhando os turbilhões de fogo intenso  
Em que Roma co'os filhos se sumia! } 2

Uns me tomam por folguedo,  
Outros só por devoção;  
Sempre a mim corre mui ledo  
Qualquer joven aldeão.

N. M. PORTELLA.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

### TAVORA

ROMANCE DO SEculo XVIII

POR

Manuel S. Alegre

Preço 400 réis

Assigna-se 'nesta redacção, na livreria cen-  
tral e na loja do sr. José de Mesquita.

### O VALOR D'UMA PALAVRA

ROMANCE POR MISTRISS TROLOPP

Tradução de Saites Lobo Junior

Editor — Joaquim José Baptista

Preço 200 réis

Com este titulo temos a honra de annun-  
ciar aos amadores da litteratura amena, uma  
pequena traducção, parto de algumas horas  
de trabalho, e de pertinaz desejo.

Em vós é que depositámos toda a nossa  
esperança, alimentando este recém-nascido,  
com as vossas assignaturas, com que desde  
já contámos, antevendo a protecção que sem-  
pre prestaes á litteratura nascente, e patria.  
Quem obtiver dez assignaturas terá um  
exemplar gratis.

Recebem-se assignaturas 'nesta redacção.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



## CONVITE À CARIDADE<sup>1</sup>

Entraí comigo no hospital mesquinho:  
Sinistro aspecto, que mansão d'horror!  
Triste silencio, só quebrado a instantes,  
Pelos gemidos que produz a dor!

Funereo quadro — em crueis torturas  
Além o inferno se arremessa ao chão!  
Lenta agonia lhe consome as fôrças,  
E o pranto ás faces lhe desponta então!

A caridade franqueou-lhe as portas,  
Entrou... julgou-se no supremo bem!  
Foge á indigencia, só pobreza encontra,  
Juncto do leito só miseria tem!...

Na pobre encherga se revolve afflicto;  
Longo suspiro de pesar soltou!  
— Deixa a familia p'ra buscar soccorro,  
— E no abandonó, seu viver findou!...

É sempre aberto o hospital, que importa,  
Se não tem meios p'ra acudir á dor?  
Se os bens não chegam, se os doentes gemem,  
Jazem submersos num soffrer maior?

Angustia, fome, desespero e frio,  
E alta noite sem ninguem ao pé,  
Que n'hora extrema, com affago e mimo  
Lhe lembre a esp'rança, lhe avigore a fé!

Eis os thesouros que o hospital offerta  
Aos desgraçados que a fortuna olvida!  
Ricos da terra minorae-lhe as penas  
Que a vossa esmola lhe prolonga a vida!

AMELIA JANNY.

<sup>1</sup> Poesia recitada pela auctora, e offerecida ao basar em beneficio do hospital da Figueira da Foz, em 23 de Setembro de 1862.

## ANJO E MULHER

### Capitulo 9

Morrem os justos como cahe a flor  
sêcca da grinalda da virgem sóbre  
o supedaneo. É um breve e surdo  
ramor.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

D'ahi a um instante tornou a entrar, precedida por Jorge e Izaura, que vinham com as frentes baixas, pensativas e tristes. Ao vel-os assim, Angelina exclamou:

— Que tendes, meus irmãos? para que tamanho pezar? a vida é um sópro, que ninguem pôde suster. Isto já se esperava; demais eu estou tranquilla!... Felizes os que deixam a terra sem saudades nem remorsos, e que voltam para o seio de Deus tranquillos e alegres! Dizei-me, eu tenho graves culpas, pelas quaes me condemne Deus? Não contribuí para a vossa felicidade? Tendes de que me accuzar?

— Não, exclamaram os dois recém-casados com voz enfraquecida.

— Pois bem, ainda assim perdoae-me, e tambem tu, minha boa tia!

Angelina ergueu-se com difficuldade: e, depois de ter pedido a sua tia que se approximasse, apertou-a muito contra o seio, e beijou-a nas mãos.

— Agora vós, disse ella, chamando a si os dois jovens, que, tomados de respeito, curvaram as cabeças e ajoelharam a seu lado.

Angelina uniu com suas mãos as duas frentes e abraçou-as junctamente.

— Possa este meu abraço chamar sóbre vós a benção celeste e cobrir-vos d'immensa felicidade. A minha derradeira prece será por vós, para que o Senhor affaste de vossas cabeças as tempestades da vida!

Copiosas lagrimas inundavam todos os rostos; só o de Angelina se mostrava sereno e por assim dizer esperançoso; parecia que o espirito já lhe fugia para a patria dos justos!

Fez-se um pequeno silencio; Izaura, tremula e confusa, chegou-se ao ouvido de sua irmã, e disse-lhe:

— Minha sancta irmã, perdoae-me!

— Perdoar-te, quando tu me fazes sentir

15 DE MARÇO DE 1863

os primeiros instantes de gózo que tenho tido 'nestes tres annos?! Oh! não tenho que perdoar-te, minha filha! No ceu, Deus te compensará da immensa ventura que me dá...

As duas irmãs conservaram-se por muito tempo enlaçadas; depois Angelina, como que fatigada d'este esforço, affastou a joven e deitou-se.

Pensaram todos que ia ella desfallecer; mas, não! tomando alentos novos tornou a chegar para si a frente de sua irmã, e fallou-lhe algum tempo ao ouvido.

Eram os ultimos conselhos que lhe dava, para ella podêr ser feliz com Jorge; depois disse:

— Deixem-me agora e mandem-me para aqui o ministro de Deus.

Immediatamente foi obedecida, mas todos os rostos se voltaram antes de transporem os humbraes da porta, como se sentissem que, viva, a olhavam pela última vez!

E assim foi.

Passado algum tempo, Izaura, impaciente, vinha escutar á porta, quando se encontrou com o sacerdote, que 'naquelle mesmo instante acabava de sahir.

Um olhar rapido, fugitivo e doloroso fez comprehender ao padre que ella o interrogava; respondeu elle:

— Filha, vae interrogar a Deus, que só elle te poderá dar contas de tua irmã! Era uma sancta; d'ella aprende a ser virtuosa!...

### EPILOGO

Quem hoje for a Braga, desviando-se da estrada, e tomando por um estreito caminho por entre montanhas, irá dar com uma linda casa de campo, tal qual a descrevi no capitulo 1.º Á porta d'essa casa verá duas crianças, formosas e brancas como os anjos, brincando alegres e felizes! Pergunte de quem são e saberá, que são os filhos de Jorge e Izaura, que alli vivem.

Agora quer a leitora saber se são felizes? Não muito! Izaura sonha sempre divertimentos, distracções e grandes sociedades, porque o amor de seu marido a não satisfaz; Jorge tem ciumes, e vive afflicto. De Angelina parece que já não existe uma lembrança 'naquelles corações; mas fallae d'ella ao povo

d'aquellas circumvizinhanças, e todos erguerão as mãos e dirão: «Oremos por ella, que era uma sancta!»

Lodeiro, 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

### Δ Δ.

Quem me dera saber os teus segredos,  
Quem me dera podêr fallar d'amor.  
Quem me dera sonhar mil sonhos ledos,  
Que dessem a meu peito doce ardor!

Se eu soubera dizer-te minhas maguas,  
Meu pobre seio pulsaria então.  
Por testemunha tenho só as aguas  
Que as faces banham 'nesta solidão.

Mas tu, oh! genio, sabes meus ardôres,  
Que em noite bella á virgem confessei.  
Nem já me é dado recordar amores  
De que leves instantes só gosei!

Alta noite d'amor ouvi delyrios  
Mas desde então meu peito não pulsou.  
Que tu, oh! genio, sabes os martyrios,  
Que desde ess'hora a virgem me doou.

Ai! se eu pudera relembrar agora  
O doce instante que não voltará?!  
Triste de mim que tenho só d'outr'ora  
Saudade que jámais se apagará.

Gentil esp'rança 'nestas amarguras  
Não me faz em aneio já pulsar.  
Nem meus anhelos vão buscar doçuras,  
Que nem delicias posso já sonhar.

Coimbra, 17 de janeiro de 1863.

ALFREDO ELYSIO PINTO DE ALMEIDA.

Se apagaes subitamente uma luz, com os olhos fitos 'nella, por algum tempo vereis nas trevas uns clarões informes. Assim re-luz o brilho do passado aos olhos da alma fechados para sempre.

C. CASTELLO-BRANCO. Mem. do carcere.

Não há nada mais ridiculo do que um velho com pretensões a criança.

A. R.

## ESPERANÇA

A esperança é a alma da vida. A vida sem esperança é marasmo, é inercia, é morte. O homem, batido de continuo pelas tempestades e recontros, que o mundo lhe depara, cahiria no extremo dos males, na desesperação, se juncto d'elle não velasse a esperança, que o sustenta forte e resignado contra os embates do infortunio. Por entre as nuvens carregadas e tristes, que nos toldam a existencia, rompe sempre um raio de luz, que nos anima e consola.

Sustenta-se o péso dos desconfortos e males que nos opprimem, não se esmaga o coração debaixo da pressão violenta da dor, porque nos conforta a esperança; por ella, só por ella, deixámos de attentar innumeradas vezes contra a propria existencia, que nos corre nublada, por ella guardámos puras as crenças, com que na infancia nos embalaram, que d'outro modo nos vergariam myrradas ao sópro do infortunio; é ella o unico allivio para uma alma em desolação, para todos os que soffrem é amiga e carinhosa, que presta resignação e brios. Por isto é a esperança a alma da vida. E não só porisso. A vida exprime movimento, acção, e a esperança é impulso a quasi todas as nossas acções, é o movel poderoso e forte, que leva o homem até aos grandes commettimentos. Por isto também é a esperança a alma da vida.

O lavrador rasgando a ferro de charrua a terra recalçada e dura, regando-a com o suor de seu rosto, exposto o corpo aos raios do sol d'estio, sujeito ás tempestades, aos gelos e rigores do inverno, soffre tantas fadigas, arca com um péso immenso de trabalhos duros, porque espera. Tanta fadiga a esperar se sustenta.

É pela esperança que o navegante deixa a patria com as suas recordações, o logar encantado, que o viu nascer, a sombra das arvores, que lhe temperavam o sol d'estio, o murmurio dos regatos, monotono mas suave, que lhe acordavam o coração para um sentir vago e indefinido, os trilhos e gorgeios do rouxinol a descantar hymnos d'amor por lindas noites de luar. Deixa mais que isto; deixa os affectos de mãe, que não tem eguaes... affectos e amor de mãe! Oh! deixae-me por um pouco demorar aqui! A mulher — mãe é um ente sublime de resignação e sentimen-

tos; é um ser privilegiado da criação! O coração de mãe, todo sentimento, transborda de prazer pela felicidade d'um filho; enche-se ao contrário d'amargura, se o infortunio lhe descarregou um desar. O amor de mãe não tem par; não se lhe compare — amor de pae. O coração de pae é coração de homem, e a mulher sente mais. O pae ama o filho, a mãe estremece-o.

Traz-nos em seu seio, abre-nos as portas do viver entre dores excruciantes, a trôco muitas vezes da propria existencia, suspende-nos ao peito para nos dar o primeiro alimento, enfaxa-nos, ensina-nos a balbuciar as primeiras palavras, cobre-nos de caricias e ternuras, abre-nos primeiro que ninguem o espirito para ideias religiosas, guia-nos o pensamento até Deus — e por tantos trabalhos, por tão assiduos disvelos o que pede em recompensa? A vida do filho, a quem não deseja sobreviver, a sua felicidade, que compraria por muitas afflições, por amargas lagrimas. Ás vezes levo-me a crer que todo o amor se resume no amor de mãe...

E o navegante tem forças para deixar tudo isto! Com o pensamento na patria, que vae deixar, na familia, que fica em lagrimas, e a saudade no coração, lá vae mar em fóra sustentado pelo apoio da esperança, que lhe sorri bondosa, e que 'num sorriso lhe promette a restituição de tantos bens, prazeres, affeições, que agora deixou.

Segui-o com os olhos do pensamento: lá vae, mar largo, triste e chorocho por saudades da patria, mas consolado pelo sorriso da esperança: em tórno a vastidão dos mares, imagem do infinito; lá em cima suspenso no ar, o firmamento.

Um dia, ainda longe da terra, principia-ram a toldar-se os ares; as nuvens junctaram-se, agglomeraram-se, condensaram-se, fartas de electricidade; o ceu escureceu, o vento soprou rijo de muita força... e depois a electricidade refervia 'naquelles vapores amontoados, que já a não podiam reter.

Mais um pouco... Estala a tempestade, fuzilam os relampagos, cruzando-se em chispas, ronca o trovão atroando os espaços, dá corsos o mar estorcendo-se em raiva!... e o vento a soprar com força, a erguer ondas empoladas, e o baixel, ora a tocar nas nuvens, ora a precipitar-se nos abysmos! E tndo desconforto e angustias; e comtudo a espe-

rança sorri ainda, porque se põem as mãos, se fitam os olhos no ceu, se erguem súplicas ao Deus de bondade, dominador da terra e mares, Senhor das tempestades!...

O inferno, para quem soam annos os dias, e as noites seculos, porque dias e noites lhe passam em contínua tortura, em amargurado soffrer; afflicto, angustiado, revolvendo-se 'num leito de espinhos, presente sempre ao espirito a lembrança do estado de saude, que d'antes gosára, lembrança que só serve a animar o soffrimento, o inferno, traspassado de dores pungentes não vai até á desesperação: se a lembrança da morte se lhe apresenta ao espirito, acode logo ao coração a *esperança* a prometter fim a tantos soffrimentos, a dar muita resignação com a promessa de dias de ventura, para que é primeira e essencial condição vigor no corpo e paz no espirito. Se o inferno, na recrudescencia do mal, de que é victima, vê illudida aquella promessa que lhe dava força e constancia para supportar uma agonia duradoura, se lhe falhou a esperança da terra, então ora a Deus, e 'numa prece evoca a esperança do ceu, que, apontando-lhe a patria da bemaventurança, lhe faz esquecer saudades do mundo. Esperança da terra, ou esperança do ceu, é ella sempre que nos anima e consola nas maiores tribulações.

(Conclúe)

ABEL P. DO VALLE.

In amaritudine animae.

Chovam sôbre outros rios de venturas,  
Cubram-lhe o chão, que pisam, brancas flores,  
A luz lhes doire a vida, e das alturas  
Desçam-lhes risos mil, graças, amores!

Eu, triste eunucho,

Fadado para o mal, irei passando  
Sêm uma vez libar divino succo  
Da taça que o prazer vae intornando.  
Verei outros haurir o nectar puro,

Que os rostos illumina,

E terei de ficar humilde e escuro,  
Abraçado com a sombra que me envolve,  
Com a dor que me domina!

E todavia os cantos me imbalaram  
Da doce voz de mãe, que o peito volve,  
E sôbre o berço meu faces gostosas,

Com benignos sorrisos se inclinaram.  
Tive na infancia c'róas d'alvas rosas,  
E sôbre a fronte loira me lançaram  
Os fluctuantes mimos de mil flores.  
E comtudo sorvi gratos olores  
Dos perfumes que em roda me intornavam.  
Com sorrisos d'amor pagava tudo,  
E coros d'anjos mil me rodeavam!  
Oh! natureza! ó Deus! porque não mudo  
Esta dor em prazer, em paz a guerra?  
Passar ante essa turba, ignoto e mudo,...  
Saber quanto se gosa,  
E não podêr gosar! e em toda a terra  
Não ter onde repouse a alma anciosa!  
Meu Deus! para que foi saber venturas,  
E não podêr gosar-as?  
Ou tu me desses só sombras escuras,  
Ou eleva-me aos ceus em que te imbalas!

SANTOS VALENTE.

## INFELIZ POR CAPRICHIO

### III

Pouco depois a filha estava reunida ao pae.

— Eufemia, disse este, vês aquelle cavalleiro, que se dirige para aqui?

— Vejo, meu pae.

— É Aniceto, um rapaz cujas bellas qualidades tens já tido occasião de conhecer. Ora, diz-me, que tal te parece elle?

— Muito estimavel.

— Gostarias de que elle fôsse teu marido?

— Marido?...

— Sim, porque é que te admiras?

— Admiro-me de o pae querer que eu me separe de si.

— É isso o que respondem geralmente as filhas aos paes, mas são palavras a que eu não dou credito.

— Não crê então na minha amisade?

— Crerei, se tu me deres uma prova.

— Falle, meu pae.

— Aniceto pôde fazer a tua felicidade, que é tambem a minha, casando contigo; responde agora, queres casar com elle?

— Deixe-me reflectir, meu pae.

— Não ha quê reflectir. Aniceto escreveu-me hontem a pedir a tua mão, e hoje

vem buscar a resposta. D'aqui a tres minutos está aqui.

— Se eu não gostasse d'elle, meu pae, como poderia ser feliz?

— Haverias de o ser, logo que deixasses de ser louca.

— E se eu não quizesse casar com Aniceto, o que faria?

— Os paes podem fazer-se obedecer por suas filhas.

— Obrigar-me-ia, não é assim? Iria por um capricho lançar-me no abysmo da desgraça?

— Ora ahí está para que a gente anda a educar os filhos, sem se lembrar, que as malditas novellas hão de destruir o que a gente faz.

— Não são as novellas, meu pae, que me fazem dizer isto; são os sentimentos de liberdade, que devem ter todas as mulheres.

— E, então está decidido, não queres casar com Aniceto?

— De vontade casarei.

— Bem. Recolha-se ao seu quarto e veremos quem manda aqui.

Retirou-se Eufemia, e um criado annunciou o sr. Aniceto Sebastião d'Oliveira Castro e Silva Faria.

Depois de várias phrases preambulares, trocadas de parte a parte, o fidalgo tossiu, como um orador quando está para principiar um discurso, e disse:

— Li com summa satisfação a sua carta d'hontem, por ver 'nella a prova de que ainda existem corações generosos: todavia não lhe posso conceder a mão de minha filha.

— Oh! exclamou Aniceto, imitando um actor do Theatro da Inquisição, 'numa scena de tragedia: serei eu mais uma víctima sacrificada nos altares da desgraça.

— Não digo tanto, meu amigo; se eu conseguir pôr em bom caminho os meus negocios, dar-lhe-hei a mão de Eugenia.

— Mas que têm os negocios de v. ex.<sup>a</sup> com o meu amor?

— Têm muito; minha filha não tem cinco réis de dote.

— Fidalgo, não julgava que apreciasses tão mal os homens. Julga que busco dinheiro e não amor? engana-se. Dê-me a mão de sua filha, e não se importe com dotes.

— Nobre e generoso mancebo, és um di-

gno descendente dos Silvas Farias, a quem folgarei de chamar meu filho.

— Obrigado, mil vezes obrigado, aquelle que consente em que eu seja feliz.

Sahiu Aniceto da quinta do fidalgo, depois de terem concertado tractarem ambos de arranjar com a maior brevidade todos os documentos necessarios para o casamento. Chegou a Coimbra, e, como já tivesse anoutecido desde muito, ceou e deitou-se, dizendo consigo.

— Se acaso não fôsse verdade ter morrido o tal tio da Bahia ficava sem pataco.

(Conclúe)

A. CORLHO.

### A DISTINCTA ACTRIZ JOSEPHA SOLLER

Em abril de 1860

Se um raio do teu genio illuminasse  
Em scentelha fugaz meu estro ardente,  
Ganháras um cantor;  
Os applausos que escutas fervorosos  
'Num hymno os traduzira p'ra lembrar-te  
Esta noite de amor.

Hoje imperas aqui; cingem-te a fronte  
Grinaldas de gentis, viçosas flores  
Do mais formoso abril:  
O tempo é primavera; e a mocidade  
Te rende preto, unindo-se co'o tempo  
Em cortejo gentil.

Na terra das saudades te festejam;  
E um dia as carpirás quando te lembre  
A noite que passou;  
Que tributo leal se presta á glória  
'Nesta terra gentil; nunca a lisonja  
Tal tributo manchou.

A musa da tragedia, peregrina,  
'Neste palco soltou a voz ingente  
Em rapida visão;  
Após ella seguiu-se a excelsa Emilia:  
E tu' depois grangeias novas c'róas,  
Moves nova emoção.

A. A. F. P.

A felicidade mata ás vezes o genio, assim como outras a desgraça o cria.

A. E.

## AMOR E MARTYRIO

(Continuação)

Finalmente João, levantando para Sexto os olhos arrasados de lagrimas, quebrou a mudez que alli reinava, dizendo-lhe:

— Amigo, dá-me um conselho; vejo ante mim um abysmo que de instante para instante mais se alarga e aprofunda. Quando ha pouco entoava a minha canção d'amores sabia que essa açucena perfumava uma tumba.

— Assim é, disse Sexto, a morte devora lentamente os ultimos instantes de Elena, e cada grão de areia que se desprende da ampulheta que marca os momentos fugitivos da sua vida é um passo gigantesco que a formosa virgem dá para a sepultura. João, eleva-te á altura d'essa dor immensa, e recebe com coragem o teu baptismo de soffrimento; neophyto da sciencia do mundo, tem ânimo.

— Animo! fallais-me de animo e de coragem? Porventura Deus pedir-me-ha contas porque desfalleci á dor, não podendo suportar sua violencia?

De novo resoaram passadas na galleria, que interromperam João, o qual ancioso olhou para a porta e estremeceu violentamente.

Apparecêra nella um velho magestoso, de longa barba e cabellos tão alvos como a neve que corôa os pincares elevados das montanhas do norte. Era um ancião verdadeiramente poetico. Era um *fac-simile* d'esses bustos creados por *Forwalden*.

Entrou.

Lançou um olhar espavorido em roda do aposento. Os olhos despediam um fulgor extranho, mas não se fixavam em ponto algum.

— Senhor, disse João, ia procurar-vos.

— Tambem eu te buscava, exclamou elle.

— E vossa filha Elena?

O ancião respondeu com uma vóz que parecia o écho d'uma crypta subterranea, repercutindo ao longe:

— Está moribunda...

E, dizendo isto, lançou um suspiro, que resumia todo o soffrer de que são capazes as entranhas d'um pae para com o ente debil a quem deu a vida com seu alento amoroso, e creou na solidão de seus dias como uma planta mimosa e delicada. O ancião continuou:

— É a minha obra, ... cumpra-se a vontade

do Senhor; o sangue golfa dos labios de minha filha, resequidos pela febre. Vinde, vinde consolal-a e mitigar-lhe as derradeiras agonias. Pobre martyr que o capricho da minha vontade selvagem e ferrea sacrificou, planta tenra de que eu fui o furioso vendaval que a fez quebrar...

Estas palavras cahiram como cascas de fogo nos seios d'alma de João. As lagrimas, que ha pouco lhe minoravam a dor, seccaram-se-lhe nos olhos, que se tornaram aridos, como a fonte em dia calmoso d'estio.

Os signaes d'um sulco profundo desenharam-se-lhe na fronte até então lisa e esplendida. De cada um de seus cabellos cahia uma gôtta d'agua que escaldava. Sua alma, formada d'um puro e candido espirito, era um Eden para a poesia melancholica, para o romanticismo; nutria-se de commoções delicadas e timidas. A esperanza desabrochava-lhe no seio como uma flor mística, perfumando-o, e avivando-lhe os sonhos dourados.

Agora, por uma d'aquellas reacções de que tão susceptiveis são as naturezas delicadas, transformou-se 'num deserto desolador aquelle espirito fragil. Poesia, amor, esperanza — as tres palavras mais encantadoras da linguagem da alma, foram-lhe riscadas para sempre do livro do seu coração.

Os tres sahiram do quarto. João foi o primeiro; o seu andar acelerado apenas era acompanhado por Sexto. O pae de Elena seguiu-os em distancia com passos vagarosos.

### III

A camara de Elena, escurecida de proposito, mal deixava aperceber os objectos que a occupavam. Não podiam as debeis retinas da muribunda supportar os fortes raios da luz. A noite artificial, que se via no quarto, correspondia á continua noite de padecer que devorava os ultimos alentos vitais da menina d'Ullera. Os olhos tinham-se-lhe sepultado na profundidade das orbitas. Era o symbolo da morte!

Segurava nas mãos um lenço branco, aonde, depois d'uma tosse sècca e violenta, cahiam de instante a instante golfadas de sangue purpureo ou negro.

No fundo da casa, ajoelhado, diante d'uma imagem do martyr do Golgotha crucificado,

ante o qual uma lampada projectava uma luz bruxuleante e mortíca, murmurava um monge o officio de defunctos. Ouvia-se-lhe distinctamente, apesar do baixinho do seu entoar, dizer:

*Contra falium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam et stipulam siccam persequeris?*

Ao lado do leito sentado juncto á cabeceira outro monge repetia de vagarinho aquellas palavras. Com os braços cruzados, o negro capuz cobria-lhe a cabeça e moldurava-lhe o rosto. De quando em quando inclinava a cabeça para a virgem, como quem lhe estava ensinando a maneira de cruzar os humbraes do sepulchro para o porto de salvação.

Elena estava com o maior recolhimento e devoção. A cada palavra do monge correspondia o seu semblante cadaverico com um gesto de humildade.

O frade, segundo a práctica que a fé viva lhe inspirava, ora apresentava a sublime gravidade do representante do Ente Supremo, ora a sollicitude do ministro de Jesus Christo, o Deus dos que soffrem; 'nestes momentos similhava a mãe desvelada que á fôrça de caricias faz adormecer o filhinho adorado.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

### A UM JOVEN ACTOR

O genio é sol brilhante, que illumina  
Com dourado fulgor da gloria a palma!  
Cada raio dos seus creara um Talma  
Se a todos nos coubesse a luz divina.

Então nascera a gloria, peregrina,  
Do mais ardente sópro de nossa alma!  
Bem como nasce a flor na doce calma  
Quando a brisa do sul o val' domina.

O que levar-nos pôde á eternidade  
Esse laço, porém, que a Deus nos liga,  
E que aos homens só lembra com saudade,

É bem raro condão de sorte amiga!  
Mas tu, mancebo, exulta! á Divindade  
Roubaste a luz eterna: a scena o diga!

LUIZ CARLOS.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

### SEGUNDA PARTE

ANÁLISE DO DISCURSO PRELIMINAR DO ORIENTE  
NO PRIMEIRO VOLUME D'ESTE POEMA

Até aqui temos mostrado onde José Agostinho de Macedo imitou, e muito, a Camões; passemos agora a analysar o Discurso Preliminar do *Oriente*, e algumas observações lhe faremos.

Lê-se a pagina 59: «Virgilio não quiz dar principio á navegação de Eneas com a partida d'este heróe do porto de Troia, lança-se com a imaginação no meio da viagem, e o considera velejando nas alturas ou nas aguas da Sicilia, etc. Eis aqui o exemplar ou modelo, etc.»

#### OBSERVAÇÃO

«Segundo as opiniões dos melhores auctores ha duas especies de narração, uma natural e outra artificial.

«A natural é a que segue a ordem dos tempos contando em primeiro lugar aquellas cousas que primeiro succederam, e em seguinte as que se seguiram. Em similhantes narrações se acha descripta uma acção do mesmo modo que succedeu, e alli se vê primeiramente o seu principio, depois seu meio, e ultimamente o seu fim.

«A artificial não segue a ordem dos tempos e dos successos; mas propõe desde logo o meio da acção, e depois narra os principios d'ella e o seu fim.

«A natural é mais propria dos historiadores, que dos poetas. Aquelles têm por objecto representarem nos escriptos os successos passados, segundo a verdade sem mais nem menos; e assim nol-os devem representar nos mesmos logares e nos mesmos tempos em que elles se passaram. Estes têm por fim o deleitar; e como um grande meio para isso é excitar a curiosidade e ter suspensos sempre os animos dos leitores, levam estes ao meio da acção na qual uma vez interessados, lhes faz desejar saber os principios e causas d'ella, suas antecedencias e o fim d'ella.»<sup>1</sup>

Segue-se por consequencia que se Camões,

<sup>1</sup> Jeronymo Soares Barbosa — Análise dos Lusíadas de Luiz de Camões, pag. 55.

como Virgilio, não deu principio á navegação do Gama com a partida d'elle de Lisboa, não fez mais do que conformar-se com a opinião dos melhores auctores, como fica exposto.

Ha ainda aqui a notar uma cousa, e é, que Macedo diz querer fazer um poema todo original, e critica Camões, como já se disse por, como Virgilio, não dar principio á navegação do Gama com a sahida d'elle de Lisboa, e a pag. 89 do 1.º volume do *Oriente* diz: «....., e segui como o Tasso a ordem natural da historia desde a sahida do heróe até á sua entrada no Tejo.» Seguir como Tasso, etc., não é imitar o Tasso, é uma originalidade nova que Macedo inventou.

A pagina 60 lê-se: «Virgilio faz entrar Eneas em Carthago, Camões faz aportar o Gama a Melinde.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma fórma faz aportar o Gama a Melinde.

A pagina 60 lê-se: «Eneas é recebido e agasalhado por Dido; Vasco da Gama é recebido e hospedado por o rei de Melinde.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo faz acontecer o mesmo a Vasco da Gama.

A pagina 60 lê-se: «Eneas conta a Dido sua navegação desde Troia até Carthago; Vasco da Gama conta ao rei sua navegação desde a praia do Restello até Melinde.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo faz que o Gama conte ao mesmo rei a razão por que allí vinha, e succintamente os perigos que tinha encontrado na viagem, que é o mesmo que contar a sua navegação.

A pagina 60 lê-se: «Virgilio conta o resto da navegação de Eneas desde Carthago até ao Tibre; Camões conta o resto da navegação de Vasco da Gama desde Melinde até Calecut: fóra muito melhor traduzir Virgilio, que imitar tão servilmente Virgilio.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo conta tambem, como Camões, o resto da navegação de Vasco da Gama de Melinde até Calecut: fóra muito melhor tradu-

zir Virgilio e copiar Camões do que imitar tão servilmente um e outro.

A pagina 62 lê-se: «No concelho<sup>1</sup> de Virgilio, ergue-se Marte da sua cadeira, e segue as partes dos Troianos, seguindo o parecer e voto de Venus; no concelho de Camões segue Marte o parecer e proposta de Venus, opina como ella a favor dos portuguezes, e pede a Jupiter que mande a Mercurio, como Viador, a dispór a hospedagem dos Lusos em Melinde.»

## OBSERVAÇÃO

Não é verdade ter Marté pedido a Jupiter que mande Mercurio preparar a Melinde hospedagem para os Lusos; mas sim pedir elle ao mesmo Jupiter que mande o mesmo Mercurio mostrar aos portuguezes terra, onde da India se informem.

(Continúa)

A. M. C.

## Charada

Uma nota, um som apenas,	1
Que ouço ás vezes echoar.	1
Quem solto e livre de penas,	1
Ao cabo pôde-a buscar.	1

De ti, só volvem sorrisos  
Do mais atroz dissabor  
Tu és a patria dos genios,  
Tu és seu doce vigor.

ALFREDO ELYSIO.

## PUBLICAÇÃO LITTERARIA

## SCENAS ROMANTICAS

POR

*Henriqueta Elysa Pereira de Sousa*

E

*Alfredo Elycio Pinto de Almeida*

Um volume de perto de 300 paginas em oitavo, pelo preço de 500 réis em Coimbra, e 600 réis nas outras terras. Assigna-se' nesta redacção e na Livraria Central, Lisboa e Coímbra.

<sup>1</sup> Concelho dos Deuses no Olimpo, convocado por Jupiter.



## SAUDAÇÃO À PRIMAVERA

As Graças e os Amores,  
Coroados de alegria  
Em doce companhia  
De nymphas e pastores, ó som brando  
Doces versos de amor vão revezando.

FERREIRA. A primavera.

Bem vinda sejas, primavera qu'rida,  
Que me dás vida que me dás calor  
Bem vinda sejas! de teu seio a esperança  
Brota em bonança de sincero amor.

Bem vinda sejas, palpitante, linda,  
Que eu possa ainda tuas gallas ver.  
É triste o ermo, quando murchas cores,  
Pallidas flores se vão lá colher.

Bem vinda sejas, que por tí acorda  
Da lyra a corda que não vibra um som.  
Despertas 'nalma sensações já frias,  
Mil harmonias com singelo dom.

Bem vinda sejas, deslumbrante aurora,  
Tu és de Flora precioso altar.  
Da fronte esparges scintillantes lumes  
De mil perfumes nos virás cercar!

Da minha terra protectora qu'rida,  
Que já perdida pelo mundo andou,  
E que ora-volve com semblante amigo  
Buscar abrigo aonde outr'ora amou.

De puros raios vem cingir-te o rosto  
Diadema posto pela mão de Deus.  
As plantas cinges d'um collar de prantos  
E elevas cantos ao Senhor dos ceus!

Tens oh rainha, no meu seio um throno,  
Vem do teu somno nos degraus sonhar,  
Terás vassallos, trovadores antes  
Sempre constantes em saber-te amar!...

Lodeiro, 23 de fevereiro de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 10

## A PRIMAVERA NA MINHA ALDEIA

Na minha terra uma aldeia  
Por noites de lua cheia,  
É tão bella, é tão feliz!!

Disse-o João de Lemos; e ninguém com tanta propriedade, com tanta poesia filha d'alma, o poderia repetir!

Aquelles versos foram sentidos antes de serem escriptos! palavra por palavra lhe passou pelo coração antes de chegar á penna! Só a saudade, saudade da patria, lhe podia inspirar tão sentidas notas d'aquelle suavissimo canto! Ninguém ha que lendo-o, não experimente o sentimento que elle tão bem soube exprimir!

Depois de João de Lemos que poderei dizer da minha aldeia, eu que apenas lhe sentir as suas bellezas?! Posso sim contar as minhas impressões, que tantas são ellas, quantas as vozes d'esta natureza que me cerca!

O regresso da primavera aqui é uma coisa indescriptivel!

Um dia, pela manhã, abre-se uma janella, e fica-se extatico ante o bello espectáculo, que inesperadamente se appresenta a nossos olhos. Em torno de nós tudo sorri, tudo canta, tudo palpita!

É tão rapida, tão sensivel ás vezes esta transicção do inverno para a estação das flores, que, admirados, perguntamos a nós mesmos: «Que festa ha na natureza para assim se ostentar remocada e enfeitada como uma noiva? Ah! é verdade, é a primavera que chega; bem vinda sejas, eu te saúdo!

E um secreto estremezimento de alegria nos faz sorrir tambem para o Creador, que nos dá com mão prodiga tantas maravilhas.

O coração palpita com violencia, os pulmões arquejam com ancia, pela avidez com que aspiram este ar puro, que nos traz uma nova existencia!!

Não é bella e feliz a minha aldeia?! Se mais bellezas encerra eu não lh'as posso contar: mas os versos de João de Lemos resumem tudo quanto disse, e quanto me fica ainda por dizer.

Lodeiro, 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

O homem feliz só se lembra do presente.  
1 DE ABRIL DE 1863

## AO MONDEGO

Vão mansamente as aguas d'este rio  
Correndo até seu fim... Tem fim ao menos  
Estes espelhos d'agua tão serenos!  
SANTOS VALENTE.

De Herminias serras nevadas  
Desce o Mondego real;  
E sobre areias doiradas  
Corre puro o seu crystal;  
Em fios de prata lisa  
Vae murmurando co'a brisa  
Doce canto festival.

Na veia se lhe retrata  
E se mira a mais não ser  
Donzella que os olhos mata  
A quem com o riso prender;  
Ledo o espelho lhe copia  
O rosto d'aurea magia  
Que o namora com prazer.

Com sua doce corrente,  
Com seus lugubres chorões,  
É mais que o Douro potente  
A ferver em seus cachões;  
Se carrancudo põe medo,  
Não sabe o triste o segredo  
De prender os corações.

Nas tuas margens viçosas  
Foi, Mondego, que nasci;  
Foi teu halito de rosas  
O primeiro que bebi;  
Foi por entre os teus salgueiros  
Que tive os brincos primeiros,  
Onde infante me sorri.

Foi então... 'naquella idade,  
Que mais encantos gozei;  
Hoje só resta a saudade  
D'esse tempo que passei:  
Quantas vezes pequenino  
No teu curso crystalino  
Alegre o rosto mirei!...

Quantas vezes pela areia  
Corria louco a folgar,  
Tendo sempre fita a ideia  
Somente em rir e brincar!?  
Ai! que lembrança tão doce!  
Que pena a vida não fosse  
Sempre infancia — sem penar!...

Foi aqui, por entre as flores,  
Onde a sentir comecei,  
Onde, perdido de amores,  
Com vivo fogo adorei:  
Foi ao som de tuas aguas  
Que curti as minhas maguas  
Que meus suspiros soltei.

Mas hoje, Mondego amado,  
Meus prantos podes colher,  
Que aquelle amor mallogrado  
Me fez em copia verter.  
Se te dei risos outr'ora,  
Dou-te martyrios agora,  
Que é minha sina... soffrer.

A. A. F. P.

## ESPERANÇA

(Conclusão)

O criminoso, calando á fôrça o grito da consciencia, que lhe accusa um pensamento sinistro e sanguinario, deixando fallar mais alto uma paixão ruim, do que a ideia e sentimento do justo, que Deus implantou no coração de todos os homens, levanta o braço homicida e anniquila uma existencia.

Horrorisado, por que viu offendidos os mais sagrados direitos do homem, calcado aos pés o principio da justiça absoluta, e temendo pela sua segurança, que seria illudida na repetição de factos d'aquella natureza, a sociedade apodera-se do criminoso, mette-o 'numa enxovia, da-lhe por sustento pão negro e agoa, lança-lhe aos pulsos pesadas cadeias, que a custo arrasta. Então vem para o criminoso o soffrimento atroz: é a testemunha, a que nenhum crime se esconde, a consciencia, a accusar-lhe uma atrocidade: é o remorso implacavel a pungil-o de acerbos dores; é a prisão sombria e humida a recordar-lhe com amargura, a luz, o sol, as estrellas, os campos, as collinas, a familia; é a sua victima a clamar-lhe vingança em agitados e horrosos sonhos, é a ufania com que se manchou perpetrando o crime a recordar-lhe o desprezo dos seus semelhantes, é um turbilhão de pensamentos a qual mais pungente, a torturar-lhe o espirito... e este homem, assim angustiado por que se tem que não esmaga a cabeça contra as paredes do carcere?

Espera da justiça da terra que ha-de ser clemente, e restituir-lhe a liberdade, e da misericórdia de Deus que ha-de perdoar-lhe e livral-o do remorso implacavel.

Não é só isto. Um homem geme sobre os males da patria em desalento, que vê ir-se para a sua ruina, se mão vigorosa e bemfazeja não corta o mal, que lhe enerva as forças.

Aquelle homem concebeu uma ideia; na realisação d'essa ideia está, a seu vêr, a salvação da terra, que o viu nascer; é preciso trazer essa ideia ao mundo das realidades, encarnal-a em factos, tornal-a elemento de vida social. É empenho, na verdade, difficil. Ideias velhas a reagir contra as novas, preconceitos, interesses, ambições, poderes constituídos são outros tantos inimigos, que lhe hão-de oppor fôrça tenaz e teimosa contra a sua pretensão, e ai d'elle se não triumphar da lucta! Não importa. O amor de patria pôde muito, por que a patria é este sol, que nos alumia, sol mais brilhante que o que nasce 'noutras paragens, é esta lua mais saudosa, são estas arvoredos que nos dão sombra, estes prados verdejantes, estes arroios a serpear por entre a relva, estas collinas, estas montanhas a topar nas nuvens, estes bosques a gemer com a viração da tarde; a patria é tudo isto e mais ainda—é o pão que nos alimenta, as leis que nos regem, os costumes que nos caracterisam—é o amigo, o irmão, o pae, a mãe: são todos estes homens, que pisam o mesmo chão, que fallam a mesma lingua. Assim, a que não pôde levar o amor da patria? Pois bem: esse amor a dar animo, e a *esperança* a abrir-se em bello horisonte, a mostrar-se em risonho futuro levam a dar o passo arriscado, a empenhar a lucta, que, se lhe termina desfavoravel, ha-de custar-lhe a vida com a de muitos concidadãos.

De quanta *esperança* não é preciso ser alimentado para correr mar desconhecido em demanda de mundos novos? Como explicar os commettimentos audaciosos de Vasco da Gama, Christovão Colombo, Magalhães, e outros? Vasco da Gama, o capitão forte, que abriu á Europa as portas do Oriente, quantas difficuldades não teve que vencer? Sahindo do extremo occidente la vai por mares nunca d'antes navegados em demanda de regiões té hi desconhecidas. Tormentas no mar, insidias na terra, tudo arrosta para chegar ao seu

empenho. Ha-de dobrar o cabo tormentorio, ha-de resistir ás ameaças do fero e tórvo Adastor, ha-de roubar-lhe as chaves, com que abra ao velho mundo o mundo novo, ha-de, sim, por que la do oriente lhe scintilla uma luz d'*esperança*, e guiado por ella la vai por entre perigos e escarceus a encher aquellas remotas plagas do nome—Portugal—.

Mais um exemplo d'entre os muitos que se poderiam apresentar.

Vêde aquelle filho, que vae deixar a casa paterna; olhai para a mãe: vêde como ella o aperta ao seio, como sobre elle derrama lagrimas sentidas! attentae-lhe bem no rosto; vêde como 'nelle se lhe retrata a dor que lhe vai 'nalma!... Porque tem forças para vêr partir o seu filho querido? Por que lhe fica a *esperança* de que virá um dia matar-lhe as saudades, que serão de todos os dias, por que se não risca do espirito de mãe a lembrança do filho que lhe vae ausente. Então ainda chora, ainda sente a amarga consolação das lagrimas, em que se desafogam as grandes dores, por que lhe sorri a *esperança*, que se assim não fóra, nem lagrimas teria para a sua dor, que lh'as queimaria ella ao rebentarem-lhe do coração!

Em fim ouçamos o que diz o auctor do «Genio do Christianismo» em relação á materia:

«Sans doute elle fut revelée par le ciel, cette religion qui fit une vertu de l'esperance! Cette nourrice des infortunés, placée auprès de l'homme, comme une mère auprès de son enfant malade, le berce dans ses bras, le suspend a sa mamelle intarissable, et l'abreuve d'un lait qui calme ses douleurs. Elle veille á son chevet solitaire, elle l'endort par des chants magiques.»

ABEL P. DO VALLE.

## PAN

O verde Pán com a sua capa azul.

ANTHERO DO QUENTAL.

Ó verde Pan! se vejo a grenha hirsuta,  
Onde os raios do sol meigos se infiltram  
Nas doces horas, em que o ceu é róxo,  
Vão-se-me os olhos na amplidão sem nome  
A contemplar as virides planicies,  
Em que o boi, esse placido philosopho,  
Com olho internecido a sós medita

Vendo o tronco d'uma arvore cahida,  
Que succumbira ao sopro da nortada,  
Como elle ao jugo.

O Pan, teus verdes myrtos  
Em tristeza profunda, e azul invejam  
Que essa capa do'ceu sobre elles lança  
Coberta d'esplendores. E pendentos  
Sobre a prata do arroio, nelle os prantos  
Derramam que lhes solta a dor das hastes.

E nós que sobre as ondas d'este oceano  
Vogamos sem ter norte, olhos no abysmo,  
Quedos ficamos no ambiente immenso,  
Onde rôlam as dores. E um momento,  
Que é o espaço, que a vida nos levanta,  
Erguemos ao azul, que a todos cobre,  
A vista pelas lagrimas turbada...  
Depois vae cada qual passando ávante,  
E no seio do Pan, qual onda ephémera,  
Cahimos mergulhados 'nessa sombra,  
Onde se evolue sempre o grande Todo.

Penedo da Meditação, 25 de março de 1863.

SANTOS VALENTE.

## A PERDIDA

Sepultada no tremedal do vicio, pallida,  
como a rosa dos sepulchros, julgas-te, mul-  
her perdida, a rainha dos lupanares!

Mas o anjo da morte, batendo vagaroso as  
azas negras, e segurando em uma das mãos  
a fouce das vidas, e com a outra abrindo-te  
as portas do escuro averno, adeja funereo e  
insensível sôbre o teu leito, velado constan-  
tamente pelo vicio e pelo crime.

Agua nas aspirações, verme ignobil no  
sentir, tentáste ultrapassar os limites do  
mundo da pobreza honrada, que o Poderoso  
te ha traçado!

Porque tu vias algumas a quem já não  
adornava a grinalda da pureza, pisarem ri-  
cos tapetes, trajarem setins e adornarem sa-  
las!...

Porque tu eras pobre! E a ambição le-  
vou-te a pedir ao mundo o que não podés-te  
alcançar de Deus.

Mas hoje que és? Mulher perdida, que  
outr'ora entre andrajos transparentes occul-  
tava o ramo da pureza, e que trajando agora  
suberbas vestes patentêa a todo o mundo o  
ferrete da sua deshonra!

Assucena desfolhada, o venenoso aspide

do vicio te cerceou a petala, expondo-te ao  
tufão, das tempestades...

Anjo despenhado, deixaste o teu eden; sa-  
grado vergel das verdadeiras delicias, e vieste  
a revolver-te 'num tenebroso pelago de crimes  
e vicios.

Como a rosa aljofrada dos prantos matu-  
tinos, eras hontem pura e louçã; como a rosa  
pendida, a quem o sol estivo murçhou, és  
hoje desgraçada e semi-morta, resvalando in-  
sensivelmente para a beira da sepultura; como  
a rosa caída, a quem o gelado beijo da brisa  
arreatou, sumindo-a na amplidão do espaço,  
âmanhã serás pó, e a tua alma irá receber  
do Creador o justo castigo de suas obras.

Vizeu, março.

A. C. P. DE F.

## A UNS ANNOS

11 de março

Bem facil é no mundo achar mentidos gozos,  
E labios a sorrir em toda a parte os há;  
Mas tu, cercado só d' affectos extremosos,  
Tens rosas d'um jardim que o sol não crestará.

E affectos ao prazer dão cansa a mais constante;  
E da amizade a voz tambem de gozo val;  
Não seja extranho pois que a over a luz brilhante  
De aurora tão feliz, saúde o teu natal.

1863.

LUIZ CARLOS.

## AMOR E MARTYRIO

(Continuação)

Tudo no quarto tinha o aspecto da morte!...  
Só de quando em quando o sol que começava  
a sua carreira, rutilando no espaço, deixava  
projectar atravez das cortinas da janella um  
raio de luz, que illuminava com uma clari-  
dade suave o alvo rosto da moribunda, e des-  
apparecia para de novo volver, quando se  
desfazia a nuvem que por um momento ob-  
scurecera o astro do dia.

O rumor do mar trazido pela corrente das  
vibrações do vento murmurava com um echo  
distante e monotono uma triste endeixa da  
lyra da natureza. Alli so reinava a lugubri-  
dade. Parecia que o anjo da morte se erguia

de juncto do leito de Elena, sacudindo suas negras azas em torno d'aquelle aposento de sombras e tristeza.

— Sim, Elena, continuava o monge, dorme em paz na tua tumba, para despertares na eternidade juncto do Senhor que te formou o coração immaculado. «Os dias da vida passam como a sombra», diz o sancto Job. A esperança das coisas da terra é como a poeira da estrada que a viração da tarde eleva até ás nuvens, para immediatamente a precipitar na humildade primitiva. A esperança existe no ceu... e só essa esperança, que, como diz o Apostolo, tem o seu fundamento na fé celestial, é a verdadeira porque viverá eternamente.

— Meu padre, respondeu Elena com uma voz terna e fraca, Deus se compadeça de mim, pobre mulher que tanto amei e tanto soffri.

— Elle se condoerá, disse o padre, porque pelo amor do homem morreu cravado na cruz. Elle para todos abre generosamente os thesouros de sua misericórdia, quanto mais para ti, formosa como Esther, pura como Abisag. A coroa das graças cingirá a tua fronte pois que, como diz S. Jeronymo, «apuraste o calix da amargura no mundo, para gozares as delicias eternas.» Não te importe que teus dias se desvançam como o fumo, por que fumo são. Embora murchem as flores da tua belleza! são bem desprezíveis as flores que o mundo nos empresta, por que as não sabe resguardar do sopro da morte. Não te importem todos esses bens transitorios e fugitivos. Cerra-lhes os olhos para só os abrires nos vastos horisontes da eternidade, aonde não ha lagrimas nem soffrimentos para o que foi justo 'neste mar d'illusão. A formosura é uma vã mentira da natureza; nuvem do estio que se desvanece quasi antes d'aperceber-se. E será sempre abençoado o ente que despojando-se das vaidades da terra eleve o seu espirito ao Creador.

Elena, exaltada pelas palavras do monge, levantou as mãos ao ceu, exclamando:

— Meu Deus, meu Deus!

— Bemaventurado, continuou o frade, aquelle para quem o nome do Senhor é a unica esperança, por que elle gozará da sua divina presença no reino dos ceus.

Estas palavras feriram o amago da alma de Elena por que ainda não dessarreigára do coração as recordações de seu amor mundano.

Uma nuvem de tristeza annuviou-lhe o semblante.

— Ah meu padre, disse ella, vossas palavras enlutam-me a alma... Aqui, e pôz a mão sobre o coração, viveu no passado, vive agora e viverá na eternidade uma imagem de creatura a par da imagem do Creador.

— Não te afflijas, Elena; Jezus, idealizando o amor, não fez d'elle um crime. O espirito vence a prostração, os sentimentos puros; que são a sua vida moral, serão como elle eternos. A creatura é sempre creatura. Ai d'aquelle que disse ser o amor divino um amor egoista. Sim, Elena, deixa vegetar no teu seio esse lyrio de amor; mas não o tomes como base para sustentar as tuas esperanças terrenas, por que o mundo já nada tem para ti. Teus dias já passaram; teus pensamentos já se desvaneceram. Podes dizer como o filho de Flus: «Sepulchro tu serás meu pae, terra tu serás minha mãe, vermes vós sereis meus irmãos.»

— Oh essa é a realidade nua e descarnada. As esperanças do meu coração estão despedaçadas para sempre... para sempre, e ao dizer tal copioso pranto lhe corria dos olhos. Perdoai, meu padre; é tão suave nas margens da tumba volver os olhos para o tempo que passou, quando essa quadra está cheia de recordações!...

— O viandante, exclamou o monge, quando deixa o casal da serra, aonde se acoitou das furias da tempestade, que o colheram no meio do deserto, já longe d'ella, ainda pára a contempla-a com os olhos humedecidos pelo pranto da gratidão.

— E que fará, disse a joven, quem deixa 'nessa habitação a mocidade, a luz, o amor? e o seu choro redobrava.

— Não choreis, minha filha, valor! Ha de-se dizer sempre como na parabola: «Quem encontrará uma mulher forte?»

— Não, meu padre, valor tenho eu... Deixai-me chorar, são lagrimas do coração, impossiveis d'estancar. Derramando-as no vosso seio affigura-se-me que as verto no seio do Senhor. O amor que eu nutria era tão profundo... soffri tanto por elle, ai!

Este sentido — ai — da muribunda ressoou por toda a habitação, como se a alma de Elena se tivesse concentrado toda 'naquella nota tão intima.

Elena ia continuar, mas uma golfada de sangue cortou-lhe a palavra.

—O seu fim avizinha-se rapido; a phytica pulmonar estava quasi a concluir a destruição dos órgãos. Neste instante a porta da alcova de Elena abriu-se de par em par. Sexto, João e o pae d'Elena entraram. Sexto, tranquillo, silencioso e merencorio, collocou-se aos pés do leito da moribunda. O sr. d'Ulera procurou o sitio mais recondito do quarto para chorar. João ao entrar cruzou os braços sobre o peito, soltou um ai, impossivel de descrever e lançou-se de joelhos juncto da cama.

O monge murmurou aos ouvidos de Elena, «Coragem, minha filha, coragem», e foi ajoelhar-se ao lado do seu companheiro.

As palavras do velho sacerdote foram como uma inspiração magnetica para a virgem. Com a nivea mão, affastou do rosto cada-verico os negros cabellos e limpou os labios tintos ainda de sangue. Sentou-se na cama.

—Meu padre, disse ella, abri a janella, quero morrer vendo a cor azul do ceu, a a immensidade do mar, as grandezas da natureza, as maravilhas do Senhor.

Abriu-se a janella. A luz entrou, dissipando a escuridão e inundando de brilhante claridade o quarto até então sombrio e negro.

Elena envolta em roupas, alvas como ella, parecia pela sua formosura a rainha dos sepulchros. Olhou para o mar, que revolvía ebrio de gloria, num leito infinito, suas grandiosas aguas. Levantou as vistas para o ceu, e extasiada contemplou por muito tempo a vasta abobada azul e transparente.

(Conclue)

HENRIQUE FREIRE.

## Á POLONIA<sup>1</sup>

Ergue-se altiva a escrava  
Negros os pulsos d'algemas;  
Rota a prisão que a ligava  
Livre quiz ser.—E não temas,  
Surdo, encontrar o soldado,  
P'ra quem foi sempre sagrado  
D'oppressas almas o brado

<sup>1</sup> Esta poesia foi recitada por A. Caetano Callado de Castro e Lemos, na noite de 21 de Março, no theatro academico.

Que não prende a gargalheira!  
Nas crenças irmãos não somos!  
Tambem escravos já fomos!

Mas surge alfim altaneira  
A voz que nega senhores;  
Caíam por terra oppressores  
Curvem-se á nobre bandeira.

Já livre a escrava do norte  
Diz que por força nasceu;  
Vergar-se á lei do mais forte  
Não é lei de quem morreu  
Dando a todos egualdade!  
E nós, do progresso obreiros,  
Saudemos d'aqui primeiros  
Da Polonia a liberdade.

JOSÉ DE SÁ COUTINHO JUNIOR.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

A paginas 63 lê-se: «Virgilio descreve uma tempestade apenas Eneas perde de vista a Sicilia, Venus implora a piedade de Neptuno, este surge em seu socorro, manda aos ventos que se acomodem e o mar socega. Quando a armada do Gama sae da aguada de S. Braz em demanda de Melinde, descreve Camões uma espantosa tormenta. A tempestade de Virgilio, foi promovida por Juno, a tempestade de Camões foi excitada por Baccho. Na tempestade de Virgilio aplaca Neptuno os ventos; na tempestade de Camões amacia Venus o futur dos mesmos ventos, não com imperio, mas com peitas e promessas de dar a cada um dos amotinados sua esquiua Ne-reida. Virgillio faz que Venus vá fallar a Jupiter, pelo risco que corriam os troianos; Camões faz que Venus vá fallar ao mesmo Jupiter, pelo perigo em que estavam os portuguezes.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Nesta ultima parte ha um erro. Ou J. A. de Macedo irreflectidamente se enganou, ou de proposito se quiz enganar, forçado pelo empenho de fazer confrontações com que mostre a pouca ou nenhuma originalidade (segundo o seu dizer) dos Lusiadas. Não foi por occasião da tempestade descripta por Camões que Venus foi fallar a Jupiter a favor dos portuguezes; mas sim quando elles hiam para entrar em Mombaca, como já fica dicto na confrontação n.º 2.

## OBSERVAÇÃO

Macedo faz tal e qual a mesma cousa, servindo-se unicamente de outras pessoas. Representa uma tempestade promovida por Satanaz. O infante D. Henrique intercede para com Deus a favor dos portuguezes. Elle envia um anjo a socegar o mar e amainar a tormenta.

Isto é muito imitado de Camões, e diremos ainda, é muito mais imitado de Virgilio pela circumstancia de que neste ha o pedido de Venus a favor dos troianos, assim como em Macedo ha o pedido de D. Henrique a favor dos portuguezes, o que não ha em Camões.

A paginas 64 lê-se: «Virgilio faz que desça Mercurio a avisar os troianos, e dar parte aos cartaginezes da sua chegada, Camões faz que Mercurio desça a avisar o Gama que saia do porto de Mombaça, como o mesmo Mercurio avisa Eneas que saia do porto de Carthago.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma fórma faz avisar a Vasco da Gama por D. Henrique, que saia do porto da ilha ideal, como se disse na confrontação n.º 2.

A paginas 64 lê-se: «Virgilio pinta pelas paredes do templo de Carthago as batalhas dos troianos: Camões pinta nas portas do Palacio do Samorim em Pandarane<sup>1</sup> as batalhas de Bacho, de Semiramis, e Alexandre; por que tambem Virgilio as tinha pintado nas portas do palacio de el-rei Latino.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo pinta nas portas do palacio do mesmo Samorim em Pandarane, as mesmas batalhas (ou outras analogas) que Camões pinta nos portaes da cêrca do dicto Samorim, como se disse na confrontação 8.<sup>a</sup>

Aqui tambem Macedo imitou mais a Virgilio, do que o proprio Camões, que elle diz tanto o imitou, por que em Macedo são as batalhas apresentadas nas portas do palacio do

<sup>1</sup> Outro engano ha aqui, talvez tambem devido ás circumstancias do antecedente, e é, que Camões não pinta pelas portas do palacio do Samorim as batalhas antigas, como diz Macedo; mas sim nos portaes da cêrca do mesmo Samorim.

Samorim, como as de Virgilio o são as portas do palacio do rei Latino, o que em Camões não ha, pois as representa nos portaes da cêrca, e não nas portas do palacio do já mencionado Samorim.

A paginas 66 lê-se: «Virgilio introduz a Dido depois da ceia, pedindo a Eneas que lhe conte os successos da guerra de Troia e os trances da sua longa navegação, Camões com a mesma phrase, introduz o rei de Melinde pedindo ao Gama lhe relate miudamente a historia de Portugal na paz e na guerra, e os successos da sua viagem desde a fôz do Tejo até áquelle porto.»<sup>1</sup>

## OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma maneira faz que o rei de Melinde pessa ao Gama, depois do banquete que lhe deu, lhe conte a historia de Portugal. Vasco da Gama satisfaz a este pedido, e depois lhe conta tambem os perigos que passou desde o seu embarque até alli.

Ainda aqui imita Macedo mais a Virgilio do que o proprio Camões, por que, como o mesmo Virgilio, faz que o rei de Melinde faça aquelle pedido ao Gama *depois do banquete que lhe dá*, o que não faz Camões, como se pôde ver na confrontação 3.<sup>a</sup>

(Continúa)

A. N. C.

## RECORDAÇÃO

Amei-te outr'ora, quando pura ainda  
Me vinhas meiga prometter amor;  
Então donzella de candura infinda,  
Tinhas na face virginal pudor.

Amei-te outr'ora, quando virgem bella  
Sonhavas mundos de illusões sem fim;  
Quando, em arrobos de mulher singella,  
Louca tu vinhas abraçar-te em mim.

<sup>1</sup> Um outro engano ha aqui tambem, que não podemos deixar de notar: em Camões o rei de Melinde não pediu ao Gama lhe contasse a Historia de Portugal, quando o banquetou; mas sim quando foi ver as náos sem que antes d'isso tivesse havido ceia ou banquete.

Hoje perdida já não posso amar-te,  
 Já nem sei mesmo se te amei um dia;  
 Já nem a ideia de poder gozar-te  
 Me vem nas horas de infernal orgia.

Se ainda ás vezes tua image'em sonhos  
 Falla de enleios de gentil saudar,  
 É porque folgo recordar risonhos  
 Dias de infancia, que passei a amar.

Coimbra, outubro de 1863.

J. TAVARES DE MACEDO.

### BIBLIOGRAPHIA

Embora pretendam rebaixar a litteratura conimbricense, nada conseguem; e a prova é a quantidade de escriptos que por ahi se vêem; romances não faltam, e poetas não têm conto; e ainda assim não ligam a esta terra a consideração a que ella tem direito. Bem fazem esses nascentes genios, que ahi despontam ao sorrir da primavera, em se rirem, de quem lhes não admira as produções; tiram desforço, apresentando bellos modelos de poesia, d'essa nova eschola, que simelha a desejada luz, porque ha tanto anciámos. Aos que lhes negam gloria, lançam-lhes elles o desprêso no rosto; e assim deve de ser; que, sem forças e ousadia, de nada valem as meliores intenções e as mais sublimes ideias.

Baixemos, porém, de tão subido ponto a plana rasteira dos prosadores: que, hoje não temos que apresentar nenhuma selecção de poesias, temos sim de apresentar «Martyrios obscuros» romance de J. Manso Preto, e «O rei e o soldado» factó historico do reinado do senhor D. Pedro v, por Henrique Freire.

Diremos o necessario sobre estas obras: «Martyrios obscuros» é a segunda estreia de um joven, e feliz que ella foi; alli mostra elle mui conhecimento da litteratura patria, e bem assim dos romances francezes; o que principalmente deve hoje ser tido em muita conta, visto precisarmos um tanto de modelos estrangeiros; poucos são os nossos escriptores, por quem nos possamos guiar; e nos estrangeiros encontramos o muito que falta na nossa litteratura. Alem d'isto o romance é escripto com consição e move bastante o interesse: ao sr. J. Manso Preto aconselhamos que nos continue a mimosear com iden-

ticas produções da sua lavra, e folgaremos de o ver distinguir-se para dar brilho á litteratura conimbricense, e mostrar quanto progredimos.

«O rei e o soldado» é um pequeno folheto mas 'nessas poucas paginas revela-se bastante vocação; notam-se apenas algumas pequenas incorrecções: mas essas de nada valem, em attenção ás bellezas que o livro contém. O sr. Henrique Freire deve continuar na carreira que encetou com tanta felicidade.

Temos ainda a recommendar uma excellente polka-mazurca «Saudades de Coimbra» que o nosso amigo o sr. Manuel d'Assumpção acaba de offerecer ao publico; é digna de todos os elogios, por isso mesmo que é uma estreia; ás nossas leitoras compete protegela.

### Logogripho

Eu sou de pelle ou de panno	1 e 3
Nem sem mim alguém vivêra,	1 e 2
Nem haveria consorcio,	1 e 4
E nada se conhecêra.	4 e 3

Bem mal fica quem me leva:  
 A morte antes mais valêra.

A. NOBERTO.

### Expediente

Aos ill.<sup>mos</sup> srs. assignantes do Brazil pedimos desculpa de lhes não enviarmos o periodico desde o numero 1 até ao 9, porque os mandámos reimprimir.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda estão em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da sua assignatura.

### SCENAS ROMANTICAS

POR

Henriqueta Elysa Pereira de Sousa

E

Alfredo Elystio Pinto de Almeida.

Um volume de perto de 300 paginas em oitavo, pelo preço de 500 réis em Coimbra, 600 réis nas outras terras e 1\$000 réis fortes no Brazil. Assigna-se 'nesta redacção e na Livraria Central, Lisboa e Coimbra.



**VEN...**

Só a hora que as portas d'esta alma  
A alegria costuma transpor:  
Hora breve, momento que foge,  
Sempre cheio d'encanto d'amor!

Só a hora, meu peito a acompanha  
Em incerto, continuo bater;  
Nasce a esperança mil vezes no seio  
De sentir os seus passos, de o ver!

E não chegal silencio funesto!  
Que tristeza me enlucta e me mata!  
Só ao longe se escuta entre musgos  
Deslisar, murmurando, a cascata!

Trinam aves, doudejam insectos,  
Doura o sol as montanhas d'alem;  
Tudo folga e sorri de ventura,  
Só minha alma conforto não tem!

Onde páras? quem hoje, ó meu Anjo,  
As caricias d'amor te roubou?  
Quem, ao ver-te voar pressuroso,  
Tuas azas nevadas cortou?

Quem negou o sorriso a meus labios?  
Quem ás faces meu pranto desceu?  
Quem ousou ir dizer — não prosigas  
Não nos fujas — á nuvem no ceu?

Vem! Qu'importam censuras do mundo,  
Quando ardente a paixão vem brotar?  
Se o fulgir das estrellas fenece,  
Mal no espaço desponta o luar?!

Dou-te a vida — deserta, se foges:  
Ceu na terra, se és perto de mim!  
Nossas almas num q'rer resumidas  
Nos promettem venturas sem fim!

Desce, sonho dos sonhos mais bellos,  
Visão linda das lindas alem!  
Rasga o veu que me occulta o teu rosto  
Solta as azas, desprende-te, vem!

Coimbra, julho de 1862.

AMELIA JANNY.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 11

## TRIBUTO AO MERITO

À EX.ª SR.ª

**D. AMELIA JANNY**

Eu gosto de ouvir-te!  
Teus cantos são bellos  
Espelhos singelos  
Da alma que tens!  
Eu gosto de ouvir-te!  
Sentida tu fallas  
E as dores me calas  
Da sorte vaivens.

Tu soffres e sentes,  
Que o dizem teus cantos,  
Reflexo dos prantos  
Que escondes talvez...  
Tu soffres, não mentes  
No canto sentido,  
Que, d'alma nascido,  
Te trabe e não vês!...

Se Deus pôz a chamma  
Dó genio na mente,  
Ao triste que a sente  
Mostrou-lhe uma cruz;  
A fronte lhe inflamma  
Em sonhos de gloria,  
Depois... illusoria  
Se extingue essa luz.

Portanto não vejas  
Na dor que te opprime  
Mais que uma sublime,  
Divina missão.  
Se erguer-te desejas  
Dos genios á altura  
Ai! prova a amargura,  
Seu duro braço!...

Eu gosto de ouvir-te!  
São lindos teus cantos,  
Quaes gottas de prantos  
Que fazes verter!  
Quizera cingir-te  
De louros a lyra,  
Pois ella m'inspira  
Serenos soffrer!...

Lodeiro, 27 de março de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

15 DE ABRIL DE 1863

## OS DOIS OLHOS

(Conclusão)

Finalmente, senhores, é mister acabar o conto. Nem eu posso ir muito longe com elle, nem convem que elle fique eterno, isto é, sem fim.

A leval-o agora de seguida tinha a contar que não foram as ultimas aquellas cartas que tive a indiscripção de vos mostrar em numeros anteriores d'este periodico. E carta vae, carta vem, a ponto chegaram as coisas, que ambos os dois estavam como o lindo amor: estavam no ponto em que o ridiculo do amor toca o sublime. Quem tem passado por estas cousas sabe o que é, quem não tem passado tambem não fica a fazer ideia nenhuma do que eu lhe diga. Experimentem e saberão. É aquelle engano d'alma ledo e cego de que resa o Camões.

Era um viver de rosas,

De noite em doces sonhos que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam.

E como não ha espaço de tempo entre dia e noite, segue-se que viviam de sonhos e pensamentos. Ha de ser uma vida muito leve. Deus me livre d'ella.

Leonardo de Mesquitella é um homem de pura phantasia; um homem que vive 'neste mundo porque nelle se achou, mas que nem o ama, nem o conhece ao menos. Vive uma vida subjectiva, pensa como não pensa muita gente, tem um prisma original e seu por por onde vê tudo o que vê.

Entretanto não me pensem que o rapaz seja romantico. Não se apresenta desgrehado e pallido, com o fado sujo e bôfas rotas. Apparencias tem-nas de qualquer homem. Ahi passa despercebido entre toda a gente, e raras o conhecem, e menos ainda o avaliam. Nem elle apparece muito, nem com muitos falla.

A respeito de amor nunca elle o tinha tido a ninguem. Tinha lido bastantes romances de certa escola, onde a mulher é tudo menos mulher, onde só vem á scena anjos ou demonios, vestidos de alvas ou negras roupas, a gôsto do escriptor. A qual leitura muito mal lhe tinha feito, apurando-lhe a quéda

natural para fugir das peccas realidades d'esta vida.

Estes traços rapidos sobre o caracter do homem são quanto basta para explicar o que d'elle vimos de dizer, e mais ainda para não estranharem o final, que é o melhor. Não fazem ideia da repugnancia com que vou escrever uma grande verdade. O que lhes vou dizer, e lhes posso affirmar em minha consciencia, é um facto, que eu proprio não acreditaria, se o não tivessê presenciado. Sei que uma faulha é capaz de produzir um incendio, que uma gotta d'agua fria faz parar uma fervura, que uma pedra tomba um carro, que uma oitava de chumbo mata um homem, e que de acido prussico menos basta; pois ain'a assim me custa a crer o que os meus olhos viram. Eil-o.

D. Adelaide estava um domingo, não ha muito, a ouvir missa na Misericordia. Era escurecida a egreja, e ella estava proxima do altar mór. A luz das vellas, amarella e tremula, batia-lhe de frente no rosto, e dava-lhe um ar phantastico, elevado, sobrenatural. Com os olhos baixos, attenta ao livro de missa, tão grave, tão seria, parecia um anjo que alli do ceu baixasse a orar pelos homens.

E o moço namorado ficava-a com olhos avidos. Encadeado o espirito pela magia d'aquella postura toda graças, sentia-se fóra de si, sentia-se arrebatado por ignota força, e deixava-se ir de boamente apoz incanto tão suave. Aquella mulher que tinha visto tanta vez, cujas feições tinha de cor, cuja imagem trazia no coração, nunca a tinha visto tão linda, tão seductora.

E veio a missa, e tocou o orgão, e dobrou o encanto, e elle estava preso, extasiado, magnitizado.

Acabou a missa, sabiram todos, e elle ficou. Sabiu ella, e elle sabiu.

No corredor era immensa a gente, e elle passou por essa gente e não viu ninguem. Cumprimentaram-no, e não ouviu; tocaram-lhe, e não percebeu; riram-se d'elle, e não reparou. Caminhava cego, cego da luz d'aquella estrella que o guiava. Para onde? Para onde fosse. Ia por ir, ia porque ella ia, ia porque não podia deixar de ir.

Era alucinação completa.

E mais se viu, quando, logo á sahida da porta, estacou a tremer, e ao passo que

D. Adelaide subia para a rua dos Coutinhos, partia elle como um raio pela de Sob-ripas abaixo. Entrou em casa sosinho, fechou a porta, cahiu numa cadeira e desatou em soluços. E arrellava-se, e gritava, e batia com os punhos, e erguia-se, e corria, e tornava a sentar-se.

Cruzou os braços sobre uma mesa, encostou nelles a cabeça, e esteve assim uma hora.

Depois ergueu-se vagarosamente, endireitou ao lavatorio, banhou a cara em agua fria, esperou meia hora que a agitação acalmasse, e sorriu dizendo alto:

— Estou curado! Venha agora a convalescença. Foi uma lição terrivel; mas era-me necessaria.

Tomou o chapéu e foi ver a ponte de ferro.

Resta saber que lição terrivel foi essa. Eu lha digo com singeleza. Verão que é uma ridicularia sem nome, que até me está a doer a consciencia de a escrever. Quando sahii da igreja, com aquella muita gente que estava, não poude elle seguir o seu idolo de tão perto como quizera. Parou sobre o adro, e procurou-a com a vista. Adeante viu-a, mas viu-a de costas, a subir a ladeira, e viu-lhe os pés, e viu-lhe as botas, e viu — coisa horrenda! — que as botas tinham as orelhas de fóra!!!

Cahiu-lhe aos pés a illusão quebrada. Voou o anjo, ficou a mulher. Mulheres via-as elle todos os dias.

E fugiu.

#### CONCLUSÃO

Nunca mais poude o moço Leonardo olhar para D. Adelaide, que se não lembrasse das orelhas das botas, e não lhe desse vontade de rir. Ella tem estado doente com o desapego d'elle, que de modo nenhum sabe explicar, e dizem os medicos que receiam muito pela vida da pobre menina. Se morrer, o que nem os leitores nem eu desejámos, é mais uma victima das phantasias loucas dos namorados ideaes. Fugam d'elles, como o diabo da cruz.

FIM

J. SIMÕES FERREIRA.

Nós somos taes que até do bem desejámos mudança.

D. FRANCISCO MANUEL. Epánaphoras.

## A UMA LAGRIMA

(FLOR)

Lagrima! que doce nome!

Quem te deu, florinha bella,

Este nome tão mimoso,

Que tanta cousa revela?...

Qual foi a primeira gotta,

Que de uns olhos se tombou,

E no teu formoso calix,

Dando-te o nome, pousou?...

Florinha, e que sentimento

Me queres tu expressar?...

São mágoas ou alegrias

Que pendem do teu chorar?

Correram liquidos fios,

Desabafando uma dôr?...

Ou foram per'as divinas,

Fallando meigas de amor?...

Lagrima! que doce nome!

Quem te deu, florinha bella,

Este nome tão mimoso,

Que tanta cousa revela?...

A. A. F. F.

## INTELIZ POR CAPRICHIO

IV

— Estava a menina Eufemia com os olhos fitos no ceu dizendo consigo estas memoraveis palavras, que eu não ouvi, mas que ella mesmo repetiu mais tarde a quem me contou esta historia:

«Casarei com Aniceto ou fugirei com Possidonio? Parece-me que não amo este bastante, para me expor ao escandalo da fuga, cousa muito linda nos romances, mas altamente reprehensivel na vida real. Fugindo, ia-me confiar na honra de Possidonio; e quem é que me diz que seja ella talhada pelo molde dos heroes de Cotin e Ducray-Dumenil? Achei-o a ultima vez que o vi um pouco pertencioso no gesto, pareceu-me até que trazia a gravata mal posta. E está decidido não fujo com elle.

«Casarei com Aniceto? Se não caso desgos-

tava o meu pae que está velho e não supportaria o golpe: casando, appareço triste e melancholica, com um ar de martyr e todos me julgarão victima da tyrannia paternal. Quanto hei de ser romantica!

«O Aniceto não é um rapaz galante, mas tambem não é idiondo. Visto de perfil tem physionomia bastante expressiva. Quando ha pouco o vi estava vestido com elegancia. E está decidido caso com Aniceto».

Terminado este soliloquio, approximou-se Eufemia d'uma mesa e escreveu o seguinte:

Possidonio

«Já não nos resta esperanza alguma. Meu pae obrigou-me á fôrça a prometter casar com um homem que despréso.

Adeus para sempre».

«Eufemia».

Quando Possidonio recebeu esta carta, revestiu-se de coragem e declarou ao seu criado, na falta de melhor auditorio, que havia de matar o homem que lhe queria roubar a felicidade.

O criado foi participar aos vizinhos que seu amo estava doido, e este sahiu a procurar Aniceto, que elle julgou que devia ser o rival.

Aniceto não estava em casa e Possidonio para matar o tempo foi jantar ao Lopes.

Nos momentos de angustia o estomago, órgão perfeitamente egoista, sem se importar com o seu vizinho do segundo andar,—o coração que aneia dolorosamente, continúa impassivel a exercer suas funcções.

As paixões não têm influencia nenhuma no estomago; comprimem dolorosamente os órgãos subadjacentes, mas deixam este inteiramente insolado no meio da tempestade.

E estas verdades que recommendamos a quem lhes poder dar maior desenvolvimento, explicam a importação, que Possidonio fez para o seu estomago, d'um pingue jantar.

Quando o nosso heroe tornou a ir procurar Aniceto achou-o fazendo a doce digestão d'um homem feliz.

«Os dois troçaram um olhar, o de Possidonio parecia querer matar Aniceto, o d'este tinha a expressão de todos os olhares do que ganhou áquelle que perdeu.

— Temos novidade, Possidonio?

— Temos, senhor.

— Senhor! que tractamento é esse?

— É o tractamento que se dá aquelles com quem não quereamos ter relações intimas.

— Que linguagem!

— Trahiu-me e eu quero vingar-me.

— Explique-se.

— Sabendo que amava uma mulher, serviu-se da superioridade de fortuna que tinha sobre mim, e roubou-me essa mulher.

— Com que então não estou nos meus direitos, casando com a mulher que me apraz, porque outro homem ama essa mulher?

— Pois bem; amamos ambos a mesma mulher, e só um de nós ha de possuil-a; seja este o que sobreviver da lucta que vae haver entre nós.

Aniceto impallideceu; a vóz de Possidonio tremia, não sei se de raiva, se de temor.

— Amanhã ao anoitecer comparecerá com suas testemunhas no logar que lhe aprouver:

— Deixo-o á sua escolha.

— Seja no Senhor do Arnado. As armas sejam as que quizer.

— Escolho a pistola.

— Concordo na escolha. Agora boa noite.

— Boa noite.

(Conclue)

A. CORLHO.

## NO ALBUM

DE

ANTONIO FELICIANO A. DA C. T. E BRITO

Amanhã d'entre o futuro

Ha-de um anno despontar;

Vacillante e mal seguro

Vae hoje um outro findar.

Dois abyssos! um com flores

Nos esconde as vivas dores

Que o porvir talvez nos dê;

Um se enfeita numa esp'rança

Que, se a vista a não alcança,

Em vãos sonhos se prevê.

Outro marca mais um passo

Que por sobre espinhos dei;

Será de espinhos o laço

Que a todos prendê? Não sei.

Talvez haja mil felizes

Que da vida entre os matizes  
 Vejam só formosa cor;  
 Para mim que a dor conheço  
 Que lhe sei valor e preço  
 Já não existe uma flor.

Mas folgarei se a ventura  
 Vir em teu rosto sorrir;  
 Se o anno, que já fulgura,  
 Com chave d'ouro se abrir.  
 De c'roas de myrto e louro  
 Tenhas inteiro um thesouro  
 Formado por mãos gentis.  
 Sempre em cada novo dia  
 Venha alegre a phantasia  
 Pintar-te a vida feliz.

31 de dezembro de 1862. LUIZ CARLOS.

## AMOR E MARTYRIO

(Conclusão)

Na camara só se ouvia o murmúrio lugubre das orações dos monges, e o soluçar do ancião. Depois a virgem percorreu com os olhos todo o luctuoso quadro que se apresentava ao redor de si.

Collocou a nivea mão sobre a fronte do mancebo, separou-lhe as emaranhadas madeixas, e exclamou, com uma vóz, se não forte, clara e sensível:

— Felizes, João, os que como eu caminham para a eternidade sem temor. Felizes porque a crença lhes segreda ao pé da sepultura palavras de consolo e paz eterna. Que fiz eu neste mundo de pó e miserias, senão penar e soffrer? Para que serviu minha fronte, mais do que para cingir uma corôa de espinhos? De que me serviram os olhos, mais do que para chorar? A dor é a sombra do coração da creatura. E a creatura mesquinha, nada, ainda se atreve com orgulho a chamar-se grande.

— Assim é, irrompeu João, entusiasmado pelas fallas de Elena.

— O ente rastejador veste a purpura, chama-se rei, mas vem o sopró da morte, a purpura transformou-se em mortalha, o sceptro partiu-se-lhe ao cair da mão gelada, a corôa rojou-lhe por terra, e o monarcha converteu-se em... cinza. Mas as obras que o Se-

nhor cria persistem cada vez mais brilhantes e grandiosas. Dizei ao poderoso que compre com o seu ouro uma estrella do firmamento, que fabrique um sol que o allumie nas trevas da noite. O mar dilata-se lá ao longe pelas bahias, e enseadas, suas aguas varrem as areias das praias com seus cabellos de espuma; perguntae que homem o viu crear e que homem o verá esconder no seio do cahos quando a hora da confusão das massas soar? O sol baixa ao occaso, resplandecente de gloria, e vae engolfar-se nas ondas, para no dia seguinte voltar mais formoso e esplendido; perguntae que homem o viu pela primeira vez encher com a sua luz a redondeza da terra, e quem o verá na conclusão dos seculos allumiar solitario as gerações derubadas nos campos da morte?

— Ninguem responderá, disse Sexto, porque o homem dorme por uma vez e só a alma voa até ao throno do Altissimo; mas essa é muda para taes questões. O homem faz brotar da terra obras magnificas e diz que servem para seus prazeres!... Levanta um solio e diz que é para sua grandeza!... Tala os campos, assola as terras, saqueia as cidades, e diz que são joias para a sua corôa de sangue!... Mas um dia vem um sópro de ar, um tanto mais frio, penetra-lhe por entre os labios e gela-lhe no coração as grandes paixões que se desvanecem.

— E lá ficam os lucullos confundidos com os histriões.

— O rei e o escravo cahem feridos pelo mesmo golpe que a morte lhes vibra!

— Os ossos do conquistador não repellem os do conquistado quando cahem na mesma cova!...

O silencio reinou alli por algum tempo. João levantou-se de repente e poz-se a olhar fito para Elena. Nos olhos não lhe borbilhava lagrima alguma, a fronte não lhe traduzia um pensamento. Com um tom de vóz solemne e vibrante disse á virgem:

— Deus perdoe a quem calçou sob seus pés a nossa ventura.

O pranto do ancião redobrou com mais força.

— Deus lhe perdoe se é que ha perdão para tamanho crime!

— João! exclamou Elena aterrada.

Elle continuou com vóz impassível.

— Adeus, Elena, adeus. Quebraram-me to-

das as cordas da minha lyra. Tu eras a minha inspiração, e o meu estro; tua lousa será a minha e alli adormecerei as minhas esperanças. Ai de mim! nem a morte me presta o seu descanso, nem meus olhos já têm lagrimas, para banhar-te as mãos. A minha dor petreficou-se. O soffrimento calcinou-me as commoções intimas, e a alma dessecada pela dor já não tem expansão e nunca mais a terá.

Elena sorria com melancolica incredulidade.

— Deus te não castigue, disse ella, quando atraçoares os teus juramentos d'agora. Nenhuma dor é eterna e muito menos a do coração do homem. Passar-se-hão horas, dias e annos, sem que uma vez sequer penses na que hoje morre d'amor. Por algum tempo arderá em teu peito o fogo sagrado, como chispa na cratera inflammada do vulcão; depois, será uma chamma debil e opaca, e por fim apenas uma recordação, se tanto fôr.

— Elena, exclamou João com um accento lastimoso, duvidas agora? Quem te ensinou essa sciencia fatal?

— Ao pé da tumba apparecem os horisontes do porvir mais claros e resplandecentes. A alma dilata-se em aspirações infinitas, e os raios da luz eterna penetram atravez o craneo dos moribundos.

Os olhos d'Elena começaram de turvar-se, mas ella continuou:

— Meu padre, perdoae-me..., sancto monge, rogae a Deus por mim... chegaram os ultimos momentos de minha vida... João, tem valor... meu pae, perdoae á vossa filha que vae para a mansão eterna orar por vós.

Olhou para o mar, e para o ceu; fixou os olhos em João com um gesto d'amor profundo e intimo. Tirou uma rosa branca do seio, e deixou-a cahir nas mãos do poeta, soltando um gemido prolongado e triste. O mancebo osculou-lhe a mão, mas de repente repelliu-a; o gelo da morte esfriara-lhe os labios.... beijára um cadaver!

O semblante de Sexto pela primeira vez o atraçoou; suas lagrimas rolaram por suas faces. João, extactico e sombrio, contemplava Elena. O ancião similhava a imagem do terror pintada por Lebrun. E os monges psalmeavam as orações da agonia com vózes entrecortadas pelas lagrimas.

O sol occultou-se detraz d'uma densa nu-

vem, deixando a habitação com uma luz indiciosa e sinistra. A morte acabára de concluir a sua obra.

#### IV

Ainda não tinham decorrido tres mezes, já do palacio d'Ullera sahira outro feretro, conduzindo o cadaver do infeliz ancião, que não poude supportar a perda de sua filha querida, perda para a qual contribuíra a sua rigidez; um joven cadaverico, de cabellos crescidos e rosto squalido, todo vestido de preto, acompanhou o cortejo funebre até ao campo da morte.

Poucos mementos depois, alguns marinheiros tiravam das ondas do Oceano um corpo que fluctuava á superficie das aguas; era o cadaver de João que não tendo mais que fazer no mundo quiz voar o mais breve possivel a unir-se com os amigos de seu coração; ao desnudar o cadaver das roupas encharcadas encontraram-lhe as pescoço uma bolsa de velludo preto, e dentro folhas seccas e quasi pulverisadas, que pareciam ser d'uma rosa...

Passado tempo, quem entrasse de vez em quando no cemiterio encontraria um velho curvado e pensativo, que ia collocar em tres sepulturas diversas corôas de flores, regando-as de pranto. Era Sexto que cumpria os deveres, que restam aos que sobrevivem á dor, para com os que a morte nos arrebatou com a sua impiedade fria e real; esses deveres resumem-se em tributar-lhes «FLORES E LAGRIMAS.»

HENRIQUE FREIRE.

A infancia chora juncto dos amores e das rosas; a velhice quasi sempre rega com as lagrimas o sepulchro, onde jazem os affectos que a consolavam do martyrio do viver.

REBELLO DA SILVA. *Ódio velho, etc.*

Boa cousa é a historia,.... quando nos recordamos do nosso passado, e não achamos lá para colher um unico espinho de remorso.

A HERCULANO. *O alcaide de Santarem.*

## A J. M. BRAZ MARTINS

Passam dias e dias; tudo esquece  
Tudo cai no silencio, apoz instantes

De rapido fulgir.

Depois que o astro allumiou a terra,

E se perdeu no occaso, nada lembra

Que deixou de existir.

Tu, Artista, levanta ao ceu a fronte

E exulta! a vida te será de flores

Do mais bello matiz.

De ti fica a saudade, nova gloria!

E a saudade, se em peitos portuguezes,

Diz mais que tudo diz...

Coimbra, 31 de março de 1863.

ALFREDO ELYSIO.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

A paginas 67 lê-se: «No fim do Canto 4.º dos Lusíadas, ha cousas que parecem grandes, e que parecem novas: o concurso da gente da cidade, a situação das naus, as despedidas entre os que partiram e os que ficavam, a prozopopeia do velho de tão máu agouro para os navegantes, são cousas que têm até agora merecido o applauso, e a admiração até dos varões mais doutos, e a approvação geral dos seculos que têm decorrido desde a epocha do apparecimento dos Lusíadas, etc.

«Ora pois se não existia o Livro 6.º da Guerra Punica de Sílio Italico, tambem não existia esta tão applaudida tirada dos Lusíadas. Sílio Italico em um dos mais admiraveis quadros de poesia, e talvez um dos maiores que existam fóra da Thebaida de Estacio, etc., nos descreve, e representa a partida de Regulo de Roma para Carthago. Alli apparece o mesmo concurso de povo, o mesmo luto, as mesmas ancias nos espectadores, a mesma serenidade e tranquillidade de animo em o heroe que embarca. Um dos cidadãos levanta a voz e exclama contra a partida, e o verdadeiro modelo d'estes brados do velho na praia do Rastello, é o pranto e a

imprecação de Marcia, mulher de Regulo até ao ponto de immudecer desmaiada».

## OBSERVAÇÃO

Admira bem que Macedo, tendo apontado Sílio Italico, como modelo de que se serviu Camões neste ponto para compor o seu Poema, vá depois servir-se do mesmo auctor para fazer a mesma cousa.

Mas ainda isto não é o melhor: o melhor é, que se Camões imitou Sílio Italico por apresentar o velho do Rastello a exclamar contra a partida dos portuguezes, muito mais o imitou Macedo por apresentar o mesmo velho a fallar tambem contra a partida, até se lhe tolher a voz na garganta como aquelle auctor faz acontecer á mulher de Regulo que cae desmaiada.

A paginas 71 lê-se: «A chamada portentosa imagem do Adamastor apparecida de noite, é a imagem de Roma, que apparece de noite a Cesar, que intentava, e resolvia passar as vedadas margens do Rubicon em o Livro 1.º da Farzalia de Lucano; etc.

«O vaticinio triste, que Adamastor faz ao Gama, é o mesmo funesto agouro, que a Harpia Celeno faz aos Troianos em o Livro 3.º da Eneida, etc.».

## OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo se serve da mesma imagem que faz o mesmo vaticinio, como se vê na confrontação 6.ª

(Conclue)

A. W. C.

## BIBLIOGRAPHIA

Em dois partidos está hoje dividida a litteratura em Coimbra; segue um as bellezas de arte e de talento, o outro aspira a mais alto; o primeiro, como o rouxinol, esconde-se em flores, embriaga-se no seu perfume e canta com melodia e arte: o segundo, mais soberbo, não se apraz em harmonias para todos, e sóbe, como a aguia, até ás nuvens, querendo avassalar tudo.

«Não é só isto.

«Aquelle é como a virgem; deleita-se em amenidades, tem por dom a singelleza, e entretém a imaginação pela facilidade de com-

prehender-se. Este, foi creado só para os espiritos elevados; nem todos o podem attingir, antes bem raros; tem só sublimidades incompreensíveis.

E contudo ambos são sustentados com energia.

Queira Deus, porém, que nunca nós seja forçoso termos que dar nossa fraca opinião sobre uma produção d'este ultimo genero; teremos que meditar para mezes e mezes.

Em quanto que folgaremos sempre em recommendar obras de arte ou talento. E hoje folgamos; o sr. Bernardino Pinheiro enviou-nos o seu romance historico «Sombras e Luz»; sem querermos fazer-lhe nma analyse, para a qual não nos sentimos com forças, diremos a impressão que nos causou a sua leitura.

O romance historico, creado por Walter Scott, e seguido primeiramente com tanta felicidade só pelos nossos escriptores de mais nota, vae hoje tornando-se mais generalizado; comprehenderam a final, que temos nós muitos factos na nossa historia dignissimos de memorar; se e cheios do maior interesse; demais ha na nossa lingua muita melodia e naturalidade, dotes que concorrem para aformosejar o romance historico. Ha tempos a esta parte têm-se ahí feito algumas tentativas e com felicidade.

O sr. Bernardino Pinheiro tinha já publicado o anno findo outro romance historico «Arzilla»; e todos sabem a ovação que elle teve.

Sobem, porém, de ponto muito e muito as «Sombras e Luz»; mais mimosas, tem mais perfume e coração; ainda que, nos parece, deviam ter mais; porém o sr. Bernardino Pinheiro, dotado de muito saber e estudo, guia-se mais pela cabeça do que pelo coração; antes de escrever pesa as palavras; e se isto lhe dá mais arte, dá-lhe menos animação; isto só o julgamos nós, e nem defeito é; obra acabada nem de mestres sae.

Mas convidamos a leitora ingenua a vir admirar a joven Eulalia; que suavidade ella rescende, e que amor lhe abraza a mente e lhe faz pulsar o seio; depois vem Luiz de Sousa; como é bello, e que nobreza d'alma; que coragem não lhe é precisa para vencer sua paixão, e como ambos temem offender a Deus! Rachel é uma verdadeira mãe, como hoje ha poucas; e Duarte Pacheco, Ezequiel e Maria Rosa e todos os mais personagens

estão descriptos com clareza. Não se deteve o sr. Bernardino Pinheiro em longas descrições; procurou antes tornar claro o seu romance, de maneira que fosse delectavel; registamos isto com prazer, hoje que são tão raras as obras de puro delecte! entretêm-se quasi todos os romancistas em longas descrições, as mais das vezes faltas de interesse.

Julgamos as «Sombras e Luz» um dos bons romances que nestes ultimos tempos têm apparecido, e folgaremos de ver que o sr. Bernardino Pinheiro continua com gloria a carreira que encetou tão brilhantemente. Por ultimo cumprê-nos agradecer-lhe a fineza da remessa, que não ou'avamos esperar; e recommendamos aos nossos leitores a sua leitura; dir-me-hão depois se não é verdade todo o bem que dissemos d'ella e o muito que nos fica por dizer.

### Expediente

A pedido do sr. João Tavares de Macedo, declaramos não lhe pertencer a poesia «Recordação» publicada a pag. 80 d'este periodo com a sua assignatura.

Estando a findar o 1.º semestre, declaramos aos srs. com o qual finda a assignatura, que os que continuarem, serão agraciados com um volume de poesias e romances de 100 paginas pelo menos de impressão, bem como os que assignaram por um anno. E pedimos aos srs. que estão em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da assignatura.

### Charada

Eil-o ahí vae; olhae-o, e pelos modos  
Parece não fazer aqui parada... 2  
Doura o sol da manhã os campos todos  
Com esta que é só d'homens estimada... 1

Activo e forte e brioso  
Ou homem seja ou cavallo;  
Se este ultimo apanhasse  
Ia depressa montal-o.

SANTOS VALENTE.



## FATALIDADE

Inseparavel condição da vida  
Padecimentos são; todos penamos.

GARRETT. *Camões.*

Sobre as ruínas sombrias  
Do pó das crenças já frias  
Não póde brotar a flor!  
E se brota é a saudade,  
Martyrio da soledade,  
Pendida, triste, sem cor.

São bem amargos os annos  
Que se perdem nos arcanos  
D'um destino sem porvir!  
O gelo de frio inverno  
Cobre de estigma eterno  
Joven fronte inda a sorrir.

Curva-se o genio á desgraça,  
Bebe o veneno da taça,  
Onde só amor sonhou.  
Outro genio se levanta!  
Na fronte aureola sancta  
Diz que a desgraça o criou.

A dor é mãe dos poetas,  
Mas seus carinhos são settas,  
Que lhe arrancam denso véu  
Das illusões que sonhára,  
D'esses mundos que ideára  
Não da terra, mas do ceu.

Quem inspirou esses cantos  
Humidos inda de prantos  
Que o nosso Camões deixou?!

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 12.

A dor, madrasta maldicta!  
A miseria, sempre inscripta  
Em cada som que soltou!

Foi inda a negra miseria,  
Que levantou da matéria  
Bocage, o feliz cantor!  
Nicolau o inspirado  
Foi tambem um desgraçado  
Que ria da sua dor.

Entre outros nomes a historia  
Nos transmittiu com gloria  
O d'infeliz Bernardim!  
A sorte fadou-lhe as trovas  
Para serem agras provas  
D'uma desgraça sem fim!

A dor foi sempre dilecta  
Musa qu'rida do poeta,  
Sua doce inspiração.  
Percorrendo a longa escala  
D'esses genios, só nos falla  
O infortunio seu condão.

Abriu-me a dor uma senda,  
Poz-me nos olhos a venda  
Que á desgraça nos conduz!  
E, apontando-me a gloria:  
«Avante, é pharol a historia,  
Disse, guia-te essa luz».

Curvei-me ao brado potente  
D'esse destino inclemente,  
Saudei meu estro fatal!...  
Hoje a estrella que me guia  
É o pharol da poesia,  
É o meu genio do mal!

Fadou-me Deus para as magoas,  
No sentir d'intensas fragoas  
Do mais acerbo seffrer.  
Sou poetisa, porque o pranto  
Muitas vezes é meu canto,  
Minha agonia viver!...

Lodeiro, 29 de setembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

1 DE MAIO DE 1863

## OS DOIS OLHOS

POST-SCRIPTUM

Não estranhem, que não é nova a ideia. Recordem-se da *Mocidade de D. João V*, na «Revista Universal Lisbonense». O post-scriptum é uma especie de capote de gelo ou banho de chuva com que o auctor se propõe abrandar a toleima do seu escripto. E se nem sempre consegue o fim, não deve ser isso motivo de despresar o medicamento; aliás todas os medicamentos estariam hoje a um canto, incluindo o gelo e os banhos. A humanidade folgaria, mas não falta quem querdesse. A vida é um batalhar continuado de compensações, uma desordem eterna que produz a eterna ordem. Uns vivem á custa dos outros, vivem uns para outros morrerem, e morrem muitos para dar vida a poucos, como acontece nos despachos para delegados, por exemplo. Ou tem quaesquer outros despachos. O que aliás não vem nada a propósito para aqui.

É vindo á ordem, é certo que razão tem de consulta forte quem haja lido o último capitulo d'este conto, sem o conhecimento de explicações que lhe vou dar. A primeira é que me não deram licença de faltar á verdade, quando me contaram a anedocta com permissão de a pôr por escriptura. Mas acrescentaram, e eu não disse, que o facto em si não produziria tamanho effeito na cabeça do pobre Leonardo, se não fôsem as consequencias á que o levou. Pois que é, realmente, o trazer as orelhas fóra das botas? Ha nada mais ridiculo do que um motivo d'estes para desarranjar uma paixão? Uma paixão que se arranca pelas orelhas, e pelas orelhas das botas...? Isto é cousa que se diga, isto é cousa que se creia? Pois as paixões do homem são assim cousa tão facil de arrancar? E então o amor, que dizem a mais rija de todas? É disparate, é impossivel.

Estas reflexões vêm a todos naturalmente. Attendamos, porém, a outra cousa. Sabem que as grandes molestias têm, muitas vezes, pequenissimos symptomas, e que todo aquelle que de pequenos indicios não se elevar até ás grandes verdades fica, quasi sempre, ignorante como um peixe. Pois se é isto assim, como estranhar que o Leonardo do meu conto visse naquella bagatella um indicio de me-

nos cuidado, do que deve ter sempre uma menina? Não me esqueci de dizer que o homem tinha um modo seu de ver as cousas. Para elle é axioma, que uma mulher nova que não tem cuidado em si, não tem cuidado em nada. A opinião será exaggerada, mas tem muito de verdadeira. Ora o amor é tendencia d'alma para um bem, e uma mulher descuidada é um mal. Leonardo não podia amar o que se lhe representou um mal.

Restitua-se entretanto o credito a quem o merece. D. Adelaide Josephina Faria de Cerqueira não é o que d'ella pensa Leonardo de Mesquitella e Castro. É pelo contrario uma linda, sisuda, arranjada, e, por consequencia, amavel menina, a quem tenho a honra de dedicar os meus dois olhos.

J. SIMÕES FERREIRA.

## ESTOU VINGADO

Sou poeta, é minha sorte  
Quando soffro abençoar

Eramos sós. Não sei que vivo affecto,  
Que era nos labios teus palavra inutil,  
Me juráras então 'num tom discreto,  
Mas d'amor a prudencia é guarda futil.

Pois vi que nos teus olhos se pintava  
A doce languidez que d'alma vinha;  
Nossa propria vontade fóra escrava  
D'aquella seducção que alli nos tinha.

Pousando os cotovellos na janella,  
Hombro a hombro comigo, o mesmo enleio,  
Que me causava a mim o vér-te bella,  
Te fazia pulsar o niveo seio.

E sorrindo te disse: «Em breve espaço  
Has de quebrar a jura feita agora;  
Jámais o coração repousa lasso,  
Irá vagando sempre d'hora em hora».

E foi assim. Porém quando hoje scismo  
'Nessa noite, por ti receio ó linda!  
Que meu amor, sul bravo em manso abysmo,  
Viria a levantar procella infinda....  
A custo me soltei do mago enlevo  
Que meu pensar inteiro fascinára!

Contar-te as commoções... nem eu me atrevo,  
Nem tal recordação nos fôra cara.

Agora, que o presente é duro e triste,  
Com taes visões de amor já não se acalma;  
Lembrança d'um prazer que não existe  
Só nos augmenta a dôr que temos'nalma.

Mas de como a ventura se converte  
Nas ancias do soffrer, eu pasmo absorto,  
E sinto dentro em mim jazer inerte,  
A força que n'outr'ora erguera um morto.

Tu mesma, que illudiste minha esp'rança  
Tendo-me a fé já dado, és tu ditosa?  
Conheço o mundo bem, mulher, descança,  
E quem sorri assim, prazer não goza.

Nem teu sorriso, alegre n'apparencia  
Me podéra enganar, pois sei que soffres;  
Pois ferem-te os espinhos d'uma ausencia,  
E vedas mal do pranto os tristes cofres.

O rival que oppozeras a meus votos  
Em braços d'outra jaz ora embalado,  
E não te escuta já: teus ais remotos  
Não lhe acordam os echos do passado!

Estou vingado, pois; mas tenho pena  
De te saber em lagrimas banhada;  
Se de mim dependera, oh! quão serena  
Tu andáras da vida a dura estrada!

Abril de 1863. LUIZ CARLOS.

## UMA PAGINA

(Conclusão)

— Não é o orgulho offendido, que me faz fallar assim. Não o creias. Patenteio-te neste momento o coração, e ahí deves ler o soffrimento que o angustia, e o martyriô, que o dilacera. Não penses...

Olhei para Alberto. Estava pallido, Aper-tei-lhe a mão que, gelada, tremia convulsa. As lagrimas deslisavam-lhe mansamente pela face.

Que revelariam aquellas lagrimas? Uma saudade, talvez... e quem sabe, se e remorso de ter collocado no plano das mulheres vaidosas e orgulhosas sempre? — Ermelinda, a eucharistia visivel da belleza, a

encarnação viva da divina e formosa visão, que lhe inspirou estrophes de subido quilate pelos sentimentos, que despertam na alma, e pelo perfume e harmonia, que ala o espirito ás regiões do bello.

Alberto é poeta no religioso sentido da palavra; conhece a natureza em toda a sua novidade e manifestação constante da perfeição, em todos os seus perfumes, em toda a simplicidade de suas galas, em toda a magia de seus encantos, sempre repintados da feiteira variedade, que leva a alma ás regiões formosas do ideal, legando á materia a impressão doce que recreia, reflexo d'esse gozo do sublime, que pende do throno da divindade... porém, novo Stenio, sob o dominio das primeiras impressões, tanto sobe pela escada impalpavel, mas radiante, do lyrismo, descrevendo-nos d'alli todos os cambiantes da belleza, que só a vista do poeta pôde ler... como rasteja entado nas conveniências sociais... Em face d'esta qualidade, que ha manifestado sempre, conheci, que as suas palavras não eram mais, que uma simples expressão do estado da sua alma, dominada pelo ciúme e descontentamento, filha da ligeira supposição de que Ermelinda repartisse com outrem os affectos do seu coração, o que não passava d'uma sombra e illusão, a esvaecer-se ao primeiro sopro da verdade.

Tens um excellente coração, Alberto, lhe disse eu. No teu logar esperava ainda, embora em silencio. Ainda que Ermelinda por mero capricho e vaidade acceite e partilhe o amor de Eduardo, ha de, em breve, vir o dia, em que o arrependimento lhe toque o coração, e a leve a implorar-te perdão humildemente!

A expiação vem sempre, e o cruciar da saudade, callando no intimo do peito, aproxima muitas vezes...

Quem sabe o que a esta hora terá passado em seu coração?

«Na alma da mulher ha sempre um nome querido, gravado muitas vezes com lagrimas, e sustentado quasi sempre com o martyrio. Esse nome torna-se o idolo das suas adorações, um symbolo das suas illusões mais ferventes. E qual será o que actualmente está gravado no coração de Ermelinda? Pódes crer, que o teu... Mas as novas relações que te prendem a Adelaide?

«Não serão de muita duração, porque lhe falta o sentir, que vincula, e o amor, que encadeia e algema. Ha entre nós apenas uma sincera estima, e quem sabe se a misera commiserção de identicos tormentos?!...»

«No coração d'esta mulher ha ainda uma ferida, que sangra, aberta por espinhos dolorosos num tempo, que não vae longe. Respeitoso á dor que a punge, presto sincera homenagem aos dotes elevados d'aquella alma candida. O soffrimento purificou-a, e de martyr tornou-se um anjo.

Anoitecera. Á luz da lua, que se levantava na orla azulada do ceu, devisamos dois vultos, que, destacados d'um grupo, caminhavam em nossa direcção; aproximaram-se, e bem depressa conheci Ermelinda e Adélaide, que nós saudaram, convidando-nos para um passeio.

Realizou-se o que vaticinára!

### A UM AMIGO

Acaso os versos que leio

Me confessam teu amor?!...

É muito cedo:—cautela,

Que apoz tudo... vem a dor!

A verdura dos teus annos

Talvez te venha a guardar

D'essa quadra de illusões

Que só produz... o chorar!

Não te entregues aos extremos

De amorosa inclinação,

Que em cada esp'rança que formes

Se engana teu coração.

Por cada gosto que alcances

Que desenganos terás!...

E só lagrimas amargas

Abundantes chorarás.

E depois... inda que queiras,

Nunca deixas de soffrer...

Queres fugir... mas debalde;

Teu destino é padecer!

A. A. F. P.

## INFELIZ POR CAPRICHIO

(Conclusão)

Era ao anoitecer do dia seguinte.

Dois homens passeavam deante da capella do Senhor do Arnado.

Quem eram aquelles dois homens?

Que projectos tragicos alli os conduziam?

Eram os dois nossos amigos Aniceto e Possidonio, que pelos modos não pareciam muito resolvidos a darem alojamento dentro de seus estimados corpos a um pedaço de chumbo, que tivesse o prazer de fazer sahir de lá aquellas almas gentis.

Passeavam os rivaes, procurando evitar os olhares, mas de quando em quando paravam por momentos, um perto do outro, como quem queria dizer algumas palavras que lhes estavam presas na laringe.

A final Aniceto fez um esforço e disse:

— Parece-me que as testemunhas se vão demorando.

— Estava pensando o mesmo.

Novo silencio.

Leitor, vou dizer-te um segredo, que cada um de nossos dois heroes guardava comsigo. nenhum d'elles tinha escolhido testemunhas.

Depois de alguns minutos de passeio, Possidonio dirigiu-se ao rival:

— Sór Aniceto.

— Sór Possidonio.

— Queria terminar depressa este negocio, mas como um duello sem testemunhas tem ares d'assassinato, julgo melhor...

— Que addiemos isto para outro dia, concluiu Aniceto, vendo a reticencia do antagonista.

— Exactamente.

— Pois olhe, a mim parece-me melhor que nos deixemos d'isto. É uma brincadeira que podia trazer pessimos resultados.

— Tem razão, amigo Aniceto.

Possidonio, como se vê, tractando Aniceto por amigo, obedecia a seus principios moraes: mostrava-se grato áquelle que o tinha tirado da arriscada posição em que elle proprio se tinha mettido.

Separaram-se os dois amigos nas melhores disposições d'alma e corpo possiveis.

Um mez depois casava-se Eufemia a Aniceto.

A boda foi d'um luxo desconhecido em Coimbra, pois o fidalgo tinha recebido dias antes a noticia de lhe ter morrido um irmão na Bahia, que lhe havia deixado a ninharia de 70 contos.

O fidalgo deixou este mundo, quando estava com menos disposições para fazer a viagem dos reinos desconhecidos.

Quando Aniceto viu em suas mãos os bens da mulher, tentou-o Satanaz, e um bello dia, depois de ter reduzido quasi tudo a dinheiro, foi ver as florestas da America.

Eufemia ganhou então a palma de martyr.

Uma duzia de poetas, protectores das mulheres innocentes perseguidas, tem-lhe feito versos.

A infeliz menina esteve prestes a succumbir, quando, um anno depois da fuga do marido, soube que Possidonio se unia pelos sanctos laços do matrimonio a uma certa Ignacia, de que o leitor se esqueceu; salvou o pensar que não valia morrer por causa d'um ente tão indigno.

A. COELHO.

## OS TOUROS ANANTES

(Tradução de Virgilio)

Vae-lhe com a vista as fôrças quebrantando  
A femea, e pouco a pouco o abraza em fogo:  
E taes encantos tem, tal graça e mimo  
Que já nem pasto lembra. Às vezes mesmo,  
Se ha dois que a mesma chamma e femea abrazem,  
Rijo combate vão travar com as pontas;  
Ella, a formosa rez, no prado emtanto  
Pasce airosa ante os bravos amadores.  
Ferve a peleja e não têm conta as fridas,  
Em negro sangue os corpos se lhes banham,  
E com fundo mugido as pontas cruzam;  
Muge a floresta, o grande olympo muge.  
Nem com taes odios junctos podem ambos  
Dormir no mesmo chão: sae o vencido  
E ao longe, em terra ignota, desterrado  
Lá vae gemer seu mal, gemer a affronta,  
Os golpes que levou, o amor perdido;  
E os tectos dos avós saudoso olhando  
Vae ruminando planos de vingança.  
Agora as fôrças com ardor renova;  
Quer leito duro, são-lhe cama as pedras,  
Asperas folhas come, e junco rijo.

E prova-se na lucta; um tronco d'arvore  
Lhe serve d'inimigo; nelle as pontas  
Ceva, e com os golpes vão açoita os ares,  
E com as mãos já revolve a areia toda,  
Julgando-se na briga. Finalmente  
Quando o vigor antigo aos membros torna,  
Levanta o campo, e assalta d'improviso  
O outro que olvidado o amor desfructa.

SANTOS VALENTE.

## OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Conclusão)

A paginas 77 lê-se: «Neste immenso Poema achou Camões grandes cousas. No 45 canto depois do Amadige se descobre um velho, mostrando a Floridante no templo da fama a pintura de Carlos V e de alguns castelhanos: tanto basta para que Camões faça proprio o que é estranho; quando Paulo da Gama mostra ao Catural os retratos dos heroes portuguezes, bordados nas bandeiras, mostra Camões, aos que quizerem ler, as estancias de Bernardo Tasso vertidas em portuguez.»

OBSERVAÇÃO

Macedo não fez bem em fazer esta comparação, porque se Camões imitou Bernardo Tasso como um, elle o imitou como cem, e para o que comparemos.

Tasso — Um velho mostra a Floridante no templo da fama a pintura de Carlos V e de alguns castelhanos.<sup>1</sup>

Camões — Paulo da Gama mostra ao Catural os retratos dos heroes portuguezes bordados nas bandeiras.

Macedo — O infante D. Henrique mostra a Vasco da Gama no templo da fama os bustos dos heroes portuguezes.

Digam-nos agora os homens imparciaes ou mesmo alguem apaixonado de Macedo, qual imitou mais Tasso, Camões ou Macedo?

A paginas 80 lê-se: «A nympha introduzida a cantar no banquete de Thetis, além de ter, como já disse, o seu original na introdução do Iopas da Eneida, tem as suas circumstancias na introdução do Soprano Demodoco

<sup>1</sup> Poema de 100 cantos de Bernardo Tasso.

<sup>2</sup> Segundo diz Macedo.

no Livro 3.º da Odissêa. Se a nympha, musica e prophetisa, conta os heroes que se deviam ainda afamar na India, nomeando-os pelo seu nome, outro tanto faz Anchises no Inferno, contando ao filho de Eneas, e nomeando pelo seu nome, os heroes que deviam illustrar e engrandecer nos tempos futuros o vasto imperio romano.»

## OBSERVAÇÃO

Macedo não fará o mesmo no Canto 12, Estancia 20 a 108, quando lança mão do Apostolo S. Thomé, que em uma visão, ao Gama lhe declara pelos proprios nomes os heroes que de futuro se haviam distinguir na India?

Muito e muito mau é repararmos nos defeitos dos mais sem olharmos para os nossos, e nisso foi Macedo pouco escrupuloso.

A paginas 89 lê-se: «O que mais se admira em Camões são as suas comparações e descripções; e tudo é alheio, sem podermos eximir uma só com justiça das mãos de seus legitimos possuidores. Contemplemos as suas comparações.»

## OBSERVAÇÃO

Pois bem, sr. J. A. de Macedo, contemplemos as comparações de Camões, mesmo para ver se tambem v. s.ª as emprega no seu original poema. Contemplemos pois.

A paginas 90 lê-se: «No canto 2.º a primeira comparação é a da setta com que se dá a conhecer o rapido vôo de Venus do ceu ao oceano:

Voa do ceu ao mar como uma setta.  
de Virgilio, livro 12, verso 855.»

## OBSERVAÇÃO

Esta comparação da setta tambem Macedo a faz no canto 7.º, est. 10.ª:

Prompto um sonho saio que ali-potente  
No vôo excede a setta voadora;

A paginas 91 lê-se: «A segunda comparação do mesmo canto é a das formigas:

Qual para a cova as providas formigas;  
de Virgilio, livro, 4, verso 402.»

## OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo faz esta comparação no canto 4.º, est. 55:

Bem como no fecundo ardente estio  
Correm formigas providas, lembradas,

A paginas 92 lê-se: «O mesmo se deve dizer da comparação do Iris, que vem na oitava 99 d'este 2.º canto:

Qual apparece o arco rutilante.

livro 5, verso 88.»

## OBSERVAÇÃO

D'esta comparação tambem Macedo se serve no canto 1.º, est. 25:

Mostram, se ondeam, cores variadas  
Qual em ar tenebroso Iris s'estende.

A paginas 93 lê-se: «Na oitava 49 do 3.º canto ha a comparação do incendio do bosque:

Bem como, quando a flama que ateadada  
É grande e é bella, mas de Bernardo Tasso,  
canto 65, oitava 33.»

## OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo se serve d'esta comparação no canto 7.º, est. 9:

Bem como na tranquilla ingenua aldêa  
De singelos pastores habitada  
Se a labareda subita se atêa  
E lambe o colmo de que está forrada; etc.

A paginas 94 lê-se: «No canto 4.º, oitava 34, vem a comparação propriissima do leão:

Qual dos oiteiros  
De Ceuta está o fortissimo leão.

tambem está o original em Luiz Alamani no canto 130 do Arvachiade.»

## OBSERVAÇÃO

D'esta comparação tambem Macedo se serve em mais do que uma parte.

No canto 8.º, est. 15:

Qual em Zara leão, que o gado assola,  
Batendo a longa cauda e espessa juba, etc.

No mesmo canto, est. 31:

Qual sanhudo leão que erricha a juba, etc.

No mesmo canto, est. 42:

Qual rompente leão fero e indomado, etc.

E no canto 11, est. 70:

Qual Massilio leão que vem ferido, etc.

A paginas 95 lê-se: «Na oitava 96 do mesmo canto foi despojado Estacio d'uma das suas mais admiraveis comparações:

Qual parida leoa fera e brava;

e o grande Estacio diz:

Qual parida leoa, que, assaltada  
Do caçador Numidico em cruento  
Covil, aos filhos olha, e duvidosa  
Torva se volve e lastimosa brame.»

## OBSERVAÇÃO

Tambem d'ella se serve Macedo, e cremos mesmo que imitando mais Estacio, do que o imitou Camões, no canto 3.º, est. 15:

.....  
Ou qual leoa em Zara erma, estuosa  
Se o negro caçador lhe atiça a insana  
Furia co'a setta, ou lança temerosa,  
Que vendo o sangue que do golpe emana,  
Ruge de raiva, e espuma, e duvidosa  
Ora o dujo agressor correndo alcança  
Orá aos filhos bramindo os olhos lança.

Pelo que fica exposto, qual será o homem imparcial que negará a originalidade aos «Lusiadas», dando-a ao «Oriente»?

Temos quasi concluido o nosso trabalho, e apontamos os logares em que nos parece ha similhança entre os dois poemas. Para o formar só nos servimos dos «Lusiadas» de Luiz de Camões, do «Oriente» de J. A. de Macedo e da «Análise dos Lusiadas de Luiz de Camões» por Jeronymo Soares Barbosa, mas 'nesta obra muito poucas vezes pegámos. O bem ou mal que está feito devemos-o ás muitas combinações que fizemos dos dois poemas, e cremos ter respondido á maior parte dos pontos que Macedo allega a Camões ter copiado, imitado ou traduzido d'outros poemas estrangeiros, com cópias e imitações que o mesmo Macedo faz, não só de Camões, mas d'outros auctores: penalisa-nos ainda uma cousa, e é não podermos ter os auctores citados por Macedo, para mais mostrarmos a pouca ou nenhuma originalidade do Oriente.

Contudo, sempre diremos que o Oriente é um bom poema (no nosso fraco entender), que tem boas imagens, que está bem acabado e que custou muito estudo ao seu auctor, e mais dizemos que a Historia Sagrada que elle faz contar por Vasco da Gama ao rei de Calecut é uma das suas melhores partes, e que nos agradeou em extremo.

Já que fallámos no merito da obra, como imparciaes, notar-lhe-hemos tambem um defeito.

«É regra que nem tudo o que a historia diz, se pôde tractar em um poema epico. Nella ha uns incidentes que estão bem á magestade do poema, e que porisso podem tomar lustre nas mãos d'um bom poeta; e ha outros que são improprios e indecentes da sua grandeza, os quaes postos em uma Epopiea serão como nodos em um vestido. Aristoteles diz que Homero não é menos admiravel no que deixou de dizer do que no que disse. Camões não se esquece d'esta regra. Pela historia sabemos que a frota portugueza, no dobrar o Cabo da Boa Esperança, experimentou tão grandes prejuizos, que julgaram todos que iam perecer; pelo que a gente toda e ainda os officiaes pediram instantemente a Vasco da Gama quizesse voltar para traz, porém elle insistiu sempre na sua empreza.»<sup>1</sup>

Segue-se, pois, que Macedo errou muito e foi contra a regra em mencionar no seu poe-

<sup>1</sup> Extrahido da «Análise dos Lusiadas de Luiz de Camões», por J. S. Barbosa.

ma este incidente, o que faz no canto 3.º, est. 72 a 78.

Concluiremos por dizer, que é impossivel fazer um poema inteiramente original, porque todos os poetas lêem os outros seus antepassados, d'onde tiram materia com que formam as suas obras. Apresentem-nos o primeiro poema que viu a luz do mundo e nós então diremos—este é original porque o seu auctor não teve a quem imitar.

A. N. C.

---

### Expediente

Os «Hymnos e Flores» vão entrar no 2.º semestre; no 1.º a benevolencia pública chegou a ponto de se extinguirem todas as collecções, e por isso é que temos fé em que os nossos assignantes continuarão a concorrer com a sua protecção para o augmento d'este periodico; não queremos tirar lucro; é nosso unico empenho dar publicidade a escriptos de mancebos cheios de esperanças, para os animarmos a proseguir na carreira da litteratura; tambem nos têm ajudado 'neste empenho, concorrendo com suas valiosas produções, pessoas de muito merito, a quem d'aqui tributamos um sincero agradecimento. Os «Hymnos e Flores» darão aos assignantes do 2.º semestre um volume de poesias e romances de 100 paginas de impressão, aperfeiçoado quanto for possivel; é uma prova de que pretendemos ser gratos aos srs. assignantes.

Pedimos aos que estiverem ainda em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da sua assignatura em vales do correio ou em estampilhas a Alfredo Elycio, Coimbra: aos srs., que não declararem até ao dia 10 do presente, que cessam com a sua assignatura, continuará a ser-lhes enviado o periodico.

Continuará o periodico a ter a mesma colaboração, que no 1.º semestre; começando, entre outros romances, a publicar-se no n.º 13 um da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Elysa.

Temos a agradecer o obsequio de trocar com os «Hymnos e Flores» ás redacções do — Archivo Pittoresco — Aurora Litteraria — Mensageiro das Damas — Defensor do Traba-

lho — Vóz do Alemtejo — Pharol do Alemtejo — Scholastico Eborense — Bejense — Correio de Setubal — Liberdade — Conimbricense — Tribuno Popular — Commercio de Coimbra — Instituto — Jornal dos Artistas — Magriço — Districto de Aveiro — Viannense — Religião e Patria — Clamor do Norte — Mercantil — e Imprensa.

Tambem agradecemos o obsequio de nos pedirem a troca ás redacções do — Jornal da Pharmacia — Album Litterario — Cosmorama — Camões — Grinalda — Vimaranesense — e Tentativas Litterarias.

---

## PUBLICAÇÃO LITTERARIA

### FATALIDADES DO AMOR

POR

*Antonio Gomes da Silva Sanchez*

Brevemente sahirá á luz este romance, em que o auctor, á luz d'uma critica judiciosa, descreve e analysa as differentes phases que se antolham aos namorados.

Não pretendemos tecer-lhe elogios. O que elle merece dil-o-hão os sensatos leitores, que sabem desculpar os defeitos que sempre se encontram nas estrêas dos mancebos que encetam a carreira da litteratura. O auctor recebe com gosto as justas censuras que se fizerem ao seu primeiro opusculo; mas desprêsa tambem a critica mordaz, que costumam fazer os despeitados e invejosos.

Preço

Por assignatura 240 réis || Avulso..... 400 réis

---

### EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

Concordia — Romaria — Miseria — Bofetada — Andaluz.

---

### ERRATA IMPORTANTE

A paginas 23, col. 2, lin. 24, sahiu erradamente — continua.

---

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



## O QUE É A SOCIEDADE

ROMANCE ORIGINAL

A MINHA ESTIMADA MÃE

### INTRODUÇÃO

A sociedade é um livro; quem o abrir ao acaso, e folhear algumas páginas, depara logo com as tendencias mais pronunciadas do seculo! Os seus vicios e as suas virtudes, as suas crenças ou os seus desejos, a sua religião ou o seu cálculo, tudo alli está marcado em cada linha, e cada linha revela um typo, e cada typo o papel que foi chamado a representar.

O individuo que se propõe a estudar 'neste livro, esse mesmo é um estudo, porque faz parte da sociedade: por mais que forceje por partir os liames, que a ella o prendem, é escravo dos seus preceitos, e é escravo da propria vontade, porque ésta o arrasta para um obstaculo que não póde fender.

'Nesta lucta desigual, o mais que se consegue é esquecermo-nos de nós mesmos, desprezarmos o nosso papel, e tomarmos um, que, sem o sabermos, vae fazer rir as turbas, que nos apontam como *dominó*, em tempo de quaresma.

O seculo XIX é um seculo materialista; o cálculo e o dinheiro são as suas divindades, e não ha ahi ninguem que queime incenso nas aras d'outro nume.

O poeta, se sonha, ve ouro; e, quando acorda, vende a sua lyra pelo ouro d'uma mulher, que é o anjo (diz elle) que sempre víra em seus *dourados* sonhos!

A mulher ideal, poetisa pelo coração, a virgem fagueira dos campos, pura como a rosa que lhe desabrocha aos pes, modesta como a violeta que sua mão protege, finalmente, a fada encantadora dos poetas, o rouxinol das suas canções, despreza as galas singelas da natureza pelo brilho facticio d'uma sala, vende as imagens queridas da sua ju-

ventude, as affeições mais nobres da sua alma, pelo contos de algum gordo brasileiro, ou pelos bigodes frisados d'um aspirante a deputado.

O papá e a maman da menina enfeitam a sua mercadoria com o annúncio do dote, e assim a levam de salão em salão, ou antes de leilão em leilão, offerecendo-a a quem mais der.

Ora ahi está o que é o seculo actual, não geralmente fallando (quero que haja algumas excepções, mas éstas tão raras, que ou passam despercebidas, ou são apontadas ao dedo como uma irrisão ao bom senso!)

Todo o homem que faz um casamento, onde não entra o cálculo, nem as conveniencias da sociedade, é tolo, excéntrico ou romantico: toda a mulher que escutar primeiro o coração do que a cabeça e a vaidade, é uma imaginação esquentada, com pertenções a heroína de romance!

Assim vae o mundo!...

Basta de exórdio: isto que deixo dito serve só para prova, que é um conto moral, descripto, não bem, mas fielmente, que eu vou ter a honra de apresentar ao publico: possa elle colher algum fructo do meu trabalho.

### CAPÍTULO I

... coração de ouro mais nobre, tão puro não havia em peito portuguez.

REBELLO DA SILVA.

Era 'num dos salões da philharmonica no Porto; havia concérto, e baile de costumes, pois estava-se no domingo gordo.

Tinha-se ha pouco servido o cha; e, apoz ésta interrupção de pequeno espaço, o baile recommençára mais brilhante, ou para melhor dizer, mais furioso.

Uma unica pessoa alli parecia não tomar parte na alegria d'aquella festa. Lance o leitor comigo os olhos para dentro das cortinas d'uma das janellas, e vera um mancebo de rosto pallido, encostado ao peitрил, e com a frente apoiada na mão.

Era este joven de vinte primaveras, que assim fugia do bulicio d'um baile, onde o ruído o encommodava, para se insular no mundo das suas reminiscencias, ou saudades! É que Hyppolito era pobre e amava

15 DE MAIO DE 1863

com todo o ardor dos seus vinte annos, com toda a poesia que lhe cabia na alma, poesia, unica herança que Deus concedêra ao orphão!

Antes de entrarmos por diante na historia d'este mancebo, que elle mesmo nos contará, dêmos alguns ligeiros traços de seu rosto.

Quem olhasse Hyppolito de relance achava-o um homem vulgar e de poucos attractivos; ao passo que, examinando-o com reflexão, sentia-se um effeito totalmente contrário. A causa d'isto era o pouco esmero com que elle vestia, e o acanhamento do seu character, que mais augmentava, pela posição a que a fortuna ou antes a desgraça o lançára. Para dizermos tudo em poucas palavras, os defeitos de Hyppolito eram, não ser rico, não ser janota, não usar de luneta, não fumar, não frisar o cabello, e não trazer a cabeça sempre erguida á maneira de grimpal!

Ora agora um observador imparcial podia-lhe notar muitas bellezas, taes como, um ar de nobreza, muito distincto, mas sem orgulho, em todas as suas maneiras que seriam graciosas, se não fôsem um tanto acanhadas; uma estatura elevada, e com toda a elegancia, que um aprimorado estatuario poderia dar ás suas figuras; a fronte larga e saliente, carregada de melancholia e pezares; a cabeça bella, mas inclinada com desalento, como se o desengano tivesse passado sôbre ella, por mais d'uma vez, a sua aza maldicta, crestando-lhe o viço das mais rescentes flores de primavera! Era uma soberba cabeça de poeta! O rosto devia ser oval, se não fôsse a extrêma magreza das faces pallidas e encovadas, onde realçava o bello e comprido bigode, em que a bôcca de todo se perdia, quando um sorriso não vinha patentear duas fileiras de dentes pequeninos e alvos como os d'uma criança. Os olhos eram castanhos e talhados em fôrma de amendoa, e franjados de compridas pestanas louras. O seu olhar revelava o desgosto d'um espirito muito superior, que se ve encerrado e confundido na esphera mais vulgar da sociedade, aonde as circumstancias o arrojaram sem esperanças.

Poderíamos estender mais ésta descripção se nos demorássemos ne análise da mão, do pe, do traje, finalmente, em todas éstas pequeninas cousas tão necessarias ao escriptor

que se ve obrigado a encher papel; mas nós desejámos quanto antes proseguir na historia, para não ganharmos fama de massadores: porisso passámos adiante.

Em quanto nos demorámos 'nesta análise, uma scena curiosa se pæssou alli mesmo 'naquelle cantinho da janella.

Hyppolito, que ha mais d'uma hora estava 'naquelle postura em que o notámos, e com os olhos fixamente pregados por entre as cortinas 'numa formosa donzella, que lhe ficava fronteira, tirou do seio uma pequena caixa, abriu-a, e, tendo observado um retrato que ella continha, exclamou com desanimo:

«É ella, é ella!...»

E, depois de alguns momentos, continuou, como-se falasse aos echos da alma:

«A última que me fogue!...»

— O que? interrogou uma voz, muito conhecida de Hyppolito.

— A última esperanza, a última crença... a última illusão! respondeu o mancebo, estendendo a mão á que, levantando as cortinas, procurava a sua.

— Não sabia que estavas aqui, disse o recém-vindo, que era um janota em toda a accepção da palavra. Ainda te não vi nos salões.

— Pois tão alto falla a voz da amizade, que, quando entrei, te conheci logo sob a mascara e sob a farda de general, que te serve de disfarce, e ao mesmo tempo realça a tua airosa cintura.

— Então se me conheceste, porque me não fallaste? interrogou o mancebo, que chamarem Gustavo de Miranda.

— Porque estavas no meio d'um encantador grupo de senhoras, e não gostarias da interrupção!

— Ora essa, Hyppolito! a desculpa não é de amigo! Mas vamos ao caso; quero saber a explicação d'aquellas palavras que me trouxeram para juncto de ti.

— Não têm explicação, respondeu o mancebo, com voz quebrada por soluços.

— Então para que é esse mysterio comigo? não sou eu o confidente de todos os teus pezares? Ja alguma vez te trahi?

— Não!... nunca! exclamou Hyppolito com vivacidade, mas é que eu tenho um segredo, que até hoje guardei de ti mesmo, que és o meu unico amigo!

— Obrigado pela escolha! é demasiado li-

songeiral! Um amigo que não serve de confidente, é grande amigo!

— Não gratejes, nem te irrites, Gustavo. Se eu sou infeliz, que mal faço á sociedade, que me não repelle completamente por piedade, e não por não me podêr dispensar das suas festas?! Sê tu ao menos generoso; não me dês a tua amizade e confiança como esmola, dá-m'a antes como uma sympathia de coração, e ver-me-ás então, inteiramente confiado, depositar em ti os segredos mais intimos da minha alma!

A um gesto que fez Gustavo, Hyppolito replicou:

— Espera, não me contradigas; se eu tivesse conhecido em ti essa amizade de instincto, essa sympathia involuntaria e inventível, que me levou a apertar-te a mão, e a travar intimas relações contigo; então acredita, que não teria exitado em confiar-te o unico segredo da minha vida, e que eu guardo, como o avaro guarda o thesouro, sua unica felicidade 'neste mundo, e que elle teme ver passar a segundas mãos! Agora, Gustavo, ouve da minha bocca algumas verdades, e não as julgues dictadas pelo despeito, não! hoje mais do que nunca te estimo; e se, no meu egoismo de desgraçado, o mais perdoavel de todos, algumas vezes anathematizo a sociedade, pelo odio implacavel que lhe votei e ella a mim, crê que tu foste sempre exceptuado d'esta regra. Se o ceu me concedesse um irmão, devias ser tu, pelo extremo affecto que te consagro!

Hyppolito fez uma pausa, durante a qual Gustavo lhe lançou um braço ao redor do pescoço, e lhe disse maviosamente ao ouvido:

— Obrigado, amigo. Agora passemos a outra sala, porque o buliço d'esta não me deixa ouvir bem; e eu quero estar a sos contigo.

Os dois amigos deram-se o braço e passaram ao salão contiguo.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

Une femme est une fée! bienfaisante, un anje, un pouissance entre Dieu et la créature pour élever l'âme de l'homme aux joies du ciel.

A. KARR.

## REDEMPÇÃO

Oh! Uma santa! Celestial anhelol  
Sentimento purissimo! memoria  
Acaso triste de un perdido cielo;  
Quizá esperanza de futura gloria!

ESPRONCEDA.

Se ao v'lludo de teu collo encosto a fronte  
Ebrio da candura de teu pejo,  
Bebendo o doce mel d'um casto beijo,  
Gozando um puro ceu, cujo horizonte  
Na luz dos olhos teus se desvanece...  
Não ves alar-se a alma nos perfumes  
Do halito que teu niveo seio exhala  
E a vista desmaiada que se embala  
— Como a gotta na nuvem — nesses lumes  
Pendida como a flor que ao sol fenece? —  
É que um anjo me prende e me arrebatá  
Nas azas transparentes e me encerra  
'Naquelle região, longe da terra,  
De flocos d'alva gaze, que desata  
Em perolas á noite o manso vento!

De ti esse adejar me vem mansinho,  
Como sópro suave d'um suspiro;  
E a ti volta, outra vez, do seu retiro  
Como a ave que voou, volta ao seu ninho.

Se me doem os espinhos d'esta vida,  
Peristilos escuros d'outros mundos,  
Abysmos tenebrosos e profundos  
Em cuja aresta vae, pára esquecida,  
Instantes, a sonhar nossa existencia,  
Que val assim soffrer? que val se o calix,  
Tu me afastas risonha com brandura  
Deixando-me entrever o que fulgura  
De passagem, ás vezes, 'nestes valles  
Tão tristes!... minha doce providencia!

A. T.

## PARA QUE SERVE UMA MULHER

I

O sr. barão do Chão do Bispo era uma figura como a dos outros srs. barões: á primeira vista não tinha nada que o differenciasse d'um homem. Já não assim quando se tractava de perto: encontrava-se-lhe finura e cortezia. Nascêra s. ex.\* no solar de seus maiores pouco mais ou menos quarenta an-

nos antes da epocha em que vamos ter a honra de conhecê-lo, e virá-se rodeado de quanto havia de illustre nesta cidade, que como todas as outras cidades, acode com seus mimos e festejos aos bem-vindos da fortuna. A concorrência tinha sido extraordinária, a função de encher o ólho, e o pae do futuro barão não dava a gloria d'esse dia pela de Napoleão, seu contemporaneo, no dia de Austerlitz. Neste mundo tudo é relativo.

Depois d'isso, porém, passaram quarenta annos, e o barão, no momento em que vamos encontrá-lo, parece nem recordar-se d'esse bom tempo que la vae.

Era de manhan. Já tinha nascido o sol havia muito tempo, mas não entrava ainda no segundo andar d'umas casas amarellas, sitas ha hoje trinta annos no Largo do Castello, defronte mesmo do arco. E por um motivo muito simples: duas unicas janellas por onde podia entrar estavam ainda fechadas. Atraz d'essas janellas, para quem pudesse olhar ca de fóra, era de ver... escuridão e mais nada. Ha ahí uma expressão falsa, mas não sei dizer melhor. Fique-se entendendo que com as janellas fechadas estava o quarto escuro. Nós porém podêmos ver, como Eugenio Sue via as pégadas do judeu nos gelos polares.

So por éstas e outras vale a pena fazer-se a gente chroniqueiro de anedotas.

A um canto mais afastado das janellas estava uma cama arrimada á parede, e n'essa cama resonava aristocraticamente um homem. Era o sr. barão do Chão do Bispo.

Á direita da cama havia uma porta, que se abriu de mansinho. Uma cabeça grisalha com uma cara cheia de rugas introduziu-se receiosa no quarto, demorou um instante a olhar para o lado da cama, e retirou-se do mesmo modo, fechando-se outra vez a porta com geito. O proprietário d'ella era um homem alto e delgado, figura retezada e transparente, que dirieis um D. Quixote en carne e osso, se a falta dos bigodes, tradicionaes no D. Cavalleiro, não desconcertasse a similhaça. Era o escudeiro do fidalgo, que ja o fóra de seu pae, em cuja casa nascêra, filho d'outro de seus avós.

Depois de ter fechado a porta do quarto, atravessou, pe ante pe, uma saleta que lhe era contigua, e achou-se de cara com um individuo que fazia com a sua pessoa singular contraste. Estatura mean, cara reboluda e

estupida, trajar de peralta e ademanos de recadista.

— Então? perguntou este.

— O sr. barão ainda dorme: respondeu o servo.

— Deu-lhe o meu recado?

— Não senhor.

— Então que veio ca fazer? Ora ande, va dizer-lhe que eu estou aqui para o que elle sabe.

— Mas ja disse a v. s.<sup>a</sup> que ainda está a dormir.

— E que me importa a mim com isso?

— Mas importa a mim, que o sr. barão não gosta que o acordem.

— Não se dá maior desafôro! exclama o janota enchendo as bochechas vermelhas como medronhos. Que a gente faça favores a estes pelintras, que tenha de os vir procurar a sua casa, e que ainda assim se veja em risco...

— De eu lhe tapar a bôcca e pol-o pela porta fóra, se continúa n'esse destempêro: acudiu o velhote dando dois passos.

E sem lhe dar tempo de attender ao que dissera, continuou em voz mal segura, mas baixa:

— Tenha paciencia, sr. Christovão: meu amo não tarda a erguer-se, e fique descansado que lhe dou logo o seu recado. Elle bem sabe que lhe deve, e não lh'o nega. Os seus rendeiros tambem ainda lhe estão a dever.

O que de esforço custou ao bom do homem esta linguagem aveludada, não o digo por escusado, e mesmo porque não ha tempo. A campainha do quarto do donô da casa acaba de tocar, e é necessario que elle la va. Agora pelas costas não gôsto de fallar de ninguém.

Deixemos o credor, e vamos la com elle.

Por hábito velho provavelmente, entrou com afoiteza, e foi descerrar uma janella.

O barão ficou destapadamente visivel.

É sabido que não ha homem grande nem mulher bonita ao levantar da cama. Pois o barão era bem menos do que um homem grande. Salvo n'uma cousa: diante d'uma mesa de jôgo. Alli disputava galhardias com o mais pintado. Perdia sem mágua, ganhava sem enthusiasmo. Verdade seja que lhe custava isso o ter o morgado empenhado no dôbro, e acordar todas as manhans com o vozear dos credores. Mas honra e proveito não

cabem no mesmo sacco. Nem eu sou dos que avaliam os feitos pelos resultados. Por se ter feito obsequios a um ingrato não se segue que um obsequio seja má acção.

Entretanto vestiu-se s. ex.<sup>a</sup> e está de pé diante do espelho, concertando o colleirinho postiço da camisa.

O criado acaba de pousar as botas engraxadas.

—O caturra foi-se? perguntou o barão sem se voltar.

—Saiba v. ex.<sup>a</sup> que ainda está á espera.

—Disseste-lhe que eu não podia agora falar com elle?

—Tudo o que v. ex.<sup>a</sup> mandou.

—Pois então deixa-o. Que espere até que canse. Estes diabos d'estes homens cuidam que estamos sempre de paciencia para os aturar... O José.

—Criado de v. ex.<sup>a</sup>

—Vae aparelhar os cavallos, que temos de sahir.

—Para fóra ou para a cidade?

—Para perto.

—É preciso que va pedir emprestado o selim do sr. visconde?

—Não sera mau. Vae, vae, que é bom dar na vista.

Á proporção que iam fallando, José ia escovando o fato, e o barão ia-o envergando.

D'ahi a meia hora dizia o barão ao seu visitador matutino:

—Sr. Christovão, eu vou sahir, e porisso não posso agora fallar-lhe, mas acredite que vou trabalhar por afranjar os nossos negocios do melhor modo.

—Estou acostumado a esse palanfrorio ha muito tempo, e por fim de contas não vejo nem cinco réis. Olhe, sr. barão, a paciencia ja me falta, e eu não me tirei hoje de minha casa para voltar com as mãos vasias. Ou me paga, ou metto-lhe uma penhora pela porta dentro.

O barão devia muito e desde muito para lhe dar cuidado aquella bravata. Não lhe convinha, porém, indispor o homem, e respondeu macio:

—Deixe estar, meu amigo, que não é preciso tanto. Dou-lhe minha palavra de cavalheiro que de hoje a oito dias ha de ter o seu dinheiro.

—La em promessas ninguem é mais prompto; murmurou o credor encolhendo os hom-

bro: agora em cumprir... Cuida v. ex.<sup>a</sup> que eu não sei que ja não tem nada de seu?

O barão sentiu gemer no tumulto a honra de seus maiores, e gemido tamanho que o fez dar um pulo. Tocou uma campainha, no sentido de chamar os seus criados para o livrarem do impertinente, mas soffreu o desapontamento de so ver entrar o velho magri-sela de que ja fallámos. A honra de seus maiores teve de calar-se em vista de tão triste realidade. O dono da casa curvou a cabeça um momento, como se o mettessem no samnitico jugo triumphante.

Depois ergueu-se, como o aço fino comprimido um instante, e disse de estalo:

—Sr. Pimenta, tenho de sahir; nós fallaremos.

E sem esperar resposta, atirou comsigo pela porta fóra.

Era o unico partido que tinha a tomar.

(Continúa)

## VERSOS<sup>1</sup>

Ja viste a luz brilhante d'uma lampada  
Engrossar e crescer, quando lhe sobra  
O oleo excitador?

Depois, mal se desdobra

A rispidez do vento,

Não viste num momento

Sumir-se pelas trevas seu 'splendor?

É a vida, do homem como a luz!...

Brilha um so instante!...

Té que a sorte cruel... sempre inconstante...

Que em tudo nos seduz,

Venha apagar essa luz, que era d'um dial...

E depois transfigure em agonia

Esse viver d'amor!...

E d'alma a sancta paz, sancta alegria

Transmude no soffrer d'intensa dor!...

O mundo é sempre assim!... É o seu fadario,

Que n'alma lhe escreveu occulta mão!...

É o impio, que tocou no sanctuario

Do Deus da creação!...

<sup>1</sup> Offerecidos ao meu amigo o sr. Francisco da Silva Trindade Sardinha e seus dois graciosos e sympathicos filhinhos. Recitados em sua presença no theatro de Pedrogão Grande na noite de 6 de abril de 1863.

Embora se enebrie em seva orgia  
E s'erga contra nós e contra os ceus!...  
Não ha de extinguir nunca ésta harmonia  
Do genio, que em nós mora, e que é de Deus!

Embora contra nós vomite o inferno  
Labaredas, que o mundo nunca viu,  
O genio não fallece; que é eterno  
Como o foco de luz, d'onde partiu!

Póde o ceu desabar feito estilhaços.  
O sol póde negar-nos seu clarão.  
Póde o globo voar em mil pedaços,  
Mas o genio morrer! oh! isso não!

Meteoro, que partiu da sacra estancia,  
Onde fulgem as luzes do Senhor,  
D'esse jardim do ceu meiga fragancia,  
Que não hão de apagar as leis da dor!...

O genio conquistou-te feixes mil  
De c'roas e de rosas, que vejo inda  
'Nessa frente gentil  
Brilhar de gloria infinda!

Porisso de que val, sublime artista,  
Que um pobre, como eu sou,  
Ajuncte humilde arista  
Ás palmas, com que o genio te adornou?

Melhor c'roa te deu quem póde mais,  
Que os mores potentados, que ha no mundo,  
Que com saber profundo  
Pela tua carreira pedragosa  
D'espinhos e de dores  
Plantou o *lyrio* e a *rosa*  
Que são do teu jardim as melhores flores!...

Dois anjos, ambos puros  
Singelos como a flor,  
Por mão de Deus pousada  
Na lyra ao trovador.

Mandou-os Deus á terra  
Pousar ao lado teu,  
Dizer que bens encerra  
Quem vive la no ceu!

Mira-te 'nelles, meu saudoso amigo,  
Verás, que tens o ceu sempre contigo!...

SIMÕES DIAS.

## UM PASSEIO Á LAPA

Aqui se estreitam laços de amizade  
Ao doce murmurar das aguas brandas.

L. C.

Era uma manhan de maio, e na Lapa dos  
Esteios.

Tempo e sitio não os escolhêra melhores  
o mais mavioso poeta ou o namorado mais  
sensível, este para devaneios, para inspira-  
ções aquelle; ambos para seus sublimes des-  
varios, que muitas vezes se convertem em  
gloria para um e felicidade para outro.

Era o mez dos amores e a lapa dos poe-  
tas. Maio foi sempre o predilecto da natu-  
reza; o sol escolhe para elle seus raios mais  
suaves, a terra despeja-lhe no regaço cornu-  
copia de flores. Com o nome de poetas ba-  
ptisaram aquella amena estancia, osculada  
pelo rio, onde o zephyro segreda amores ás  
dryades do bosque, e a philomela publica  
seus sonorosos queixumes, que a desditosa  
echo machinalmente repetê.

E nós todos quatro, alli á beira do Mon-  
dego, vivemos 'numa hora muita vida, de  
que apenas resta a saudade, tenue perfume  
da flor do coração. E como essa hora se nos  
volveu ligeira, livre de enfados, doce e tran-  
quilla como o fio da corrente, inexoravel am-  
pulheta d'aquelles deliciosos instantes!

Um barco rasgava amoroso o seio das  
aguas. Que assumpto para uma anacreontica  
está de si aivando aquelle barquinho ligei-  
ro! exclamou Carlos.

Debruçada sôbre a margem, viçosa roseira  
refrescava os botões, roçando de leve o lí-  
quido crystal. Es minha! gritou Luiz, des-  
prendendo a custo do tronquinho uma das  
flores. E, remirando no botão outras ima-  
gens, amigos! continuou, este sitio é o tem-  
plo do amor, mas falta o nume!

Antonio, o silencioso Antonio, sentado na  
lapa, deixava divagar os olhos, ora pelos  
amigos que se lhe sorriam, ora pelos outei-  
ros defronte, ora pelos choupos e salgueiros  
que se reviam no limpido espelho aos doces  
clarões da madrugada. E aquelle alvorecer  
do dia era para elle alvorecer de ideias na  
mente juvenil, que se desatava em doces pen-  
samentos, exprimidos claramente no vago  
scismar ou na distracção das vistas.

E eu, profano 'naquelle templo, ouvindo sôbre mim o ramalhar das árvores que asombrom a lapa, e a meus pes o murmuro do rio dos nossos poetas, remoçava para o presente com a profunda saudade das recordações preteritas. A lapide commemorativa de Castilho e a sétina de João de Lemos pareciam-me epitaphios de sepulturas, coroadas de flores. E epitaphios eram cada um de meus pensamentos, reminiscencias d'outros tempos e pessoas, agora distantes ou irremissivelmente perdidas...

E aprazia-me o ver-me alli; mas aquella primavera quasi que me era outomno; aquella manhan era uma das rosas do meu viver, das raras que nos Deus concede 'neste mysterioso trãnsito que chamãmos vida; mas 'naquelle gosar soffria muito... Por entre as flores se occulta o aspide, e a taça mais preciosa abriga fezes:

Quem rosas colhe sem lhe a mão sangrar?

pergunta o poeta da recente «Beatrice», livrinho que é um grande livro,

Gôta, que alaga o mundo!...

Éstas singelas e toscas palavras valem uma commemoração apenas; um marco que aqui fica levantado para penhor de futuras saudades. Quasi que foi compromisso que alli fizemos os quatro. Por mim

My little all... I give.

10 de maio.

A. A. F. P.

## ANAGREONTICA

Na quadra amena  
De mil perfumes,  
Quando arde o seio  
Com doces lumes;

Quando em tua alma  
Talvez se embala  
Terno segredo  
Que o labio cala;

Quizera, ó bella,  
Que em sitio caro,

Propicio a votos,  
Do mundo ignaro,

Nos fôsse a vida  
Que amor governa,  
Nas penas curta,  
No gôzo eterna...

Alli te erguêra,  
Sem vãos temores,  
Altar singelo  
De myrto e flores.

Foras o nume  
So 'nelle posto;  
Fora meu culto  
Teu lindo rosto...

Mas contra o fado  
Não val' queixume,  
Pois vejo o templo...  
Mas falta o nume!

Lapa dos Esteros, 10 de maio de 1863.

LUIZ CARLOS.

## FRAGMENTO

.....  
Meia noite!... Hora solemne!...

E eu contemplo, sentado 'num rochedo, na encosta d'um monte, o ceu diaphano, todo matizado de scintillantes estrellas.

E como é bello para mim o silencio profundo que aqui reina, apenas interrompido de quando em quando, pelo balouçar vagaroso de alguns arbustos, que me cercam, impellidos pelo sópro ligeiro da brisa!

Oh! como é bello!

Que prazer não sinto 'nalma, 'neste momento, em que tudo dorme e repousa!

Como se me avivam as saudades bellas e gratas do passado, 'nesta hora para mim benedicta!

Que poesia não tem a lua tão pallida, a retratar-se nas crystallinas aguas d'aquelle regato, que corre tão sereno la em baixo!...

Ah! so o poeta, so o verdadeiro poeta sabe apreciar tão bellos momentos de doces extasis, em que a alma inspirada parece elevar-se até aos ceus!

É então que em sentidas estrophes, elle

canta suas máguas, ou em alegres cantos mostra a sua ventura! É então, que elle dedica mais um hymno á mulher que adora, ou faz os seus queixumes áquella que o enganou! É então, que aquelle, que soffre, derrama as suas lagrimas de dor!

Oh! bemdicta é esta hora!

Bemdicta, sim, porque, longe do tumultuar das cidades, aonde se reina a mentira e a intriga, eu sinto aqui neste instante, um sentimento puro affagar-me o coração!

E, ao mesmo tempo que as lagrimas me marejam nas palpebras, uma a uma, eu sinto com ellas um prazer intenso, que não posso explicar!

Julgo-me feliz, tão feliz como o homem, que habita alem'naquella choupana, tendo, ao lado, a esposa e os filhos queridos, que são no mundo a sua ventura!

Julgo-me tão feliz! mas, ah!... é passageira esta minha felicidade!...

Passados estes curtos momentos, a dor vem de novo com mais força povoar-me o coração! E coméço então a libar, góttá a góttá, todas as fezes amargas do calix do infortunio! E minha alma agonisante parece retalhar-se com ellas! E meus labios, arados pelo fel da desventura, ficam tão roxos, como o lirio que vegeta em formoso jardim, rociado pelo orvalho da manhan, que cae do ceu!

E então eu digo baixinho:

«Felicidade, que és tu na terra, senão um sonho momentaneo? Que és senão uma illusão pura, que nos doura a vida um instante, e que, perdida, nos dá so tormentos e lagrimas de dor!...

Vizeu, abril de 1863.

ALFREDO CAMPOS.

### ODE ANACREONTICA

(Imitação de Bocage)

Ligeiro barquinho,  
Com garbo gyrando  
Um puro desejo  
Me estás avivando;

Desejo mui puro,  
Desejo bem grato,  
Pois d'ella apresentas  
Perfeito retrato;

Não por ser voluvel  
E os olhos brilhantes  
Dirigir p'ra todos  
Gentis, penetrantes;

Mas porque, assim como  
D'agua estás á flor,  
Ella está constante  
No meu puro amor.

Lapa dos Esteios, 10 de maio de 1863.

c. r.

### Charada

Procura la na lareira  
Que la mesmo encontrarás; 1  
Para, pois, não vas mais longe,  
Que em parando a toparás. 1

Exprime ideias diversas  
A palavra da charada,  
Conforme se juncta a outra,  
Ou é d'ella separada:

Se juncta, exprime brandura,  
E sitio propicio a vates;  
Quando so, é sêcca e dura...  
Agora espero que a mates.

10 de maio de 1863.

A. V.

## PUBLICAÇÃO LITTERARIA

### SCENAS ROMANTICAS

Um volume de 260 páginas. Acha-se á venda em Lisboa, Coimbra, Porto, Vianna do Castello, Leiria e Vizeu, pelo preço de 500 réis.

Para as outras terras custa 600 réis, que serão enviados a Alfredo Elycio, Coimbra, em vales do correio ou estampilhas.

### ERRATAS IMPORTANTES

Em o número anterior, pag. 90, lin. 16, onde se le — batalbar, leia-se — baralbar: e lin. 38, onde se le — desarraujar, leia-se — desarranjar.



## O QUE É A SOCIEDADE

### CAPÍTULO II

Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos estando tristes, e consolam precisando de ser consolados.

REBELLO DA SILVA.

Alli, depois de se terem sentado 'num sôpha, Gustavo, reclinado negligentemente, saboreava o aroma d'um delicioso charuto de Havana; em quanto que escutava seu amigo.

Antes, porém, de começarmos este dialogo, não sera mau darmos um leve esboço das feições, e vida, e posição de Gustavo.

Era um mancebo de vinte e tres annos de idade, e pertencia á classe d'essas bellezas vulgares, que o mundo chama sympathicas; faces morenas, levemente carminadas, nariz fino e um pouco arrebitado, bôcca pequena e ironica, dentes estragados pelo fumo, bigode pequeno e anelado e cabello côr de azeviche, assim como os olhos, que eram vivos e travessos. Haveria alguma cousa de effeminado 'naquella physionomia, se não fôsse certo atrevimento polido com maneiras de boa sociedade, que se lhe notava no caracter, e se lhe trahia no olhar.

Gustavo passava 'naquella epocha por um dos leões da sociedade portuense; era extravagante como todos os mancebos que vão aos quinze annos para Coimbra estudar direito e gastar dinheiro á familia, se ésta está nas circumstancias em que estava o pae de Gustavo, barão de fresca data, graças á escravidão, e mais algumas especulações innocentes que exercêra em seis annos que estivera no Brazil.

Todavia Gustavo não herdára o character baixo de seu pae; era moço pretencioso e um pouco estragado, mas de bom coração e cheio de brios.

Havia tres annos que estava formado, e andava á cata d'uma cadeira em S. Bento,

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 14.

para o que o pae cooperava, gastando o seu dinheiro (á falta d'influencia) pois que, quem cortejava o barão, resmungava sempre por entre dentes «que era muito recente o verniz, que deixava ainda ver a qualidade do paul!»

Gustavo e Hyppolito encontraram-se ambos um dia a cortejar uma janella, que pelos modos não se rendia a nenhum; e desde então juraram-se mútua amizade, e uma confiança illimitada. Depois o tempo corrigiu a obra do acaso; tirou a confiança e deixou so a amizade; viviam em esferas separadas, e porisso continuaram a ser amigos, mas nunca confidentes um do outro.

Hyppolito, era desconhecido no Porto e escrevente e simples escrevente d'uma casa commercial: Gustavo, tinha o pae barão, uma boa somma de contos que herdar, e um logar em S. Bento em perspectiva. A differença era visível e palpavel; era aonde batia a allusão de Hyppolito.

Depois d'estes esclarecimentos, retomemos o fio da historia.

—Gustavo, exclamou Hyppolito quasi com modo paternal, sou uma criança pela idade, porque apenas conto vinte annos; mas esquece-te d'esta circumstancia para me ouvires, como a um homem largamente experimentado em pezares e desenganos, e que tem profundamente estudado o mundo, e acha no seu estudo bastantes motivos para aborrecer a sociedade! Ouve-me como a um velho de sessenta annos; da minha bôcca vaes ouvir verdades, que esse mesmo na sua longa carreira não pode esclarecer! É que a desgraça instrue, e ninguem tem tantas razões para se achar instruido, como eu! Cansa-te ó exordio? tem paciencia, preciso de costumar teu espirito a ouvir-me. Ainda não dei um passo 'neste mundo, sem que calcasse um espinho, ainda não toquei uma flor d'esse formoso eden chamado «esperança», que ésta não purchasse ao meu contacto. Desde o berço fui assinalado para o martyrio; e deve ser elle a minha parte de gloria 'neste mundo. Acabei o exordio; mas, antes de entrar na historia, preciso de que me digas uma cousa. Então que queres? necessito de que me abras o teu coração, antes de eu lhe depositar la a minha vida, urna de amargas lagrimas!

—Falla, disse Gustavo.

—Dize-me, desde quando conheces aquella

1 DE JUNHO DE 1863.

mulher, vestida á turca, com quem dansaste uma polka e ficaste a conversar?!

— É muito recente este conhecimento, respondeu Gustavo; e contudo em breves dias sera minha noiva! Não achas singular?

Uma exclamação de dor e espanto esteve para escapar dos labios de Hyppolito; mas, por um esforço sobre-humano, conteve-se, comprimiu com ância o peito, passou a mão pela testa e levantou-se para ir tomar ar a uma janella, e, depois de ter passeado algum tempo pela sala, voltou para junto do amigo, que ficára estupefacto com aquella repentina mudança, e disse-lhe:

— Obrigado, agora vamos ao promettido.

— Mas que tiveste tu! exclamou Gustavo.

— Uma vertigem, e nada mais.

— Então espera; sempre te direi por que concurso de circumstancias estou hoje ligado áquella mulher, sem muito lastimar as minhas cadeias.

— Fico por essa, respondeu seccamente Hyppolito.

— E continuou:

— Mas anda depressa, porque precisas de ir para a sala e eu tambem.

— Sirvo-te ja em duas palavras. Como tu sabes, meu pae enriqueceu no Brazil; ora, na sua estada la, tomou relações com um patricio, que em breve chegaram a ser íntimas. Esse homem tinha uma filha; meu pae tinha e tem um filho, que sou eu. Pareceu-lhes caso tão talhado pela Providencia, que prometteram ajudar-se mutuamente, e, se voltassem ricos para Portugal, fazerem uma aliança entre as duas familias. Meu pae veio alguns annos antes d'elle, mas nunca deixou escapar uma palavra ácerca d'este passo. Um d'estes dias disse-me: «Veste-te para ires comigo fazer uma visita» e, na volta para casa, como me perguntasse naturalmente se eu gostára da menina Maria, respondi tambem com toda a ingenuidade, que gostava muito. Revelou-me então o seu segredo, e disse-me que desejava ver effectuado este casamento quanto antes. Podes adivinhar facilmente, meu amigo, que a minha impaciencia e a d'ella tambem excede a de meu pae, que está namorado dos contos, ao passo que eu o estou da sua possuidora.

— E esta menina é do Porto? interrogou Hyppolito indifferentemente.

— Não, respondeu Gustavo; é uma pro-

vinciana, sempre creada na aldeia, mas que em verdade tem mais merecimentos do que as mulheres da cidade. Ha poucos dias ainda que aqui está, e tem as maneiras delicadissimas; é d'uma candura perfeita, se bem que me parece um pouco vaidosa da sua belleza e posição. Isto é o pouco hábito da sociedade; dentro em breve estará corrigida d'este defeito.

— Muito bem, murmurou Hyppolito com voz concentrada. E dizes que se chama Maria?

— Maria da Gloria, sim, respondeu Gustavo.

— É singular a coincidencia; tambem ha uma joven chamada Maria na minha historia, com a differença de que é Maria Eugenia e não da Gloria, disse Hyppolito.

E continuou, como se fallasse a si mesmo.

— Isto podia-se dar; a mudança de sobrenome é facil... Agora, Gustavo, é a minha vez; a minha historia não é tão divertida, tão esperançosa, nem tão bella como a tua, mas é mais instructiva. Aprenderás d'ella muita sciencia, que ainda te falta. Vives no centro da sociedade, e ainda a não sabes conhecer; a minha vida pôde-te ser uma proveitosa lição.

(Continúa) HENRIQUETA ELYSAL

## A UNS ANOS

(A pedido)

Quando em azas de innocencia

Baixaste ao mundo a sorrir,

Os anjos por tua ausencia

Sentiram prantos cabir!

Mas tu, sorrindo contente,

Lhes disseste: «Eu voltarei;

«Se desço á terra innocente,

«Porque ao ceu não subirei?»

E vieste; e dentro em breve

Eis-te involta em graças mil!

Grinalda pura te deve

Cingir a fronte gentil.

Cada vez que mais um anno

Nos reuna em dia equal,

Sem leve sombra de engano,  
Veja alegre o teu natal.

Corra-te a vida tão pura  
Entre affectos maternos,  
Que te sejam na ventura  
Os dias todos rivaes.

Maio de 1863.

LUIZ CARLOS.

## AMOR E TYBANNIA

ROMANCE ORIGINAL

### CAPITULO I

#### O homem perverso

Dos entes que creára Auctor supremo,  
Es, homem, o peor! Nunca dos labios  
Te sae palavra de verdade! Nunca  
Em teu vil coração moros justiça!

N. M. DE S. MOURA.

Numa frigidissima e tetrica manha de fevereiro do anno do Senhor de 1859, apresentára-se em Ponte de Lima um mancebo decentemente vestido, e que se dizia genro do visconde de ...

Como trouxesse cartas de credito e recommendação para algumas familias foi logo recebido pelos limarenses com aquella bondade que tanto os caracteriza, e com a indulgencia que elles de tão bom grado dispensam a quem os visita.

Dois mezes passados, seu character perverso e sanguinario se declarou e desinvolveu. Os lupanares, o jôgo, o roubo, a traição, o assassinio, emfim todos os vicios e todos os crimes lhe eram conhecidos; tão practico estava nelles e de tal forma o mostrou, que a maior parte das familias que lhe haviam franqueado suas salas lh'as fecharam com a mesma promptidão com que lh'as tinham aberto, e aquelle que tão pouco tempo antes havia sido alli objecto de estima entre os homens e de admiração entre as damas, era então olhado com desprezo quasi geral, pois que havia familias que se jactavam de receber em seus salões, apesar de seu pessimo comportamento, o atraioeiro Joaquim de Mendonça.

Era assim que se chamava o genro do visconde de ...

Este homem com o coração d'um Nero ja no Porto era conhecido pelas gentilezas que practicára. Atraioando alli um dos seus mais intimos amigos, a quem devia favores que nem com a vida seria capaz de pagar, foi estygmatisado como merecia.

Vendo que no Porto se conseguira o ferrete odioso de ladrão e de assassino, passou ao Minho onde com astucia e dissimulação se insinuou no coração da filha do visconde de ...

Fez o pae d'esta o que um bom pae poderia fazer para impedir que sua filha, lançando uma nódoa indelevel numa familia illustre, casasse com um homem que so lhe ambicionava a riqueza.

Conselhos, supplicas, ameaças, tudo foi baldado: ella queria desposar Mendonça. O visconde fez então prendel-o por ladrão, mas Candida conseguiu com lagrimas a soltura do seu amante.

A auctoridade, que recusou o apóio, a protecção e os ricos thesouros que lhe offercia o visconde, dobrara-se antes as lagrimas da virgem supplicante.

É que ás vezes têm mais força que o ouro as lagrimas da mulher, essas lagrimas de que ellas sempre dispõem, cujo segredo, apesar de mulheres, nunca confiaram a pessoa alguma.

É, talvez, o único que são capazes de guardar, e, ainda assim, quem sabe?

Solto Joaquim de Mendonça, Candida, que por elle havia feito tantos sacrificios e arrostado intrepida tantos perigos, offertou-lhe ebria de contentamento suas mãos e sua riqueza.

Feitas as pazes com o visconde foram todos tres viver para Lisboa.

Joaquim de Mendonça, que, como o dissera o visconde, so tinha em mira a riqueza de Candida, não achou sufficiente o amor de sua mulher e pagou quanto lhe devia com desgostos e maus tractos, porque ella não assignava quantas falsificações elle queria. Não lhe succedia como hoje: então affluia-lhe ao rosto todo o sangue; corava: hoje, ja não.

Aborrecido da vida monotona que passava na companhia de sua esposa, resolveu viajar pelo Minho, tencionando demorar-se em Ponte de Lima.

Como vimos, passados dois mezes, tinha grangeado das familias limarenses o desprezo

de que tão digno era. Voltou então a Lisboa, e, contra a expressa vontade de seu sogro, arrastou para Ponte de Lima sua mulher.

Queres agora saber, leitor, quem era Joaquim de Mendonça, no tempo em que D. Candida se adornava com sua aureola de innocencia?

Era um gallego; e fóra, exercendo este mister, que ella o conhecera e, d'elle se agradára, crendo, como todas as mulheres, nas palavras dos homens, d'esses monstros d'essas feras, que atraíam as virgens, matando-lhes suas mais sagradas affeições, dissipando-lhes seus mais doces sonhos, para em vez de lhes dar uma vida de rosas dar-lhe uma de espinhos.

E fez Deus o homem á sua imagem, dando-lhe coragem para ver as lágrimas da donzella atraíçoadá sem immediatamente lhe calarem a alma e despedaçarem o coração?

Oh! o homem sera tudo menos um ente creado á semilhança do Deus de bondade e misericordia.

Com a volta de Joaquim de Mendonça originaram-se dois partidos em Ponte de Lima; um pro, outro contra elle.

Por essa causa duas familias, que até então tinham vivido na mais sancta harmonia, deixaram de conviver entre si.

(Continúa).

## PERGUNTA

Teus olhos, que fallam tanto,

Que dizem elles a mim?...

Que me diz teu rosto lindo,

Acceso em vivo carmim?...

Posso crer no fogo d'elles?

Posso crer no teu rubor?...

Acaso nesta linguagem

Me traduzes teu amor?...

27 de maio.

A. A. F. P.

É tão difficil ao bom provar a sua innocencia, quanto é facil ao malvado fazer uma accusação.

BERNARDINO PINHEIRO.

## A FLOR E O REGATO

No manso espelho da agua crystallina

Mirava, rindo, a flor a sua imagem,

Perfumes lhe levava a doce aragem,

Cobria-a d'ondas leves a neblina.

D'istante a instante as pétalas rociava

Nas bolhas vaporosas da alva espuma,

Que vinham oscular-a, uma a uma,

Como á altiya senhora a pobre escrava.

Era-lhe a vida assim um paraíso,

Deusa, tinha o seu ceu em quanto via,

Amante, tudo a amava, e não havia

Quem lhe não desse, ao vel-a, um doce riso.

Mas um dia nas dobras sussurrantes

Do regato increpado e em desalinho

Viu-se a flor arrastada ir seu caminho,

Perdido o viço e a côr que tinha d'antes.

SANTOS VALENTE.

## AMOR COM AMOR SE PAGA

ROMANCE ORIGINAL

Corria o mez de agosto de 1861.

Para me distrair um pouco decidi ir com sóz mais dois amigos visitar Luso e Bussaco: e digo visitar, por isso que, nascido e vivendo aqui sempre em Coimbra, ainda não tinha ido ver as maravilhas do Bussaco, o que é uma cousa realmente muito para se admirar.

Uma tarde pois mettemo-nos a caminho, e em poucas horas eramos chegados a Luso. Depressa se passa uma noite, demais sendo ella de verão: la nos arranjámos pois como pudemos, e toda a noite foi levada d'um somno.

Na madrugada seguinte fui junctar-me aós muitos curiosos que aguardavam a ida para o banho das meninas e moças, e muito para se ouvirem eram os espirituosos ápartes que por aqui e por alli se diziam.

E'eu em boa hora chegára a Luso: nessa mesma noite havia na sala do edificio dos banhos a costumada reunião das familias que alli se achavam. Ora ja se deixa ver que a uma festa d'estas não se podia de modo al-

gum faltar, sob pena de ser tachado de pouco amante dos folguedos civilisadores, aleive este que eu de modo algum queria me levantasse.

Quando entrei na sala poucas meninas ainda la haviam, e isso estimei eu porque muito desejava vel-as entrar uma a uma: assim aprecia-se melhor a sua belleza, e o seu trajar, o que ás vezes não é cousa de pouca monta.

Vi entrar muitas e muitas, todas lindas e formosas; mas, horror dos horrores! de tão fragrantés rosas nenhuma me fez a minima impressão! Nem sei como tenho cara para tal dizer!

Mas que astro brilhante desponta no horizonte?! Um anjo aqui?! o caso é estranho!

Espreitemos por traz d'este meu amigo, que nada dirá, e vejamos passar aquella sublime belleza.

Eil-a que passa: que garbo, que gentileza, que elegancia! Tudo pára, conversas, passeios, discursos! Todos os olhos nella se fitam. Sentou-se; aperta as mãos de suas amigas, sorri-se. Lindos dentes! mimosas mãos!

Mas agora reparo que ainda vos não retratei este anjo; perdoae-me este descuido que foi muito involuntario.

Comêço por dizer-vos o seu nome, que o sube do tal meu amigo: chama se a menina D. Anna Eugenia de Sarmiento: o rosto é um pouco sóbre o comprido; dois olhos negros inquietos, sombreados por compridas pestanas dão vida e animação áquelle rosto em que o leite se mistura com as rosas e em que se abre uma pequena e mimosa bócca que está desafiando os beijos: um sorriso meigo lhe adeja de continuo nos labios rosados; lindos cabellos castanhos descem em compridas tranças sóbre o collo da côr da neve; e... em summa é uma d'aquellas phisionomias que raro se esvaem da memoria quando uma vez se viram: e depois, como lhe ficava bem aquelle simples vestido branco atado na cinta por uma fita côr de rosa! Nunca vi nada de mais bello, nem de mais encantador! De mim digo que presumo foi aquella a primeira mulher que me fez sentir o paraizo na terra: e seria? talvez!

Começaram as contradanças, as valsas, e polkas: eu sou inimigo de tudo isto; mas não obstante almejei dansar essa noite com D. Anna. Tinham sido ja tantos os que me haviam

antecipado, que só obtive dansar com ella a quarta ordinaria, e a segunda extraordinaria; de modo que se vou um pouco mais tarde passava por vez.

Esperei pois com áncia, como é de presumir, o momento ditoso:

Em silencio passo o que então dissemos: de trivialidades descemos a fallar do coração, e o coração é um campo vasto, ainda não bem explorado, d'onde, quando la entrámos, não podêmos saber sem mais d'uma vez nos perdermos e tropeçarmos no caminho. Animada correu a conversa, que a materia a isso dava margem, e ficámos em continuar a nossa discussão na segunda extraordinaria.

Sahi da sala encantado: a uma grande belleza reunia ella muito espirito e profunda penetração e discernimento. Que mulher, que mulher! El quanto todas as outras meninas que alli estavam me pareciam então fatbas, feias, frias, fofas, fuscas! Que são as estrellas ao pe do sol?

Da segunda extraordinaria sahi ainda mais allucinado!

D. Anna seria o anjo mau que me apparecia para me tentar? seria o anjo bom que me viria prometter felicidades? Não sei! Lembra-me apenas que só a ella via em toda aquella sala, e que tudo mais se me afiguravam sombras.

Acabou-se o sarau: as familias voltam a suas casas, e eu sigo D. Anna até á sua.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO.

## COMO A VIDA É BOA!

*Bueno es el mundo! bueno! bueno! bueno!*  
Ha cantado un poeta amigo mio.

ESPRONCEDA.

A natureza folga; os campos tecem  
Os lyrios e as rosas com que enfeitas  
O peito em que me poisas e me deitas  
A fronte que reflecte a côr das messes  
Quando a luz vem beijal-a ao romper d'alva!  
E dizes: «Vem comigo; o sol ja nasce;  
«Vamos ver a montanha; ouvir seus cantos;  
«E na flor que pendida verte prantos  
«Ver como o prazer nella ja renasce.  
«E como abraça o musgo a verde malva  
«La sóbre aquelle choupou s'espaneja

«A copa verde e branca, que se enflora  
«Com a florida planta sertaneja  
«Que o enlaça risonha, simples, candida!»

É doce a vida assim! o mal esquece;  
O pranto não se ve; é tudo riso;  
O mundo converteu-se em paraíso;  
O ceu á terra baixa, á terra desce!

A senda que se leva nada impece!  
É tão ledo e suave e doce o piso!  
O mal — o pomo avelludado e liso —  
Não nos pôde tentar, não apparece!

Vão-se os dias... as noites... corre a vida  
Em gózo puro e sancto, em gózo eterno  
Como o que nos promete a voz da ermida!

A barca voa! o vento é bom, galerno!  
Nem sombras ha sequer de s'ir perdida!  
E é sempre primavera e nunca inverno!

A. T.

## ERCILO E AUGUSTA

ROMANCE ORIGINAL

A. L.

CAPÍTULO I

... todos os mais preciosos the-  
sours do coração, que são in-  
comparavelmente mais aprecia-  
veis do que os da belleza.

D. HENRIQUETA ELYSABETH

Se a mulher é um ente que nos arrasta á  
perdição com seus mal-entendidos caprichos,  
e com sua louca vaidade, tambem ás vezes,  
se bem que raras, cumpre o seu destino de  
nos suavisar a vida; para éstas não ha vai-  
dade, não ha ciu-me, não ha rivalidades;  
existe so a virtude e abnegação! E é so en-  
tão que a mulher tem valor e que merece o  
nome de anjo.

De ordinario a mulher possui-se de ideias  
que lhe grangeiam o odio de suas amigas;  
que ainda assim, detestando-se mutuamente,  
se juram uma eterna amizade; é que jura-  
mento em bocca de mulher quasi nunca tem  
valor.

Mas se ella tem sentimentos verdadeira-

mente nobres, se o seu espirito se despe de  
pretensões, e se, contemplando o que é a  
sociedade em geral, desvia os olhos da terra  
para fital-os em Deus, então a mulher me-  
rece não so que a respeitemos, mas até que  
a adoremos!

E comtudo succede o contrário! a mulher  
não pôde ser boa, porque a sociedade, quando  
lhe não pôde desarreigar os bons sentimen-  
tos, e ve a belleza de suas acções, teme o  
seu brilho e não ousa fital-a; mas entrega-a  
á calúmnia, cospe-lhe no rosto e impelle-a  
com o pe com desprezo!

Augusta era um d'esses bons anjos, d'essas  
creaturas que na terra nos fazem presentir  
as doçuras do ceu: de seus labios sahiam so  
palavras de bondade; nunca sua consolação  
faltou a infelizes, nunca em seu seio germi-  
nou o odio.

Era-lhe unica ventura o amor de Camillo,  
amor de seis annos, que nem um so dia fóra  
menos firme.

Camillo, em quanto estudante em Coim-  
bra, praticára mil doudices de rapaz; mas,  
depois que viu Augusta, socegou; o seu es-  
pirito ardente aquietou-se, a sua imaginação  
exaltada concentrou-se num so objecto, e  
nunca mais o viram em orgias; é pois bem  
certo que o amor regenera muitas vezes o  
homem.

D'ahi em diante Camillo foi bom, pois ti-  
nha no seio o germen da virtude, que desa-  
brocharia ao primeiro relampejar da espe-  
rança e ao primeiro sorriso do amor.

Camillo era poeta; o amor elevava-o d'esta  
prisão de limos em que o espirito se prende,  
á falta d'um sentimento qualquer.

Augusta vira-o tambem com os olhos da  
alma; e ficara-lhe la gravada para sempre a  
sua imagem, que revelava tudo o que tinha  
de bom no seio.

Fôra mútuo o amor; corações que se com-  
prehendem, para logo se amam.

(Continúa)

## AO DISTINCTO ACTOR BRAZ MARTINS

Artista sublime, que apoz o teu genio  
As almas arrastas do mundo real!  
Que á voz do talento dás vida ao proscenio,  
E as almas elevas ao mundo ideal!

Embora nos deixes!... A tua memoria  
O tempo não pôde jamais apagar!  
Cercada com raios d'esplendida gloria  
O tempo não pôde seu brilho ofuscar!

Embora nos deixes!... Não pôde olvidar-te,  
Quem sempre ao talento seu culto votou!  
Quem, hoje, quizera de louros c'roar-te,  
Se acaso os tivera, quem nunca os ceifou!...

Na falta dos louros... aceita essas rosas...  
Tributo modesto da nossa afeição!...  
Não ves como tremem nas hastes mimosas?!  
Ampara-as, Artista! E dá-lhes a mão!

SEVERINO DE AZEVEDO.

### O DIA 17 DE MAIO

Ha dias 'nesta vida, em que o homem sente  
no peito sensações tão fortes, que a sos com-  
sigo não pôde calar-as.

Foi um d'esses o dia 17 de maio de 1863.  
Davam os sinos da Lusa Athenas meio  
dia, quando um sem número de foguetes e  
girandolas annunciava um jantar dos estu-  
dantes do 5.º anno de direito.

Das tres para as quatro horas da tarde os  
convivas, acompanhados de alguns amigos,  
entravam no «Hotel do Mondego», para ahí  
gozarem parte do dia; dia este que jamais  
sera sepultado no esquecimento.

Deu-se principio ao jantar, durante o qual  
houve varios brindes.

Perto das nove horas sahiram do «Hotel»,  
acompanhados de duas philarmonicas, a per-  
correr as ruas da cidade.

Confesso (embora o não creiam) que estremecei! fui fraco talvez! não importa! a sensação foi tão forte, que senti pullular o coração com mais força do que a natural. Pareceu-me ainda a mesma festa que, annos ja, havia passado. Imaginei ver alli os meus emigos e companheiros nas lides litterarias: mas depressa essa illusão, que allumiou meu espirito, foi perdendo seu brilho, até que fenecceu.

Apesar d'isso tive-os como taes, e por esse motivo quiz participar do seu contentamento.

Que entusiasmo, que fraternidade! cil-os que, com a alegria no rosto, vêm dirigindo seus passos para a Feira.

Um grande número de archotes deixa ver duzias de bandeiras encarnadas, brancas e azues.

É então que os vivas redobram, os laços de amizade se estreitam; e alfim é chegado o momento em que a flor da mocidade portugueza se abraça com os olhos rasos de agua.

Coimbra, a rainha do Mondego, mãe adoptiva dos academicos, ufane-se por ter em seu seio filhos tão doces, amigos tão sinceros e portuguezes tão firmes nas crenças religiosas, que seus paes lhes imprimiram na alma.

Continuae, nobres e leaes academicos, com vossa fraternidade; pois é chegado o momento em que dareis a vossos estremosos paes o premio colhido a custo de tantas vigalias.

### BIBLIOGRAPHIA

O sr. Simões Alegre concluiu ja a publicação do seu romance «Tavora».

Dir-vos-emos d'elle o que sentimos segundo temos por uso; nem queremos assumir as honras de «criticos mordazes» nem de «lisongeiros»: imparciaes como somos, diremos sempre o que a consciencia nos dictar, apontando bellezas e defeitos.

E parece-nos que devia ser ésta a divisa de quem se propõe a fallar d'uma obra qualquer; infelizmente de ordinario observa-se o contrario: talvez devido isto a não gostarem os auctores que lhes notem defeitos; o que é um grande erro; pois um livro que é enviado a uma redacção ou a um amigo não deve ser com o fim de o elogiarem so, mas sim de fallar d'elle de boa fe, não vendendo a sua consciencia nem á lisonja nem á amizade.

E dizemos isto, porque, presando-nos de sermos amigos do sr. Alegre, não queriamos que interpretassem mal o nosso juizo; aqui não olhámos á amizade que nos prende a seu auctor, olhámos a que elle precisa de quem o guie na senda da litteratura.

O auctor do «Tavora» planeiou o seu romance durante um anno; e d'ahi proveio o enredo que nos interessa bastante; ao principio o romance é frio, mas depois anima-se; as côres têm mais brilho, a penna corre ja mais senhora de si. O «Tavora» tem defeitos

e tem bellezas; a linguagem não é boa, e o estylo não se conserva na mesma egualdade; mas por vezes uma ideia feliz, um pensamento que nos mostra que o sr. Alegre tem bastante intelligencia, nos faz apreciar o livro: demais estreia sem defeitos ainda não vimos. O sr. Alegre soube tornar o seu romance superior a outros publicados aqui este anno; porque nos revela estudos e capacidade; ve-se que foi escripto ligeiramente pelas suas irregularidades, mas ve-se tambem que o auctor pensou muito, como compete a quem emprehe a ardua tarefa de escrever um romance e romance historico.

Sabemos que o sr. Alegre tem tido alguns detractores; aconselhámos-lhe que não escute nem elogios nem censuras mal cabidas; zoiros nunca faltam; e, não permittindo a pequenez d'este periodico que nos detenhamos mais, ficámos por aqui; mas brevemente falaremos mais extensamente noutro jornal.

O sr. Alegre deve continuar a estudar muito; e esperámos que na segunda estreia teremos novos louros a cingir-lhe na frente.

28 de maio de 1863.

### Charada

Se cultivas a musica, esta syllaba

Lá a encontrarás, isso de certo. } 1

Se esta saber quizeres onde para,

Junto a pa te direi, que fica perto. } 1

É nome de homem pio e religioso } 2

É na historia da igreja conhecido. } 2

Toma conta com elle, que é larapio;

Isto te digo, e fica prevenido.

P. C.

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

#### TAVORA

#### ROMANCE DO SEculo XVIII

por

Manuel S. Alegre

Quem o pretender pôde dirigir 400 réis em estampilhas a Alfredo Elysiô, Coimbra, que lhe sera enviado.

## ARCHIVO PITTORESCO

EDITORES

Castro Irmão & C.<sup>a</sup>—Rua da Boa-Vista, palacio do conde de Sampaio

Este semanario vae entrar no sexto anno da sua publicação, mais apurado nas gravuras, e impresso em typo excellente.

Os artigos hão de continuar a ser, como até aqui, encaminhados a reanimar e a influir o espirito de nacionalidade, e as esperanças de melhor futuro, pela recordação dos nossos descobrimentos, conquistas e glórias passadas, assim como pela menção dos recursos que ainda possuímos para nos erguermos da decadencia a que chegámos.

Condições da assignatura do «Archivo Pittoresco»:

Lisboa, anno (52 numeros ou 12 cadernetas) . . . . .	2\$000 réis
Provincias, franco de porte. . . . .	2\$200 »
Brazil, moeda fraca. . . . .	6\$000 »
Número avulso. . . . .	50 »

Os 5 volumes publicados vendem-se em Lisboa, junctos ou separados, em broxura cada um 2\$000 réis, encadernados 2\$360 réis.

O pagamento de assignaturas é adiantado; das provincias pôde ser feito por meio de vales do correio, e sem que se receba a sua importancia não se fará remessa alguma.

### Expediente

Lebrámos á ill.<sup>ma</sup> redacção do «Archivo Pittoresco», que ainda não recebemos senão o n.º 1 do 6.º volume, pelo que pedimos providencias.

### ERRATA IMPORTANTE

Sabiu errada a segunda errata do numero antecedente. Em vez do que la está deve ler-se: a pag. 90, lin. 38, onde se lê—desarranjar, leia-se—desarranjar.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



## AOS ANOS DE UMA AMIGA

Olha, a vida é transitoria;  
 Apoz instantes de gloria,  
 Apoz sonhada victoria,  
 Ao mortal resta morrer!  
 Qu'importa que mais um dia  
 Venha c'roar de alegria  
 Nossas fronte? Se a agonia  
 Segue de perto o prazer!  
 Hoje te fallam d'esp'rança;  
 Acaso ves a bonança,  
 Como em sonhos de criança,  
 Sorrir-te do lindo ceu?  
 Não, que a nuvem por instantes  
 Rouba-te os raios brilhantes  
 De teus astros scintillantes,  
 Lançando-lhe um denso veu!

Tu ja provaste amarguras,  
 Ja descreste de venturas  
 Que são mentidas doçuras  
 Nos labios da turba van;  
 Ja não podem mil enganos  
 Transpondo o gèlo dos annos,  
 Abrirem-te seus arcanos,  
 À creença pura e loucan.

Portanto, venho saudar-te,  
 Mas com prantos, pois a arte  
 Nega um riso, quando dar-te  
 Mil sorrisos desejei.  
 Bem sabes que são meus cantos  
 Reflexo sempre dos prantos,  
 Que hei ja vertido, por tantos  
 Martyrios que nem eu sei!...

Hoje te cercam de flores,  
 De sorrisos e fulgores;  
 E entre tantos esplendores  
 Aceitas um voto meu?  
 É que jamais a desgraça  
 Te apresente negra taça  
 E'nella sorver te faça  
 As magoas que a mim me deu!...

Lodeiro, 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 15.

## O QUE É A SOCIEDADE

## CAPITULO III

L'amour est innocent, quand  
 la vertu l'allume.

L. MARTINE.

«Nasci sem pae nem mãe; porque, se os  
 tive, envergonharam-se de me chamar filho!  
 percebes, fui engeitado; quero dizer, o ente  
 mais desprezível e desprezado da sociedade.  
 Não tive razão para te dizer que desde o  
 berço fui assignalado para a desgraça?!

«Felizmente encontrei nãz pessoas que me  
 crearam dois protectores, dois paes, porque  
 a Providencia me quiz substituir com elles  
 os dois entes que me faltavam.

«Estes sanctos protectores eram o mestre-  
 eschola d'uma aldeia do Douro e sua mu-  
 lher, sancta e adoravel creatura, a quem  
 Deus não quiz dar o prazer de ser mãe, se-  
 não nos carinhos e cuidados que me prodi-  
 galisava.

«O mysterio do meu nascimento, se o el-  
 les sabiam, foi-me sempre cuidadosamente  
 occultado. Como não viviam muito abastados,  
 e tinham muitas vezes carencia de certas  
 cousas menos necessarias, mas sempre com-  
 modas, dos meus cinco annos por diante creio  
 que recebiam por vias indirectas uma pe-  
 quena mesada para a minha sustentação, que  
 foi augmentando a proporção que eu crescia  
 em annos; e com elles vinham certas neces-  
 sidades indispensaveis para quem como eu  
 devia apparecer um dia na sociedade, com a  
 sufficiente instrução para ganhar a minha  
 subsistencia diaria.

«E assim, tendo chegado á idade de dez-  
 ezeis annos, meu protector fallou-me em pro-  
 curar arrumo, e propoz-me o sacerdocio, como  
 o meio menos dispendioso e mais facil de che-  
 gar a uma posição independente. Por algu-  
 mas meias palavras pude perceber, que, se  
 até aos 22 annos não tivesse uma carreira,  
 seria desamparado completamente por essa  
 mão mysteriosa que me soccorria. Não foram  
 necessarias muitas palavras para me esclare-  
 cer sobre a minha posição; eu aos dezeseis  
 annos ja não era criança; pensava como ho-  
 mem, e tinha ja mais descreença na alma, do  
 que muitos que têm chegado aos quarenta.  
 A desgraça arrancou-me cedo o veu das il-

15 DE JUNHO DE 1863.

luses; porque eu devia entrar no mundo pela porta do desprezo, por onde muitos sahem. Levava na alma mais fel e odio contra a sociedade do que se a largos annos tivesse recebido de suas mãos o calix da cicuta, que me amargurava as minhas horas tristes! Chamavam-me na aldeia *lunatico*, e até o mestre-eschola participava d'esta opinião; minha boa mãe não, porque me queria muito para aventurar juizos sobre mim.

«So uma pessoa alli me comprehendia, e sabia tirar sons das cordas tristes da minha alma e suavisar-lhe o amargo; e esta pessoa era Maria, sobrinha de minha mãe!»

«Nunca vi criança mais feiteira, e ao mesmo tempo mais séria e triste; era um ente incomprehensivel como eu para aquella boa gente! Maria podia ser a imagem poetica de todos os trovadores, porque era o anjo tutellar de todos os afflictos!»

«Aos quinze annos não havia uma só nota de tristeza, de amargura ou de poesia na minha alma, que a sua de prompto não comprehendesse e reproduzisse! Os aldeãos velhos descobriam a sua cabeça encanecida e curvavam-se diante d'ella; os moços ficavam largo tempo a olharem para traz, quando a tinham visto.»

«Era o encanto, o menino Jesus de toda a aldeia!»

«É preciso dizer que nos amavamos? amavamos-nos, sim, mas com um amor que! tu, homem do mundo, não podes comprehender, nem eu hoje comprehendo tambem! Amavamos-nos como se amaram nossos primeiros paes antes de conhecer o peccado! Mal me avistava, Maria corria a lançar-se-me ao peçoço, e depois ficavamos largas horas extaticos diante um do outro, sem proferirmos palavra, mas felizes por nos vermos junctos. E esta affeição era tão innocente que ninguem a suspeitou: «Deixae-os brincar, são duas crianças, diziam todos!»

«Por isso experimentei uma agonia mortal, quando meu pae me disse—É preciso procurar vida—e me propoz o sacerdocio! A ideia era horrivel e inaccitavel; eu sabia que o sacerdocio era um insulamento infinito e eterno, uma renúncia a todas as affeições da terra, a todos os laços da sociedade; exclamei, pois, arrebatadamente: «Pae?!... nunca!...»

«O meu protector ficou-me com dessoce-

go, mas não se alterou, e disse-me: «Pois escolhe outro modo de vida... e todavia eu, se te obrigasse a ser padre, fazia a minha obrigação, e seria mais bem recompensado; mas não quero violentar-te; vae para o Porto; estudarás cirurgia». Beijei-lhe as mãos com transporte e fui, meio alegre, meio triste, participar tudo a Maria.

«A ideia da separação impallideceu; mas depois, quando eu lhe expuz fielmente as minhas tenções e lhe roguei que me não desanimasse, mas antes me desse coragem, tomou-me as mãos, e, tendo-as chegado ao calor de seus labios, disse com semblante risonho e meigo: «Vae, Hyppolito, vae; estuda, mas não arruines a saude; que, quando meu papá vier do Brazil, não te sera preciso estudar mais. Olha, elle ha de vir rico, muito rico; e tu, por seres mais nobre do que eu, não has de desprezar uma parte d'esta riqueza, não é assim?». Cabi de joelhos a seus pes, e só com lagrimas pude exprimir o meu agradecimento. «Espera... lhe disse eu, não sou mais nobre do que tu, meu anjo, nem tanto; mas por ti espero ainda alcançar nobreza e um nome immortal! Maria, tu es a minha inspiração, não me abandones!» E, como se fôsse tomado d'um subito receio, tomei-a pela mão, e, tendo-a feito ajoelhar nos degraus do cruceiro que havia á entrada do adro, exclamei: «Jura por esta cruz que jamais me abandonarás, e jamais teras affeição a outro homem!». «Juro não; ser d'outro, disse ella com voz firme». Trocámos um abraço; eu dei-lhe uma madeixa dos meus cabelos e um anel de ouro, e ella deu-me o seu retrato numa caixinha que lhe pendia do seio e lhe tinha lançado o pae antes de partir.

«Foi o nosso adeus; não a tornei a ver!»

(Conclúe)

HENRIQUETA ELYSA.

## A UM NATALICIO

No formoso mez de maio,  
Neste lindo mez das flores,  
Quando o sol aquece a terra  
Com seus mais doces fulgores,  
Quando, vestida de gala,  
A natureza nos falla,  
Nos inspira ao coração  
Mil ideias de ternura,

Mil esperanças de ventura,  
Gratos sonhos de illusão;

Nesta quadra tão mimosa  
A vossa filha nasceu;  
Como as flores nos sorriem,  
Sorria-lhe assim o ceu;  
Corram-lhe os dias serenos  
Como os instantes amenos  
Da primavera gentil;  
Que seja formosa e bella  
Como alva, nitida estrella,  
Que desponta em ceus de anil.

Como a Susana da Biblia  
Seja casta e virtuosa;  
Da violeta á modestia  
Reuna encantos da rosa;  
Não prove nunca da taça  
Da negra, cruel desgraça;  
Das paixões que o mundo tem  
Não soffra nunca o bafejo;  
Seja emfim, como eu desejo,  
Fiel retrato da mãe.

Maio de 1856.

A. A. F. P.

## ALEXANDRE MAGNO

Alexandre Magno foi um conquistador famoso dos antigos tempos. Foi-lhe curta a vida, mas vae durando longa a memoria. E das memorias da historia antiga é ainda hoje das mais conhecidas e geralmente estimadas. Basta este facto para nos merecer attenção o estudo de sua vida e acções. E justificarão ellas esta consideração da posteridade? Temos que sim.

Alexandre Magno, se como homem teve fraquezas, como politico e como conquistador pôde ainda hoje ser modelo a quem quizer imital-o. A Grecia, retalhada por tantos annos com rivalidades poderosas, não occuparia hoje, talvez, o lugar eminente que tem na historia antiga, se este homem não concentrasse tantos elementos de grandeza que achou dispersos para fazer um imperio poderoso. Que a fortuna lhe desse mais dez annos de vida, que elle houvesse tempo de solidificar a sua obra, e Roma teria rival

condigno, se as ideias do tempo não consentissem que amiga fiel.

Lendo attentamente a sua vida como nol-a deixou Quinto curcio encontrámos acções grandes de envolta com infamias inauditas.

É a natureza humana. Mas a individualidade era boa, se pôde dizer. Discipulo estimado de Aristoteles, a sua vida correu digna geralmente. Se logo no principio vemos seis mil thebanos mortos e mais de trinta mil captivos debaixo das suas ordens, tambem vemos ahi respeitados não so Pindaro e sua familia, mas algumas outras que a seu-pae ou a elle proprio haviam hospedado.

Por onde parece que, se a politica o obrigava a ser cruel, o seu coração sabia ser grato, e sabia respeitar as grandes qualidades. O modo cavalheiresco como tractou a familia de Dario, o respeito e consideração que lhe mereceu o cortejo dos sacerdotes e o templo de Jerusalem, e mais notavel ainda a distincção dignissima com que attendeu o rei Poro, que ousou dizer-lhe que queria ser tractado como rei, num periodo de sua vida em que alguns historiadores o dão ja como um persa devasso do Oriente, bem deixam induzir que não cahiram em mau terreno as boas sementes do sabio e virtuoso mestre.

Tinha grandes paixões, isso sim, como grande homem que era, e por ellas se podem explicar as acções decididamente más que lhe enodoam a historia. Em algumas porém ainda se revela pelo arrependimento a boa indole. Sirva de exemplo o que mostrou depois do assassinio de Clito.

A vida de Alexandre Magno é uma lição completa. Serve-nos para vermos que, grande ou pequeno, notavel ou ignorado, o homem é sempre um ente imperfeito, a sua vida tecido extravagante de acções contradictorias. Mas basta para bom conceito d'um homem que ao que é seu se possa attribuir o bom; á humanidade o que é desconcertado. E parece-me que neste caso está Alexandre.

A submissão é uma ignominia, quando o poder paternal é uma affronta.

## NO ALBUM

J. J. COELHO

Como folha, boiando fugitiva  
Na rapida corrente  
Que tempestade ingente  
Turbara ha pouco ainda;  
Ou como secca flor, que não captiva,  
Nem traz enlevo aos olhos,  
Pois morre entre os abrolhos,  
E sem aroma finda;

Assim d'amor tambem nos foge a crença  
Que timida se esconde  
Em triste sitio, aonde  
Se envolve em fundo olvido,  
Quando um raio, rasgando a sombra densa  
Das trevas do passado  
Nos mostra o veu sagrado  
Das illusões perdido!

E qual virgem, roubada a sonho grato,  
Os risos ja converte em magoa para,  
Tambem nos alma chora sem ventura  
A falta de tão brando e doce trato!

Por destino cruel, por fado ingrato,  
Quando o bem 'nesta vida se procura,  
Parece então folgar a desventura  
Em que se nos esconda em mais recato!

Porém se amor ja foge, e se a desgraça  
Nos muda em triste dor, nos muda em pranto  
O tempo do prazer, que breve passa,

Eis nasce dentro em nós affecto sancto:  
Pois quanto mais da vida amarga a taça,  
Mais da amizade a voz nos traz encanto!

Junho de 1863.

LUIZ CARLOS.

Parece que Deus escolhe os bons e os que  
fazem mais falta para pagarem pela maldade  
dos que não fazem falta nenhuma.

## AMOR E TYRANNIA

## CAPITULO II

## Duas familias

Estas duas familias são a de Francisco Telles e a de Augusto de Almeida. Não as deixemos no olvido, e digamos alguma cousa aos nossos leitores acerca d'ellas, sem contudo seguirmos neste romance, cujo unico merecimento é ser verdadeiro, o systema adoptado pela maior parte dos romancistas. Estes de ordinario massam os indulgentes leitores com descrições, as mais das vezes fastidiosas, retratando os seus heroes com todos os defeitos ou bellezas que a sua caprichosa imaginação lhes suggerer.

Nós não: dizemos unicamente o indispensavel, apresentando os nossos personagens com todas as boas ou más qualidades que lhes conhecemos.

Francisco Telles, filho unico e descendente d'uma das principaes familias do Minho, era herdeiro d'uma bella casa, cujo rendimento orçava por quatorze mil cruzados.

Joven ainda, viajou por todo o nosso Portugal, e, agradando-se no Porto d'uma menina, a ella se ligára pelos sagrados laços do hymeneu.

Virginia Augusta de Sousa, linda e sympathica esposa do nosso joven, veio viver com seu marido para Ponte de Lima, onde, findo um anno, deu á luz uma criança que foi solememente baptisada, e que recebeu o nome de Alberto Telles.

Hoje esta criança tem 22 annos e é um dos heroes importantes do nosso amor e tyrannia.

As suas nobres qualidades, a delicadeza de suas maneiras e o seu bom comportamento tem-o feito estimado em Ponte de Lima, onde é conhecido pelo janota limarense.

Formado em direito, querido e amado por uma donzella, das poucas mas lindas donzelas que ha 'nesta malfadada villa, passa parte do tempo em casa de Augusto de Almeida, onde existe o encanto do seu coração.

Agora, visto que os meus leitores ja estão impacientes, e que eu não me quero mal com elles e muito menos com as sympathicas leitoras, fallemos sobre Augusto de Almeida,

a quem nem pela imaginação passa o motivo que tantas vezes leva Alberto a sua casa.

Augusto de Almeida, bacharel em direito, e, diga-se a verdade, um dos mais estúpidos bachareis que têm sahido dos escabellos da Universidade, viera advogar para Ponte de Lima, recommendado a Francisco Telles que se tornou seu protector e seu amigo íntimo; e que lhe franqueou a sua casa e a sua bolsa.

Sendo-lhe necessario ir a Vianna do Castello a uma audiencia, enamorou-se no pouco tempo que la esteve d'uma menina que possuia todos os requisitos para inflamar o mais frio coração.

Voltado a Ponte de Lima rogou a seu protector pedisse ao pae da joven annuisse ao casamento.

Este annuiu e em breve o dia foi determinado, pois se a joven vivamente impressionára Augusto, tambem este accendéra 'naquelle coração adormecido o volcão do amor, volcão tanto mais inflammavel e tanto mais ardente por quanto a donzella apenas tinha 15 annos.

Não é logar muito proprio neste romance, mas o auctor pede venia para dizer ás sympathicas leitoras uma ingente e talvez bem amarga verdade.

O amor de 15 annos, diz o sr. C. Castello-Branco é uma brincadeira, é a última manifestação do amor ás bonecas. Concordámos com o illustre romancista portuense, e concordámos porque a mulher logo que chega aos 15 annos, e se começa a ensaiar na comedia humana tracta so de procurar os meios de prender os jovens, fascinando-os ao ponto de os obrigar a, de joelhos, tributar as homenagens devidas á sua belleza.

Se com seus olhos seductores e travessos conseguem enganar algum innocente coração, arfa-lhes o seio, renasce-lhes a esperanza e sonham ideias futuras; depois, orgulhosas das suas conquistas, mostram as victimas á sociedade, dizendo— aqui estão os admiradores da minha belleza, e todos eu desprezei!

Eis a mulher! eis a sua vaidade! eis o seu louco capricho!

(Continúa).

A saudade é a poesia de todo o homem.

C. CASTELLO-BRANCO.

## SURSUM

Em baixo o lodo! Aqui a luz dourada  
Fulge brilhante na extensão dos ares!

Descubram-me esses mares,  
Levantem-me essas ondas sôbre o abysmo!

Corram-me o veu, a tela assombreada,  
Sob que penso e scismo.

Tu, ó etherea luz, que as almas banhas,  
Que de perfumes doces a rocias,

Enche-me o espirito hoje!  
Quando acima da nuvem a aguia foge.

Quando o pólo repelle as névoas frias,  
Vae 'num pelago immenso d'harmonias

A mente inebriada;  
E volve 'num momento, em baixo, o nada,

O nada, o grupo informe,  
Que olha através da nuvem carregada

A luz do immenso, a luz do grande Enorme!  
Ó doce viso e brando

Humedece-me em liquidos serenos  
Estes olhos que veem o ceu... ao menos!

E elevando-me em raptos fervorosos  
Acima d'esses mundos luminosos

Em bella noite, quando  
O brilho mysterioso os aviventa,

Mostra-me na amplidão, que a alma alenta,  
Em que as inspirações por vezes colho,

O espirito immortal, o grande ólho!  
No inverno de 1862 a 1863.

A. L. SANTOS VALENTE.

## ERCIJA E AUGUSTA

### CAPÍTULO II

AH! quelque soi ton mon, ton destin, ta patrie,  
O fille de la terre, ou du divin séjour,

Ah! laisse-moi toute ma vie  
T'offrir mon culte ou mon amour.

LAMARTINE.

Não seguindo o geral da sociedade, Augusta e Camillo, antes de se unirem pelos laços da igreja, queriam conhecer-se mutuamente; e em seis annos de aturada correspondencia firmaram o amor e a estima que, desde o instante em que se tinham visto, lhes nascêra no seio, prenuncio de ditas.

Desligados da sociedade, seus espiritos comprehendiam-se, como duas 'notas' sublimes da natureza, perdidas 'num deserto onde so

havia a rivalidade e todas as más qualidades.

Estava ja proximo o dia da união entre Augusta e Camillo, quando este teve que ausentar-se; negocios caseiros o chamaram a uma aldeia distante algumas leguas, onde tinha fazendas de algum preço.

Ahi viu Ercilia.

Um amor de seis annos, provado muitas vezes, o ligava a Augusta; demais ella amava-o com extremos de mulher que sabe as qualidades do homem que estima e o quanto elle valle; uma affeição tal não podia ter fim agora que mais a augmentava a lembrança de que breve a egreja os ligaria.

E comtudo Camillo amou Ercilia!

Mysterio inexplicavel!

É que Ercilia era mais do que mulher! não idealiso! Ercilia era uma jovem de dezeseete annos, virgem dos campos, fada dos bosques, anjo da solidão!

Era mulher para amar-se, mas devia ser o amor sancto e puro!

Melhor sera não retractal-a; que não era bella, mas o conjuncto de suas feições tinha tanta sympathia quanta pôde haver numa mulher.

Camillo adorou-a como anjo e esqueceu-se, para assim dizer, de Augusta; uma sombra lhe occultou o passado, e elle so viu Ercilia diante de si; aquella visão, talvez, era para seduzir todo o homem.

E eu vi antes prostrarem-se muitos diante de Ercilia; e ella todos olhava com indifference!

Mas quando se avistou com Camillo pela primeira vez, ambos se olharam, e para logo se comprehendiram! se eram dois espiritos semelhantes!...

Volveram muitos dias; e o amor de mais subido ponto ligava as almas dos apaixonados jovens! Que iria ser de Augusta! pobre donzella, cuja lembrança por momentos se apagára do coração de Camillo! estavam ambos loucos! nada conheciam, nada lhes servia de estorvo, e em tudo buscavam o amor!...

(Continúa)

ALFREDO ELYSIO.

Deus! e este so nome encerra um mundo. Encerra a eternidade, os ceus, o espaço.

JOÃO DE LEMOS.

## A L.

Pela vez derradeira a minha lyra,  
A minha pobre lyra, vae soar  
Um canto! assim o cysne de azas brancas,  
Imagem da candura, solta ao ar,  
Quando ja moribundo, triste endeixa,  
Que as cordas d'alma todas vem vibrar!

Deixa sagrar-te meu affecto, deixa,  
Oh virgem pura, e então suave o pranto  
Banhará minhas faces, e a saudade,  
Sem abrandar, sera um doce encanto!  
Nem sempre o riso doce ventural ás vezes  
Occulta dolorosos soffrimentos!  
Assim me ves o riso nos revezes  
Que a sorte infausta me prodigalisa.

À noite, ao som do murmurar da brisa,  
Contemplando as alturas, e o Senhor,  
Que vejo em cada planta e no perfume  
Que então se exhala, folgo relembrar  
Os mais doces momentos que ei gosado,  
Momentos consagrados so a amor,  
E que jamais, jamais, ei de olvidar!

Recordação, dasperitas a saudade  
E então se augmenta minha inflicidade!  
Mas vem depois o mais suave enleio!  
Perde-se a alma em extasis divino,  
O pensamento voa aos pes de Deus,  
E soltâmos então notas d'um hymno,  
Incenso puro que se eleva aos ceus!  
Recordações, sois hoje o meu viver,  
Viver de quem, apoz ardente amor,  
Viu murcharem-se as crengas de sua alma!

À tarde, á borda d'uma lympha pura,  
Sem cuidar do futuro, nem temer  
Que leve sombra entibiasse o ardor  
Que se expandia em raios de ventura,  
Fallava a sos com ella!

E se era á noite,  
Quando a lua nos vinha d'entre os ramos  
Reflectir de seus raios o esplendor  
Nos rostos melancholicos, então,  
Enlaçados, soltamos as notas  
D'esse hymno que nos vem do coração.

Sumiu-se tudo! agora resta apenas  
A saudade e o amor que ainda me accende!  
Es allivio, saudade, a minhas penas.

E a ti so minha lyra tece este hymno,  
Elo que nossas duas almas prende.

Pela vez derradeira te cantei;  
Não mais, partida a lyra, a vibrarei...  
Coimbra, 4 de abril de 1863.

ALFREDO ELYSIO.

## OS DOIS VIZINHOS

Havia dois vizinhos, que viviam apenas de seu trabalho, e cada um tinha a sua mulher, e muitos filhos pequenos.

Um dos dois dizia para comsigo: «Se eu morro, ou cáio doente, o que virá a ser de meus filhos?» Este pensamento não o abandonava, e roia-lhe o coração, como um verme roe o pomô em que está occulto.

Logo que o mesmo pensamento occorreu ao outro pae, não lhe deu cuidados; porque, dizia elle, Deus que conhece todas as creaturas, e vella sôbre ellas, vellará também sôbre mim e meus filhos.

Este vivia tranquillo, em quanto que o primeiro não gosava interiormente um instante de socêgo e de alegria.

Um dia em que elle trabalhava nos campos triste e abatido, temendo o futuro, viu algumas aves entrarem para uma moita, sahirem, e depois tornarem a entrar.

Tendo-se aproximado viu dois ninhos, ao lado um do outro, e em cada um muitos passarinhos recentemente sahidos da casca e ainda sem pennas.

Quando tornou ao trabalho, d'espaco a espaco lançava a vista para as aves que iam e vinham trazendo o sustento a seus filhos.

Aconteceu, porém, que, no momento em que uma das mães tornava a entrar com o seu biscoito, um abutre a arrebatou, e a pobre mãe de balde se debateu, presa nas garras, dando gritos pungentes.

A vista d'isto o homem, que trabalhava, sentiu-se mais inquieto que antes, porque, pensava elle, a morte da mãe causará a morte dos filhos. «O que sera dos meus se eu lhes faltar?»

E todo o dia permaneceu triste e sombrio, e de noite não pôde roconciliar o somno.

No dia seguinte, voltando ao campo, disse: «Vou ver os filhos d'aquella pobre ave,

que naturalmente ja todos terão morrido.» Encaminhou-se para a moita, e viu os passarinhos bem nutridos; nenhum parecia ter soffrido.

Maravilhado d'este acontecimento, occultou-se para observar o que elles fariam.

Passado pouco tempo, ouviu um ligeiro grito, e apercebeu a segunda mãe, levando á pressa o sustento que tinha junctado, e distribuindo-o por todos os passarinhos indistinctamente, não sendo por este meio os orphãos desamparados na miseria.

E o que não tinha confiado na Providencia, contou á noite ao outro o que tinha visto.

Este respondeu-lhe: «Porque se inquietou? Deus nunca nos abandona. O seu amor tem mysterios que nós não conhecemos. Tenhamos fe, esperemos, amemo-nos e prosigamos o nosso caminho em paz. Se eu morrer primeiro, sereis vós o pae de meus filhos, e se morrerdes antes,erei eu o pae de vossos filhos. E assim, se nós morreremos antes que elles estejam em idade de poderem prover ás suas necessidades, terão por pae o Pae dos ceus.

Trad. de F. LIBANIO DE CACERES.

## COINCIDENCIA!

Porque sera, que o genio  
Que eleva o creatura,  
É sempre um vil escravo  
Das leis da desventura?

POETA

É que a desgraça e a poesia  
Nasceram no mesmo dia!

SIMÕES DIAS.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos que fallar das *Fatalidades do amor*, romance do sr. A. Gomes da Silva Sanches, impresso primorosamente na imprensa da universidade, que está agora publicando edições lindissimas, o que, sabemos, muito con-

corre para a extracção de certas obras, e é justissimo, porque se não ha espirito, deve haver materia; se nada falla ao coração, alguma cousa deve fallar á vista; ás vezes sob uma ruim capa acha-se uma bella obra, e uma pessima sob uma capa lindissima.

Mas não se intende isto com as *Fatalidades do amor*; e livre-nos Deus de que seu auctor, mancebo de excellentes qualidades e que muito presamos pela sua intelligencia e aturado estudo, tal julgasse; se 'naquellas palavras ha porventura alguma ironia, não pertence ao sr. Sanches, mas sim a muitos que ahi vemos em toda a parte escrevendo cousas de mau gósto, que propendem muitas vezes para o disparate. Dizemos, o sr. Sanches é um joven que está fóra d'esta classe; o cuidado com que estuda os bons auctores, estrangeiros e nacionaes, e a sua muita vocação para as letras o elevam acima de todos estes *D. Quichotes e Sanchos Pansas* da litteratura.

E, vindo a fallar do livro, seremos breves, porque poucas palavras bastam para o acreditar para os nossos leitores, que de certo muito hão de presar ésta obra, como digna de todas as attentões.

As *Fatalidades do amor* trazem uma introdução do nosso amigo o sr. Simões Dias, em que elle mostra muitos conhecimentos litterarios e scientificos. E o romance está muito bem escripto; a concisão e clareza, e por vezes a elevação de linguagem nol-o-fazem apreciar muitissimo. E cremos que é um bom livro; se tem defeitos, bellezas não lhe faltam; podiamos até citar periodos, modelos de optimo estylo. O sr. Sanches ha de ser um bom romancista; quando o genio de prompto se patenteia com tanto brilhantismo, de certo lhe podemos augurar um futuro cheio de triumphos e gloria; mas torna-se preciso que o estudo seja pertinaz e a vontade immensa para affrontar os zoilos.

### Charadas

Sente-se .....	1
Sente-se .....	2
Move-se .....	

S. F.

Uma das vinte e cinco. .... 2  
 Uma das vinte e cinco. .... 1

Quem quizer o meu todo  
 Atinar  
 Em uma planta o póde  
 Encontrar.

Vizeu.

P. DE FIGUEIREDO.

Caçador em mim divaga 2  
 Da Africa sou natural 2

Eis aqui o appellido  
 D'um infeliz sem equal.

F. A.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

POLKA SYMPATHIA

E

SCHOTISCH ENTHUSIASMO

POR

D. Carolina Amelia de Sousa

Estão-se lytographando éstas músicas, custando ambas 200 réis por assignatura e 240 réis avulso.

Assigna-se 'nesta redacção e na loja do sr. José de Mesquita.

## FATALIDADES DO AMOR

ROMANCE DE

A. Gomes da Silva Sanches

COM UMA

INTRODUÇÃO

POR

J. Simões Dias

Preço..... 300 réis

Acha-se á venda na Livraria Central, Lisboa e Coimbra; quem o pretender dirija 400 réis ao auctor, rua dos Estudos, n.º 20.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



## O QUE É A SOCIEDADE

### CAPÍTULO IV.

No homem, o sublime do genio é a desgraça.

D. ANNA AUGUSTA FLAGADO.

—Então, não voltaste lá? interrogou Gustavo, quebrando o silencio que tinha succedido á narração do seu amigo.

—Não voltei; e para que? que ia eu lá fazer? Podia-me apresentar a Maria sem corar de vergonha? Porventura não lhe tinha eu promettido voltar, so quando a podesse tornar feliz, dando-lhe um nome, glorioso ou nobre, em lugar do seu obscuro e pobre?! E que tenho feito? que gloria adquiri, que riqueza ou que mercês ganhei!... Eis a minha vida! Estudei dois annos cirurgia; depois este estudo repugnou-me e tive que o abandonar sob pena de perder o socego e a saude. Busquei na litteratura recursos e alguma gloria; a poesia, que tinha sido sempre o manancial das minhas consolações e dedicação íntimas, não me podia enriquecer! Compunha um volume, escrevia um romance, um folhetim ou um artigo, e corria de porta em porta, mendigando para assim dizer, uma esmola. Na imprensa, perguntavam-me o nome; respondia humildemente: «Chamo-me Hyppolito!» «Hyppolito! isso não é nome! Não tem outro?!» A vermelhidão cobria-me as faces, que a sociedade fustigava com o stigma do seu desprêso! Tomava os meus papeis e sahia d'alli com o coração apertado de desespero, a alma fulminada de desalento e o fogo do odio a queimar-me o cerebro e a escaldar-me o sangue! Em casa dos livreiros repetia-se a mesma scena variando de palavras. «O sr. quem é? que provas dá da sua intelligencia? Já publicou alguma cousa? Sabe como o ac-

lherá o público?» Depois d'isto liam o titulo da obra e devolviam-na sem sequer a folhearem: «A sua obra poderá ser muito boa, mas tem o desgraçado inconveniente de não ser o nome do auctor ainda conhecido do público. Va, pois, e continue, que com bons desejos tudo se obtém!» Eis as consolações com que me despediam, quando eu precisava de dinheiro, e não tinha já com que pagar o aluguer do meu quarto nem a sopa do jantar! Aqui e acolá nas ruas encontrava sempre rostos alegres e risonhos, caleches sumptuosos e janotas sabindo do *Guichard* ou da luvreira. Ao dobrar d'uma esquina um annuncio de theatro, mais alem um rapaz que me dizia desapiedadamente: «Vou hoje ao baile de Fy; porque não vaes tambem?» e a fome ás vezes a roer-me as entranhas, e a minha roupa, rota, como um attestado de miseria. Mas ninguem notava isto; os espectáculos não se suspendiam, os bailes não tinham menos entusiasmo, o *Guichard* menos frequentadores, e os que se diziam meus amigos, como tu, não deixavam de se divertir. Ve o inferno em que eu vivi; e ainda se isto não fôsse acompanhado da imagem de Maria! mas vel-a, vel-a sempre em imaginação, e não ter meios para a ver em realidade, nem sequer esperanças, era atroz. Finalmente propuz-me para escrevente; e, como tinha as habilitações, acceitaram-me; eis a minha felicidade, a minha vida de delicias, exclamou Hyppolito, levantando-se.

E soltou uma gargalhada estridente, e cortada como um soluço.

Gustavo levantou-se tambem, abraçou o amigo e disse-lhe:

—Mas ainda tudo isso não me explica o motivo, porque ha pouco dissteste alli na sala aquella phrase que precedeu esta narração!

—Não? pois bem, eu te explico. Figura na tua imaginação que vim encontrar alli Maria, não o meu anjo d'outrora, mas uma mulher como as outras, vestindo sedas e plumas, sorrindo ás turbas e dançando *polkas* com um olhar embriagado de prazer e alegria! Maria não é ja aquella flor candida e fagueira de outro tempo; é a mulher desdenhosa e altiva das salas, que vende um sorriso pelo cumprimento lisongeiro do par que o enamora, e que troca as imagens puras e sanctas da innocencia, pelas fallas fi-

ctícias e ephemerias d'uma sala. Ora ahí tens Maria, ora ahí tens o que é o mundo, o que é o dinheiro, o que são as mulheres e o que é a vaidade! Prometti-te uma lição, creio que te não enganei; ora agora por último sempre te direi que aquella Maria, criança pura e innocente, que me jurou pela cruz do Redemptor eterna fidelidade, me eucarou ha pouco com desprêzo, ironia e indifferença, e, a uma pergunta que lhe fiz, abriu os olhos, espantada por me não conhecer! Não é um anjo esta mulher?

O final d'esta narração inquietou extraordinariamente Gustavo, que perguntou com dessocego:

— É Maria da Gloria?

— Não, é outra mulher, respondeu seccamente Hyppolito.

— Então qual?

Hyppolito levou o seu amigo ao humbral da porta, e, apontando ao acaso para uma senhora, disse:

— Olha, é aquella.

Felizmente Gustavo não a conhecia; era uma senhora do Porto e casada.

Os dois amigos entraram na sala, um, alegre e socegado, o outro, aparentemente indifferente.

Mas d'ahi a instantes Hyppolito dançava uma quadrilha com Maria da Gloria, sendo vis-a-vis de Gustavo.

Maria da Gloria não era uma mulher extremamente formosa, mas o fulgor de seus grandes olhos negros fazia eclipsar muitas formosuras; pois no decorrer da dança esse mesmo fulgor se extinguiu; a pallidez substitua repetidas vezes o mimoso carmin das faces, e o tremer dos labios accusava uma viva commoção, ou uma lucta impossivel.

No fim da quadrilha ella vergava o collo como victima, e parecia pedir com os olhos piedade ao seu algoz.

O que Hyppolito lhe dizia, ninguem o ouviu; mas é certo que um sorriso de mofadora ironia estava sempre estampado em seus labios, o escarneo e o desprêzo em suas feições!

Ao sentar-se, Maria da Gloria cambaleava; levantou ainda os olhos supplicantes para o mancebo, mas este, sustentando com firmeza o olhar, respondeu-lhe com outro em que ia um anathema fulminante, e murmurou por entre dentes:

— Não! agora?... nunca!...

E afastou-se.

Ninguem mais o viu na sala; nem depois o encontraram nas ruas; Gustavo procurou-o muitas vezes, mas ninguem lhe sabia dar relação d'elle.

### CONCLUSÃO

A saudade, modesta e regulada, dá indícios d'um amor fino, casto e puro.

D. FRANCISCO MANUEL.

Dois mezes depois do baile da philarmónica, celebrava-se um casamento em Sancto Hdefonso; era o de Gustavo com Maria da Gloria.

Na occasião da cerimonia, ella soltou um grito e cahiu sem sentidos; tinha apercebido rapidamente o rosto pallido de Hyppolito, que ainda alli a fulminava com o seu olhar de fogo.

Todos se voltaram, mas nada viram.

Este incidente causou grande inquietação; a ponto que o sacerdote, antes de os abençoar, tornou a perguntar a Maria da Gloria se era por sua livre vontade que dava a mão de esposa a Gustavo.

Depois d'um signal affirmativo, e um «sim» bem accentuado, que Maria da Gloria pronunciou, a cerimonia concluiu-se.

Ao voltarem para casa, alguém viu, que uma sombra, especie de cadaver ambulante, envolvida em uma tunica preta, os seguia; quizeram conhecer nesta sombra Hyppolito, mas nenhuns dados tinham para o affirmar, porque ninguem o encontrava na cidade.

Agora, leitora amiga, eu, como fiel narradora, que sou, poderei dizer alguma coisa acerca do heroe da nossa historia.

Hyppolito ja foi riscado do catalogo dos vivos, e foi-o sem um discurso, sem um epitaphio, sem uma lagrima talvez!...

Muita gente ignora ainda o fim tragico do apaixonado mancebo, e o suppõe ainda vivo na sua aldeia.

É engano; Hyppolito nem sete palmos de terra teve para repousar das fadigas da vida; nem mão desconhecida ou amiga gravou o seu nome em pobre e humilde lousa! Nem uma lembrança sequer resta d'elle, d'elle que poderia immortalisar o seu nome! E que se amortalhou com a sotaina de padre, até

ir receber no Libano a verdadeira mortalha e sepultura.

Hyppolito foi um dos christãos que pereceram no massacre do Libano; a sua descrença levava-o a ir pregar a creuça aos inficis; ou antes a ir procurar a morte, longe da sua patria, patria tambem de seus infortunios e desgraças.

A terra lhe seja leve; talvez que os vermes lhe façam menos guerra do que os homens. O martyr da sociedade devia trocar a sua coroa de espinhos pela aureola dos justos, e repousar a fronte laureada no po dos sepulchros!

Hyppolito talvez fôsse um sancto; outros menos martyres têm sido canonisados, e recebem hoje as orações dos fieis!

Lodeiro, outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

### RIMAS AO ACASO

Querida, apoz a tormenta

Surge o iris da bonança;

À dor succede o sorriso,

Ao desespero a esp'rança:

À vida succede a morte,

À morte ainda outra vida,

O botão que desabrocha

Succede á flor resequida:

So não sé vae com o tempo,

No mundo sempre inconstante,

Tudo o que ao peito nos falla

De nossa primeira amante.

Este amor que nós jurámos

Findará no esquecimento,

Do vulcão restarão cinzas,

Nas cinzas um fogo lento.

De nova deusa nas aras,

Queimando profano incenso,

Lembrar-te-ei com saudade,

Como hoje quando em ti penso.

Porque o amor que primeiro

Entrou dentro de nossa alma,

Nem o tempo o diminui,

Nem a distancia o acalma.

Muito embora haja quem diga

Que o final é mais ardente,

Um é o sol que desponta,

Outro é o sol no occidente.

Um são transportes fogosos

D'um peito cheio de vida,

Outro a extrêma agonia

Do peito que já duvida.

Não pensemos no futuro...

Querida, es minha, sou teu!...

P'ra que receios?... De nuvens

Não toldemos nosso ceu!

### ALBERTO

AO MEU AMIGO

José da Silva Ferrellea

Era por uma d'essas noites poeticas e bellas da primavera.

E Alberto vertia copioso pranto, no gemitario, ajoelhado juncto á pequena cruz d'um tumulo!

E do intimo d'alma soltava crebros suspiros, que se perdiam no espaço infinito!

Triste mancebo! Sentindo no coração o fogo violento d'uma paixão ardente, ia alli depor aos pes da campa, que cobria os restos da mulher, que tanto amára e ainda amava, uma coroa de perpétuas e saudades, symbolo d'aquellas, que por ella no peito nutria!

Ja ainda mais uma vez, debaixo do verde cypreste, que servia de cabeceira ao tumulo da sua Laura, mostrar-lhe quanto a amava, e supplicar-lhe, rogasse a Deus lhe desse a morte, porque no mundo vivia vida de martyr!

Não tendo na terra um ente, que lhe afagasse a vida, aborrecia-a e implorava a Deus a morte para ir no ceu a seus pes ligar-se á mulher, que, quando apenas lhe mostrava a felicidade, o deixou cercado d'espinhos e dores, que lhe ralavam o coração; so pedia á sua Laura, que ainda mesmo sen-

tada entre os anjos ao lado do Senhor, o não esquecesse, e o não deixasse de amar!...

Triste mancebo!

## II

Quantas vezes de noite, a horas mortas, debaixo do lethal cypreste, que guardava as cinzas d'uma virgem, a febre ardente que o devorava o não fazia delirar, julgando então nesses momentos achar-se juncto de Laura, contemplando-a, bella e pura, e estreitando-a em seus braços a dizer-lhe: «So vivo para ti!» E eram bellos esses delirios!

Mas apoz elles vinha a realidade, e com ella novas dores que lhe esmagavam o coração!

Então o pranto suffocava-o, e, com as mãos levantadas para o ceu, parecia implorar a Deus menos tormentos, e allivio para as dores que o alquebravam!

Outras vezes, parecia um louco, e, desvaireado, corria por toda a mansão dos mortos, soltando sarcasticas gargalhadas, e agudos gritos, que o echo repelia ao longe.

Como era doloroso e triste, tão penetrante espectáculo! Comprehendel-o, so pôde aquelle que um dia amou com tanta força como Camões amou a sua Natércia, e Bernardim a sua Beatriz!

Para Alberto, a vida ja nada valia; e não poucas vezes uma ideia horrivel-lhe assomava á mente — o suicidio!

Porém depressa se desvanecia, porque em Deus tinha a sua fe e a sua esperança!

## III

Como são amargos e cheios de torturas os momentos da vida, para aquelles que, como Alberto, a odeiam!

E milhares d'entes, como elle, vivem, li-bando as fezes amargas do calix da amargura!

E outros, luctam braço a braço com a infelicidade, que os persegue por toda a parte, sempre vencedora, fazendo-os por fim cahir no abysmo horrivel do vício!

A Alberto custava-lhe supportar tantos mártirios, mas resignava-se com o seu destino adverso.

Sentia a falta d'aquella, que so na terra o faria feliz, do anjo para o qual so vivia, d'essa mulher que tanto idolatrara e ainda

amava; mas jamais deixava de conceber a esperança de unir-se-lhe um dia no ceu!

Chorava, porque nas lagrimas, embora lhe escaldassem as faces, achava allivio para os seus tormentos continuos, e lenitivo para as saudades por Laura que tanto lhe oppriam o coração!

## IV

Pobre mancebo!

No florir da vida, quando ella a todos comeca a sorrir, a elle so se mostrou medonha!

O horisonte, que principiava a ver brilhar, toldou-se em breve, e o futuro, que esperava risonho e feliz, mostrou-lhe horrendo aspecto.

Quem poderia olhá-lo, sem que visse uma a uma rebrantar-lhe as lagrimas, pallido, cada-verico, similhando um velho, ajoelhado alta noite, juncto ao tumulo da sua Laura, implorando a Deus piedade?!

So aquelle que não comprehendesse o seu soffrer; so aquelle que não soubesse quanto custa ver arrancar-nos uma a uma as fibras todas do coração com dores, que so com a morte podem findar.

E Alberto não faltava alli uma so noite!

Embora o vento sibillasse com força, parecendo querer abalar o universo, a chuva cahisse em torrentes, e os raios se cruzassem nos ares mil e mil, não faltava alli uma so vez; não deixava de ir depor sobre a campa de Laura as suas lagrimas de saudade!

Quantos infelizes não ha no mundo assim!... Um sem-número d'elles; mas, logo que seus olhos se cerram para sempre, sua alma voa para o ceu, a fruir as venturas, que Deus lhes concede, em recompensa dos tormentos, que em vez de gozos tiveram neste valle de lagrimas!

## V

Alberto soffreu muito!

Um dia, porém, Deus compadeceu-se d'elle e deu-lhe a morte que tanto desejava!

Mas nem um amigo se lembrou d'elle; nem uma lagrima de saudade se derramou sobre o seu tumulo!

Alberto foi a-flor, que, ao desabrochar da vida, o vento agudo do norte arrojou por terra, e pouco depois desfez em pó!

Vizeu, março de 1863.

ALFREDO A. A. CAMPOS.

## CANTO

(A Augusta)

Deves conservar no peito,  
Dentro do teu coração,  
Uma bem viva lembrança  
Da minha viva paixão.

Eu amei-te sempre muito,  
Amei-te com muito ardor;  
Amor tão firme e constante  
Tem somente o trovador!

Se via no azul da esfera  
Brilharem astros aos mil,  
Esqueciam-me esses astros  
Pelo teu rosto gentil.

Se a lua os raios de prata  
Reflectia ao rosto meu,  
Via nos raios teus olhos,  
Nos teus olhos via o ceu!

Se as auras frescas da tarde  
Gyravam de em tórno a mim,  
Pensava se acaso vinham  
Dos teus lábios de carmim.

Se via o sol todo gala,  
Se ouvia a fonte a correr,  
Pensava ver-te e ouvir-te  
À minha voz responder.

Como a nuvem, vendo o sol,  
Cora toda em seu pudor,  
Assim corado teu rosto  
O julguei co'o meu amor.

Como o perfume que exhala  
Do seu calix casto lyrjo,  
Julgava aspirar teu halito  
Em meus sonhos de delirio...

Eu amei-te sempre muito,  
Amei-te com muito ardor;  
Amor tão firme e constante  
Tem somente o trovador!

Neste canto ves tu que a tua imagem  
Me segue a toda a parte, e que so vivo,  
Unicamente vivo so de amar-te.

Cada objecto que avisto é ara sacra  
Onde te diviniso e incenso alegre.

Se a lyra do poeta as cordas d'ouro  
Não vibra sonoras e cadentes,  
Que vão fundo ecoar em terno peito;  
Se um peito que te adora, e que constante  
Vive so de sonhar-te em ledos quadros,  
Te não merece aos lábios um sorriso,  
Nem aos olhos formosos um lampejo,  
Deixa por piedade que illudido  
Viva o triste de seus doirados sonhos;  
Não lhe desfolhes com cruel desprezo  
As esp'ranças que em ti sincero nutre;  
Não venhas esmagar-lhe deshumana  
Esse amor, que tão lindo aos seios d'alma  
Veio alegre florir-lhe ardente e puro.

E eu via-te, donzella, em toda a parte:  
Em toda a parte tua imagem linda  
No cetebro a gravava a mente em fogo;  
E esse amor, que nasceu á luz suavissima  
Do lume que teus olhos nos desferem,  
Tão fundo a insculpiu, que nunca pôde,  
Nunca mais apagal-a o esquecimento.

Ao meu sentido canto attende, ó virgem;  
Ai! le-lhe compassiva os toscos versos,  
Casa-me aos sons da lyra os teus suspiros.

## AMOR COM AMOR SE PAGA

II

A noite estava de rosas; nem uma aragem  
que corresse por entre as folhas das árvores,  
nem uma nuvem sequer que velasse a lua;  
silencio profundo cobria Luso e seus arre-  
dores; so apenas de vez em quando la se ou-  
via ao longe o alegre canto do vigilante gal-  
lo. Com uma noite assim, e com a cabeça  
a arder como estava a minha, pouco apetezia  
ir para a cama; divaguei por ahi; quanto  
tempo não o sei eu ao certo.

O chlar d'um carro me veio chamar a  
este mundo de desenganos; reparei então que  
a noite ia ja em mais de meia, e quiz voltar  
a casa; mas *hoc opus hic labor est*: não po-  
dia atinar onde me achava; por mais que  
para uma e outra parte deitava os olhos nada  
via que me orientasse. O caso porém não era  
para indecisões; tomei pelo caminho que  
primeiro vi ante mim, e assim fui andando

até que a final dei vista ao longe d'umas casas: era Luso.

Como isto foi não o sei eu: mas acaso seja, ou seja instincto, é certo que entrei em Luso por onde havia sahido.

Ainda bem não havia dado meia duzia de passos na rua que eu sinto, um pouco diante mim, um assobio prolongado e com uma certa intonação: parei; áquellas horas um assobio assim destacado, e como que á modo de signal, era cousa muito séria. A minha phanthesia logo alli começou a ideiar cousas medonhas e espantosas, seguindo-se umas traz outras com tamanha promptidão, que era cousa realmente muito para pasmar: o que porém a imaginação mais me representava como verdade era o ter sido aquelle assobio um signal de alguns larapios, e então quando me isto lembrava é que eram arripios pela espinha dorsal! mas ao mesmo tempo reflectia eu que, se o tal assobio tivesse essa procedencia, então ja eu de certo estaria a contas com os senhores amigos do alheio: e depois eu só ouvia silencio (expressão muito linda e que já li em certo poeta)! Por isso, apesar da imaginação me querer aterrar, uma voz ca dentro me segredava baixinho, que não tivesse medo, que não era nada.

Ora é bem que se saiba que eu discorria d'este modo no vão d'uma porta d'onde esperava ver o que succedesse.

Ouvi novo assobio: pouco depois senti tremmer-me nos ouvidos (expressão também d'um poeta classico) o ranger dos quicios d'uma porta que se abria: deitei a cabeça fóra do meu escondrijo e espreitei: eis o que então vi: do lado opposto da rua estava uma porta aberta, e ajoelhada no balcão uma fôrma branca: no meio da rua duas fôrmas mais de differente tamanho, e do lado em que eu estava outra porta aberta e nella de pe outro vulto.

Quiz ver no que aquillo dava e cingi-me mais ao fundo da porta em que estava, mas continuando sempre a espreitar. Alguns minutos estes vultos se conservaram assim: depois a fôrma branca ergueu-se, fechou a porta por fóra, tirou a chave, e a metteu por baixo: caminhou então para o meio da rua ao encontro do outro vulto; este fez um certo movimento e nas minhas orelhas me veio ciciar o som d'um beijo. Pizeram-se a cami-

nho: e aqui me vi eu em grandes apertos por isso que se vinham dirigindo para o meu lado: felizmente a lua estava a sumir-se no horizonte, e pouca claridade portanto então havia.

Perfilei-me, derrubei o chapeo, e esperei.

Vi passar ante mim os vultos; eis a fôrma por que elles iam: adiante e bem embuçados caminhavam um homem e uma mulher (ainda não haviam adivinhado que a tal fôrma branca era uma mulher?)

Quando 'nesta mulher fitei os olhos deu-me o coração um grande salto, e por mais que eu então o interrogasse nada elle me disse.

Traz estes vinha uma outra mulher, ao que parecia ja idosa: depois da velha seguia-se um rapaz com uma trouxa debaixo do braço, e no encaicho do rapaz um cão pequeno: distancia invariavel d'uns a outros cousa de 1 metro e 25 cent.; por esta fôrma vinham estes individuos a formar uma verdadeira pyramide, tendo por base os dois que iam adiante, e por vertice o cãozinho.

Quando os vi bem longe, sahi do meu escondrijo, e subi rua acima, isto é, em direcção opposta á que elles seguiram.

Outro qualquer no meu logar sôbre modo folgaria com haver presenciado esta comedia: eu não; sentia ca interiormente um não sei que de triste, que eu não sabia nem podia explicar, e que muito me penalizava.

Continuei subindo a rua com os olhos fitos na porta d'onde vira sair a mulher vestida de branco, e para la fui direito: mas...

Toldam-se os ares,

Murcham-se as flores;

Morrei, amores,

Que Ignez morreu!<sup>1</sup>

E de feito, não Ignez, mas Anna morrerá para mim! Era a casa de D. Anna aquella! Era pois ella que eu vira ir de braço dado com um homem, e que d'elle havia recebido um beijo!...

Não posso descrever o que então senti: aquelles que ja estiveram com a esperanza de alcançar um objecto querido, e de subito o vêem escoar-se-lhe das mãos, bem podem avaliar o meu soffrimento 'naquelle instante: aquelles que ainda não sentiram uma dor

<sup>1</sup> Bocage.

assim eu só lhes desejo que nunca cheguem a senti-la.

E choraria em então? Não sei! mas tormento assim nunca o eu senti!

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO

### ERMELEINDA

Era em fins de dezembro. Dona Julia Sentada ao pé do lar contava contos Aos filhinhos, que em roda adormeciam.

Linda ia a noite: o ceu limpo de nuvens Retingia d'azul o puro espaço, e D'onde ardentes esferas, que rolavam Torrentes d'alma luz enamorada, que Sôbre a terra choviam. Não soprava O vento da estação, que sóe ser frio. Era uma noite aquella, como poucas Se desdobram no inverno á luz serena Da suavissima lua, ao som das aguas. Hora que lembra ao poeta o infinito, Que lhe dilata a alma, e em doce enlêvo Lhe inspira aquellas mágicas toadas, Que é dado á raros pôr em lingua d'homens. Era uma noite d'estas. No palheiro, Que era á casa contiguo, estatelado, Jazia eu em todo o meu descanso, Involvido na sombra d'uma rima De velhas cepas encostada ao muro. O bom d'Ambrosio Pinto era a meu lado. «Que irá lá no mar largo a taes deshoras, Onde a barca ligeira, entregue aos ventos, Deve neste momento vir sulcando As arriçadas aguas?» Éstas fallas E outras d'este teor (mas não em verso) Estava eu fallando, em póz de longa pausa, Aos ouvidos d'Ambrosio.

Quem diria,

Que 'naquelle remanso, em bella noite, Me vinham de continuo anciadas mágoas Pungir o coração amargamente? Tu, Ermelinda, que em meus sonhos vinhas, Como anjo de luz a perfumar-me Com ambrula d'aromas la de cima O suspiroso seio, que embalavam Tuas mágicas fallas, mas sonhadas, Sonhadas, sim! e a ausencia, ao despertar-me, Do coração as lagrimas contidas Agora desprenhia em pranto amargo...

Tu, Ermelinda, as sabes, que em distancia Duas almas que o amor uniu em uma Nada lhes corta o laço enfeitado, Que mãos d'alem prenderam. Tu as sabes, Que qual eu te oiço aqui, te vejo e entendo, Sei que la da saudade a doce mágoa Te faz sentir minha alma, e neste anção Padecer dor igual, eguaes angústias. Chora tambem nas praias afastadas, Bella virgem d'amor, chora comigo E não dava resposta o tal pascaçoi Das incurvadas ventas entornaya Uns tão medonhos roncros, que um momento Por uivos d'algum lobo ia tomal-os. Natural illusão... nunca ouvi lobos Ergui-me arripiado; as mãos ás cepas D'improviso lancei; mais promptas armas Não as havia alli, nem talvez outras. Sôbre o cepo d'Ambrosio as cepas ruem Como chuva d'inverno se despeja Nas mal guardadas costas do viajante. Assim sôbre elle cahem. Vi-o erguer-se E abraçado com furia á mobil rima, D'uma figura tal Camões diria: Juncto d'um bronco cepo as bronças cepas! Oh! perdoa, Camões, fazer entrar-te Em taes grosseiros carnes! mas desculpa-me O teu exemplo mesmo. As sanctas aras, Onde a imagem da Virgem collocaste, Porque é que em tão seraphica postura Com grande affronta das piedosas almas Fizeste approximar o padre Bacho Em vão o bom Garrett quer defender-te; Ah! Macedo, Macedo, é tua a causada E era com effeito um cepo o meu amigo; Um pouco ainda abaixo de tres quartos Da vulgar estatura se ajunctava A achatada cabeça envolta em carnes. As curtas pernas, curtas, mas rotundas, Como fustes quebrados de columnas De portico pesado, so metade Lhe divisava o olho embasbacado Do ditoso mortal, que ao perto as visse. Sumiam-se-lhe as curvas adiposas Meio enterradas pelo vasto abdomen. Mas em quanto ao moral era dos homeas Em cuja bôcca o delicioso Karr Põe taes palavras d'importuno orgulho: — *Je suis petit, mais fort...* — que não traduzi, Porque hoje em Portugal é mais sabida A linguagem franceza, que a materna.

O que eu quero dizer é que uma e outra  
Andam por mãos d'indoutos aos retalhos.  
E disse eu depois d'isto a Ambrosio Pinto:  
«Eia, amigo, vac alta a noite... em balde  
Temos perdido aqui o tempo á espera  
Da descuidosa Lydia. Ao longe vamos,  
Hei medo que nos ouça alguém, ou veja,  
Ou nos fareje acaso algum molosso  
Da alheia habitação».

«Trago as pistolas,  
E tenho estes dois braços. Não receies!...»  
«Mas... ouve!... eu sinto alli...»

«Talvez o vento...»  
«Não é, vi' neste instante um vulto negro  
La em baixo passar juncto aos pinheiros...  
Olha, vem para nós...»

«Não vejo nada!»  
«Vamos!... não é por medo... mas o escuro...»  
Cortou-lhe a phrase a apparição de Lydia.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

## AMOR E TYBANNIA

A MINHA MANA

D. MARIA AUGUSTA DE SÁ COUTINHO

(Continuação)

D. Candida fascinára com seu terno e  
magnético olhar Augusto de Almeida, que,  
como dissemos, a amava com toda a força  
de seu coração apaixonado. Passado bem  
pouco tempo, porém, esse amor ardente, essa  
paixão immensa acabou, e D. Candida arre-  
pendeu-se então de ser tão precipitada na  
sua escolha.

Com effeito dois annos depois do casa-  
mento o som lugubre dos sinos annunciava-  
nos que mais um anjo acabava de deixar este  
mundo de amarguras para se abrigar no seio  
immenso do Martyr do Golgotha.

Esse anjo era Candida que tinha sido vi-  
ctima dos maus tractos e infidelidades de  
seu marido.

Quanto a este, nada o affligiu menos que  
a morte de sua esposa, pois acontecendo no  
mesmo tempo morrer-lhe uma irman que tin-  
ha no Porto, ésta o deixou herdeiro d'um  
terço da sua fortuna sob condição de se en-  
carregar da tutela de sua sobrinha, então

criança de oito annos, hoje virgem de dez-  
enove.

Como é importante que a leitora conheça  
ésta menina, dar-lhe-ei um leve esboço d'ella.

Era bastante polida e em seu rosto estava  
gravada a resignação do soffrimento. Longos  
cabellos pretos, annellados, desciam sobre  
seu collo de jaspe; suas sobranceiras eram  
espessas e bem lançadas; seus olhos pretos e  
vivos tinham um encanto admiravel, quando,  
depois de se elevarem ao ceu, poeticamente  
se fixavam sobre qualquer objecto; e, á flor de  
seus labios rosados, brinca constantemente um  
sorriso angelical.

Se a estes encantos acrescentardes uma  
mão bem feita, e um pé pequenino, e se  
com alvas roupas cobirdes as fórmas airo-  
sas da donzella, teréis exactamente o retracto  
de Carlota, da linda sobrinha de Augusto  
de Almeida.

Agora, leitores, visto que conheceis suffi-  
cientemente éstas duas familias, vamos con-  
tinuar, se vos apraz, o nosso romance, tres  
mezes depois do seu comêço.

(Continúa)

LUIZ DE SÁ COUTINHO.<sup>1</sup>

## PHANTASIA

I

Ao nauta chama o porto  
No horror da tempestade:  
So eu na flor da idade  
Não acho algum conforto.

THEOPHILO DRAGA.

Sonhei-te em lindo barco

Tranquilla, descuidosa,

Cortando a sos comigo os aguas mansas

Do Mondego gentil. Nem mais formosa

Eu te víra jamais, se la nas dansas

Deixavas fluctuantes

A capricho da walsa as louras tranças!

E se eu gozára d'antes

Assomos de ventura ao ver-te linda

No doudo afan das salas,

Agora quando as galas

Da propria natureza

Unidas se casavam

<sup>1</sup> Motivos justos impediram-me de pôr o meu nome e o da pessoa a quem é offerecido este romance, nos dois numeros passados.

Aos cambiantes mil d'essa belleza;  
 Tu julga quanto eu dera  
 Porque tal vida alli nos fôsse infinda!  
 Suave primavera  
 Nos convidava então d' affectos brandos  
 Ao suspirado gozo;  
 As aves mesmo davam  
 Nas tremulas virgultas  
 De amor tão doce exemplo  
 Em requiebro subit' trinando occultas;  
 E' nesse ethereo templo,  
 No azul do ceu formoso,  
 Que inda um raio do sol dourava apenas,  
 Havia tal concôrto de saudades  
 E vagas harmonias, que noss'alma  
 De arroubos delirante  
 Não sei que tempo immenso  
 Vivêra' nesse instantel!

## II

Quando eu comigo penso  
 Que podêras baixar do altivo solio  
 Que te concede a sorte  
 Não te dando rival na formosura,  
 E converter-me os sonhos  
 Em estos de paixão, que mal presinto  
 Na louca phantasia!  
 Porque não virás tu, visão das noites  
 Que meu somno perturbas,  
 Trazer-me ao coração conforto grato  
 Na esp'rança d'um sorriso?!  
 Ai! quando a solidão meus passos cerca,  
 É sosinho divago.  
 Pelos sitios que outr'ora percorrias  
 Folgando em tarde amena,  
 Imagens do passado então me avultam  
 Na mente incendiada!  
 Eu, que te vi pousando o braço niveo  
 No colo todo graças  
 Da joven companheira dos folguedos,  
 Olhando a medo e a furto  
 Que não ouvisse algum tens devaneios  
 Que lhe contava, tindo;  
 E que te vi no modo ingenuo e brando,  
 O elo que me prende,  
 E ainda me enamora dos encantos  
 Que revelavas cedo:  
 Saber-te agora longe d'estas plagas,  
 Que, ouvindo meus gemidos,  
 Por ti clamando estão, como sentidas  
 Da ingratição que mostras!  
 Mas de que serve o som de taes lamentos

Se a ausencia nos separa?...  
 Os suspiros que solto, ao vento os solto,  
 Ninguém meus ais escuta!  
 Meu alento se perde em vão queixumes  
 Que o echo te não leva;  
 E tudo em torno a mim é mudo e triste,  
 Porque meu sentimento  
 Em tudo infunde pallida tristeza;  
 Nem acho sôbre a terra  
 Quem serene este anhêlo, e em paz tranquilla  
 A vida me transmude!  
 Junho de 1863. LUIZ CARLOS.

## ERCILIA E AUGUSTA

La joie est vite absente.

VICTOR HUGO.

## CAPÍTULO III

Era á noite.

Ercilia e Camillo, sentados juncto da janella, fallavam do seu amor.

Depois reinou o silencio, e elles fitaram a lua no horisonte e as myriades de estrellas que enchiam o ceu; e então lhes entrou na alma aquella vaga melancholia, que so cabe a corações amantes, e que depois, muitas vezes, se converte em lagrimas. Têm as noites de estio, na aldeia, um attractivo inexplicavel, um elo que nos prende a alma, uma harmonia que nos seduz o coração e um perfume que nos embriaga.

Foi assim que Ercilia e Camillo, como corações elevados na poesia da natureza, nessa hora se comprehenderam.

Ercilia phantasiava quimeras a seu sabor; e Camillo em nada pensava; não sei por que regiões vagueava o seu espirito, mas é certo que para muito alto voára.

Uma convulsão de choro estremeceu o joven; e acordou Ercilia do seu louco sonhar.

— Que tens, amigo?

Camillo não respondeu.

— Dize, dize, o que te punge! Acaso não sou eu a mulher que mais te ama, e que tu mais estremece?

Os soluços embargaram a voz de Camillo.

— Ai, ja me não amas! Bem o vejo! arrependes-te do que me tens jurado! E eu, infeliz, que ei de fazer?! Eu que te amo...

Ercilia tomou a cabeça de Camillo, e col-

locou-a no seu regaço; depois algumas lagrimas, poucas, cahiram sobre a fronte d'elle.

Parece que lh'a queimaram; porque o joven ergueu-se pallido! depois estreitou as mãos da virgem com força, e disse com voz estridente e um riso convulsivo a encrespante os labios:

— Não sabes? estou para casar com outra mulher!...

Ercilia fez-se pallida e tornou-se triste. Depois, quasi inanimada e toda convulsa, tomou a mão de Camillo, beijou-a, e murmurou:

— Adeus, amigo; chora, e toma coragem; eu te salvarei!

Um abraço os ligou, e logo se apartaram.

### CONCLUSÃO

Ceci est de l'amour, l'amour  
vrai, l'amour des anges, l'amour  
fier qui vit de sa douleur et qui  
en meurt.

BALZAC.

No dia seguinte, Camillo e Ercilia reuniram-se á mesma hora no mesmo local.

Trocaram em silencio um abraço e sentaram-se.

Num dia, o rosto da donzella fizera grandes mudanças; de risonho tornou-se triste e melancolico; os olhos tinham em parte perdido o seu brilho vivissimo; as faces estavam decoloradas e macilentas e o todo mostrava um grande alquebramento, se bem que tambem uma força de vontade para se admirar ainda numa mulher.

— Camillo, disse ella, ámanhan, ao anoitecer, has de partir para a tua terra; e d'aqui a oito dias har de ter ja sanctificado pela egreja o teu amor por essa outra mulher. Antes d'isso não te quero ver; depois, passado um mez, traras a tua esposa para aqui; desejo-a para amiga, porque vejo que ha de ser uma nobre alma, que tu so mereces que te amem espiritos elevados. Nunca mais me fallarás do passado!

— Então assim repelles o meu amor? Foi o que prometteste? interrogou Camillo com ancia.

— Vae, parte ja, sou eu que te mando. Depois verás quanto es feliz. Eu... ja te não amo!...

Um momento a foice da morte esteve para ceifar Ercilia; aquelle sacrificio era superior ás forças d'uma mulher; e então que nessa hora amava mais do que nunca. Mas a sua vontade de ferro superou tudo.

Camillo ajoelhou, e murmurou:

— Faça-se a tua vontade; mas, primeiro, perdoa-me e abençoa-me...

Então a virgem não poud reter ás lagrimas e abraçou Camillo com força.

Depois, como envergonhada d'aquelle momento de fraqueza, exclamou:

— Vae-te, não te amo, nem te quero aqui.

Ide hoje la á aldeia; vereis como Ercilia e Augusta se estimam; são o exemplo de verdadeiras amigas.

Camillo é feliz; e estima Ercilia como irman.

Augusta soube tudo, e cada dia mais estremece quem lhe deu a felicidade.

Ercilia, dil-o-emos? talvez que ainda ame Camillo!...

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

## A VOZ DO SUICIDA

*Imitação-parodia*

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. H. ELYSA

Tive esp'ranças, tive anhelos  
Sonhos dourados, tão bellos  
Que mais não!

Tive aspirações de gloria;  
Julguei sorrir-me a victoria...  
Tudo em vão!

Fadado para o martyrio  
Levou-me ao delirio  
Meu soffrer.

Destruida a minha crença  
Tive por negra sentença  
So descreer!

Ja não tenho meigo pranto  
Que me seja orvalho saneto

Nesta dor.

Mas do peito mal fadado  
Da descrença solto um brado  
Não d'amor!  
Amor... palavra maldicta  
Que me deu esta desdita,  
Meu penar;  
Sonho vão que me acalenta  
E que depois me atormenta  
Recordar.  
Se em momento de ventura  
Pude erer 'nessa loucura  
Que tal é,  
Infesou-me o desengano  
Com seu halito profano  
Minha fe!  
Hoje p'ra minha vingança  
So me reluz uma esp'rança  
'Num punhal!  
Da minha vida no termo  
Ficará meu peito ermo  
D'este mal.  
Extincto o sopro da vida  
Alem da campa abatida  
Que haverá?!  
Ou alli finda a desdita  
Ou então p'ra alma afflicta  
Deus não ha!

19 de junho de 1863.

D. DE VASCONCELLOS.

## DERRADEIRAS LAGRIMAS

A L.

E depois dentro em minh'alma  
Extinguira-se uma luz;  
Luz de fe que a dor acalma  
Se se abraça com Jesus.

D. BENRIQUETA ELYSA.

I

Restava-me inda uma esp'rança  
Como luz de redempção!  
Firmava 'nella venturas  
Da mais doce aspiração!  
Era-me tudo suave  
Como sopro da manhan.

Era sonho deleitoso  
Qual não sonha a turba van.

Deus e amor eram-me ideias  
Que não podia affastar.  
Deus era a fe que luzia,  
O amor a luz a raiar.

Hoje era o botão no prado,  
Depois a bonina em flor;  
E eu a colhel-a risonho,  
Aspirando o seu ardor.

Um dia mirei as flores  
Que o orvalho horrifou;  
D'então jamais um sorriso  
À flor dos labios raiou.

Que se as flores têm o orvalho  
Que as alenta e dá vigor,  
Nós temos o pranto amigo  
Que nos purifica a dor.

E d'ahi veio a tristeza  
Minhas faces assombrar.  
Foi-me então suave esp'rança  
Belsamo 'neste lutar.

Era-me tudo suave  
Como sopro da manhan.  
Era sonho deleitoso  
Qual não sonha a turba van.

II

Inundava-me a esp'rança de seus raios;  
Renascia de novo a crença em mim.  
À fe erguera altar, subido em preço,  
Que, na illusão, julgava não ter fim.

Tudo é vão! o desejo nunca pára!  
Mas destino fatal partiu o meu!  
Chorei, chorei d'amor lagrimas tristes,  
E fugiu minh'esp'rança para o ceu!

Nada me resta que chorar agora!  
Pois nada para mim tem ja valor.  
Minhas últimas lagrimas correram,  
Lagrimas tristes d'um funesto amor.

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

## BIBLIOGRAPHIA

Seria loucura nossa fazermos uma análise ao romance do sr. Augusto Sarmiento — *Providencia* —; está superior á nossa critica: razão por que apenas diremos a nossa opinião, franca como sempre que temos que fallar d'uma obra de merito: e ésta 'nesse caso a considerámos.

Temos que dizer muito bem, e pouco mal, e ainda assim não sabemos se sôbre ésta última parte estarão de accôrdo com a nossa opinião.

Em geral a construcção do romance e a linguagem mostram que o sr. Augusto Sarmiento, se não parar na carreira que enceu-tou, pôde vir a ser um bom romancista; e dizemol-o, sem lisonja. Se a conclusão da obra não condiz bem com o resto pela sua muita precipitação, e se a linguagem ainda se resente por vezes da pouca attenção, não deve isto obstar a que admiremos as bellas phrases e pensamentos que abundam na *Providencia*, e que estudemos o romance pelo interesse que nos move; ainda que, nos parece, reina allí mais a cabeça do que o coração, porque até achámos alguma frieza.

É certo, porém, que a *Providencia* é superior a quanto se tem este anno publicado em Coimbra; tanto pela amenidade da phrase como pelas mimosas ideias que apresenta, e por tudo o que tem de bello que é immenso. Citaremos até uma parte do que gostámos immenso, com sermos filho de Coimbra. É fallando sôbre o seu atrazo na civilização, que o sr. Sarmiento diz:

«Uma vez, porém, a capital politica lembrou-se de communicar com a monetaria á maneira de boas vizinhas, que estalam por bisbilhotarem as novidades do dia, e, como Coimbra obstruia o meio do caminho, bateu-lhe á porta a mala-posta, o telegrapho electrico, e ja se fallava 'num ferreo-carril como despertador mais efficaç. Acho que nem o somno do justo resistiria a tamanho alvoroço! Coimbra acordou em sobresalto, deitou a cabeça á janella, e, comourgia obedecer, la foi resmungando abrir a porta aos emissarios progressistas. Mas todos que a viam no tardio desalinho desatavam a rir da velha preguiçosa.

Tantas chufas e remoques enojaram-lhe a

vaidade, e tractou de se mostrar guapa e feiteira. Que faz ella? Ainda estremunhada com o somno, agarra de um pincel e vae-se a acafelar a cantaria de seus venerandos monumentos—passe, é um barbarismo de mais! Com o pretexto de endireitar uma rua contrae um emprestimo, e deixa-a quasi tão torta como estava, com a differença de mais larga—passe ainda, é uma falsidade de mais! Depois começa a construir casas que parecem esguichos, casas que parecem pombaes, casas que parecem ferros de engomar, e quantos disparates architectonicos lhe vêm á imaginação—passe, mas custa, é ja muito mau gosto! Finalmente para quotidiana edificação dos transeuntes, dá-nos um simulacro dos autos de fe, chamuscando ao ar livre das ruas as victimas de sua voracidade; atulha os largos de eternas pedranceiras e calças, os beccos de immundicies etc. basta, que isto até dá nauseas.»

Que direi mais da *Providencia*? Que é um livro que eu estimo e que eu leio com prazer; a sua leitura é-me sempre agradável e preso-o como digno de que os nossos assignantes o comprem e o leiam como eu li sem descanso.

## Expediente

O editor d'este periodico, tendo que retirar-se de Portugal, agradece por este meio toda a protecção que lhe tenham concedido, e pede aos ill.<sup>mos</sup> e ex.<sup>mos</sup> srs. assignantes que se dignem continuar a proteger os *Hymnos*, pois que d'outro modo não poderão sustentar-se. Finalmente roga aos que ainda não pagaram o obsequio de satisfazerem o seu debito.

Tinhamos promettido aos srs. assignantes um volume *gratis* no fim do anno; rém, retirando-me, não podêmos cumprir nossa promessa, mas em paga dar-se-ha meia folha em cada número, o que pensa largamente. Toda a correspon d'ora em diante deve ser dirigida ao editor dos *Hymnos e Flores*.



## O ORVALHO E A ROSA

À MINHA AMIGA

G. C. DE BARBEDO

Sobre a campa solitaria  
D'aurora o pranto cabia;  
E a rosa pendida e murcha  
Ao fresco orvalho dizia:

«Vens chorar por quem do mundo  
Ja ninguem virá carpir,  
Ou ves-me aqui morta á sêde,  
E do ceu me vens sorrir?»

«Eu venho, responde a aurora,  
Mandada pelo Senhor,  
Trazer lagrimas ao tumulto,  
A ti sorrisos de amor.»

Lodeiro, 9 de abril de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

## ANHELOS

À MINHA AMIGA

M. J. C. de Vasconcellos

Se eu fôsse a folha perdida  
Hida  
Nas azas do furacão,  
Procurara pelo espaço  
Traço  
De sublime inspiração.

Se eu fôsse a agua que corre,  
Morre  
Ao longe no fim do val,  
Beijaria immensas flores,  
Côres  
Que matisam o canal.

Se eu fôsse a ave que encanta,  
Canta

Em alegre gorgear,  
Fendendo ligeira os ares,  
Mares

Eu iria atravessar

E se fôsse mariposa,  
Rosa

Fôra meu berço d'amor:  
Respirando num ambiente  
Quente

Bebera o nectar da flor.

Se eu fôra um raio da lua  
Tua

Mimosa fronte a cingir,  
Um por um teus pensamentos,  
Centos

Bem podêra traduzir.

E se eu fôsse madresilva  
Silva

Fôra tambem minh'irman;

Unidas em puro abraço,

Lago,  
Orvalhadas da manhan.

Se eu fôsse nota sonora

Ora  
Sentida q'ria vibrar,  
Ora alegre, em tom festivo,

Vivo,  
Percorrêra todo o ar!

Minha louca phantasia

Hia  
Mais desejos conceber;  
Mas vejo que são risonhos  
Sonhos

Que vedados devem ser

Fique-me embora o desejo!

Vejo  
Que desejos nada são;  
Pois que sempre a realidade  
Ha de

Desmentir doce illusão.

Lodeiro, 30 de outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

## ADEUS E SAUDADE

*Fragmento d'uma página íntima*

Adieu, mot que une larme humecte  
Mot qui finit la joie et tranche l'amour.

LAMARTINE. *Méditations.*

Cruel espinho é a saudade; como ella doe! O adeus é a última nota vibrada na lyra d'uma alma, cujas cordas a separação vae partir! É um como despedaçar doloroso de fibras no coração pela pressão candente de uns dedos que o esmagam! As lagrimas, se então as ha, descem como brasas até o meio das faces, e ahí se somem nos sulcos aridos e profundos que abriram, gôttas a gôttas, calcinando o rosto!

Ha um adeus cheio d'esperança que entrevê um futuro de ditas e felicidades; é este o adeus dos corações ainda jovens na crença, apenas adeptos na seita do sentimentalismo: para estes, sim, o adeus é um sorriso, ou uma lagrima, que tanto lhe doe uma como outra cousa, a separação, uma nuvem que ligeira passa entrepondo-se entre dois astros que para logo se tornarão a amar, quando ao sópro da primeira brisa, o firmamento ficar limpo e puro.

Mas um adeus não é isto so: é o acordar doloroso d'uma doce illusão no seio d'uma realidade nua e fria; é uma palavra escripta 'nalma em caracteres de fogo antes de balbuciada, e que a saudade vae sempre colorindo e profundando mais! É o elo partido 'numa cadeia necessaria á vida, cujos pedaços, separados, se dispersam, e ás vezes, quem sabe? para nunca mais se unirem! o destino tem rigores tão grandes, a Providencia designios tão occultos, caprichos tão irrevogaveis!... Quem me diz que este adeus não é o último? que entre hoje e amanhã não está a eternidade?... Oh! e a saudade doe tanto no ermo onde a esperança não vejeja!

Que podem as lagrimas contra este fatal marasmo que sobe do peito apoz o desalento da saudade? nada; mas com ellas retrai-se o coração em vez de se expandir, e la lhe fica um vacuo que a dor invade, de mais em mais intensa, sem consolação, que a consolação é o choro; mas o choro não é as la-

grimas que, como o granizo das tempestades, destroem em vez de purificarem!

Adeus! e os labios crispam-se, a respiração retrae-se, e o coração anceia! Oh! não ha palavra mais dura no vocabulario dos homens!...

Adeus! e atraz de nós la ficam os entes que mais amámos: aqui a saudade se prende 'numa flor sôbre a qual outr'ora nos inclinámos felizes, e descuidados, analysando a gôttas de orvalho deposta no calix, lagrima que a noite lhe deixára no seu despedir! e uma lagrima tambem, mas ardente e arida, cae de nossos olhos sôbre essa flor, absorvendo-lhe o perfume com a aridez da saudade!...

Mais alem olhâmos com um sentido adeus para o arbusto confidente de nossas lagrimas passadas, e que outr'ora sentia o contacto de nossas mãos que o cultivavam acariciando-o!

Agora, é a árvore que, como sombra phantastica, parece fugir-nos, quando somos nós que nos afastâmos.

'Naquella côma verdejante que la se some ao longe fica-nos o olhar, e com elle a nossa alma! Foi ella a testemunha silenciosa de muitos dos nossos innocentes prazeres, e com sua rama nos dava um formoso doce, á sombra do qual nos abrigavamos!

Como isto tudo rescende poesia e saudade, e como parece triste, por entre o veu de lagrimas que se estende em nossos olhos!...

La nos fica uma parte da alma em cada objecto que deixâmos: e quando aprouverá á Deus fazer que a retomemos?

Quem sabe! talvez que nunca!

Nunca não é uma palavra, é um extertor dos labios, é a agonia do coração que se sente moribundo, quasi cadaver!

Que ancia deve ser a do proscripto que pisa pela última vez o solo da sua patria! e que dor lhe não irá 'nalma, onde a palavra — adeus — se confunde com o — nunca mais! — fatal e irrevogavel!

E a saudade é este nada que nos circumda por toda a parte onde vamos, sem que o coração nos acompanhe; a saudade é esse olhar triste e abatido que lançamos para o abysmo do nosso passado onde jamais nos sera dado o voltar! é essa voz mysteriosa e fatidica que nos segreda ao ouvido da alma um lugubre

vaticínio, ou um — quem sabe? — duvidoso e incerto! A saudade é o olhar da pessoa que nos encara indiferente; é o sol que desmaia triste nos horizontes que não são da nossa terra; é a avesinha que trina no ramo da árvore que não conhecemos; é a língua que labios indifferentes fallam, e que nos parece barbara porque não é a nossa; é o espinho que nos fere na haste da flor que vamos colher; é a cantiga do zagal que nos vem de longe nas azas da brisa, e cujas modulações não têm o sabor rude dos nossos cantos populares.

A saudade é tudo em fim! é tudo o que não é nosso, da nossa patria, ou que de la nos não vem: é a dor incisiva que nos acompanha a toda a parte, sempre fixa no coração, lembrando-nos cada vez mais vivas as imagens e as scenas do passado!...

Lodeiro, 25 de junho de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

### ERMELINDA

#### II

Quando apoz mezes seis peguei na penna  
Para ao incetado poema dar avanço  
(Cousa que ja de todo era esquecida)  
Incerto fiquei eu, se intalaria  
Um episodio, ou cousa que se lesse,  
Antes de pôr começo á propria historia.  
Mas velliscou-me Apollo a orelha esquerda.  
E «Vamos — disse — nada de massadas!  
Entrar em pleno assumpto, ou vou-me-lembra!»  
Em consequencia d'isto.

#### § 1.º

«Ai! meus senhores?  
Cuidei que éreis ja idos... é tão tarde!  
Mas primeiro que a ama admirecesse  
Foi um martyrio... Então, senhor Ambrosio,  
Como vae a Maria das Tamancas?  
Ai! aquella cabeça... mas...»  
«Diz, Lydia,  
Que noticias me trazes da tua ama?»  
«A senhora? custou! mas tive a ideia  
De me pôr a rezar... foi um momento;  
Ja resonava mais que o Francisquinho.»  
«Não é essa, doudinha; dá-me novas

Da menina Ermelinda. Escreveu hoje?»  
«Ah! sim, escreven. Não tarda quinze dias.  
Desembarca em Lisboa. Vem com o primo,  
E traz o irmão, que estava em Pernambuco.  
Não sei mais nada.»

«Bem. Ouviste, Ambrosio?»

Corre depressa á villa, e agora mesmo  
Aluga dois cavallos, e enche a mala.  
Que apenas amanhan luza o buraco,  
Hemos de estar caminho de Lisboa.»

«Com a bréca!... Mas que diabo...»

«Não te zangues.»

Temos de ir a Lisboa: vaes comigo.  
É um passeio, vamos mudar d'ares.  
E depois...»

«Vamos la, perdeste o sizo.»

Mas que lhe hei de fazer, se neste munde  
Não tenho mais ninguém com quem converse?  
So tu es meu amigo; irei contigo;  
Hei de por toda a parte acompanhar-te.»

Eil-o que parte o meu tão nobre amigo.

Lydia sentada na macia relva,  
Que a entrada do palheiro alcatifava,  
(Lydia então so contava os seus vinte annos)  
Contemplava comigo em doce enlevo  
A bella natureza. E pouca a pouca  
Vencida dos effluvios da alma brisa,  
Que alli juncto de nós rumorejava,  
Deixava-se cahir languidamente  
Em meus braços que o corpo lhe cingiam  
Com ávido fervor. Mas d'improviso  
Sente-se bulha — «Lydia!... Lydia!» chama  
La de dentro de casa Dona Julia.  
E ella, a cor da purpura nas faces,  
*Toda accesa d'amor e de vergonha,*  
Solta-se-me dos braços, e correndo  
Vae á ama dizer, que, pois o gato  
Sentira nos quintaes miar ao longe,  
Tinha sahido a ver, se o gato achava.

#### § 2.º

Ca vamos nós no dorso bifurcados  
Dos pacientes, placidos ginetes,  
Em cujas grossas veias não refereve  
O aguerrido ardor, nem com os relinchos  
Ferem o ar, fitando a curta orelha,  
E erguendo com intono o collo altivo  
Aos duros sons da bélica trombeta;  
Nem acoitam com a longa cauda as ancas,  
Senão para inxotar a suja môsca.  
Extendia-se alli um largo campo,

Onde caudaes regatos retalhavam  
 As ferteis sementeiras; so ao longe  
 Cercava alguma serra o extenso valle,  
 Onde brancas vivendas alvejando  
 Inceusavam o ceu com o grato fumo,  
 E vário gado aqui e alli andava  
 Pastando nas campinas livremente.  
 Era um perder-se a vista olhar as veigas,  
 Que iam topar com os ceus no horizonte  
 Em termo remotissimo. Entretanto  
 Ambrosio Pinto extatico mirava,  
 Na posição mais terna que podia,  
 O assombroso quadro. Olhos em alvo  
 Em fundo meditar parecia absorto.  
 Tal, por exemplo, um dia contemplando  
 As famosas ruínas de Palmyra,  
 Triste moimento da vaidade humana,  
 Considerava Volney as origens,  
 E termo das nações, e succulentas,  
 Profundas reflexões d'alli tirava  
 Para assentar mais firmes alicerces  
 Às sociedades d'homens, ás republicas.  
 Tal tambem nas lagóas de Minturnes  
 So, banhando com o pranto o chão do exilio,  
 O arrogante Mario recordava  
 Suas passadas glorias; e alli via  
 Quão precarios os bens são d'este mundo.  
 Pensava assim talvez Ambrosio,  
 Porque depois d'um pouco estar calado  
 Volta-se e diz-me em tom de muita mágua:  
 — Ail muita dor, amigo, a vida encerra!  
 Fundo é o calix penoso de amargura,  
 Que temos de beber a longos tragos  
 'Neste valle de prantos acerbissimos!  
 Desde o animal mais vil, mais vil insecto,  
 Até ao mais perfeito, até ao homem,  
 Tudo na angústia vive, e tudo soffre.  
 Olha aquelle jumento, que pascendo  
 A tenra hervinha agora ás soltas anda.  
 Se com pesada carga o opprimimos,  
 Triste vae arrastando os lentos passos,  
 Que com o frequente açoite appressa o dono.  
 E debaixo do peso, que o tortura,  
 Vae derramando lagrimas de sangue,  
 Mas não ergue uma queixa contra o fado,  
 Nem mesmo accusa o homem. Mudo sempre,  
 Quando a parca razão depois lhe levam,  
 Beija a mão, que o açoitou, e esquece tudo!»  
 Ia continuando — «Bravo, Pinto!  
 (Atalhei eu) ja basta de lamentos  
 Teu coração sensível expandiu-se  
 Em tristissimas vozes, que me pungem  
 Tens razão em chorar a pobre azémula.

O soffrer é de todos. Tu não menos  
 Soffres com me aturar, seguir meus passos,  
 Meus caprichos cumprir, tomar meu fardo.»  
 E alli lhe fui dizendo entre mais cousas  
 Como ja Victor Hugo havia em verso  
 Cantado um burro, um sapo, e outros bichos,  
 Que parecem nojentos, mas são fontes  
 Da poesia mais intima, mais doce,  
 E mais dos seios d'alma. E depois disse:  
 — Eu gósto assim d'ouvir-te. Eis a vantagem,  
 Que de ver terras novas pôde haver-se.  
 A gente, em casa, falta-lhe a materia  
 Em muito breve tempo; e as facultades  
 Parece que com o ócio desfallecem  
 E ficam 'num lethargo adormecidas.  
 Ves? Homero vagou por longes terras,  
 Lustrou climas extranhos, várias gentes,  
 P'ra se inspirar com ares sempre novos.  
 E ca o nosso Juliú tambem segue  
 O costume d'Homero, e vae ancioso  
 Buscar a Nazareth choruda massa,  
 D'onde bons folhetins nos vae talhando  
 Com apurado gósto. E o mesmo Ernesto  
 Ávido corre o cyclo, em que se meche,  
 E em variada botica, a preços commodos,  
 Sempre nos põe espirito... do fino.»

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

## PARA QUE SERVE UMA MULHER

(Concluido do n.º 13)

Christovão Pimenta ficou com cara de tolo, o que não era nelle novidade nenhuma. Os meus leitores ja conhecem este figurão de Coimbra, de quem ja fallei uma vez 'noutro jornal, e que ainda me virá á tela para figurar como heroe 'numa historia curiosa. Agora so diremos d'elle que voltou para casa com as mãos tão vasiaas como tinha vindo, e so mais cheio de envenenada bilis. E deixemol-o.

O sr. barão cavalgava entretanto o seu hereditario rocicante, posto com toda a elegancia marialva sôbre o selim emprestado do sr. seu parente o visconde de não sei quê.

Ia o homem pensativo, como bem revelavam duas rugas perpendiculares que se elevavam na testa, a começarem parallelas do pagamento do nariz para cima. Tractava de

resolver um problema importante da sua vida, arranjar dinheiro que lhe desempenhasse o morgado e livrasse dos credores, e, se bem que era infallível o meio que tinha concebido, não estava de modo nenhum socegado em quanto não o visse posto em prática, dando-lhe os preciosos fructos de que tanto precisava.

Poucos mezes antes d'este dia em que se acha a historia de sua excellencia, tinha chegado do Brasil um pae de tres filhas, que por esse facto adquiriram de pe para a mão as excellentes qualidades de formosura e prendas, que tornam amaveis quaesquer filhas cada uma d'ellas dava de presente a um marido a bagatella de sessenta contos de réis.

É rasoavel: e o barão teve a luminosa ideia de nobilitar com o seu nome de vinte gerações aquella familia chan e plebeia. Era uma obra de caridade que lhe não dava a elle prejuizo nenhum, porque a mulher fica sendo o que o marido é, e elle ficava mais do que estava sendo, porque ficava desempenhado e rico.

Concebida a ideia seguiu-se de perto a tentativa de realisal-a. O barão apresentou-se ao pae, e disse-lhe á queima roupa que hia pedir uma de suas filhas em casamento. O pae deu um salto de contente, como faria qualquer pae em caso identico, e perguntou logo qual era a feliz escolhida por sua excellencia.

Conhecia-as perfeitamente o barão, que as tinha visto centenas de vezes passarem-lhe debaixo da janella, quando iam ao Castello mercar hortaliça para o jantar, e respondeu logo:

—Todas são muito boas meninas, porque todas são suas filhas, mas, visto que me dá a faculdade de escolher, tomarei para mim a que o coração me pede, que me parece chamar-se Florinda.

Cuidava o fidalgo que dizer o nome era receber a esposa, assim como receber a esposa seria logo receber o dote. Contra, porém a sua expectativa, o pae engoliu em secco e era visivel que estava em reaes embaraços apenas ouviu tal nome. O barão foi-lhe ao encontro:

—Não pôde ser?—perguntou elle.

—Eu lhe digo a v. ex.<sup>a</sup> sr. barão; elle pôde ser, mas é que... eu esquecia-me de

dizer a v. ex.<sup>a</sup> que a minha filha Florinda já está pedida, e so se o sr. doutor...

O homem terminou a phrase por um sorriso alvar, esfregando as mãos pelos joelhos.

O barão sentiu-se picado pelo demonio do capricho, ao qual outrem chamaria ciume, mas eu não, porque não sei o que é ciume, e não gósto de servir-me de palavra a que não ligue ideia. Certo é que assentou de si para si que havia de casar com a menina Florinda, a despeito e apesar de quantos obstaculos se lhe pozessem adiante. O pae contou-lhe então que dois dias antes tinha ido a sua casa um sr. doutor formado, pessoa muito bem educada e bem parecida, não desfazendo na pessoa do sr. barão, o qual lhe tinha pedido tambem em casamento a sua filha Florinda, a qual, vindo á presença do sr. doutor, dissera toda vermelha que gostava de casar com o sr. doutor.

Em vista do que, o barão levantou-se, dizendo simplesmente ao pae:

—Pois bem: eu voltarei qualquer dia a fallar comsigo.

—Sempre ás ordens de v. ex.<sup>a</sup>:—respondeu o pae.

E o barão sahio.

Em nossa casa é que se elaboram os melhores pensamentos, é que se formam os planos mais seguros, é que melhor vemos o que nos convem. A verdade é esta, e a prova está em que o barão achou em casa a chave do enigma, ou antes, o meio provavel de conseguir o seu fim. Tinha atinado com elle precisamente na manhan em que o fomos encontrar ao levantar da cama, e agora dirigia-se nada menos do que á morada do bacharel seu rival. Levava na mente mil projectos todos convergentes ao ponto central de seus desejos que era arranjar aquella mulher, e segundo elles lhe pareciam mais ou menos capazes de lhe lograrem o seu intento, assim as rugas da testa se lhe pronunciavam mais ou menos.

O bacharel morava em Mont'Arroio, e quando estava acabando de barbear-se, sentiu parar uma cavalgadura á sua porta. Suspeitou visita, mas longe estava de pensar que fôsse o sr. barão.

Vestiu á pressa um sobretudo e veio fazer as honras da casa a s. ex.<sup>a</sup> que a este tempo estava ja numa saleta que lhe tinham indicado.

— É grande a honra que me dá a visita de v. ex.<sup>a</sup>, sr. barão:—disse o bacharel, cumprimentando.

— Quando os amigos se escondem é mister procural-os:— respondeu o barão com modo affavel.

— V. ex.<sup>a</sup> confunde-me...

— Então como vae o doutor?— perguntou, interrompendo, o senhor do Chão do Bispo.

— Sempre bom, sempre prompto ao serviço de v. ex.<sup>a</sup>

— E de fortuna?

— Obrigado, sr. barão, não tenho sido infeliz.

— Sim, sim; a mim ja me têm constado os seus triumphos no tribunal. Sei que entrou galhardamente na carreira, por onde o seu talento o ha de levar muito longe.

Acabaram os cumprimentos, e foi preciso entrar em materia. O caso era, porém, um pouco embarçoso para o barão, que não tinha ainda bem amadurecido o seu plano. O que queria dizer, sabia elle: o modo como o havia de dizer, é que lhe estava dando que scismar.

O silencio prolongado ja se ia tornando incómodo, e o dono da casa cumpriu o seu dever.

— Ja ha muitos dias que não tinha tido a honra de ver v. ex.<sup>a</sup>:— disse elle, para abrir conversação.

— Não admira:— respondeu o barão visivelmente abstracto— estive ultimamente na minha quinta.

E recahiram na mesma calada, por alguns instantes.

Não sei quem disse que não ha lórpa nenhum que não procure tirar-se de qualquer modo d'uma posição falsa. Ora se isso acontece aos lórpas, muito mais a quem o não é, e ja dissemos que o barão era homem fino. Sentiu intimamente que o que tem de ser tem muita força, e que a demora apenas o embarçava mais. Fez gesto decidido, e disse de repente:

— Doutor, venho consultal-o sobre um objecto importante: vou casar-me.

O bacharel curvou a cabeça, como quem diz — «estou attento».

— Tenho, porém, um obstaculo, continuou o barão, que so o doutor pôde resolver: serve-me?

— V. ex.<sup>a</sup> dirá em que.

— É simples: a mulher que me faz conta é a mesma que o doutor pediu ao pae.

O bacharel arregalou os olhos e respondeu simplesmente como quem estava engasgado:

— Ora essa!...

E o barão proseguiu:

— Venho propor ao doutor que desista d'ella: que me diz?

— Que não esperava de v. ex.<sup>a</sup> uma zombaria ou um insulto, sr. barão:— respondeu o letrado em tom cavo.

O barão riu-se; e o bacharel levantou-se.

— Sr. barão, exclamou, peço a v. ex.<sup>a</sup> o obsequio de dizer-me se foi para isto que me procurou.

— Não, senhor; procurei-o para cousa mais séria. Peço-lhe que socegue e me atenda.

Aqui seguiu-se um estirado discurso do barão, onde elle disse todas as cousas e muitas mais, que nós por brevidade omittimos.

E o bacharel ouvindo.

A final de contas os dois entenderam-se ás mil maravilhas, e o barão sabiu, levando escripta uma declaração do bacharel para o pae da menina Florinda, onde em termos muito claros lhe dizia que lhe restituia a sua palavra para podêr dar sua filha a quem melhor quizesse.

D'ahi a oito dias casou o barão, e o bacharel fazia-lhe uma visita certa em cada mez.

Correu o tempo e o bacharel matriculou-se no sexto anno, doutorou-se, e foi lente da Universidade.

Quem era sabedor dos poucos recursos do bacharel, estranhou todos estes factos, e para que os não estranhem os meus leitores, eu lhes digo o que houve.

Os dois ajustaram entre si que o barão casasse, dando em troca ao bacharel a quantia de quatro contos de réis, tirados do dote da mulher, a qual quantia o bacharel iria recebendo em prestações, e o capital ia entretanto vencendo juros que receberia por mez.

É visível uma cousa: a senhora baroneza foi, por consequencia, vendida por quatro contos de réis, comprada com o seu proprio dinheiro, e ficou a pagar juros do proprio preço porque foi vendida e comprada. É bonito.

O barão desempenhou-se, e o bacharel doutorou-se: aqui têm «para que serve uma mulher».

J. SIMÕES FERREIRA.

### VARIUM ET MUTABILE...

(A um amigo)

Tu soffres, amigo, e muito;  
Rala-te o peito a afflicção.  
Da tua vida no circuito  
So encontras solidão!...  
Tu amaste... mas que importa?  
A crença, tiveste-a morta;  
Foi-te a esp'rança uma illusão.

Mentem sonhos que sonhamos  
Dos nossos dias na flor;  
Por martyrios so trocamos  
Formosas crenças d'amor.  
A ventura é duro engano;  
So real o desengano  
Que nos abysma na dor,

Nos labios o paraíso  
Deixa a mulher entrever,  
Se provoca 'num sorriso  
O gôsto d'almo prazer;  
Co'um volver dos olhos ternos  
Ella gera mil infernos  
D'um intenso padecer!

Se dos labios fementida  
Solta palavras de mel,  
Que te fazem crer a vida  
Como formoso painel;  
Ao depois a mesma bocca,  
Que so promessas invoca  
Se distilla em acre fel.

Eu tive um tempo na vida  
Em que gostava das flores;  
Não era pelos perfumes,  
Pelos matizes das cores,  
Mas porque mudas fallavam,  
E nas fallas revelavam  
Ternos segredos d'amores,  
Então o facho da esp'rança  
Era o meu guia e condão;

A crença brotava ardente  
Do fundo do coração.  
Acreditava em sorrisos  
Que todos fingidos são;  
Pois da mulher as meiguices  
Encobrem todas traição...

Hoje não gosto de flores;  
Vejo-as formosas, louçans,  
Mas das flores d'outro tempo  
Ja não são flores irmans;  
Recendem gratos aromas,  
Desdobram folhas mimosas,  
Mas não fallam como d'antes  
Lindas fallas mentirosas.  
A luz da esp'rança apagou-se,  
Desfez-se a crença tambem,  
Da mulher os ledos risos  
Ja o prestigio não têm  
D'outros tempos mais ditosos,  
Morreram da vida os gosos,  
Trocou-se a crença em desdem.

A. A. F. P.

### AMOR COM AMOR SE PAGA

#### III

Começava de alvorecer: em estylo mais poe-  
tico

...a rouxa aurora,

Das aves despertando a voz canora,

...alegre no oriente vem raiando.

Não podia por mais tempo permanecer em Luso: aquelles ares, ainda na vespóra tão puros, haviam-se para mim tornado agora pestíferos; parecia-me que morreria abafado se por todo um dia mais me demorasse naquella terra. Preveni pois os meus companheiros que ia até o Bussaco, e dentro em pouco era partido de Luso.

O Bussaco... quem não ha visto o Bussaco? quem não tem ido visitar o convento, a cruz alta, a mata, que sei eu? Ninguem que eu supponha. Pois os que ja viram aquellas maravilhas hem prescindem da minha insulsa descripção; aos que ainda tal dita não gosaram, aconselho eu que leiam os *Passeios* e

*Phantasias* de J. C. Machado, que ahí algures descreve o Bussaco com mão de mestre.

Subi á cruz alta; o extenso horizonte que d'ahi se descortina, e bem assim o magnifico e esplendido panorama que aos olhos se desenrola, por um pouco me fizeram deslumbrar dos meus soffrimentos. Uma hora quasi alli me demorei, ja olhando para uma e outra parte, ja meditando. Como o nosso espirito se depura das suas miserias e fraquezas quando se têm ante os olhos obras da natureza como aquella! Como somos pequeninos ao pé das magnificencias da creação!...

Tres dias me demorei no Bussaco, e tive neste tempo occasião de ver e visitar tudo o que por alli havia, com o que o pensamento se distraia, e a imagem de D. Anna se me ia varrendo a pouco e pouco da memoria: mas tambem quantas vezes eu fugia para sitios ermos e ahí pensativo, triste e so me entregava a recordar os tão venturosos como rapidos momentos que juncto d'ella passei naquella noite! Foi então que eu verifiquei como era certo que um pensamento mais afferrado fica na mente, quanto mais d'ella se quer desterrar.

No fim de tres dias era voltado a Luso; perguntando pela familia Sarmento que eu não vira no banho, ahí me disseram ter ella partido dois dias antes, dando-se como motivo d'isto uma repentina doença que assaltára D. Anna, doença a que ella era atreita e que so com ares patrios se curava.

No dia seguinte parti para Coimbra.

Esperava eu aqui adquirir a minha passada tranquillidade de espirito, mas foi o contrario: a feira de S. Bartholomeu havia findado, e Coimbra então era um perfeito deserto. Tudo, grandes ou pequenos, desertára para a Figueira, Bussaco, Luso e Buarcos... que sei eu? Coimbra era então a cidade mais *liere* por certo do mundo inteiro: cada qual podia correr as ruas á sua vontade e na maior liberdade, que não corria risco de que reparassem em como ia: tão livremente como no seu quarto se podia cada qual ter nas ruas da cidade das letras! Ora isto para quem desejava distrair-se era o mesmo que querer com alcool apagar fogo. Fazia-me mal esta nunca interrompida monotonia.

Fugi de Coimbra ao cabo de cinco dias.

Uma manhan encontrei-me num barco que vogava rio abaixo em direitura á Figueira.

Se eu tivesse a *bossa* de poeta de certo não poderia resistir á magia, ao encanto d'aquelle alvorecer, sem que fizesse, pelo menos, uma duzia de decimas em que o celebrasse com versos altisonantes. Mas como não possuo essa *bossa*, apenas me contentei com admirar, ver e contemplar. Como então eram amenos os canticos matutinos das lindas aves que aqui e alli por entre os copados ramos dos alterosos choupos saltitavam tão contentes! Quanto mais superior tu es, ó campo, á cidade! Alli tudo é poesia, aqui tudo é materia! alli tudo respira liberdade, aqui so se ve pressão! Felizes os que vivem no campo!

E como é deleitosa uma viagem por um rio como o Mondego! Eu gósto immenso de passear embarcado; porque é então que o passado com os seus mais doces momentos de prazer e com os seus mais insignificantes nadas se me representa com suas cores mais vivas: a alma se deleita e eu como que remoco com essas gratas reminiscencias. A recordação do passado, d'esse passado tão bom que so falla d'amor, e de infindos gosos, é para mim uma saudosa recordação: no meio dos soffrimentos do presente eu como que folgo em me recordar dos prazeres passados!...

Pela volta do meio dia demos vista de Monte-mór-o-velho, e ao cair da tarde eramos entrados na bacia que o Mondego fórma em frente da Figueira.

Desembarquei.

Cáterva immensa de mulheres, raparigas, homens, rapazes e crianças assaltaram o barco apenas elle atracou o caes: todos á uma queriam levar as malas dos viajantes; e que algararra, Sancto Deus, que faziam! aqui se empurravam, alli se batiam, acola choravam, mais longe grunhiam! Diabolica gente!

Olhava eu com curiosidade para tudo o que se estava passando na larga escada do caes quando divisei não longe de mim, e sentada num degrau, uma pobre rapariga, ao que parecia muito triste: perguntei-lhe se me queria levar a mala: não me respondeu, mas ergueu-se e veio-a tomar. Se visseis o que se então passou!... pensei que sairia d'alli surdo!

Subi á escada e achei-me no caes: tomei á direita e entrei numa praça, que se me a memoria não falla, tem por nome — Nova: —

cortei-a diagonalmente e subi rua dos Ferreiros acima.

Quasi ao cimo da rua mora uma mulher minha conhecida e que me offerecêra a sua casa para no caso de ir algum dia á Figueira: entrei na casa da sr.<sup>a</sup> Francisca: a boa da mulher parecia douda de contente por me ver: se me ella conheceu pequenito e muitas vezes me trouxe ao colo!...

Cavaqueámos muito porque ja á tempos que me não via, e porque era insaciavel a sua curiosidade.

Depois de tomar o classico e prosaico cha com as competentes fatias de pão com manteiga, dei-lhe as boas noites e fui-me metter em valle de lençoes.

Dentro em pouco dormia como pedra em poço.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO.

### AO AMIGO SANCTOS VALENTE

Helas! ainsi que vous j'invoquai l'esperance!  
Mon esprit abusé but avec complaisance  
Son philtre empoisonneur!

LAMARTINE.

Sonhae mil perfeições, sonhae primores,  
E graças tão gentis, que a linda aurora  
Possa nunca exceder, quando colora  
Com sua doce luz as puras flores;

Junctae 'num quadro ameno tantas cores  
Quantas o prado tem, quando se inflora;  
Da rola crede ouvir, se amor implora,  
O suave queixume em voz de amores:

Que ainda tal sonhando, accesa mente  
Revelar-vos não pôde a formosura  
Da virgem que m'inflamma o seio ardente!

Se um volver de seus olhos dá ventura,  
Ai! eu, que d'elles sou sincero crente,  
Porque 'nelles não li jamais ternura?...

LUIZ CARLOS.

Nas descripções da desgraça ha ingenhos habilissimos. Em junctar a felicidade é grande a penuria de phrases; parece que as linguas são pobres do que é tão pouco e passageiro na humanidade.

G. CASTELLO-EBANCO.

### O TROVADOR NA MORTE DE EMMA

... o amor de poeta é maior que o de nenhum homem; porque é immenso como o ideal, que elle comprehende, e terno como o seu nome, que nunca perece.

A. HERCULANO.

Alem, na morada das gerações extinctas, um joven, pallido e immovel, como a estátua da Niobe, jaz ajoelhado sóbre a campa de Emma; é o trovador!

E esse oasis florido e ridente, cujas doçuras gosou, a par da sua amada, murchou-se rapido, deixando-o 'num vasto e arido deserto, exposto á furia do igneo simoun, que lhe seccára o pranto!

O trovador tentára quebrar o silencio das campas, ao som da lagrimosa harpa do cantor de Ferrara, para a brisa lhe levar os seus suspiros a Emma nas regiões sidéreas; mas viu estalarem as cordas, pela demasiada tensão.

E, mergulhado em dor, encarava a fria lapide, coberta de saudades e lyrios, que se curvavam murchos, oscillando ao sópro da viração nocturna.

E o trovador, erguendo os olhos ao ceu, pediu aos astros lagrimas, para rociar as tristes flores, que se debruçavam sóbre a campa de Emma!

Pedi! porque as suas, chorára-as todas, ao desabar da sua amada nas fauces do sepulchro; e agora nem uma lhe restava, para com ella orvalhar as saudades!... Mas em vão!

Os gemidos do trovador não chegaram as saphyras, que ledas brincavam, em tórno á palida rainha dos astros, que altiva campeava 'num mar d'anil.

Debaixo dos joelhos do trovador, descansavam os ossos d'uma houri realisada, rival outr'ora das sonhadas virgens de Raphael Sanzio d'Urbino.

Emma morrêra, se os justos morrem, com o coração do trovador! Teve por psalmos o funebre piar dos mochos, sóbre os cyprestes seculares; por mortalha e enfeites, o manto e a capella virginal; por brandões, os fogos fatuos, que, em tórno á sua campa, se erguiam das ossadas putrefactas; por mausoleu uma cova quadrilonga, coberta com uma

tosca laagem, e por epitaphio as saudades,  
que se cruzavam sobre a sua fria lapide!

E o trovador, revolvendo na memoria as  
alegres páginas do seu passado, e propheti-  
sando o porvir coberto de abrolhos, se so-  
brevivesse aquella noite, balbuciou:

«Emma!... Se te não hei de ver, se me  
roubaste parte da vida, se me roubaste o co-  
ração; que farei, triste, sem ti, minha es-  
trella da inspiração d'outr'ora, neste pan-  
demonium infernal, onde o amor se baptisa  
de loucura, onde o trovador não acha ou-  
vidos, que lhe escutem os suspiros da har-  
pa?»

«As sombras da eternidade são, Emma, as  
que occultam o meu mais precioso thesou-  
ro! Ao pé d'elle me julgarei salvo dos esco-  
lhos d'este procelloso mar... nelle antevejo  
o meu unico refugio!»

«Quero viver outra vez contigo, Emma!  
recolhe-me para ti!»

O absynthio, que lhe calcinára as faces,  
restituiu-se-lhe outra vez aos olhos, e uma  
torrente de lagrimas se deslizou pelo rosto  
pallido do trovador, ajoelhado 'naquella cam-  
pa, mais triste que Bernardim Ribeiro, can-  
tando em Cintra as saudades de Beatriz, au-  
sente na Saboia; mais triste que Luiz de Ca-  
mões, suspirando por Natércia, juncto ás  
margens do Ganges!

E Emma ouviu-lhe a supplica:

O trovador, debilitado de forças, com o  
coração retalhado por uma dor intensa, cabiu  
com a harpa sobre a pedra tumular; e, pas-  
sados poucos momentos, era cadaver!

Morrera o trovador! Morreu, diziam to-  
dos.

E as turbas passavam e sorriam, murmu-  
rando: pobre louco!

E a alma do trovador, roto o fragil invo-  
lucro, que a retinha na terra, foi unir-se á  
de Emma, entre os anjos, na bemaventu-  
rança!

Vizer. A. C. PEREIRA DE FIGUEIRADO.

Assim como ha flores que necessitam que  
a chuva do ceu desça sobre ellas, para que  
mais formosas se ostentem, ha bellezas que  
o soffrimento atila e a que as lagrimas dão  
realce.

AGUSTO SARMENTO.

## À MEMORIA

A. CABEDO

Off. a

A. F. de Castilho

Soffreu: se o mystico fogo

Incendeu-lhe a phantasia!

Das mágoas em desafogo

Olhava o mundo, e sorria

Nos jubilos da indifferença

Os sorrisos da ironia!

Nos fastos da desventura

Precoces lições colheu:

Passou dias d'amargura

Mas não foi blasphemo ao ceu,

Porque o sol da sancta crença

Lhe inspirou resignação.

Quando nos brindava flores,

Sentia crueis espinhos

Rasgarem-lhe o coração,

E Deus sabe quantas dores

Lhe custaram seus carinhos!

Viveu a chorar, cantando;

Por muito soffrer canções

Deixou cahir o alaude,

E a fronte apoz reclinando

Sorriu ainda... e passou

Era o martyr da virtude

Que nas ancias da agonia,

Quando a febre o consumia,

A Deus orava e sorria

Como a ave que descantava

Entre as sarças sua dor

E vem o tiro certoiro

Quebrar-lhe as últimas notas

Do seu hymno; como a flor

Que as auras seduz e encanta,

Quando o tufão traiçoeiro

A esfolha e prostra no chão,

Tal cae o genio. Desceu

Esse astro que o animava

Do zenyth ao perigeu.

Cessaram cantos risonhos,

Esvaiu-se a meiga luz...

Resta so memoria qu'rida

Um livro — a c'róa de espinhos...

A sepultura... uma cruz.

EDUARDO COELHO.

## O VELHO DAS DUAS FLAUTAS

TRADUÇÃO

DE

Emile Souvestre

AO MEU AMIGO

Luiz Carlos Simões Ferreira

No xiv seculo, havia no principado de Kalenberg uma cidade chamada Hamelen. Edificada no confluento do Hamel e do Weser, entravam em seu porto navios de todas as nações, cuja carregação depois distribuia por toda a Allemanha. Em toda a parte era citada pelo seu commercio, riqueza e poder; e um filho de Hamelen tinha a certeza de ter em todos seus protectores.

Razão ésta que tornára seus habitantes duros, injustos e orgulhosos, como de ordinario acontece a quem tem o que deseja.

Sucedeu que um dia entrou o porto da cidade um navio estrangeiro, de construcção tão exquísita, que os mais velhos dos marinheiros não souberam dizer onde se teria construido; não tinha vellas nem remos, e a carga era de fazendas de seda, pelles de animaes, ouro em po e especiarias do Oriente. Guiava-o apenas um velho, de barbas brancas, vestuario de velludo amarello, apertado com um cinto de linho, e trazendo, suspensa do pescoço, uma cadeia de prata e duas flautas, uma de marfim, d'ebano a outra.

Como se imagina, todos os habitantes de Hamelen voaram ao porto, para ver o nunca visto navio, e o capitão desconhecido que o governava; com benevolencia foram acolhidos os visitantes pelo velho, que a suas questões tão somente respondia, que viera commerciar, e não contar sua historia; e dizendo isto mostrava as mercadorias patentes sobre a coberta.

Comtudo ninguem comprava; e cada um de per si commentava sobre o mysterioso estrangeiro; diziam uns que devia ser algum judeu do Oriente, attrahido alli pelo ganho; eram de parecer outros que tinha vindo da India, por caminho desconhecido, pelo norte; e havia até quem suspeitasse ser elle um pirata rico que dera cabo de todos os companheiros.

E é de ver que foi ésta opinião mais ac-

ceita, por ser a mais desfavoravel; propagou-se na cidade, e em breve foi do conceito público que o velho das duas flautas (que assim o appellidavam) era um corsario, que andava vendendo o fructo de suas rapinas. E alguns habitantes então julgaram de momento interrogal-o acerca da verdade: opinaram, porém, outros que havia direito para prendel-o; e um negociante, receiando que lhe tirasse o estrangeiro a freguezia, accrescentou que o melhor seria, antes de mais nada, apprehender-se-lhe a fazenda, como de homem suspeito. E foi este último parecer que predominou.

Requisitou-se ao conselho que governava Hamelen, e alguns magistrados foram a bordo apoderar-se de quanto encerrava o navio.

De balde se quiz o velho oppor a tal, ponderando que o sequestravam sem razão nem justiça possível; mas os magistrados lhe disseram que lhe restituiriam as mercadorias logo que provasse que de direito lhe pertenciam; e ameaçando-o, se resistisse, de o prender.

Comprehendeu então o estrangeiro que lhe não dariam razão; assentou-se ao leme e deixou que lhe levassem tudo, sem dar uma palavra. Depois, quando sahiram, soltou a corda que prendia o navio, e seguiu a corrente.

A multidão curiosa e os proprios magistrados estavam no porto para o ver partir. O velho, que o notou, inclinou-se sobre a borda do navio.

«Eu parto, homens injustos! exclamou elle, com voz ameaçadora; mas deixarei aqui com que os puna, e com que me vingue!»

Nisto, abriu a bolça que lhe pendia da cinta, e tirou tres pequenos animaes, quasi semelhantes: eram uma toupeira branca, um arganzaz e uranoscópio. Todos tres se lançaram á agua, e nadando, attingiram a praia.

E o navio seguiu seu rumo.

(Conclúe)

ALFREDO ELYSIO.

Apesar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e o mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio.

GARNETT

## O CANTO DA COSTUREIRA

... le travail est un trésor.  
LA FONTAINE. *Fables*.

Sobre esta fofa almofada  
Reclinada, a costurar,  
Eu vejo a risonha vida  
Nesta lida a perpassar.

Não m'importam as visinhas,  
Que mesquinhas, sóem amar;  
Não m'importa entre folguedos  
Risos ledos adorar.

Não m'importa a borboleta,  
Inquieta, a doudejar,  
Nem dos bailes a belleza,  
A pureza a cercear.

Não m'importam essas salas,  
Falsas galas a ostentar;  
Onde espinhos, e não rosas,  
As formosas vão buscar.

Vale mais viver a vida  
Nesta lida d'invejar,  
Do que ir do mundo ao bulicio  
Alem exicio procurar.

Vizeu.

A. G. PEREIRA DE FIGUEIREDO.

## Expediente

Por nos constar que muitos dos srs. assignantes não ficaram satisfeitos com se haver augmentado mais meia folha de impressão ao jornal, á custa do volume de romances e poesias que em tempos se promettêra, considerando que muitos senhores se assignaram o segundo semestre em vista da promessa d'esse volumé, e considerando por fim que a maior parte dos srs. assignantes antes preferiam o volume ás quatro páginas mais que o jornal começou a dar no n.º 16, nós deliberámos, em vista d'isto, tirar essa meia folha do 1.º de agosto em diante, ficando portanto os «Hymnos e Flores» so com as

oito páginas que primeiro teve; e deliberámos mais dar infallivelmente no fim do anno o volume prometido, na certeza de que fazemos isto tão somente por condescender com o desejo dos srs. assignantes, desejo que nós muito acatámos, porisso que todo o nosso empenho é que os srs. assignantes não tenham que se queixar da redacção, antes pelo contrário so motivos lhe achem de louvor.

A todos os srs. assignantes do Porto, Braga, Vizeu, etc. que ainda até hoje não satisfizeram o importe das suas assignaturas a este jornal, tanto do primeiro como do segundo semestre, de novo, e com muita instancia, tornámos a pedir que se dignem fazel-o dentro do praso mais curto que podem.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## SCENAS ROMANTICAS

## COLLECÇÃO DOS ROMANCES

Sorrisos e Lagrimas, Amor Funesto,  
Magdalena, Ha males que vêm por bens

POR

*Henriqueta Elysa Pereira de Sousa*

E

*Alfredo Elycio Pinto de Almeida*

À venda nesta redacção, e na livraria central e viuva Moré, e lojas dos srs. José de Mesquita em Coimbra, e Jacintho rua do Almada, Porto, e em Vizeu.

## PROVIDENCIA

POR

*Augusto Sarmento*

Preço 600 réis

À venda nas lojas do costume.



## MEMORIAS

A MINHA PRIMA E AMIGA

M. E. R.

Não sabes que as cinzas ás vezes palpitam  
Se um sôpro as agita no somno fatal?  
Centelha invisível, se a um canto se occulta,  
Não pôde este sôpro tornar 'num fanal?

Não toques na chaga, que as provas e os annos  
De ha muito fizeram talvez cicatriz...  
P'rigosa experiencia... se a crusta se fende  
Mais fortes as dores de novo sentis!

Um livro ha na vida que pôde esquecido  
No pó das chimeras p'ra sempre jazer,  
Se mão descuidada não volve essas folhas  
Que encerram memorias p'rigosas de ver!...

Mas quem do passado nas cinzas ja frias  
Sentir que se agita lembrança de dor,  
Não pôde exemptar-se d'um grito que aos labios  
Lhe assôma do peito com surdo rumor.

É a voz das ruinas, que o musgo não cala,  
Se as lages resôam com os passos d'alguem!  
Ha echos occultos que os sons repercutem,  
E ha cordas sumidas que vibram tambem.

As mágoas que dormem não demos um pranto,  
As cinzas perdidas de morta illusão:  
Mais vale esse olvido na lapida fria  
Que o riso pungente d'atroz irrisão.

Passado, respeito-o, que o tempo o venera;  
De Deus a justiça não manda exhumar  
Dos mortos a ossada, p'ra pasto dos risos  
Da turba que as cinzas não quer respeitar.

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

1863.

LUIZ CARLOS.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 18. 1 DE AGOSTO DE 1863.

## A CAMPA E A ROSA

IMITAÇÃO LIVRE DE VICTOR HUGO

A SUA AMIGA

A. A. V. de Carvalho

Off. a Auctora

Disse um dia a campá á rosa:  
«Dos prantos da aurora q'rida  
Que em ti bebe a mariposa,  
Que fazes tu, flor sentida?»

Disse a rosa á sepultura:  
«Tu que fazes das mil vidas  
Que em teu abysmo mão dura  
Arremessa arrefecidas?»

Diz mais a rosa pendente:  
«Dos prantos da madrugada  
Eu perfume o ambiente  
De que me vejo cercada.»

Redargue a campá sombria:  
«De cada bella existencia,  
Que envolve na terra fria,  
Eu faço um anjo na essencia.»

HENRIQUETA ELYSA.

?...

Diz-me tu, donzella, ignoras  
Que no mundo existe alguem  
Que em ti scisma longas horas  
Quando a paz da noite vem?

Mariposa, que tão leda  
Divagas de flor em flor,  
Doce voz não te segreda  
Terna palavra d'amor?...

## MEDITAÇÃO

FRAGMENTO D'UM LIVRO ÍNTIMO

E eu vi fulgurante ante meus olhos, e senti viva na minha alma, a religião do Christol! E' nessa hora de angustiosa tribulação abracei-me á cruz com a fe ardente do que renega e descre' do mundo!

Desceu sobre mim uma visào de brancas azas, tocou-me com um dedo de fogo a fronte, e apoz a mente se me illuminou com um raio de sublime crença, indo reverberar-se na alma em centelhas fulgurantes de esperança!

Ajoelhei e orei.  
Era a oração que vinha aos labios unguida com lagrimas de reconhecimento!

Pouco e pouco as larvas do soffrer foram-se dissipando, as trevas condensadas no espirito pela pressào d'uma dor longo tempo reprimida, abriram-se para os horizontes d'uma futura felicidade, cuja aurora começava de raiar pelo infinito do ceu. Era de la que o futuro me sorria, la fóra a minha crença refugiar-se no seio da Eterno que a abrigou como filha!

A religião é o balsamo para as feridas da alma, fonte perenne de consolação para todas as dores!

Nunca o homem é desgraçado se se abraça com ella. Teceu o Christo uma coróa de espinhos para si, e resgatou a da bemaventurança para o homem. E o homem passá e não ajoelha á cruz; e não lava com pranto as chagas do Salvador!

Meu Deus, a vossa misericordia é infinita, mas a impiedade do homem é maior ainda! E o impio passa ante a cruz e sorri! sorri, mas o remorso la lhe fica doendo 'nalma, pagando-lhe o escarneo com a dor, a ironia com a angústia, e o despreço com uma agonia lenta para cada instante!

E as lagrimas vieram mais copiosas banhar-me as faces.

Oh! naquelle momento offereci o meu martyrio em holocausto ao suplicio do Homem Deus, e achei insignificante, quasi invisivel a offerenda! Oh! Christo desce á minha alma com um raio de infinita graça: tira-me das trevas do erro, e illumina-me com a luz do entendimento divino!

Antejejo mundos desconhecidos onde os astros se accendem para o banquete dos anjos, mas a vida prende-me com algema de ferro ao lodo escuro da terra: o pensamento vò, mas a alma ainda fica: partida ésta prisão a alma subirá tambem para o infinito onde habita Deus.

Lodeiro, 19 de julho de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

## ADEUS

Voici l'heure de nos adieux.  
L. MARTINE. Méditations.

Adeus, visào d'instantes! branco lyrio  
Que o arido caminho da existencia  
Me enfeitaste somente em curto espaço!  
Ao longe, ao longe irás com teus encantos  
Ganhar conquistas novas, novos myrtos  
Que devam circumdar-te a fronte alegre:  
Eu, pobre sonhador d'ignotos sonhos,  
Eu, transumpto de pallidas tristezas,  
Fôra indigno, mulher, de ver-te os labros  
Abertos sempre em extasis de gozo!  
Nem mal nascida planta, que vejeta  
Em terra sò de asperros espinhos,  
Tem d'uso florescer das rosas juncto:  
Ás rosas o jardim: á planta o ermo  
Onde, sem luz do sol, sem doce orvalho  
Ao sópro myrrador do outomno expire!

Julho de 1863.

LUIZ CARLOS.

## ALPHA SEM OMEGA

Deusa, desfaço o altar, quebro o thuribulo,  
Fica em paz, ai! na paz que ja foi minha,  
Quando a teus pes rojado inda não tinha,  
Nem sonhára sequer teu nome so!  
Foste surda até hoje ás minhas súpplicas,  
Surdo tambem serei a teus embustes...  
E nas mãos com que os laços teus me ajustes  
Deixo a capa, mulher de Pharaó.

A. S.

O amor esclarece-nos a vida, mas consome-a: coróa-nos de luz, mas o fogo que a alimenta devora-nos o coração.

AUGUSTO SARMENTO.

## A ESPADA DE ALEXANDRE

Faz agora cerca de dois mil duzentos e dezeseis annos que num mesmo dia succederam duas grandes catastrophes; ardeu um famoso templo e nasceu um famoso conquistador.

Alexandre Magno era filho de Philippe de Macedonia. Está dito tudo: de boa árvore bom fructo. Atrevido, corajoso, valente, alma grande, quem lh'o não chamar deve-o á consciencia, e á historia que é a consciencia dos seculos.

Disse-lhe catastrophe o nascimento: salve-me o poeta, cujo a ideia é:

«Em suas iras de flagello aos povos  
«Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

De suas grandes façanhas rezam muitos livros. Não curo agora d'ellas, mas d'uma quasi bagatella, que todavia mereceu passar em proverbio quando é mister resolução prompta para romper embaraços: cortar o *nó-gordio*.

Cançados os Phrygios de dissensões continuas pôr-lhes termo anceavam. Consultaram o Oraculo, que lhes deu em resposta que deviam eleger um rei.

—E quem será?

—O primeiro que ao templo de Jupiter vier num carro.

Coincidia isto com um facto que se estava dando noutra parte. Um lavrador amanhava em boa paz as suas terras, sem se lembrar de Cincinnato, que mais tarde viria, quando uma aguia, baixando do throno excelso do Tonante veio poisar sobre o temão do seu carro. O bom do homem tomou o successo em maravilha, e qualquer de nós faria o mesmo. Foi-se ter com as adivinhas:

—Isso quer dizer, respondeu uma mais moça, e, diz-se que, donzella, que tu deves fazer a Jupiter sacrificios como rei.

Sem mais detença, trepa ao carro, e ao templo se dirigia em tal proposito quando foi encontrado pelos que buscavam um rei. Foi eleito em continente.

Seu filho e successor, Midas, consagrou a Jupiter o carro de seu pae, e fel-o guardar no templo da capital do seu reino, que do nome d'elle se ficára chamando Gordium, sita

na margem direita do rio Sangaro, na Asia-menor, hoje Sacaria.

Nesse carro havia um nó a prender a canga ao temão, tão intrincado e escuro, que não era dar-se-lhe com ponta por onde se desatasse. Ou pela cidade, ou pelo rei, dono do carro, era conhecido pelo nome de *nó-gordio*, e promettia o Oraculo o imperio do Oriente a quem quer que o desatasse.

Dispondo-se para a conquista da Asia, acertou de passar alli Alexandre no tempo d'este Midas, e quiz ver o mysterioso nó. Tentou desdal-o, não foi para elle. Cançou a vista, maguou os dedos e ficou como d'antes.

— Não importa, disse elle, puchando da espada, como se desfaça...

E d'uma cutilada desmanchou-o.

E assim cumpriu ou illudiu o Oraculo, conclue o seu historiador Quinto Curcio.

Como fôsse, aquelle lance da espada valeu-lhe uma grande victoria, e teve grande influencia nos seus destinos. D'ahí ávante os seus soldados viram nelle mais do que um heroe, viram o enviado dos Deuses, e com elle não havia empreza a que se não arriscassem por gigantesca e temeraria que fôsse. Aquella espada que os guiava estava fadada a ser um dia sceptro d'um grande imperio, e onde ella fulgisse não podia falhar victoria. Effectivamente Alexandre Magno chegou a dominar todo o oriente da Asia até o Indo, e Deus sabe onde iria, se prematura morte o não tolhesse.

O *nó-gordio* são mil pequenezas que na vida nos estorvam. Na fe em Deus e inteireza de nossa consciencia temos todos nós a espada de Alexandre.

## A LUA

Leva-me, ó lua, contigo  
Prêso num raio dos teus.

NÓ DE LENÇOS.

Tu que divagas, ó lua,  
Pelas campinas do ceu,  
Sem que tolde a face tua  
Das nuvens o denso veu,  
Diz-me se no rosto d'ella,  
Na rósea face tão bella  
Pousa agora um raio teu?

Diz-me se os olhos fitando  
 No teu disco de marfim,  
 Te vae'nelles confiando  
 Um segredo para mim?  
 Se lhe ouves um ai saudoso  
 Perpassando-lhe amoroso  
 Pelos labios de setim?

Ou se lhe arfa o terno seio  
 Em inquieta agitação  
 Ondeando em leve anseio  
 Co'o bater do coração?  
 Se acaso se lembra agora  
 Das minhas vistas d'outr'ora,  
 Da minha funda paixão?

Tu que campeias vaidosa  
 'Nesses espaços d'anil  
 Podes lograr-lhe ditosa  
 As bellezas do perfil;  
 Podes co'a luz refulgente  
 Aspirar-lhe o bafo ardente  
 Juncto á bócca tão gentil.

Se pudesses um suspiro  
 Ir-lhe num raio levar?  
 Ou o ar que aqui respiro  
 Fazer-lh'o a respirar?  
 Se um doce beijo fervente  
 Me fôsses tu de repente  
 No curtó labio pousar?

De balde, que tu — ó astro —  
 Tens de gelo a tua tez,  
 E teu rosto d'alabastro  
 Na alvacenta pallidez  
 So infunde no meu peito  
 Um sentimento sujeito

À solidão e mudez.  
 Mas não me apagas da alma  
 O fogo que a alimentou,  
 Dos meus sentidos a palma,  
 Este amor que me inspirou;  
 Que este amor é minha estrella  
 Que gentil e meiga e bella  
 Nos ceus da vida raiou!

A. A. F. P. 1892

O amor não timbra de prudente, e um  
 quasi nada o denuncia.

AUGUSTO SARMENTO.

## COMO SE INVENTAM DESGRAÇAS

Vitam regit fortuna, non  
 sapientia.

### I

Era Polycarpo Pires Galvão Soares e Sousa um rico morgado não sei d'onde. Parecia visto de longe um rapazola soberbo, capaz de fazer façanhas dignas de melhores tempos, *tão grande era de membros* e desembaraçado de movimentos. Mas analysado de perto deixava ver que era um pobre moço, com uma physionomia pacifica e simploria.

No fundo era um ente amigo do seu semelhante e de si, mas mais de si que de seu semelhante.

Contava-se que tinha originalidades, que 'noutra terra, que não fôsse a sua morgadia, onde ainda não chegára a civilização, fariam d'elle um homem glorioso.

Escolhamos duas entre quarteirões.

Professava um gosto especial por imitar os cães; quando ia á caça, não era raro ser visto a correr pelas moutas atrás dos sabugos, com as mãos pelo chão e ladrando.

Imitava tão perfeitamente o canto do gallo que enganava.

Quando o vinham visitar alguns amigos encontravam-no quasi sempre num trapesio, á laia de poleiro.

Viveu durante alguns annos Polycarpo entregue á doce ignorancia das cousas do mundo, até que um dia um amigo deixou, numa visita, ficar por esquecimento um romance em casa d'elle.

Maldicto esquecimento, causa de tantas desgraças! Mas *não antecipemos*.

Viu o morgado o livro e teve curiosidade de ler algumas páginas; gostou e continuou.

Chegado á última pendeu-lhe a cabeça melancolicamente na mão e sabiu-lhe do peito um suspiro proporcional ao tamanho d'elle. No dia seguinte mandou vir um sortimento de romances.

Dias depois já não ladrava nem cantava.

Ficava-se horas inteiras num ancear vago e sem objecto.

Os criados que o viam sempre a ler diziam entre si:

— Que felicidade para o sr. João Sousa,

se vivesse, ter um filho tão amigo de estudar!

— Mas como elle assentou' tão depressa! Parece incrível, quando a gente se lembra do que elle era ainda ha pouco tempo.

— Cedo ou tarde se deixa a gente de brincar, meu amigo.

Gastou Polycarpo pouco tempo a iniciar-se nos segredos do coração, de modo que foi, passados dous mezes, a Lisboa tractar de arranjar uma paixão, com immensa quantidade de ideias falsas sobre o amor e mulheres.

Fez durante a jornada milhares de projectos como faria outro qualquer no mesmo logar, e a final escolheu para objecto de seus amores a filha d'um proprietario da sua terra, que tendo enriquecido no commercio da laranja, fôra viver á grande em Lisboa, onde morreu deixando á viuva e filha um rendimento razoavel.

Chegou o morgado a Lisboa.

Foi recebido de braços abertos por alguns seus antigos conhecimentos e convidado para um baile por um deputado, seu parente em terceiro grau, que havia muito não tinha visto.

Não cabia Polycarpo em si de contente; todos eram amigos d'elle; convidavam-no para festas; dirigiam-lhe cumprimentos sobre a sua pessoa.

Pelos romances tinha o nosso heroe conhecido as grandes amizades; é verdade que tambem tinha lido, que ha falsos amigos, mas 'neste ponto não quiz acreditar os romances. D'isto se seguiu adquirir uma quantidade de amizades, que faziam recear por elle.

A mãe da menina que elle escolhêra para amar fez-lhe um acolhimento, que nada lhe deixava a desejar. Em quanto á filha, essa so disse as palavras costumadas para responder ás informações sobre a saude.

Era uma menina de 22 annos, com um ar repassado d'um *não sei que*, que eu chamaria aborrecimento ou sensaboria, mas que ella e muito boa gente pensa ser tristeza, ou pesar.

Estava a uma janella d'onde se via o Tejo, com os olhos no ceu, e tendo no regaço as Meditações do Lamartine, que lhe emprestára um caixeiro das vizinhanças.

Recolheu-se o morgado a casa porque

eram horas de jantar, com a cabeça e o coração a arderem; mas, aqui para nós, parece-me que a cabeça ardia mais que o coração.

A noite foi Polycarpo ao baile do deputado.

Fez uma figura magnifica; foi apresentado a uns poucos de barões, não sei quantos viscondes, e a uma infinidade de conselheiros, depois do que o deputado chegou-se a elle e disse:

— A minha filha, caro primo, terá muito gôsto de dançar comsigo.

— Oh! primo, mas eu não sei dançar.

— Falle mais baixo, primo. Ha certas cousas que se devem dizer de vagar.

— Tem razão, primo.

— Amanhan mando-lhe um mestre de dança que o dará prompto em poucos dias.

— E eu que tomei hoje um mestre de esgrima.

— Mestre de esgrima?!

— Admira?

— Sim.

— Porque?

— Hoje não se aprende a jogar espada.

Estamos no seculo imminantemente progressista, no reinado da intelligencia, em que o ferro so serve para carris e máchinas de vapor.

(Isto é um fragmento d'um discurso feito por elle na camara).

— 'Nesse caso despeço amanhan o mestre.

— Aprenda, ja que principiou, porque póde ter que bater-se com algum noticiarista.

— Com um noticiarista?! E porque?

— Pois não sabe que os noticiaristas são a praga do seculo, os homens cynicos por excellencia, que ousam atacar as mais solidas reputações?

N. B. Um noticiarista tinha dicto que o deputado fizera nas camaras um discurso de hora e meia sem concluir nada.

— Mas ha todavia algumas excepções, continuou o deputado. Vê acolá aquelle rapaz de lunetas? é uma excepção. Vou-lh'o apresentar.

*Observação.* O tal rapaz de lunetas elogiava os discursos do deputado e descrevia os *toilettes* das damas que iam aos bailes, que elle dava.

Finda ésta apresentação, julgou o morgado

seu dever ir junctar-se ao simicirculo formado juncto da menina Claudina, filha do deputado.

Conversava-se; ria-se; fallava-se de litteratura, bailes; mas apenas o morgado se aproximou a menina tornou-se séria.

Julgaram os circumstantes que Claudina queria zombar de Polycarpo, mas foram bem de pressa desenganados.

— Tem-se divertido muito, meu primo? Podemo-nos chamar primos não é assim?

Ficou Polycarpo um tanto atrapalhado, por não saber a qual das perguntas devia responder primeiro. Julgou de razão responder pela ordem por que tinham sido feitas.

— Um pouco, minha senhora.

— Tenciona demorar-se algum tempo em Lisboa? A sua terra deve ser muito aborrecedora, não é assim?

— Algum tempo, minha senhora.

— Durante o inverno, provavelmente?

— Não, minha senhora. Estamos ja no fim de fevereiro, e eu tenciono demorar-me pelo menos seis mezes.

— Não tem dançado?

— Não, minha senhora.

— Professava talvez pouco gôsto pelo culto de Terpsichore?

Vão julgar os leitores que Polycarpo ficou com cara de tolo sem entender o que Claudina dizia. Pois enganaram-se, meus caros. Se elle não tivesse lido romances aconteceria talvez assim. Mas felizmente ja sabia o que era Terpsichore; por isso respondeu:

— Não sou apaixonado por elle, minha senhora.

So então reparou que ninguem estava ja em roda da menina Claudina, e que todos iam sahindo. Entendeu pois que se devia tambem retirar, o que fez depois de se despedir da familia da casa.

Claudina ficou pensativa.

Porque?

(Continua).

A. COELHO.

### BRUELLINDA

§. 3.º

— Isso la é verdade (acode Ambrosio)

Eu, quando largas dou ao intellecto, É ca fóra no campo. Em casa como,

Bebo e resono, e conto ao fóro as tábuas.

Isto iamoz dizendo e andando sempre.

Chegavamos ao sítio, onde o progresso

Fixou longos carris, que fôsem estrada

A rapidos vehiculos, que excedem,

Na solta marcha, o mais veloz cavallo;

E que fizeram recuar a Ambrosio,

E ficar admirado so de vel-os.

— Pois era isto, amigo, a via ferrea?

— É sim, disse eu, que pasmaceira é essa?

— É que nunca tal vi!... Sempre isto é obra!

E ja me ia cahindo em novos extasis,

Mas eu que tinha pressa:

— Deixa, Ambrosio,

Essas meditações fóra de tempo.

Toca a girar!»

E entrámos no comboio,

Alli junctos fallando uns eruditos

O estylo d'um jornal analysavam.

Um apegado á lingua de Philinto

Cevava no papel a sua cholera,

E não lhe achava linha portugueza.

Outro ria das iras impotentes

Do sizudo parceiro. Outro fallava

Portuguez e francez, tudo á mistura,

Com tempêros d'inglez, em longos periodos.

— Que algarviada é ésta?— diz-me Ambrosio.

Alguns deixando a bulha das palavras

Dissertavam em cousas de politica.

Eu fui adormecendo e fui sonhando:

E clevei-me de Broken ás alturas,

Como Fausto na noite de Walpürgis.

Era cousa mais bella. Nem bruxedos

Nem dêmos, nem mammons, nem fogos fatuos;

Mas vi montões de livros, tudo aberto,

De todos os formatos e feitios,

Que cobriam a serra. Em cima nuvens,

Nuven á roda, e tudo escuro e feio.

Quando do meio la da papellada

Surge um phantasma d'homem todo branco,

Que cheirava ja quasi a trinta seculos;

Ou era Homero, ou Solon, ou Walmiki,

Se não fôsse Moysés, ou outro velho,

(Mas não trazia pontas na cabeça).

Depois sahem dos cantos mil figuras

Branças e negras, altas e pequenas.

Eram Stoicos, Theólogos, Pyrrhonicos,

Epicoristas e Peripateticos,

Discipulos de Kant, Hegel, e Newton;

As escholas em fim, quantas existem.

E todas que têm visto a luz do mundo,

Philosophicas, críticas, litterarias,

Com seus chefes á frente. Tudo em gyro

Tudo a ferver, a rir; alguns choravam;  
 Outros os livros todos revolvendo  
 Semelhavam o vento, quando infuna  
 As espumosas ondas, que desfeitas  
 Ruem no abysmo. E lia em letras gordas  
 Feitas no sobreceço d'aquella scena  
 Êstas palavras—Vão orgulho do homem,  
 E tinteiros e pennas a voarem,  
 Como nadam num tanque os tenros peixes,  
 Ou como gyram nuvens transparentes  
 Nas azas da atmospherã. E pouco a pouco  
 Vão uns d'elles olhando para os outros,  
 Fallam depois, e eil-os que discutem.  
 Um momento passou; e de repente  
 Junctam-se todos, todos se confundem,  
 Levantam grande grita, os livros saltam,  
 Anda em passos d'aranha tudo aquillo.  
 Rasgam papeis e rasgam-se uns aos outros;  
 Parece uma peleja. Nem os anjos  
 Tão renhida a travaram com os demonios,  
 Se ella foi como Milton affiança.  
 Mas cae da nuvem subito um retumbo,  
 E linguas mil de fogo saltam, correm;  
 A chamma ardente envolve, accende e abraza  
 Papeis, homens, e monte... E eu acórdo,  
 —Desafiado!— exclamava um erudito:  
 Era o jornal no chão feito pedaços.  
 Elles, a fra escripta no semblante,  
 Do bom Ambrosio o pasmo suscitavam.  
 Taes nos bons tempos das cavallerias  
 Se viam dois fogosos lidadores  
 Um em frente do outro, em meio da praça,  
 Anciosos porque a trompa o signal desse.  
 Consegui com mais dois pôr em socôgo  
 O motim vergonhoso; e feitas pazes,  
 Tudo assentiu que fôra bem ridiculo  
 Por cousas tão pequenas fazer bulha;  
 D'estas e d'outras maximas profundas,  
 Que no meu viajar tenho colhido,  
 Irei aqui algumas derramando  
 Para edificação das almas pias  
 E uso da mocidade estudiosa.

(Continúa)

A. L. SÁNCOS VALENTE.

## O VELHO DAS DUAS FLAUTAS

(Conclusão)

Começaram os habitantes de Hamelen por sorrir-se; mas em breve sentiram quanto era terrível a vingança do velho. Os tres ani-

maes multiplicaram-se tão prodigiosamente, que por fim tomaram posse da cidade inteira. Expulsaram das casas os animaes domesticos, e occuparam os cantos das janellas, logar outr'ora habitado pelas andorinhas.

Apenas se punha a mesa, corriam em multidão, e devoravam a refeição, preparada para a familia. Penetravam em chusma nos grandes celleiros, e consumiam em poucos dias os cereaes destinados ao consumo d'um anno.

D'aqui seguiu-se uma dieta que os tornou mais terriveis ainda, esfomeando-os. Propagaram-se em Hamelen, destruindo todas as mercadorias, e nos navios, roendo as velas e as cordas. Depois atacaram os madeiramentos das casas que começaram a cahir em ruinas; emfim, a fome que os atormentava, tornou-se tão intensa que chegaram a assaltar os homens durante o somno, e a devorar os recém-nascidos em seus berços.

Os habitantes, que tinham empregado sem proveito todos os meios a seu alcance, já não sabiam como escapar a semelhante calamidade. Os armazens estavam vazios, e os navios estrangeiros fugiam de tocar alli.

Acabarja assim Hamelen, se o conselho superior se não decidisse a annunciar que concederia uma recompensa de cem mil peças de ouro a quem livrasse a cidade dos animaes que a devoravam.

Havia já algum tempo que este annúncio fôra publicado, sem que ninguém se tivesse ainda offerecido, quando viram um dia reaparecer o navio sem velas, governado pelo velho das duas flautas.

Não abordou, mas remetteu ao conselho supremo uma carta em que lhe propunha libertar Hamelen do flagello que lhe enviára, pelo preço das cem mil peças propostas.

Depois de lida, correram os magistrados ao porto, e pediram ao velho que descesse a terra, jurando que lhe pagariam a somma promettida, se elle effectivamente tivesse o podêr de os salvar. E o velho, fiado neste juramento, tocou em terra, e, tomando a flauta de marfim, foi percorrendo as ruas de Hamelen, tocando uma aria exquisita, de que nenhuma musica conhecida pôde dar ideia. Ao passo que ia tocando, iam os animaes correndo de todos os lados, e o seguiam como um exército: reunidos que todos elles foram, voltou o velho ao porto e os fez

entrar no seu navio, que tornou a partir por si, e pouco depois desapareceu na embocadura do rio.

Voltando-se o velho então para os magistrados, disse-lhes:

«Cumprí minha promessa; compete-vos agora cumprir a vossa.»

Porém os magistrados, nada tendo já que receiar, principiaram a achar razões para violar a sua palavra.

«A paga, disse um d'elles, deve ser proporcionada com o trabalho; e uma aria não vale com justiça cem mil peças de ouro.»

«Dae-lhe duzentas e elle ficará satisfeito, acrescentou um segundo.»

«Duzentas! exclamou o mercador que da outra vez aconselhára que confiscassem a carregação do velho. Pois esqueceis que foi este homem a causa do que havemos soffrido?»

«É verdade! exclamaram todos.

«Não so nada lhe daremos, mas até tinhamos direito a lhe impor um castigo severo, tornou o mercador; que se julgue, pois, feliz com o deixarmos partir sem lhe exigirmos contas do passado: o nosso perdão é recompensa mais que sufficiente.

Em vão lembrou o velho que o flagello tinha sido a punição d'uma primeira violencia commettida contra elle; e que, antes de o extinguir, tinha exigido o juramento de como lhe dariam cem mil peças de ouro; os magistrados mandaram-n'o calar, e um d'elles, tomando a palavra, disse com ar de piedade, que, vindo tudo de Deus, a elle so deveriam agradecer. Applaudiram todos, e correram á igreja dar graças, como se Deus recebesse as preces dos injustos e perjuros.

Permaneceu o velho em pé no mesmo lugar, até que o último dos habitantes de Hamelen tivesse franqueado o limiar do templo: então, tomando a sua flauta de ebano, disse com voz terrível:

«Sejam recompensados segundo suas obras!»

E, percorrendo a cidade, tocando na flauta negra, iam todas as crianças sahindo de casa, e o seguiam, arrastadas por um poder irresistível. Passou assim diante de todas as portas, e seu sequito augmentava sempre; emfim dirigiu-se ao rio.

Entrementes, os moradores de Hamelen oravam na igreja: mas de repente uma voz lugubre echoou sob as abobadas, e dizia:

«Pagarão os filhos pelos crimes dos paes.»

Ergueram-se espantados, porque tinham reconhecido a voz do velho, sahiram em multidão e voaram ao porto: ja ahi não estava o desconhecido; mas cada vaga do rio trazia á sua superficie o cadaver d'um dos filhos dos cidadãos de Hamelen.

Em commemoração d'este grande desastre erigiu-se uma capella: e sobre as vidraças pintaram mulheres lacrimosas, percorrendo as margens do Weser, no meio do qual se avistavam pequenas cabeças, fluctuando, e pequenas mãos que se erguiam para pedir soccorro: destacava-se o velho, tocando na flauta de ebano; e por baixo de tudo estava escripto:

«A nossos filhos mortos pela malicia do demonio.»

Mas 'nessa mesma noite mão invisível, segundo se diz, apagou as últimas palavras d'esta inscripção, e os hamelenses leram, no dia seguinte, com surpresa e espanto:

«A nossos filhos mortos por causa da injustiça de seus paes.»

ALFREDO ELYSIO.

## VENTURA

Eu não sei; mas se a ventura

Vem do ceu, e so de la,

Tu do ceu baixaste pura...

E a ventura...

'Neste mundo existe ja!

Pois se mostras meigo riso

Atravez de teus desdens,

Não virá do paraíso

Esse riso

Que nos labios sempre tens?

Oh! que vem! Descendo á terra

Nova luz trouxeste aqui:

Quanta dor a vida encerra

Sae da terra

Quando um anjo nos sorri!

Julho de 1863.

LUIZ CARLOS.



## RECORDAÇÃO

Amei! que importa dizel-o?  
Zombarão d'este meu pranto!  
Nem pôde o mundo entendel-o;  
Não sâbe que acerbo encanto  
Do recordar d'outras eras  
Exprime em notas sinceras  
Meu sentido e triste canto!

Conter não posso um gemido  
Com tão pungente lembrança!  
Do meu passado banido  
Ja não se ergue a voz da esp'rança,  
Que ao porvir se eleve intensa;  
Nem ha de vir uma crença  
Mostrar-me perto a bonança!

Tive momentos de dita  
De delirante anhelar;  
Uma ventura infinita,  
Como a não pôde encerrar  
O mundo tão circumscripto  
Na muralha de granito  
Do sentimento vulgar!

Vivi! e vida longa de annos,  
No sonhar de curtos dias!  
Foi bello sondar arcanos  
Do mundo das phantasias!  
Ir nas azas da saudade,  
Percorrendo a immensidade,  
Ouvir do ceu harmonias!

Illusão talvez agora  
Chame alguém ao que senti;  
Irrisão eu soffra embora,  
Que ao desprezo ja sorri!  
Oh! mas amo tal passado,  
Como livro meu, sellado  
Com tudo que amei e cri!

Lodeiro.

HENRIQUETA ELVSA.

Maio de 1862.

HENRIQUETA ELVSA.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 19. 15 DE AGOSTO DE 1863.

## CANÇÃO DO POETA

À MINHA IRMÃ

A. A.

Sans l'épuiser jamais sur toute la nature  
Tu pouvais à longs flots repandre sans mesure  
Um bonheur absolu.

LAMARTINE. *Méditations.*

É tão doce ver o pranto  
Orvalhar a face arada  
Pela febre do soffrer!...  
Ninguém sabe quanto é sancto!  
Quando na alma attribulada,  
Ja não pôde a dor caber!

É o orvalho so que apaga,  
A sede ardente da chamma  
Que vão delirio accendeu!  
Mão de Deus, que sempre afaga!  
A sua voz, que nos chama,  
Quando a crença nos morreu!...

Crenças?... tive-as! e que crenças!...  
Tão viçosas floresceram,  
Que vel-as murchar faz dó!...  
Esp'ranças? tive-as immensas!  
Tambem essas feneceram!...  
Tambem cahiram no po!...

Té a amizade trahiu  
As privações de minha alma,  
Que não soube compr'ender!  
Da criança quem não riu  
Por lhe ver na frente a chamma  
Que não pôde combater?!

Tu, gloria, es sonho, que afagas  
As imagens, que o propheta  
Cria na mente inspirada!  
E com fria mão esmagas,  
D'este sentir do poeta  
A inspiração abrazada!...

O poeta? é pobre louco!...  
Mas do sublime delirio  
Ninguém lhe sabe a missão!...  
Da gloria ideada ha pouco,  
É hoje palma o martyrio,  
O soffrer é seu condão!...

## O EGOISMO

L'egoïste complet est l'ennemi radical de tous ses semblables; et c'est de lui surtout que l'écriture a en raison de dire: *Le méchant sera seull...*

M. VIEILLARD.

É baixa e rasteira a alma, cujo elasterio succede ás vibrações do egoismo.

MORAES CARVALHO.

A virtude d'entre todas a mais sublime é, por certo, a caridade.

Caridade é amor — amor de Deus, amor proprio, sem orgulho, amor do proximo desinteressado.

Deus, legislando aos povos do alto do Sinai, impoz-lhes como primeiro preceito a cumprir — amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos — preceito, na verdade, sublime, que, se fôra cumprido, dar-nos-ia na terra o antegosto da felicidade do ceu.

Vive o homem em sociedade, como em meio proprio, porque a sociabilidade é lei imposta á humanidade, lei a que se não pôde fugir, porque não podêmos dispensar mutualidade de serviços.

O Creador, para nos tornar agradavel o cumprimento d'esta lei, collocou ao lado d'ella o sentimento que nos faz ter horror ao estado de isolamento. A caridade, que se resolve no amor de Deus e dos homens, que partindo do ceu fôra de la enviada para derramar beneficios na terra, se fôra cumprida, seria o elemento mais poderoso do bom viver social.

Dae-me cumprida a virtude da caridade e dar-vos-hei realisadas as ideias de progresso e todas quantas se proclamam ahí como elementos de perfeição.

Tem, por desventura, um grande inimigo a virtude da caridade. É o egoismo. O egoista é homem que vive so para si. Desprezando os interesses da humanidade, fechando os olhos ás miserias do mundo, cerrando os ouvidos á voz do pobre que, não tendo um pouco de pão para comer, lhe estende a mão pedindo-lhe a esmola da caridade, o egoista cura so do interesse individual para elle o

unico que deve attender-se. Desconhecendo o direito e a moral, posterga um, e despreza a outra. Individuo ou sociedade não lhe aventaram sombra de prestimo. Que lhe importam lagrimas de afflicto, miseria de pobres, agonias de enfermos, gemidos de desgraçados?

Nada, ou se alguma cousa lhe importam, é para votar odio áquelles que têm a ousadia de o incommodarem com essas lagrimas e gemidos!

É vicio detestavel o egoismo. Não comportando a ideia de sentimentos nobres, moldado pelo interesse individual, phantasiando montões de riqueza, o egoismo quer realizar o seu pensamento unico, e não duvida enlondar-se num charco de vilanias, se de la poder auferir uma parcella de ouro, a que mira constantemente a sua ambição.

Riqueza é a sua aspiração constante, e para la chegar empregará meios quaesquer que sejam. Dando-lhe uma cor que lhe vele a fealdade que importa o mais?

É que o egoismo tem por companheiro a hypocrisia, sobre cujas vestes esconde os mais negros sentimentos e as mais vis acções.

O egoista, se alguma vez parece condoer-se da desgraça alheia, se uma vez lhe merece attenção o interesse geral, ostentando abnegação do proprio, olhae que fta retribuição superior, ou tenta illudir os que o cercam, impressionando-os com uma acção na apparencia meritoria, com que faça esquecer muitas vilanias que tenha commettido.

O bem que faz não lhe nasce espontaneo do coração, é sempre resultado de calculo.

O egoista é parasita na sociedade; rouba-lhe a seiva que a nutre, as forças que a sustentam, e não lhe dá em troca um serviço, ou se o dá, mercadeja com ella.

Para o egoista o desgraçado nasceu para soffrer e calar, e o importuno que pede um pouco de pão com que mate a fome deve ser castigado severamente pela lei!

O faminto que pede pão é vadio que, fugindo ao trabalho, vive vida de ocioso, perturbando o socôgo! Triste d'aquelle que nascendo num leito de palhas não chegou a ter um manto com que resguardar os membros dos frios de inverno! que curvado constantemente sobre a terra não chega a ganhar o pão de cada dia!

Grandes da terra, dae esmola ao pobre,

enxugae lagrimas de afflictos, e tereis logo condigna recompensa no prazer de consciencia que taes acções originaram.

Funesto para a sociedade pelos males que lhe causa e inútil para seus semelhantes, cujas desgraças lhe não despertam um sentimento benefico, o egoista ha de ser odiado, quando, descida a mascara da hypocrisia, se patentear em toda a sua hidiondez.

ABEL P. DO VALLE.

## CONSELHO

D'amor o vósso thesouro

Se um dia quizerdes dar,

Tomae sentido em que o ouro

Do vosso affecto sem par

Se não empane ao bafejo

De quem não tenha o desejo

De igualmente vos pagar.

Porque é duro dar a vida,

Todo o amor que o ceu vos deu,

Alma, crença, esp'rança qu'rida

A quem vos não entendeu;

Porque então tereis em paga

A mesma sorte que a vaga

Que em dura rocha bateu.

Vêdes hoje o sol brilhante

O veu das nuvens romper;

Mas o vosso amor constante

Nunca pôde desfazer

A fria neve do peito

A que ficaste sujeito

Pará somente soffrer!

A. A. F. P.

Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magua; porque emfim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa.

D. FR. CAETANO BRANDÃO.

## REGRESSO

\*\*\*

Nome, que não se diz; nome, que não se escreve.

ANTHERO DO QUENTAL. Beatrice.

Quando a ausencia involvia meu peito

Em negrumes de infinda tristeza,

Eis que voltas... e á luz da belleza

Eu resurjo com ledo fulgor!

De meus carmes a rude harmonia

A teus pes depuzera contente:

Outra vez 'nessa candida frente

Cingirei novas c'rôas de amor.

E calando meus vagos lamentos,

D'essa voz imitando a doçura,

Ai! talvez a passada ventura

Veja agora de novo florir;

D'esta lyra os accentos festivos,

Que d'ha muito calados sentia,

Dissipada a tristeza sombria,

Voltarão com teu meigo sorrir!

Como aos raios do sol, que desponta,

Negras nuvens se douram no espaço,

Nesse instante, que em languido abraço

Une á terra as delicias do ceu,

Assim eu ao brilhar de teus olhos

Vejo a vida atravez de mil côres;

Doce aurora de castos amores

Rompe alegre, sem pallido veu.

Longe, pois, os queixumes d'outr'ora!

Longe, estrella de agouro funesto!

Os encantos, as graças d'um gesto

Compensaram meu longo soffrer;

E não julgues que d'estes momentos

A risonha memoria me foge:

Onde quer que o destino me arroje

Lembrarei d'esta noite o prazer!

8 para 9 de agosto de 1862.

LUIZ CARLOS.

A felicidade, que se espera, se vem, o

melhor d'ella gosou-se em esperanças; o res-

to, convertido em realidade, pouco vale.

G. CASTELLO-BRANCO.

## A CREAÇÃO

## QUADRO BIBLICO

E disse o Senhor: «Faça-se».  
E fez-se.

Genesis, cap. 1.

No principio dos principios Deus era so.  
Em si mesmo existia e por si mesmo o  
ser unico de todos os seres.

E Deus pensou crear um mundo, e nesse  
mundo quem o conhecesse, servisse, e ado-  
rasse: creaturas intelligentes que merecessem  
seu amor, e gozal-o ao cabo.

«Faça-se» disse elle: e do cahos sahio a  
ordem, das trevas a luz, de Deus o homem:  
do nada tudo.

Seis dias levou a obra do Senhor: seis  
mysterios que amesquinham a razão do ho-  
mem, sempre tão vaidoso no seu nada. Quem  
podér medir a eternidade terá sabido a me-  
dida d'estes dias. O tempo não estava ainda  
creado, porque o tempo é a duração do ho-  
mem, e o homem foi a última das feitura  
do Senhor. Causa dó que tão alto queira as-  
cender o último atomo da grandeza.

Homem, homem, bem maior do que tu  
mesmo é o teu orgulho, e maior do que teu  
orgulho é a tua cegueira.

Porque tu levas o atrevimento a tentar os  
arcãos do infinito, e quando te vanglorias  
de havel-os devassado, o dedo do Senhor  
derriba-te a audacia, e nescio, mais nescio  
do que estavas, ficas sempre.

Não ves que es imperceptível ponto num  
espaço immenso: que assim como os olhos do  
teu corpo, por mais alto que subam, que-  
bram sempre em incurtados termos: assim  
os teus olhos do espirito têm de parar sem-  
pre nos limites tallados pela mão do Eter-  
no.

Ha seculos em que andas empenhado numa  
lucta impossivel, e porque não vences, des-  
atinas.

Mas não desistes. É porque a cegueira é  
mais cerrada.

No último dia creou Deus o homem.

«Faça-se» dissera o Senhor quando creára  
a luz no primeiro dia: «Faça-se» firmamento  
no meio das aguas, que as superiores das  
inferiores divida, disse no dia segundo. No  
terceiro: «ajuntem-se» num lugar so as

aguas todas inferiores, e appareça terra en-  
xuta. «Façam-se» luzeiros no firmamento do  
ceu, que dividam dia e noite, que marquem  
os tempos, os dias, os annos: foram pala-  
vras e obras do dia quarto. «Produzam» as  
aguas, os ares, e a terra seres viventes, que  
cresçam e se multipliquem nas aguas, nos  
ares, e sobre a terra; isto disse nos dias  
quinto e sexto.

E mais accrescentou no dia sexto: «Faça-  
mos» o homem á nossa imagem e similhan-  
ça. De todas as creaturas, o homem so foi  
digno da propria pessoa do Omnipotente:  
«faça-se»; «façamos».

E creára o Senhor Deus na terra um pa-  
raiso, um pomar rico e delicioso, um lugar  
ameno e encantador, onde manifestára todas  
as galas de seu immenso poder. Os ardores  
do sol da Palestina quebravam ahi em copas  
de emaranhada verdura: num chão de viçoso  
musgo cahiam sasonados fructos, o ananaz  
dos tropicos a par do dourado pomo do meio  
dia. No centro erguia-se a árvore da vida e  
a árvore da sciencia do bem e do mal. Ser-  
peavam-lhe em volta as frescas aguas de qua-  
tro rios.

E ao meio do paraizo levou o Senhor Deus  
o homem, todo esse encanto e grandeza lhe  
mostrou, fez que todos os seres animados  
ante elle viessem, que elle a cada um po-  
zesse nome, como que para lhes assignar  
posse, e disse:

— Eis que á tua guarda confio tudo o que  
ves. De todas as árvores que aqui estão co-  
merás os fructos: excepto da sciencia do bem  
e do mal. Nesses não toques. Respeita-os  
em respeito a mim. Formosos são por fóra:  
dentro fecham a morte. É so o que te exijo,  
e livre te deixo: sê feliz.

Mas feliz não podia o homem ser. No cen-  
tro de tanto bem, rodeado de tanta belleza,  
de tanta abundancia, de tantas alegrias, o  
seu viver era triste, era desconsolado. Por  
toda a extensão do poder do Senhor, entre  
tantas creaturas, tão variadas, tão magnifi-  
cas, não via uma que lhe fôsse semelhante,  
que lhe sentisse a vida. De graça era rico,  
de bens da terra muito rico, mas não lhe  
bastava nada porque era so.

E o Senhor Deus mandou-lhe um somno  
suave e profundo.

E eis que dormindo lhe parecia a elle que  
o coração lhe ia faltando, que d'esse lado

não era completo, que uma parte de si mesmo não era em si. Uma dor aguda o penetrou um instante, quebrou-lhe forças, seguiu-se ineffável gozo e desconhecido.

E acordou. Diante d'elle estava uma creatura nova, um mimo de Deus. Sorria-lhe, estendia-lhe a mão, mostrava-lhe o ceu. Seus olhos eram lindos como os raios do sol por entre a folhagem do paraíso: seu sorriso gracioso como o amanhecer da aurora do seio das aguas: sua postura e graças não tinha elle com que as comprar.

Mulher! exclamou 'num extasiis de arrebatamento.

E' nessa palavra resumiu tudo o que de melhor pudéra conceber a essencia de todas as ideias grandes que lhe dera o Senhor.

Ergueu-se, caminhou a ella, estreitou-a a si, entregou-lhe inteira a sua vida. E disse:

— De mim sahiste, mulher: sente a falta o meu coração. Tu es carne da minha carne, osso de meus ossos. Agora sinto a minha existencia completa. Pelo que em todo o correr das gerações venturas o homem por ti deixará pae, mãe, familia, tudo. E tão unidos seremos nós, que de dois fazamos um só: em duas vidas uma só vida, em duas vontades uma só vontade, em duas carnes uma só carne.

E o Senhor Deus baixou á terra, e disse:

— Crescei e multiplicaes-vos. Enchei a terra, sujeitae-a, estendei dominio sôbre os peixes do mar, as aves do ceu, todos os viventes que se movem sôbre a terra. Porque todo este mundo é vosso, para vós o creci. Estes animaes são para vosso serviço, éstas aves para vosso regalo, éstas arvores para vosso gozo, éstas flores para vosso enlevo. Disponde de tudo, que tudo vos dou. So guardae o meu preceito. A felicidade está ao alcance de vossa mão. Tendes a minha graça, tendes a vida, tendes amor: gozae de vós mesmos.

E o Senhor abençoou-os.

E o homem sentiu repassar-se da felicidade, e nascer d'ella mais nobre e mais puro dos sentimentos: a gratidão. Seus joelhos vergaram á terra; sua alma levantou-se ao Eterno.

— Bemdicto seja o teu nome, Senhor Deus do ceu e da terra: — Porque tu es grande em tuas obras, generoso em tuas acções, incomprehensivel em teus projectos.

— Com a omnipotencia da tua palavra firmaste o ceu, e a terra: e tudo o que existe é obra d'uma palavra tua.

— Disseste ao nada: «faça-se» e o nada obedeceu-te, e de si fez sahir a luz, e o sol, e a terra, e a vida, e a mim mesmo.

— Do po da terra me tiraste, deste-me a tua imagem e simbança, dás-me a tua graça, e o teu amor: para que, Senhor?

— Para seres feliz: responde a tua bondade infinita:

— Confunde-se o meu espirito: hossanna te diz o meu coração, que minha bócca é muda diante de tua magestade. Por todos os seculos dos seculos: hossanna!

### EXEMPLO DA

### III

Vinha entretanto Ermelinda ao som das vagas,  
Que mansamente o bôrdô humedeciam  
Da venturosa barca, ja ansiosa,  
À vista pelos mares alongando,  
Que tão distante a praia ainda tinham.  
De pé no tombádilho, inclina a fronte,  
Nô hombro do irmão, que a vê todo inlevado,  
Como se visse um anjo. E um anjo era,  
Alvas as longas vestes ondulavam  
Agiladas da aragem: pelos hombros  
D'ella e do irmão cabiam desprendidas  
As finas tranças d'ebano purissimo,  
Onde o sol do occidente refulgia,  
Como em noite serena a luz da estrella:  
Sôbre o indeciso azul do firmamento,  
Foi assim pelo menos que ella o disse.  
Quando em Lisboa a vi, em certa noite,  
Tipo da mulher bella, se o buscáreis  
(Isto não me disse ella, mas supponho-o)  
Estava alli moldada em fôrma humana,  
Real, e não phantastica figura,  
É bem raro encontral-o; usam poetas  
Imaginar um ente, que preencha  
Todos os seus anccios; e d'esta arte  
Consola-se com a fôrma, que encontrára,  
Como se fôra alguém de carne e osso.  
Mas é uma tollice. Eu sou do voto  
Que ha no mundo real entes mais bellos,  
Que muitas creações da phantasia.  
Se são poucos, procurem-nos, inquiram-nos:

É bem raro encontral-os, mas encontram-se.  
E se Ermelinda alguém negar que o fôsse,  
Salte á arena, que a luva eu sou que a lanço!

*Ata-se o fio ao conto.*

Ja o ceruleo véo da noite amena  
Cahia do horisonte e circumdava  
As pallidas aldeias. E surgia  
No firmamento a ursa vagarosa  
Semilhante a um coche que tirado  
Fôsse por tres corseis, um apoz outro.  
Mysterioso emblema, que me explica  
Da vida o percorrer longo e monótono,  
Incessante volver d'annos e annos,  
Que gyram, como em círculo, trazendo  
Sempre os mesmos successos, eguaes dramas,  
Personagens eguaes com faces novas.  
Éo mesmogyro, e o centro éo mesmo, o abysmo!  
E que será o abysmo? Ah! silencio!  
A alma vóa em sublimados raptos  
Anhelando o incognito. Mas quando  
So com as trevas por fim topa assustada  
Comprime-se e recúa; e desalento  
Curva-se como o tufão curva a floresta,  
Ou como a onda o másto requebrado.  
Lembro-me que uma noite—era d'outomno  
(Vae ja fazendo agora uns dois annos)  
Numa casa de campo, em certa terra,  
Eu e mais um amigo, amigo íntimo,  
Tendo ja em conversas philosophicas  
Passado a tarde, e até parte da noite,  
Nos veio a ambos, quasi ao mesmo tempo,  
O desejo de ver o ceu e os astros.  
Sahimos ao terrado. O horisonte  
Era limpo de nuvens: não brilhava  
A incómmoda lua, mas sómente  
Doce e mágica luz dos muitos orbes  
D'esses sóes do universo, derramando  
A frouxa claridade, que luctava  
Brandamente co'as sombras melancholicas.  
Surgia ja no sul órion brilhante;  
E depois d'elle o sirio, o bello sirio,  
A mais formosa estrella do meio dia,  
De vivissima luz, e de mil cores,  
Vinha seguindo no infinito espaço  
O curso eterno... eterno! E quem o sabe?

Esta estrella do sirio é-me crédora  
Da mais ardente e viva sympathia.  
Por onde se verá qual o meu júbilo,  
Quando vi numa página da *Lelia*  
Que Edmen lhe entoava um cantico... e que cantico!  
Tu merécel-o, sirio! tu... Mas cale-se

Minha imprudente voz. Talvez quizesse,  
Lyra atrevida, entoar um canto a sirio,  
Quando a Sand o cantou? Não seja tola!

E ahí estivemos nós por muito tempo  
Fazendo reflexões graves e sérias  
Sôbre as cousas mais sérias, sôbre o immenso,  
Sôbre o mundo, e os mundos do universo,  
Sôbre o principio e fim, o *alpha* e *ómega*  
De quanto vemos.

Foi então que olhando  
O sem número de astros, que fulgiam  
Nas infindas esferas, e inspirado  
D'aquelles pensamentos fui ideando  
As quadras que se seguem. Permitti-me  
Que por doce memoria 'nesta página  
As encaixe, apesar de certas regras.

Noite suave e tepida!  
Noite de mil perfumes!  
Fulgór d'esses teus lumes  
Vem accender-me o espirito!  
Com elle em ancja agita-se!  
Da terra esquece encantos!  
Teus extasis mais sanctos  
Acima do orbe elevam-no!

Busca a divina essencia  
Ás esferas que a envolvem,  
Se ergue, e não o dissolvem  
Lumes que lhe ardem proximos!

Vóa nos raios fulgidos!  
Toca a última esfera!  
Se crê, deseja, e espera,  
Esperança aqui avive-se!

Suba! rompa o involucro!  
Não cega a luz immensa!  
Não desfalleça a crença,  
Confirme-a a luz do empyreo!

Um pouco avante... E subito  
Cae em profundas trevas!  
Alma, porque te elevas?  
Deus, que procuras, foge-te!

Foi pois á noite que em Lisboa entrámos  
Era alli que ia ver aquelle rosto,  
Por quem tanto soffri e soffro ainda!  
Ai! soffro ainda!... e ja lá vão tres annos,

Que em vez de desfazer a imagem d'ella  
Mais e mais me parece que a avivaram!

Era alli que ia vel-a, ia fallar-lhe:  
la lembrar-lhe aquelle amor antigo,  
Amor que sempre vivo e sempre ardente  
Com a doce memoria ia enlaçando  
Dois peitos jovens — o meu, e o d'ella.  
Mas que depois... — Deixemostas lembranças,  
Nada d'antecipar, teremos tempo.

Não direi, como logo que chegado  
Fui a Lisboa, entrei na hospedaria:  
Deixo, Musas, atraz como depressa  
Ambrosio Pinto abriu em casa a mala,  
E tirou d'ella a roupa que levavamos.  
Tambem fica em silencio o entusiasmo  
Com que, depois de ter mudado o fato,  
O meu bom companheiro ja da cama  
Me ia contando as cousas diversissimas  
Que mais na tal jornada o surprehenderam.  
E tu, risonha cara de hospedeiro,  
Cuja so descripção dava oito páginas  
Ao secundo Balsac, hoje em silencio  
Te deixa a minha lyra, que outros casos  
Com urgencia maior a estão chamando.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

## ADEUS

NO ALBUM DO MEU AMIGO

Alfredo Elysis

Bom amigo! vaes partir!  
La nas plagas,  
Quando as vagas,  
Vires de manso correr,  
Abre este livro e recorda:  
Um amigo,  
Que, contigo,  
Soube gosar e soffrer!  
Lembra-te bem dos passados  
Bellos dias  
D'alegrias,  
E esquece as horas de dor;  
Pois quanto mais nos lembrámos  
Que soffremos,  
Mais gememos;  
Tudo tem mais amargor!

Não esqueças nunca a patria,  
La distante;  
Sê constante  
Em puro amor lhe votar;  
Que inda um dia, bom amigo,  
Recompensa,  
Boa, immensa,  
Tu has de vir a lograr.

Lembra-te bem da familia,  
Que tão triste,  
So existe,  
A pedir a Deus por ti;  
E jamais, jamais esqueças,  
O amigo,  
Que, contigo  
Chorando, se abraça aqui.

Lisboa, 28 de julho de 1863.

ALFREDO A. A. CAMPOS.

## SONETO

A L.

Ja nem tu, minha esp'rança, tão querida  
Acalentas meu peito n'amargura;  
Meus tristes dias segue a desventura,  
Desfolhando-me as flores d'esta vida.

Nem valem ja lamentos, que, perdida,  
Nunca mais me virás dizer «ventura»;  
Feneceu essa luz brilhante e pura,  
Que me guiou na senda mais florida.

Foste mimosa flor, oh minha esp'rança,  
Que se dobrou ao sopro da desdita  
Quando gentil a vida te sorria;

E é de balde que invoco inda a lembrança,  
Se desfeita illusão nos rouba a dita,  
Da redempção jamais virá o dia...

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

Não affrontam os inimigos quando offen-  
dem; os amigos sim, quando faltam em aju-  
dar a emenda, das offensas dos inimigos.

D. FRANCISCO MANUEL.

### ANECDOTA

Iam de jornada um dia dois frades.

Um d'elles sei eu que era jesuita: do outro, não vos direi ao certo, mas parece-me que era franciscano.

Em bom cavallo, ajaezado ricamente, cavalgava o primeiro, faustoso representante da *Companhia universal*: pobre *mendicante*, era levado o segundo em esguio dórso de esmagriçado sendeiro.

Muito á mão iam conversando as duas entidades fradescas, provavelmente ácerca das cousas de Deus, quando crescido riacho lhes tolheu o passo. Era mister passar, e ponte não a havia.

Ja na margem d'alem, ria o jesuita do companheiro, que se contorsia, e fazia de mil côres, com medo d'um segundo baptismo, intalado a meio caminho, d'onde nem á mão de Deus Padre conseguia o jumento arancar-o.

Suava o bom do franciscano, e das pernas fazia *vae-vens* com que arremettia furioso a esfolada barriga do pobre animal, que a corrente pouco e pouco ia arrastando. Em colicas e ancias se ia finando, e o jesuita a escarnecel-o, que era o que mais o amofinava.

— Recorra ao sancto nome de Jesus, irmão.

O franciscano sentiu faltar-lhe o burro de-baixo das pernas, aqueceram-lhe as orelhas, esbugalharam-se-lhe os olhos, e bradou com os labios a tremer de sancta ira:

— S. Francisco me valha! Nem sequer me falle em Jesus!

Sorriu-se o padre da companhia, e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente onde levavam seu destino, que era uma festa, em que deviam ambos prégar.

O filho de S. Ignacio, que a levava fsgada, foi-se logo direitinho ao vigário geral a recommendar-lhe o franciscano como hereje, que negava o nome de Jesus.

Benseu-se o sancto varão, e mandou em continente chamar o franciscano.

— De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do Filho de Deus: veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza.

— Negro a accusação, respondeu o *mendicante* com toda a placidez d'espirito.

— É porque o irmão se não recorda, acudiu o jesuita, que começou a desconfiar do outro; não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre de Deus não ficou afogado, me disse no meio de sua afflicção, que *nem em Jesus lhe fallasse?*

— Recordo-me perfeitamente, e tambem da razão por que o disse, que o irmão de-vera saber. Quando o nome inefavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na posição crítica, em que me achava, que seria de mim se pronunciasse o sanctissimo nome de Jesus, e o jumento ajoelhasse?

A justificação valeu, e a inquisição perdeu lenha para trez dias.

1858.

J. SIMÕES FERREIRA.

### MOSAICO

Mulher sem lagrimas é flor sem viço, é prado sem regato, é jardim sem tanque; será lindo, mas é arido; olha-se e não prende; admira, mas não enleva; estima-se, mas não se ama.

J. SIMÕES FERREIRA.

Os amantes que se vêem e fallam têm a felicidade do amor; os que vivem separados têm duas felicidades: a do amor e a da esperança.

D. SEVERO CATALINA.

### Charada

É instrnmento preciso	1
Busca em ti, sempre o acharás	1
Na musica tem assento	1
Ao pe de ti o verás	1

Vou-te o conceito ja dar;  
Tens-l'o no coração  
Não o deixes escapar.

### ERRATA

A pag. 144 onde se lê — Alem excio procurar, deve ler-se — Meu excio procurar.



### ANJO DESCONHECIDO

Qual lyrio mimoso que a brisa estremece,  
E a fronte cançada ja deixa pender,  
Tua alma tão meiga de magoa fenece,  
E pobre, sentida, se deixa morrer!

Tão fragil, tão pura, qual branca açucena  
Que os prantos da aurora prateiam de luz,  
Tua alma de culpas, de amores serena,  
Qual anjo se abraça com os pés de Jesus.

Não tens outra crença 'nessa alma arreigada,  
Esp'ranças da terra, nem uma sequer!  
Ao ver-te scismando, 'té penso que es fada,  
Pergunto a mim mesma se es anjo ou mulher!

És anjo! Nos olhos celeste candura,  
Nos labios um riso, que aos anjos sorri,  
Na frente um reflexo de triste amargura  
Me dizem que és anjo: Deus manda-te aqui!

Por isso tu vives sosinha na terra,  
Desprezas vaidades que os homens ca têm;  
Apos uma crença, que o mundo desterra,  
So vaes no retiro scismando tambem.

So vaes; e se volves olhar de saudade  
É rapido fogo de extinto clarão;  
Apos esse instante, mais firme a vontade  
Te leva impassivel á triste soidão!

Portanto se soffres, ai! cala teus prantos,  
Que eterna ventura te espera nos ceus;  
O mundo não pôde com loucos encantos  
Prender-te nos laços que affastam de Deus!

HENRIQUETA ELYSA

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 20. 1 DE SETEMBRO DE 1863.

### RECREIO PARA INSTANTES

#### Preambulo

Eis-me a braços com a preguiça!

Ca estou de cabeça baixa e penna em  
punho pedindo ao tinteiro a inspiração que  
não sinto em mim.

Doloroso e pesado é o encargo de entre-  
ter o público; quando nós, mais do que elle,  
precisamos de distracção, e distracção que  
nos não pôde dar o nosso espirito em va-  
sante de ideias.

Que hei de escrever que não seja ja ve-  
lho e insulso para o espirito do leitor que  
tem tido bom gosto de fugir ás massadas  
de principiante como eu? Torturo-me por  
não poder dar solução a este negocio em  
que me vejo mettida.

A mente vasia de ideias não concebe,  
assim como o coração ermo de esperanças  
e affectos não sente: portanto a phantasia  
anniquila-se sob a pressão do tédio, quando  
não seja da dor. Não ha estado mais triste  
que este! e contudo a cabeça parece que  
pensa, mas vacilla sob o pezo d'este pen-  
sar. É a abstracção do espirito que voa  
vaga e indistinctamente por um mundo de  
visões que não comprehende, mas encara  
estúpido.

Ha d'estas phases anormaes na vida, in-  
comprehensíveis para aquelles que têm a  
felicidade de nunca as sentir. Quantas ve-  
zes pensámos muito, sem pensarmos em  
nada, isto é, sem nos fixarmos numa ideia  
precisa e clara, sem tirarmos d'este pensar  
alimento algum para o nosso espirito!! Ha  
nestas occasiões um como derramamento  
da phantasia que se espraia por horisontes  
infinitos que não abrange, e logo depois  
perdem-se de memoria os sitios que ella  
percorreu, porque outros se lhe succedem  
num perpassar e redemoinhar incessante.

Contudo quem enceta uma carreira deve  
segui-la e caminhar direito nella sem que  
um pe resvale, porque é então indubitavel  
a queda.

Forçoso me é escrever, escreveréi pois.

Quem me não comprehender o desleixo do estylo, o acanhado da phrase, o mesquinho da linguagem, e o desalinho da contextura desvie os olhos d'este papel, na certeza de que se furta a duas horas de insipido aborrecimento. Ha epochas na vida que são aridas e escassas como um deserto: agora mesmo se me afigura que vou atravessando uma bem longa, de que ainda não vejo o fim, onde nem uma flor, nem mesmo um espinho vegeta.

É a minha alma um ermo, nu e frio, como a rocha que as vagas do mar, e as tempestades do ceu açoitam, privando-a assim do musgo, seu triste mas unico vestido! Pois nem tristeza que me inspire eu sinto?!

Quantas vezes, sentada 'num rochedo á beira mar, sob a abobada infinita dos ceus, vendo agitar-se, mover-se e rugir esse immenso tapete de vagas que se desenrola a meus pes, isto é, tendo de um lado a imagem do paraizo, e do outro um quadro do inferno, tudo isto com a sua poesia sublime e magestosa, quantas vezes, digo, eu indifferente, fria e immovel, pergunto á minha alma porque está muda, insensivel, e morta em face das maravilhas de Deus! E a alma responde que a sensibilidade tambem se gasta, quando o desalento se succede á dor!

Assim é!... tudo alli está morto!!

Deixo-me ir na corrente da vida impellido pelo sopro do destino, sem vontade de existir ou morrer.

Tão negras são para mim as gallas do mundo, como as trevas do sepulchro, tão suave a vida como a morte: não desejo uma, nem invoco a outra! É isto um desanimo que bem póde converter-se em marasmo assustador: e eu sem vontade nem energia para o combater.

É muito, meu Deus! Quantas vezes me comparo á folha sacudida da haste pelo vento, e arrastada de turbilhão em turbilhão até se fazer po!

Mas se a mim mesma pergunto o que me fez assim, se baixo e mui de manso interrogo a alma, que dormita inquieta 'num

mar de indifferença, que a agita, ella não responde, porque a si propria se desconhece e não comprehende.

Mas eis-me perdida em divagações insulsas e fastidiosas para o leitor, que não vem aqui pedir-me contas do que sinto.

Que importa ao mundo a minha vida? Parece que o amor proprio me arrasta para estas reflexões sôbre mim mesma! Pois não é: o unico fim com que as escrevo é para convidar os leitores a ouvir-me com paciencia, e absolver-me com indulgente amizade.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

## SAUDADE

Tu, que dos ceus pela amplidão divagas,  
Pallida tua, de divino altor,  
Das brancas nuvens ás mimosas vagas  
Subtrae teu rosto e vem fallar d'amor.

Oh! quão saudosa me percorre a mente  
O espaço immenso, onde és gentil rainha!  
Talvez a ésta hora em teu clarão attente  
Tambem aquella, que jurou ser minha.

Talvez, quem sabe? os pensamentos d'ambos  
Vão no ar travados adejando alem...  
E em terno abraço reunidos ambos  
Gozem no espaço quanto aqui não têm.

Oh! quem me dera 'num ligeiro adejo  
Transpor os ares e reunir-me a ti!  
Então dos ceus eu mandaria um beijo  
Aos labios finos, por quem morro aqui!

SANTOS VALENTE

## A C.

Pois se tudo agora é bello,  
Se a manhan desponta linda,  
Porque sera que este anheilo  
Me não finda?

Porque, em plagas bem remotas,  
Ao concêrto d'estas aves  
Não junctas d'amor as notas  
Tão suaves!

LUIZ CARLOS

## EMBARGADO NO MONDEGO

(18 de Agosto)

Resurja aqui do tumulto do peito  
O já morto viver de meus amores.

J. DE LEMOS

Em volta brilha tudo á luz suavissima  
D'esplendida manhan. No ceu, na terra,  
Nos perfumes do ar, no som das vozes,  
Que sinto murmurar a meus ouvidos  
Em notas de prazer, não sei que enlevo  
Se diffunde, se espalha ardente e vago!

E pois que tudo agora  
Nos traz allivio ás magoas,  
Não ouçam estas aguas  
A dor que me devora.

Abre-te, ignoto cofre  
D'amor ha tanto occulto!  
E fique o mal sepulto  
No peito de quem soffre.

Em torno a mim palpita  
Quanto ha de mais formoso:  
Dos extasis do gôzo  
Renasça a antiga dita!

Em quanto alindam flores  
A breve mocidade,  
Não turve a tempestade  
O calice de amores!

Que sempre os desenganos  
Virão roubar-nos cedo  
O encanto grato e ledo  
De tão fagueiros annos.

Se goza so quem ama,  
Gozemos nós a vida!  
Amar! que doce lida  
Que em nós o ceu derrama!

Nem choro ja. Do jovem  
As lagrimas sentidas  
São perolas perdidas  
Que sôbre um ermo chovem!...

## TU, SO TU...

A MARIA

Quisiera tener millones  
De almas para adorar-te,  
E em cada cabello tuyo  
Enredar una...

ESPRONCEDA

Maria, grata miragem dos meus sonhos,  
anhelo dos meus sentidos, escuta...

Éstas páginas são tuas, estes pensamentos  
inspirados pelo fogo do meu amor, ésta  
inspiração filha do fulgor de teus olhos.  
Não poderei retratar toda a força da minha  
paixão; pallido e mal assombrado sera o  
esboço. Apenas similhará a imagem do  
choupo, que se espelha imperfeita no crys-  
tal do rio.

Entre as lembranças que me excitas, que  
amorosamente me enroscas no peito, me  
acudiu a de te narrar a historia do amor  
que accendes, quando passas magestosa  
como rainha, agrilhoando escravos ao teu  
carro de triumpho. Copiarei pela penna os  
sentimentos intimos que me sanctificam a  
alma.

Seja este o album dos meus mais doces  
affectos, a chronica da phase mais querida  
da minha existencia.

Sirvam-te éstas linhas como meu testa-  
mento. Le-as quando eu morrer, quando  
os vermes do sepulchro tiverem roido as  
mãos que as escrevem, e o pe do coveiro  
esmagado o coração que as dicta. Corram-  
te então em fio as lagrimas, que irão —  
quem sabe? — aquecer meu cadaver, inerte  
e frio, no seu leito funerario!

Amo-te, e fiz d'este amor um culto pe-  
renne, o destino da minha vida, o centro  
das minhas ambições e dos meus desejos.  
Este affecto que te consagro sente-se uma  
vez forte e vehemente, mas eterno e unico.

E quando possivel fôsse que se extin-  
guisse; que a alma descesse tanto que se  
tornasse indigna de servir de templo á tua  
imagem, porta de bronze a fechára para todo  
o sentimento. O coração so ama uma vez.

Amo-te; e o amor da borboleta não é mais impetuoso do que o meu, quando cresta as azas, reduzindo-se a cinzas na chamma que adora. O amor que nutro não cresta as azas no lume dos teus olhos; é salamandra que vive no fogo, amianto incombustível, fiado e entretecido por teu capricho. Não se extingue, revive sempre como a phenix, floreja sempre de novo, profundo e eterno.

Amo-te; e o amor da brisa não é mais doce do que o meu, quando acaricia meiga as petalas das flores, refrescando-lhes o embrião, e internando-se-lhes pelos calices. Não podem extremos da brisa esboçar as doces meiguices, as meigas doçuras que o meu amor te prodigalisa. Se o viras, quando a tua imagem me radia no coração e occupa o pensamento! Como de imagens encantadas me povoa os ares! Como me alcatifa o chão de rosas, que me incensam e me perfumam! Louco em sua paixão, apaixonado na sua loucura, troca as tristezas em alegrias, poetisa e enfeita todos os logares, quando se enche todo do teu pensamento, pensando na tua imagem, imaginando-te em seus sonhos!

E tu ignoras este affecto; e passas diante de mim, como sombra augusta, que se reflecte, grandiosa mas insensível, nos circumstantes; como raio de sol estivo que esgota as correntes e myhrra os prados, sem consciencia da sua força.

Acredita; cada ideia que me esvoaça na phantasia é um hymno que minha alma te canta, cada alegria que me faz palpitar o seio nasce da tua lembrança!

Não é mais pura a vassallagem que se tributa ao Creador, porque divindade és tu... Se aquelle creou o verde de que se atapetam as terras, tu creaste o verde de minhas esperanças; se de humido torrão faz brotar mimosas flores, tu de meu peito fizeste rebentar as flores, inda mais viçosas, do meu amor; se nas balsas afinou os cantos das aves, tu me inspiraste ao coração canções divinas!

Escuta meus hymnos, virgem de meus

devaneios; acolhe estes sons, echos da paixão que inspiras; entesoura as minhas confidencias nos arcanos de teu peito. Reflexo do amor divino, religião purissima de affectos puros, presta teus ouvidos á narração de meus sentimentos.

Olha; quando pequenino brincava no campo com as borboletas, e na cidade com os vagalumes que doidejam á tarde pelas margens do Mondego, ensinavam-me nas orações, que a custo balbuciava, a rezar ao anjo que me guardava, que me cobria com suas azas brancas assetinadas a proteger-me contra a sanha do inimigo mau. Era a minha crença de innocente. E na verdade, o somno tão tranquillo que eu dormia, os sonhos tão risonhos que me embalavam, eram de certo bafejados e defendidos por um sópro divino!

Mas depois cresci; contaminado por essa sociedade devassa, a innocencia, perdi-a; os sonhos tornaram-se agitados. O anjo da minha infancia quebrára as azas!

Encontrei-te depois, e foste o anjo da minha vida. Com teu halito vecejou a esperanza, correram-me os dias como eden encantado, um extasis em delicias!

Ha pois dois anjos que nos seguem; um a innocencia da primeira idade, todo sereno e vestido de branco, a mostrar-nos um ceu azul e purissimo; outro a mulher que amámos. Este mostra-nos o ceu recamado de estrellas; não brilha como o primeiro, mas tem mais doçura; não abre as azas côr de neve que deslumbrem, mas desenrola as côr de rosa que enfeitçam.

Se o primeiro me fugiu, se dos brincos infantis so resta a saudade, appareceu-me o segundo a adejar-me em tórno, a roçar-me as plumas pelo rosto, a afagar-me, a beijar-me, a povoar-me o dia de pensamentos grandiosos, a encher-me as noites de doçuras, por toda a parte a acompanhar-me risonho, sempre meigo e divino.

Abençoada sejas tu, ó virgem, que por entre as procellas do mundo me raiaste serena a acenar-me á alma com as bemaventuranças do ceu! abençoada, que, mortas

as minhas crenças de infante, me deste  
novas crenças mais mimosas de mancebo!

Se houve instante em que na terra jul-  
guei entrever o ceu, foi quando te vi, anjo!  
Se um dia na vida tive um pensamento  
nobre, foi quando te amei, mulher!

Eu te amo! eu te amo!

A. A. F. P.

## REMEMBER

Não te esqueças d'aquelle amor ardente  
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

CAMÔRS

Podes tu, virgem formosa,  
Esquecer-te descuidosa  
Do amor que te votei?...  
D'esse ditoso passado,  
Em que, cego e confiado,  
Tão doces horas gozei?...

Quando tens olhos fallavam,  
E 'nessas fallas me davam  
Ledas esp'ranças d'amor...  
Esp'ranças todas mentidas,  
Que promettiam mil vidas,  
E apenas deram... so dor!

Se tu, donzella, soubesses,  
Se na mente concebesses  
Qual era a minha paixão;  
De certo que tremerias,  
Quando volaste os meus dias  
Às penas da solidão.

Não pagam ondas de pranto  
A dor profunda que tanto...  
Tanto o seio me pungiu!  
Prometteste-me a ventura  
Dos teus olhos na doçura...  
Era a vida... que fugiu!

Mas ao menos... não te esqueças;  
Talvez que um dia inda peças  
Ao passado uma lembrança...  
Mas então, ó virgem linda,  
Recorda que existe ainda,  
Existe sempre... uma esp'rança...

A. A. F. P.

## AMOR COM AMOR SE PAGA

### IV

Às seis horas da manhã do seguinte dia  
foi-me chamar a sr.<sup>a</sup> Francisca: levantei-  
me, vesti-me, e sahi para a Praia dos ban-  
hos.

Uma pergunta: algum dos leitores ja foi  
à Figueira? Bom! Então ja sabe que a  
Praia dos banhos é um extenso areal, que  
do Forte de Sancta Catharina vae a Buar-  
cos. Sabe tambem que 'neste areal se ar-  
mam barracas de lona, onde cada qual se  
despe e veste para ir tomar a sua meia  
duzia de ondas, e onde cada qual depois  
se despe e veste para voltar a casa.

Ora alli, no areal, bem entendido, se  
reunem tanto o sexo bonito (das virgens),  
como o sexo feio (das casadas), como o  
sexo egoista (dos homens).

N. B. É uma nova divisão dos sexos  
feita por um amigo meu, muito espirituoso,  
plagiato a uma outra que apparecêra em  
Paris, e que vinha a ser, sexo masculino,  
feminino e neutro (padres).

Mas de todos quantos alli na praia se  
veem, a quinta parte, quando muito, toma  
banho: o resto vae so para ver e passear.

No número d'estes entrava eu.

Apesar de ja não ser aquella a primeira  
vez que a Figueira me via dentro em seu  
seio, no intanto com não pequeno interesse  
olhava eu para todas essas scenas, que alli  
na Praia se passavam: e é realmente a cousa  
para se ver.

Aqui veem-se, uns sentados, outros em  
pe, outros passeando, e todos conversando,  
ou rindo, e olhando para o mar: alli se veem  
uns tomando ondas ou pela mão do banhei-  
ro, ou sosinhos; outros nadando, e todos  
esfregando os olhos, e sacudindo a cabeça  
depois que a onda os galgou: e entre estes  
e aquelles vão e vêm outros, crusando-se  
no caminho, e cortejando-se com o tão re-  
petido, como sabido dito.

As mulheres é que vêm divinas do ba-  
nho! molhadas dos pes até a cabeça, cheias

as calças e saia de areia, e com um chaile pela cabeça, que previdente criada a meio caminho lhes vae dar, as mais lindas meninas parecem feias, e horrendas mesmo; e de mais a mais sem a indispensavel como elegante saia balão, ou *merinaque*, que é mais bonito, vejam que figuras ellas não de vir!... áquelle que já tiver dado o seu coração a alguma bella, eu aconselho que fuja de a ver sair do banho, sob pena de perder as illusões todas em que vive, o que seria uma grande desgraça... para elle, ja se ve.

'Nestas e quejandas cousas estava eu pensando quando senti pousarem-me duas mãos nos olhos: olhei, e so vi trevas: quiz arrancal-as, e não pude: ouvi então por traz de mim uma voz dizer-me:

— Quem sou eu?

Apesar de disfarçada conheci logo a voz do meu amigo Pedro Sanches. Disse o nome, e as mãos cahiram. Apertou-me nos braços, inquiriu-me sôbre a minha saude, de quando chegára, etc. Perguntei-lhe pelas novidades da terra, e respondeu-me assim:

— Olha, amigo, se queres que te diga não ha por aqui nada de curioso: se não fôsse este divertimento diario dos banhos, e a missa aos domingos, passava-se aqui um tempo aborrecido: vae-se passear ás Obras da barra, a Buarcos, ao Cemiterio, e a duas ou tres partes mais: mas isto visto uma vez está visto para sempre: não ha theatro, não ha reuniões de familias, de modo que á noite ou se vae passar algumas horas a casa d'um ou d'outro amigo, ou se toma o fresco na praia, ou se deita logo depois de ceia: ve tu como se passa aqui o tempo tão bem! o que nos vale é termos este anno ca muita menina bonita: deita por ahi fóra os olhos e verás se me engano: e enquanto a novidades, apenas, que eu saiba, ha uma; e olha que não tem desafiado pouco a curiosidade dos banhistas essa menina: alguma cousa de positivo sei a seu respeito; e, com quanto me pedissem segredo, não tenho dúvida em te contar o que sei ácerca d'essa menina: o segredo é

inutil para um amigo, não te parece? mas passemos por ésta praia fóra que a todos os respeitos é melhor que estar parado.

E o meu amigo começou d'esta fórma, sem esperar resposta minha.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO

### BIRREBELINDA

Um carteiro p'ra mim cifta o progresso!  
E, se a comparação aqui é lícita,  
Darei que, como a lei é letra morta,  
Sem a acção do poder executivo,  
Assim tambem a ideia, o sentimento  
Ficaria isolado e por fim morto  
Sem a nobre entidade do carteiro.  
E tão vil o reputam! e ao desprêso  
O tem votado sempre a sociedade!  
Vae, martyr, vae trilhando a agra senda  
Da miserrima vida! so dos grandes,  
Dos grandes bemfeitores é o martyrio!

Saibam pois que se um dia o tal carteiro  
Não quizesse exercer seu nobre cargo,  
Não lucraria nada a sociedade  
Com os correios, wagons, nem com os telegraphos.  
Seria qual relógio, a que faltasse  
Subito a corda, ou qual o firmamento  
Com todos esses globos reluzentes  
Soes, cometas, planetas e satellites,  
Se um globo so da orbita cahisse;  
Ou se por invisivel potestade  
Quedos ficassem subito no espaço!

É o carteiro um elo da cadeia  
Que prende a humanidade; elo importante  
Que estando 'num so ponto, une as cidades,  
Une as provincias, une as várias partes  
D'um reino todo; é mais que tudo isso  
Une cem reinos, une continentes,  
Une 'numa palavra os mundos ambos,  
E se mais mundo houvera, mais unira!  
E que relações tão doces com a familia!

Medianeiro sympathico das almas,  
Dos mais sanctos affectos, so a elle  
Deve o homem decerto a maior parte  
Dos prazeres que gosa 'nesta vida.  
Quem leva ao casto amante as meigas juras  
D'um puro amor, de lagrimas regadas?  
Quem faz pulsar um peito namorado  
Que geme na soidão de triste exilio?  
Quem ao amigo ausente as gratas novas  
D'um amigo levou, a quem deixára,  
Ou as d'um filho ao pae, d'um pae ao filho,

As do irmão ao irmão que se amam tanto?  
Quem foi? digam, quem foi? Foi o carteiro!

Ha de, carteiro, o teu esquecido nome  
Ir aos futuros seculos passando,  
E la depois das mais remotas eras,  
Quando o genero humano inda renasça  
Apos revoluções, diluvios, cahos,  
Aprofundando os velhos monumentos,  
Alguem de ti fara um mytho, um nume!

Eis como eu agradeço o regosijo  
Que o carteiro me deu, quando uma carta  
Me entregou na manha do outro dia,  
Carta toda delicias, toda encanto,  
Que me escreveu de Coimbra um bom amigo,  
E que eu ja não resisto ao pensamento  
De transcrever aqui, em parte ao menos.  
Não so porque me fez algumas dúvidas  
Em opiniões que eu tinha como certas,  
Mas porque dou tambem aos bons leitores  
Uma leitura boa, amena e grata;  
E mais que tudo a vossas excellencias,  
Minhas bellas leitoras, causa unica,  
Que 'nisto me faz pôr algum cuidado,  
Como em tudo o que faço e digo, e penso.  
Eis pois o que eu achei no *enveloppe*,  
O verso é differente, mas que importa?  
Seja a ideia uma, a fórma é vária.  
Dizia a carta assim la pelo meio:

### Carta

.....  
O meu primeiro amor foi remansoso e lindo.  
Tantos annos la vão! e elle ainda sorrindo...  
Levar-me podem tudo, eu rico ficarei,  
Rico d'aquelle ceu, que tanto e tanto amei,  
D'essa luz infinita, e d'essa imagem pura,  
Que mal tu vens, amor, ai! vens logo, ventura?  
Formosa estancia era, alli ao pe do mar,  
As ondas a gemer, as aves a cantar!  
Ao longe a barca e a vela, ao perto o campo e a aldeia;  
De dia a luz amiga, de noite a lua cheia!  
E sempre e em toda a parte aquella immensa voz,  
O ceu, o espaço e o monte, e mais que tudo... nós!  
.....  
E continuava a carta por deante.

Peço perdão ao meu illustre amigo,  
Não sigo o seu pensar. Doce remanso  
Em negocios d'amor não convem muito.  
O socêgo da vida é como o somno;  
A vida é movimento, ardor e fogo,  
E o continuo trabalho. Este as potencias  
Estimula da alma, e excita os impetos  
Do purq coração, que o bem procura.  
Quem na continua paz, em grata estancia,  
Livre ja do temor, consagra a vida  
Somente a amar, estou que muito em breve

Virá a saciedade da ventura  
A enervar-lhe a acção, murchar-lhe o espirito,  
Perder até as affeições mais fundas,  
Ou ao menos com o tedio resfriar-lh'as.  
O amor quer seus revezes. Cada obstaculo  
Afervora-lhe o alento, e dá-lhe forças,  
O ardor lhe renova, e mais o aviva.  
Quem duvida, experimente. Eu 'nestas cousas  
Não sigo eschola alguma physiologica,  
Nem Balsac, nem Sthendal, nem mil outros.  
Deixo fallar a Sand, e o Mjchelecio  
(Como outr'ora diriam os que o nome  
De Cujás converteram em Cujacio,  
E diziam Leibnicio, Hobbesio e Grocio,  
Segundo o uso d'essas boas eras  
Em que tudo sabia fallar grego  
E escrever o latim. Ó santos velhos  
De grande cabelleira e de rabicho,  
Eu vos saudo e a vossa sapiencia!  
Eu creio piamente que esses homens  
Não largam nunca no outro mundo as sombras  
De Cicero e Plutarcho, Homero e Horacio;  
Que têm de viver, fallar com elles,  
A fim de se informarem dos seus usos,  
Da sua religião, da sua lingua,  
E tirar certas dúvidas que tinham  
Sobre a pronúncia propria das palavras,  
Que se perdeu com o tempo. Era meu gôsto  
Vel-os de braço dado a passearem  
Pelos compridos atrios do outro mundo,  
Julgando-se no Portico). Mas vamos  
Á tal célebre carta. Ia eu dizendo  
Que, a respeito d'amor, não tinha eschola.  
Quem quer avaliar, ha de ir aos factos,  
Sujeite á experiencia as theorias.  
O verso de Camões vem muito a pello:  
*Melhor é experimental-o, que julgal-o.*  
E respondi á carta em tal sentido.  
Depois fui preparar-me. Era preciso  
Ir esperar a amavel Ermelinda.  
Chegava 'nesse dia. Sahi logo  
Eu e Ambrosio, e deixando atraz Lisboa,  
Fomos até ao mar. Aqui me cesso.  
O que passou depois vae no outro canto,  
Que este ja vae passando alem das marcas.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

### FESTIVIDADE

A pequena distancia de Coimbra, e na margem esquerda do Mondego está situado o alegre e aprazivel lugar de S. Martinho do Bispo.

No dia 16 de agosto celebrou-se ahi com toda a pompa e esplendor (graças ao assi-

duo desvelo do R. Parocho e mais mordermos), a solemnidade do SS. Sacramento.

Não me demorarei a descrever a festa em si, pois encheria muitas das columnas d'este sympatico jornal; pelo que me limitarei a fazer tão somente um pequeno esboço d'um facto, que tornou esta festividade mais apparatusa e brilhante.

Um pouco antes de se dar principio ao augusto sacrificio da missa, o R. Parocho, revestido com uma estola roixa, e acompanhado d'algumas pessoas de distincção, se dirige á porta principal da igreja: ahí, com as lagrimas nos olhos, e a alegria no coração, recebe em seus braços um delicado moço de 24 annos, pouco mais ou menos, tornando-o filho do Christianismo por meio d'agua baptismal.

A igreja estava apinhada de povo de todas as classes, disputando cada qual um lugar para melhor ver o novo neophyto.

Procedeu-se ao baptismo; e, logo que elle recebeu a agua da regeneração, ondas de flores lançadas por innocentes creancinhas, lhe cahiram na cabeça.

Por padrinhos teve o R. Parocho (tocando por elle o ill.<sup>mo</sup> sr. P. José Antonio Vieira) e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Eulalia Ribeiro Freire.

Apos este acto tão tocante, seguiu-se a festa, onde orou o meu amigo Coelho, prior de Barçôco, mostrando mais uma vez na cadeira evangelica o seu engenho e talento.

Parabens, sympatico Julio, parabens te sejam dados pela nobre e justa deliberação, que de bom grado tomaste, despresando as doutrinas erroneas do Lutheranismo, para abraçares do intimo d'alma as leis salutaes do Crucificado.

A vós, R. Parocho de S. Martinho, tambem vos tributo os meus encomios, por verdes alfim concluidos os vossos desejos. Aceitae-os, pois são puros e sinceros.

Coimbra, 17 de agosto de 1863 J. V. M.

Não ha homem, por mais perverso que seja, que não tenha um momento em que não hesite na estrada do crime.

AUGUSTO SARMENTO

### Logogripho

A primeira com a quarta  
Andam sempre sem parar.  
A quarta com a primeira  
É mui facil d'encontrar.

A segunda e a terceira  
Excelso nome darão.  
A prima, terceira e quarta  
Num momento se verão.

Estão hoje tanto em moda!  
Mas um dia inda ha de vir  
Em que não caibam na terra  
Taes memorias ao porvir.

ALFREDO ELYSIO

### Expediente

Em consequencia de muitos trabalhos na imprensa, não so o nosso jornal não pôde ser publicado no seu dia, mas ainda teve de mudar de typo. Esperámos que para o futuro se publiquem os numeros com toda a regularidade.

Tornámos mais ainda uma vez a lembrar aos srs. assignantes, que até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, não obstante o terem sempre recebido a nossa folha desde o 1.<sup>o</sup> número até ao último publicado, se dignem mandar satisfazel-as com a possivel brevidade. Assim o esperámos.

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## O MENSAGEIRO DAS DAMAS

Jornal litterario e de modas

Publicou-se o n.<sup>o</sup> 128 d'este jornal.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



### UMA DATA

Desceste, inspiração, meu doce anhelô,  
Risonha esp'rança, que embalei em sonhos  
Aereos, divinaes;

Ha muito que te busco com disvelo,  
Ha muito que meus dias tão tristonhos  
Ja não suavizas mais!

Ha muito, ha muito ja de teus carinhos  
Apenas o desejo sinto n'alma,  
Que a dor habita so;

Ha muito que te busco, e que entre espinhos  
So acho do martyrio a negra palma  
Involta em frio po.

Por horas de amargura e desalento,  
Immersa a alma num pungir luctuoso,  
Que vezes te invoquei!  
Zombaste de meus prantos; e ao tormento  
Novo grau de martyrio doloroso  
Bem sabes que ajuntei.

Á febre do soffrer tu déste um riso  
Em vez do pranto, que tão bem fazia  
D'esta alma na aridez;  
Negaste-me um consôlo tão preciso,  
E a magoa, que em meu peito mal cabia,  
Maior inda se fez.

Depois desceu... desceu... descêu ainda,  
E em vão eu te invocava delirante,  
Fugiste, inspiração!  
Mas hoje volves ja: tua luz não finda,  
E embora a fronte se te vele um instante,  
Não morre teu clarão!

Bem vinda sejas pois! Desperta a lyra  
Sauda alegre tua nova aurora  
Que á alma traz a luz;  
O sacro fogo que me agora inspira  
Jamais em face do soffrer descora,  
Que tem por facho a cruz!

Foz, 13 de agosto de 1863

HENRIQUETA ELYSA

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º

### RECREIO PARA INSTANTES

#### I

E vi-te, formosa visão de dezaseis annos,  
anjo que baixaste á terra como uma  
perola caída do diadema de Deus, como a  
lagrima que a noite chora e crystalisa no  
calix da flor!

Eras bella e sorrias á vida, como as pri-  
meiras rosas de Abril; como ellas, tambem  
desabrochaste pura e singela embalada pelo  
sôpro de Deus! A última primavera ainda  
te vio sorrir para as flores que te offertava:  
mas aos primeiros calores do estio com ellas  
te definhaste!

Leonor, passaste na terra como meteoro  
vivo e deslumbrante, que rapido atravessa  
o espaço e vae morrer no occaso. A morte  
colheu-te quando começavas de viver, quando  
gravavas um nome na primeira página do  
teu livro íntimo!

Os primeiros arroubo do amor, os pri-  
meiros estremecimentos do coração foram  
tambem os primeiros passos para o tumulo.

Alma, enlevada na poesia do senti-  
mento, devia cair ante o imperio do cál-  
culo.

O mundo não se fez para os apóstolos  
da luz, para os filhos da poesia: os adora-  
dores do ouro desprezam visões do espirito,  
como elles chamam ao idealismo da juven-  
tude; so palpam a solidez do metal, e por  
elle não duvidam sacrificar-se a si e aos  
outros.

Leonor, foste a victima sacrificada nas  
aras d'esta divindade, mas victima sancti-  
ficada pela dedicação e unvida pelo mar-  
tyrio.

Nunca vi o sol declinar tão rapido para  
o occaso, como ella resvalou para o tumu-  
lo: comtudo o sol chega antes a tocar o  
zenith, e ella estava bem longe de tocar o  
seu!

Tinha dezaseis annos; deliciava-se em  
extasis innocentissimo com os brincos e  
folgares proprios da sua idade, ou antes de  
outra idade mais tenra ainda. Abrindo para  
21. 15 DE SETEMBRO DE 1863.

o mundo o coração rico de crenças virgens e celestes inspirações, este não desdenhou entrar no santuario augusto de uma primeira e suave afeição, impanando-lhe com nuvem pesada e sombria os arreboes do porvir tão fértil de visões! O amor que lhe havia de trazer a vida, trouxe-lhe a morte.

Leonor nasceu numa villa das nossas provincias. Filha de lavradores abastados, mas economicos e anti-progressistas, não teve nma educação correspondente á esphera de seus talentos! Felizmente, ou melhor infelizmente para a menina, deu-se um acontecimento casual, que lhe fez conhecer uma senhora de elevado merito, elevada educação e nobre por nascimento.

O que a principio não passou de um simples conhecimento, tornou-se em breve afeição íntima e sincera de parte a parte. Cecilia pediu a seus paes licença para receber em casa Leonor, como sua particular amiga, e pediu aos paes d'esta auctorisação para a ter juncto de si por algum tempo. Os quatro paes, reunidos dois a dois em conciliabulo íntimo, estranharam primeiro a lembrança de suas filhas, mas acabaram, depois de pequena resistencia, por annuir a este desejo.

— Olha, dizia Cecilia á sua amiga, quiz tirar-te de casa de teus paes, porque o teu espirito perdia-se alli á mingua de cultura; aquella atmospha de ignorancia devia asphyxiar a tua intelligencia. Aqui, sim, na minha companhia poderás desinvolver-te, porque te sobram elementos para isso. Os meus mestres serão teus mestres, os meus livros teus serão também.

Leonor amava seus paes, amara-os sempre muito, mas tinha um motivo de resentimento contra elles. Por muitas vezes lhes havia pedido que a mandassem para um collegio, ou que pelo menos lhe dessem mestres para casa, de modo que ella viesse a saber alguma cousa d'estas que actualmente se mandam ensinar ás meninas; mas a tudo isto oppunham os paes as suas razões desarrasoadas, e traetavam de futeis os desejos da menina.

Espiritos tacanhos e apoucados não podiam conceber que á sua filha fosse necessaria uma tal ou qual instrucção, que elles não tiveram.

— Ora... nós nos amámos e vivemos, graças a Deus, sem essas cousas, diziam elles com o mais boçal e estúpido desprezo.

Leonor curvava-se á vontade paterna sem murmurar, mas la lhe ficava na alma o desejo, desejo que ella desabafava em pranto quando se via a sos.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

## IDEIA...

... E eu so a via.

GARNETT

Tenho so uma ideia na mente;  
Uma ideia minha alma so tem,  
Que me ocupe nas horas do dia,  
E nas horas da noite também.

Vejo sempre ésta ideia ante os olhos,  
Quer no monte, no campo ou no mar,  
Quer do sol 'num so raio brilhante,  
Quer no doce clarão do luar.

E ou as arvores se vistam de folhas,  
Ou as tombem, ja seccas, no chão,  
Ou nos tostem de julho os calores,  
Ou se escute no inverno o trovão,

Ou receba da mãe os carinhos,  
Ou me zelem cuidados do pae,  
Quer eu sonhe ou vigie, sempre a ideia,  
Ésta ideia seguindo-me vae...

A. A. F. P.

Religião! conforto dulcissimo que acalentas o magoado suspirar do infeliz, que o vigorisas no infortunio extremo!

## CONFORTO

No album da insigne poetisa a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>

D. Amelia Janny

... após a tormenta  
Surge o iris da bonança.

A. SARMENTO

Que linda estavas! Dilatando a vista  
Por sôbre os campos, que o Mondego esmalta,  
Ess'alma ingenua em região mais alta  
Vagava incerta, demandando a luz;  
Dize-me, ó virgem, que pesar contrista  
As longas noites que veladas passas?  
Quem ousa o collo de mimosas graças  
Curvar-te ao jugo de pesada cruz?

Breve suspiro, suffocado a custo,  
Me disse arcanos de profunda magoa;  
E de teus olhos incessante a agna  
Em alvas gottas deslisava então;  
Talvez extremos d'um inutil susto  
Assim teus risos em soluços tornem;  
Eu inda espero que o porvir te adornem  
Fagueiras crenças, que nascendo irão.

Porque se a vida nos corresse em prantos,  
Sem que a ventura nos sorrisse um dia,  
Não sei, donzella, quem no mundo havia  
De infinda sorte supportar assim;  
Mas sempre a vida com dourados mantos  
Se enfeita aos olhos, se o presente é duro,  
Que a meiga esp'rança de melhor futuro  
Nos traz á magoa o desejado fim.

Se hoje tu soffres 'num silencio triste  
Que ao desespero teu viver condemna,  
Da propria angustia surgirá serena  
A fé, que póde confortar-te a dor:  
Toda a tristeza que na terra existe  
Se esvae na gloria d'um amor ditoso,  
Que, seja embora momentaneo o gozo,  
Dá-nos ao peito perennal calor!

O amor! Só elle servirá d'escudo  
Á rija lucta que se trava n'alma,  
Se a desventura, que so elle acalma,  
Risonhas crenças revolveu no po;  
Cruel destino, que preside a tudo,  
Te enreda as azas, delicada pomba:  
No amor confia! de teus laços zomba  
Tu, que suspiras gemebunda e so!

Agosto de 1865

LUIZ CARLOS

## AMOR COM AMOR SE PAGA

V

Sabes que no anno passado estive em Luso por todo o mez de Agosto; mas o que tu de certo não sabes é que encontrei la um antigo conhecimento: e deves julgar do prazer que sentiria ao vel-o, quando te disser que o sr. Antonio Francisco Sarmento era um meu intimo amigo, que eu, havia annos, não tinha visto.

Contou-me elle, com toda a franqueza que lhe é propria, em como possuia agora em Vizeu um pequeno estabelecimento de fazendas (hoje ja se não diz loja), que pouco lhe rendia, mas de que sempre tirava alguma cousa com que passar a vida; deu-me parte tambem dos seus projectos de engrandecimento, do que tentava fazer em prol da felicidade de sua filha, a quem queria assegurar um ditoso futuro. etc. etc. Era, e ainda é, um excellente homem o sr. Antonio Sarmento.

Sua mulher, D. Miquelina Simões, era uma senhora ja refeita, boa dona de casa, amiga do marido e mais ainda da filha, menina bonita, elegante, espirituosa, e, tambem te digo, muito seductora: e ella então que tinha uns olhinhos de matar, e que com tanta arte os requebrava! aqui onde me vês olha que tambem por ella andei doudo de todo... dia e meio!...

E o mesmo succedeu então, não em quanto ao tempo, a todos os que a viram e tiveram a dita de lhe fallar. Mas no entanto D. Anna Eugenia era uma menina de sãos principios e de perfeito juizo, e sabia, como ninguem, o que lhe convinha: era sim risonha, alegre e amiga de divertimentos; mas isto que denota? que ha felicidade e paz de consciencia, e não que haja falta de juizo; pelo menos eu assim o entendo, e ella mesma o deu a mostrar.

Mas voltemos á historia.

Andava esse anno passeando em Luso tambem um rapaz rico, de boa presença, de bonitas maneiras, de boa familia, e que

havia sido meu condiscipulo em preparatorios. Manuel de Castro viu os olhos tão meigos e seductores de D. Anna, e para logo nelles ficou prêso: aconteceu-lhe, nem mais nem menos, o mesmo que aos mais todos. Por outro lado as tão excellentes qualidades d'este rapaz não podiam deixar de fazer sua impressão em D. Anna. E, de feito, d'ahi em diante D. Anna fez sempre por se encontrar com Manuel de Castro, quer nos passeios, quer no banho, quer nas companhias; pelo menos elle muitas vezes me disse que onde quer que fôsse sempre havia de encontrar D. Anna.

Em vista d'isso disse-lhe eu um dia que o felicitava por tão bem haver collocado o seu amor: mas respondeu-me por um modo que eu não esperava: disse-me que *aquillo* não era mais que um mero *passatempo*, e que só andava disfructando D. Anna, pois não sentia por ella cousa alguma que se parecesse com amor.

Mas o que é certo é que sempre eu os via trocarem ou um olhar, ou um apêto de mão, ou um sorriso, ou uma palavra, todas as vezes que se encontravam e o podiam fazer a seu salvo.

D'esta sorte passaram elles todo o tempo dos banhos.

No último baile a que elles assistiram no sala do edificio dos banhos, Manuel de Castro, numa contradança, teve ensejo de fallar a sos algum tempo com D. Anna; e creio poder-te dizer, ainda que nada ouvisse, nem elle me dissesse cousa alguma, que houve por alli muita promessa, muito amor, e... e muita cousa mais; é mesmo de presumir que entre ambos se conviesse em se corresponderem para o futuro, pois Manuel de Castro algumas vezes me mostrou cartas de D. Anna.

E 'nessas cartas eu sempre via respirar cada linha amor profundo, immenso; e, não obstante, Manuel ria-se como um perdido, dando grandes gargalhadas, quando em tom declamatorio me recitava algum periodo de mais effeito e de expressões mais amorosas!

Por isto, e pelo que a cada instante me repetia, via eu que da parte de Manuel de Castro não havia amor algum; e tinha de veras pena da pobre menina. Se a este respeito fazia alguma observação, cortava-me elle logo a palavra com o seu egoista:

— Quero divertir-me.

Até estive algumas vezes mesmo tentado a prevenir D. Anna, mas sentia-me sempre detido, não sei por que força, quando lhe ia a fallar, de modo que ella e os paes partiram para Vizeu sem eu nunca me abalarçar a lhe dizer cousa alguma a este respeito.

Em todo o anno lectivo que se seguiu a estas ferias, e que era o último da formatura de Manuel de Castro, poucas vezes me elle fallou em D. Anna, não obstante receber cartas d'ella, e ir passar as serias do Natal e da Paschoa fóra de Coimbra, provavelmente a Vizeu.

Este anno não fui a Luso; dias antes de findo o mez de Agosto parti para aqui; e queres saber quem eu encontrei ca? foi Manuel de Castro: e o mais bonito é que trouxe consigo D. Anna! Com elle me encontrei logo no dia seguinte ao da minha chegada, e então me deu parte de tudo quanto até alli succedêra.

A pedido de D. Anna fôra elle passar o mez de Agosto a Luso, pois, me disse elle, queria ver no que aquillo dava; todo o tempo que se alli demoraram para elles foi uma quadra de venturas so, so de prazeres; eram tão felizes, tão ditosos então! D. Anna amando e sonhando sempre com o casamento, Manuel de Castro gosando e cuidando de bem passar o tempo; e que projectos, que promessas, que esperanças!

Um tal estado de cousas não podia porém durar sempre; pois nem convinha a um nem a outro; era mister prompta resolução. Manuel de Castro não se decidia a pedir D. Anna aos paes, adiando sempre com pretextos diversos de dia para dia um tal passo. E o que faz então esta menina, a quem nunca illudiram esses pretextos? diz a Manuel de Castro, e terminantemente,

'num dos bailes dados na casa do edificio dos banhos, que ás quatro horas d'essa mesma noite a chamasse da rua, que ella logo iria ter com elle e sairiam no mesmo instante de Luso.

A isto que respondeu Manuel de Castro? respondeu como qualquer de nós o faria e como ella ja o esperava; acceitou com grande alvoroço.

Á hora pois convencionada a chamava elle da rua, e D. Anna saia de casa de seus paes; esteve alguns minutos de joelhos á porta, e, de braço dado, partiram depois ambos para o Bussaco: demoraram-se dois dias no convento, saíram depois para Coimbra, e de la partiram para aqui.

Acabou-se a historia... por em quanto, ja se entende. É verdade, tu chegas agora de Luso: ouviste por la fallar-se alguma cousa ácerca d'isto?

Respondi ao meu amigo Pedro Sanches, que ouvira sim fallar na repentina saída de Luso da familia Sarmiento, a quem apenas conhecia de vista, mas que tudo quanto me acabava de contar era para mim novidade.

— Olha que sempre é preciso que aquelles pobres paes muito e muito estimassem sua filha para se calarem sobre a sua fuga, e nada deixarem transpirar! se outro tanto succedesse com alguns que por ahí ha, e que eu bem conheço, o que então não seria! E se ainda isso livrasse de alguma cousa! mas...

Deixei fallar Pedro Sanches, sem lhe responder cousa alguma, porque os meus pensamentos não consentiam dar-lhe resposta, nem mesmo ouvia uma palavra sequer do que me elle estava dizendo. Eu ia pensando nos mysterios do coração humano, no *apurado olfato da nossa alma*, deixae-me assim exprimir, que nos guia e leva, atraz de um bem que nos foge, seguindo-lhe sempre o trilho, quer va para este quer para aquelle lado; parece haver um como dom de previsão que nos adverte do lugar onde pára o nosso bem, e para la nos leva, nos arrasta á fôrça, ou haja ou não von-

tade. E não succedera isto assim comigo? não fôra eu nessa manhan para o Bussaco tambem como que adivinhando que D. Anna para la havia ido? Não viera depois d'alli para Coimbra, e não fôra depois para a Figueira, sempre seguindo D. Anna?

Eis no que eu pensava quando entramos na cidade das casas de lona.

— Então o Sancto Ivo, doutor, não toma hoje banho? perguntou ao nosso lado nma voz argentina e melodiosa com aquella intonação propria dos habitantes da Figueira.

— Hoje não, minha pequena, está frio e ja é tarde: adeus, até ámanhan.

— Então és agora Sancto Ivo, doutor? perguntei ao meu amigo.

— Que queres! aquella pequena poz-me este nome! e a graça é que ja o anno passado me não chamava d'outro modo, e este anno se não esqueceu de mim e do nome!

Vi por vezes Manuel de Castro; mas D. Anna nunca a vi, nem na praia dos banhos, nem na missa, nem em parte alguma. Em todo o tempo que me demorei na Figueira pouco me diverti; tanto que até para o fim ja me começava a enfasiar o ver sempre as mesmas cousas, os mesmos logares e as mesmas caras.

No fim de Setembro voltei a Coimbra.

(Continúa) SEBASTIÃO VICTORINO

### SEBASTIÃO VICTORINO

#### IV

Vinha chegando a noite. O mar bramia  
Como... é costume seu, quando irritado.  
Relampejava ao longe a luz electrica  
Coriscavam as nuvens, e elevavam-se  
No turbilhão do mar as ondas liquidas,  
Que parecia que o demo andava 'nellas.  
E realmente o caso estava serio.  
Ora eu que sabia que Ermelinda  
Vinha a essa hora no mar... Vossa excellencia  
Pode ja figurar o grande medo  
Que de mim se 'apossou com tal 'spectaculo!  
Não sabia de mim, ora resava,  
Ora chorava lagrimas sentidas;  
A que extremos d'amor ellas obrigam!...

E o bom d'Ambrosio ao lado consolando-me  
 «Deixa o negocio a Deus — dizia-me elle —  
 Fia tudo das mãos da Providencia.»  
 Mas fui a pouco e pouco serenando  
 E ja olhava aquillo a sangue frio.  
 Fomos chegando á praia; muita gente  
 Se achava alli á espera da familia,  
 Ou d'amigos; e muitos por curiosos,  
 Quando subito... ainda me horroriso  
 So de lembrar-me a scena pavorosa.  
*Animus meminisse horret...* Na praia  
 Uma grita se ouviu; ais lamentosos  
 Vindos da escuridão: ais que partiam  
 Os tristes corações de toda a gente  
 Que arregalava os olhos 'nessas trevas,  
 Mas nada lobrigava. Oh dor! oh! psmo!  
 E o vento a sibilir, e as nuvens densas  
 Desfazendo-se em agua... Coisa horrivel!  
 E accrescia que as turbas apinhadas  
 Puzeram-se a gritar tambem da praia:  
 Andava a dor nas sombras discorrendo  
 Pelos peitos de todos, dando gritos,  
 Como nos bosques ruga á noite o vento,  
 Quando o ceu se incapota e a luz se esconde.  
 Mas podia, se viesse a claridade,  
 Ver-se em todos os rostos estampada  
 Com a pallidez e susto do costume.

Nós, como por instincto, eu é Ambrosio,  
 Assim mesmo vestidos nos lançámos  
 Não a matar na 'agua o fogo acceso  
 Mas a salvar a vida ás tristes victimas.  
 Um relampago fulge. A nau quebrada  
 Estava ao mar lançando os desditosos  
 Que as ondas injeitavam. Muita gente  
 Logo d'alli tomou perpétuo somno  
 E fez da vida ao fim breve intervallo,  
 Como disse Camões em outro assumpto.  
 Triste espectáculo a humanos olhos!  
 Tinham alguns seguido o nosso exemplo,  
 O que muito serviu para que muitos  
 Não perdessem a vida.

Senão quando  
 Vejo um vulto de branco sôbre as ondas  
 Fluctuando ao pe de mim. Era Ermelinda.

— Isso estava eu a ver — diz a leitora —  
 É tão vulgar o inredo! —

Mas perdoe-me  
 Vossa excellencia agora este defeito  
 Que a verdade desculpa. Não emendo.  
 O que quer que eu lhe faça?... se era ella!...

O resto omitte-se. É de pouca monta.  
 Saber como ella foi levada em braços,  
 Não nos meus, nos do irmão, a sua casa  
 (O primo succumbira ás cruas ondas).  
 Nem convem recontar como essa gente  
 Se fôra pouca a pouco retirando  
 Do theatro da dor, pungida, e mésta.

So vos direi que Ambrosio... E porque sempre  
 Fallar d'Ambrosio aqui? Ja aborrece  
 O tal senhor Ambrosio... Agora vejo  
 Que so nós dois aqui temos entrado,  
 Por ora mais ninguém. Isto é incrível!  
 Levor o poema ja 'nestas alturas  
 So com dois personagens secundarios!  
 Vejo o pio leitor, tirando os oculos,  
 Fechar o livro, e pondo-o a um canto escuro,  
 Exclamar: «Isto so nos tempos d'hoje!»  
 E a formosa leitora (o que mais custa)  
 Rir da obra e dizer: «Por que motivo  
 Em vez d'intitular isto *Ermelinda*,  
 Antes não poz o titulo d'*Ambrosio*?

Oh! Se vossa excellencia me affiança  
 Que ha de continuar a ler o livro,  
 Não fallo d'elle mais, senão adeante  
 La para o fim da obra. So lhe peço  
 Que ja agora me deixe rematar-lhe  
 O que ia dizer d'elle. É coisa pouca.  
 Vem a ser que depois dos bons serviços  
 Que fez, salvando a vida a muita gente,  
 Querendo eu seguir a moribunda virgem,  
 Por quem tanto suei (de tão bom grado!)  
 Elle me trava logo alli do braço  
 E me diz: «Isso agora é pedir muito!  
 Não te deixo safar, vamos p'ra casa.  
 Não posso aqui parar, 'stou constipado.»

E toda aquella noite velei sempre.  
 Com tantas impressões fôra impossivel  
 Conciliar o somno, a quem amava  
 Com tanto ardor, como eu. Velei qual nunca  
 Tinha até alli velado.

Que lindos sonhos d'infantil ventura!  
 JOÃO DE DEUS

E pensei 'nella.  
 Pensei no amor, que sempre nos unira,  
 Amor profundo e velho, amor que vinha  
 Ja la da boa infancia, dos bons tempos,  
 Em que, um atraz do outro, a borboleta  
 Tentavamos prender no doce ovario  
 Da rosa ou lyrio, ou d'outra qualquer planta,  
 (Que isso não faz ao caso). Então sem medo  
 Mesmo á vista de todos nos beijavamos,  
 Sem que a opinião pública e o decoro  
 Nos viessem tirar um do pe do outro.  
 Nem á desconfiança das vizinhas  
 Davamos importancia, nem temiamos  
 Os velhos paes sisudos, que respeitam  
 O murmurar do povo... Isso era tempo!  
 Oh doce liberdade!...

E assim pensando  
 Passei a meditar nos mil systemas  
 Que sôbre a liberdade se hão formado:  
 Como perdia o homem quando entrava  
 Na vida social (como uns pretendem,

E eu acho-lhes razão) certo fragmento  
 D'aquella liberdade que gozára  
 No estado natural. Qual a vantagem  
 (Ou *vantagem*, se quer, como alguém escreve)  
 Que d'isso nos provinha, ou se mais util  
 Nos seria viver bem á vontade  
 E deixar os grilhões, com que nos atam.  
 E mil outras questões eu punha em praça,  
 Qual d'ellas a melhor, de mais alcance,  
 A respeito do amor que me prendia.  
 Mas não cheguei a resolver nenhuma,  
 Que não permite o amor reflexões sérias,  
 Nem transcendentales, finas theorias.

(Continúa)

A. L. SANTOS VALENTE.

## AMOR E TYBANNIA

### CAPITULO III

#### A declaração

A verdade é algumas vezes  
 o escolho de um romance.

G. CASTELLO-BRANCO

Ja então estava convertida a amizade em odio, a convivencia 'numa separação eterna, a intimidade 'numa guerra aberta; mas ainda assim alguém não participava de tão hostis sentimentos.

Os nossos leitores, sempre perspicazes, decerto adivinharam que são Carlota e Alberto. E é verdade: estes dois jovens, a quem o coração ja segredava amor, não interromperam as suas relações, e continuaram a escrever na impossibilidade de fallarem.

Um bello dia, Alberto magoado sobremaneira com saudades de Ignez, e não vendo como alimentar a doce esperanza de a ella se unir, dirigiu-se ao quarto de sua mãe, e. depois dos usuales cumprimentos, declarou-lhe que amava Carlota e que estava no firme proposito de a desposar, ou sua familia quizesse ou não.

A bondosa mãe nada se surprehendeu com esta tão ingenua confissão, e pediu a seu filho afastasse do peito a funesta paixão que lhe corroia o coração, porisso que, posto tal união fôsse em demasia honrosa

para Augusto, elle todavia por mero capricho recusaria dar-lhe a mão de sua sobrinha.

Alberto, a quem sobravam brios e coragem, faltava a prudencia que em taes casos se requer, jurou a sua mãe que, a custo de todo o seu sangue, casaria com Carlota, libertando-a assim do tyrannico jugo que seu tio lhe impunha.

Foi então que Virginia caiu em si; e, lendo nos olhos incendidos pelo amor, os sentimentos que giravam na alma de seu filho, prometteu-lhe que o coadjuvaria no que pudesse, se elle promettesse tambem obrar conforme ella mandasse.

Promettido isto, Alberto despediu-se de sua mãe, e, entrando no seu quarto, sentou-se á mesa e escreveu a seguinte carta:

«Meu anjo

«Confiei hoje o segredo do nosso amor a minha mãe: ella approva-o, fez-me comtudo ver que era impossivel levar amigavelmente teu tio a dar o seu consentimento para a nossa união.

«Prometti-lhe que me deixaria levar pelos impulsos do meu coração; ella fez-me jurar prudencia, e prometteu coadjuvar-nos em tudo. Ora, no caso de teu tio me negar a tua mão, confias em mim para me entregares a tua honra? Então á face dos altares te jurará eterno amor

O teu  
 Alberto»

Escrepta a carta tocou a campainha e um criado appareceu. Chama-se Jose.

— Que quer v. ex.<sup>a</sup> disse este entrando.

— Conheces a sobrinha do sr. Augusto de Almeida?

— A sr.<sup>a</sup> D. Carlotinha?

— Sim.

— Conheço, meu senhor.

— Faz chegar-lhe esta carta ás mãos sem o tio saber, e, se o conseguires, dou-te cinco libras.

— Comprehendo, fidalgo.

Logo que o creado saiu, Alberto ac-

cendeu um charuto, e começou passeando no quarto á sua espera.

Não esperou muito; o desejo de ganhar cinco libras esporeava Jose que parecia ter azas. No fim de uma hora elle voltou, e em seus olhos lia-se a satisfação que lhe transbordava na alma.

— Aqui tem meu amo, e deve-me cinco libras.

Alberto abriu uma linda secretária de pau preto, tirou d'ella a quantia ajustada e entregou-a ao criado, que bem a tinha merecido.

Abriu então com mãos trémulas o bilhete que Jose lhe dera, passou-o pelos olhos e exclamou:

— Agora sou feliz!

Tinha razão para o dizer.

O bilhete era concebido nos seguintes termos:

«Amo-te, ja o sabes, e ha muito que te pertenco pelo coração; o que tu quizeres, quero eu. A minha honra ponho-a á salvaguarda tua.

Passo a noite em casa de \*\*\*. Até lá.

Tua

Carlota.»

Era para exultar de prazer. Um bilhete 'nestes termos, e escripto por uma donzella ao homem que ama é uma felicidade, que poucas virgens concedem aos seus amantes. Mas, diga-se em abono da verdade, Alberto merecia ésta felicidade, pois o amor que tinha a Carlota era de raiz. O tempo, que tudo abala, tudo damnifica, tudo estraga e tudo consome, consolida e arrega um verdadeiro amor.

Alberto leu e releu a carta, e quando a acabou de ler pela septima vez davam trindades em Sancto Antonio da torre velha. Vestiu-se o mais elegante que poude, perfumou-se, accendeu um charuto e saiu.

Seria ter em pouco a capacidade e fina intelligencia dos nossos leitores se lhes dissesse para onde foi. Deveis tel-o adivinhado.

(Continúa).

LUIZ DE SA COUTINHO

## VILANCETE

Que fazes, Rosinha, no pino da calma  
por éstas montanhas, florinha d'amor?  
A sombra não buscas, não ves como a palma  
se dobra queimada por tanto calor!

Como ella não queiras que a côr do teu rosto  
tamanhos ardores te possam mudar!  
O estio vae grande, são dias d'agosto;  
á sombra te deixa comigo ficar.

Ha tanto, que espero por éstas montanhas  
a ver se te vejo passar por aqui!...  
De dia e de noite saudades tamanhas...  
mal sabes, ó Rosa, que eu tinha por ti!

Domingo na festa, que a gente fazia  
na branca ermíndinha do nosso lugar,  
eu fui para o adro, por ver se te via  
co' as mais raparigas defronte passar.

E triste sem ver-te, corri á igreja  
e em vão-te buscarem meus olhos alli;  
mas hoje que a sorte me dá que te eu veja,  
á sombra te assenta, não saias d'aqui.

«Que dizes! e ao ver-nos á sombra sosinhos  
«a gente da aldeia de nós que dirá?...  
«a sombra não quero; por estes caminhos  
«talvez meu pae venha... depois que fara?!»

Teu pae dorme a sésta, não temas que venha  
do valle ás collinas por este calor...  
Não temas que espreitem: é muda ésta penha  
ninguem nos escuta fallando d'amor.

Os dias, que passo nos montes sem ver-te  
parecem mil annos, mil annos sem fim,  
Rosinha, parece que venho a perder-te,  
se fallas c' os outros e nunca p'ra mim!

Mas 'nisso não creio; tamanha desfeita  
não podem os anjos fazer a ninguem,  
entremos na matta, pombinha perfeita,  
la dentro gosemos da sombra que tem!

«Adeus, tenho pressa: ja disse — contigo  
«não posso 'neste ermo passar o calor;  
«que a imagem da Virgem, que trago comigo  
«me ordena que fuja dos p'rigos d'amor.»

E 'nisto fugindo do pobre, que a adora  
correndo, correndo se esconde no valle!  
Debalde o amante, que volte, lhe implora...  
tamanha desdita não tem outra igual!

Cidral — Agosto de 186...

J. SIMÕES DIAS

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



## SONETO

Il n'y a de bonheur que dans le ciel.

BALZAC

Que lento agonisar, que morte immensa!  
Que inferno me vae 'nalma em lueta afflictiva!  
E que ância, que soffrer, em que cogita  
A mente afoguada em dor intensa!

Vacilla da razão a luz suspensa  
Às bordas de um abysmo que se agita;  
Ideia apos ideia precipita  
Nas trevas de uma d'úvida em que pensa!

Se em magoas vivo, ó Deus! se luto apenas  
Sem balsamo de esp'rança que conforte,  
Refúgio de infelizes 'nestas penas,

Oh! da-me, da-me que surgindo forte  
Do cahos de amarguras, mais serenas  
As horas volvam sob o chão da morte!

Foz, 30 de Setembro

HENRIQUETA ELYSA

## PASSADO E PRESENTE

Qui pourra jamais comprendre  
le génie du mal qui a disposé de  
moi?

MADAME DE STAEL

Nasci 'num berço de risos,  
Entre afagos e delicias  
Do amor;  
Depois, da aurora aos sorrisos,  
Vi mudar éstas caricias  
Em pavor.

Veio o anjo da poesia  
Entre cantos ao meu lado  
A sorrir;  
Com que pallida agonia  
Seu olhar volve inspirado  
Ao porvir!

Um negro crepe de morte  
As faxas da minha infancia  
Cobrir vi;

Creança, julguei-me forte  
No mundo, florida estancia,  
E vivi.

Os meus enlevos dilectos,  
Meus desejos innocentes,  
Meu folgar,  
Eram sonhar mil affectos  
Entre palmas rescedentes  
Ao luar!

Por entre os bosques so via  
Imagens de anjos e fadas  
Folgazans!  
Em meus braços as cingia;  
Vi mais tarde que eram nadas,  
Sombras vans!

Eram vans!... Minhas chimeras  
Tão lindas, tão innocentes,  
Ao nascer,  
Eil-as involtas nas eras  
Do sepulchro, onde inda quentes  
Vão descer.

Nem ja me é dado uma esp'rança  
'Neste peito tão enfermo  
Despertar!  
Os meus dias de bonança  
Não gósto de vir 'neste ermo  
Recordar.

Pois são phantasmas sombrios,  
E sonhos que mais não volvem  
Té morrer,  
Quem ha de affectos tão frios  
Nas cinzas em que se involvem  
Aquecer?

Ninguém, ninguém! que no peito  
Ja não cabe de amargura  
Dor cruel!  
É recinto muito estreito  
Para abrigar a ternura,  
Pois tem fel.

Mas que fel! Este meu riso  
Mal traduz tanta agonia  
Que cá vae!  
Ha irrisão no sorriso:  
O pranto janeto á ironia  
Frio caé.

Gelou-me sópro de morte  
O viço da mocidade;  
Como a flor  
Açoitada pelo norte,  
Vegeto na soledade,  
Sem fulgor!

HENRIQUETA ELYSA

## RECREIO PARA INSTANTES

Quando a pedido de Cecilia deixou Leonor a casa de seus paes foi com o intuito de se não demorar mais que alguns dias, pois nem de outra forma ella acceitaria tal convite com prazer.

Foi pois.

Cecilia tinha uma linda quinta nos arbaldees da villa, onde residia quasi sempre, e para la levou a sua amiga. Passaram-se dias, depois semanas, depois mezes, e as duas meninas não pensavam em separar-se. Leonor dava-se perfeitamente com aquelle viver, porque amiudadas vezes espalhava as saudades que tinha de seus paes com as repetidas visitas que lhe estes faziam. Cecilia, pela sua parte, amava a joven com todo o extremo e affecto de quem não tinha conhecido outra irman: além de de que era Leonor mais que digna d'esta afeição que sobejamente compensava com carinho.

Não se pôde imaginar o afan com que Leonor buscava cultivar a sua intelligencia para a pôr ao nivel da de sua amiga, de quem ao principio não comprehendia as ideias, senão pela finura de seu instincto natural. Foram tão rapidos os progressos, tamanho o desinvolvimento que em pouco tempo o seu espirito adquiriu, que Cecilia, a não a amar tanto, invejar-lhe-ia o talento que de muitos graus excedia o seu; mas nunca poderia ser emula d'aquella que, por assim dizer, levantou do nada, e via com orgulho de dia para dia engrandecer-se.

## II

Era um dia ao anoitecer: os ultimos reflexos crepusculares espalhavam-se, como vistas de fogo, pelas cristas das montanhas, illuminando o horizonte de pallida claridade, ao passo que ja as sombras da noite se estendiam pela vastidão do ceu, onde começavam de surgir milhões de pequeninos astros. Corria uma aragem fina e penetrante, como sempre succede ao cair da

tarde no inverno, principalmente quando o ceu está sereno, e os horizontes limpos de nuvens. Não obstante isso, a noite que chegava annunciava-se como um espectáculo dos mais bellos e sublimes da natureza.

Era uma noite de Janeiro como so as ha em Portugal; limpida, pura e cheia de brilhante luz. Cecilia e Leonor saiam de mãos dadas para o jardim, abstractas, mudas e silenciosas, como se temessem com um leve ruido perturbar a harmonia e ordem da natureza. Aos ultimos lampejos do dia que ia desaparecendo, e aos primeiros clarões da lua que começava de surgir, podia muito bem ver-se e contemplar-se as duas meninas, que pareciam as mysteriosas fadas d'aquelle retiro, surgindo como por encanto, enlaçadas uma á outra para respirarem as últimas brisas da tarde, em cujas azas o dia envia seu hymno derradeiro. Aquelle suave mixto de luz e sombra, que o crepusculo derrama, como veu mysterioso, sobre a natureza, cingia de pallido reflexo a fronte das duas amigas, e dava um como colorido feiticeiro e phantastico ao encantador grupo.

Leonor, açucena melindrosa, branca e aerea como um espirito, mais anjo do que fada, mais fada do que mulher, reclinava a cabeça, languida e meiga, sobre o hombro da sua amiga com delicioso abandono fitando ao mesmo tempo no espaço seus grandes olhos negros, mais poeticos que a noite, mais scintillantes que os astros; ao passo que Cecilia, mais feiticeira e travessa, mais viva e espirituosa, cingia com o lindo braço o alvo collo de Leonor, envolvendo-a toda na chamma ardente de dois olhos pardos que lhe brilhavam á flor do rosto. As duas meninas amavam-se em extremo, e desvanecidas se miravam uma á outra como se, com razão, se julgassem duas das muitas maravilhas creadas pelo Eterno.

Eram realmente duas bellezas muito distinctas, mas que nada tinham de commum entre si; duas almas, ambas enlevadas,

ambas poeticas, mas apenas identificadas pelo affecto, desunindo-se em todas as aspirações e desejos. D'este desaccôrdo de pensar nascia talvez aquella harmonia que as ligava em mutua e intima affeição. Em Cecilia, aquella vivacidade no gesto, aquelle fogo no olhar, aquelle galanteio feiticeiro nos ademanos denotava certa impetuosidade de genio, que podia vir a tornar-se um tanto feroz e selvagem, se um dia as paixões acordassem em seu seio em lucta com a razão. Nella estava personalisada a força, a energia, a acção, todas as qualidades varonis emfim. Coração de fogo para o amor, e de aço para o odio, tão vehemente devia ser 'numa como 'noutra cousa; emquanto que Leonor, corpo debil e fransino, alma arrôubada na poesia do infinito e do amor, por uma e outra cousa devia morrer, quando as crenças que nutria caissem, como illusorias que eram.

Sigamos as duas amigas no seu passeio, e ouçamol-as fallar, pois tera o leitor então occasião de melhor as conhecer:

### III

Sentadas 'num banco de relva á beira de um declive, no fundo do qual corria manso regato sobre leito de fina areia, Cecilia e Leonor repousam ha poucos instantes, conversando ao mesmo tempo 'neste metal de voz, que nem bem se pôde chamar confidencial.

— Não sabes? dizia Leonor á sua amiga, meu pae vem buscar-me um d'estes dias; e para que, Sancto Deus!!

A pobre menina estremeceu, e fez-se branca como um lyrio.

— Ora! gracejas? teu pae vir-te buscar! faltava-me ver essa! respondeu Cecilia com os olhos brilhantes e as faces incendidas por vivo rubor. Ainda não ha muitos dias que vieste: teus paes roubaram-te a meus carinhos por espaço de dois mezes, que te a tiveram. Não sabem que não posso viver sem ti? então para que te veem buscar outra vez?

— Para que? oh! se t'ò eu dissesse!... Mas não, não quero ver-te indignada contra meus paes, isto é, contra aquelles que tudo podem sobre mim.

— Não dizes, Leonor? não abres o coração á tua amiga? Queres assim que creia em ti, e que não pense que os teus carinhos não passam de simples demonstrações de um fingido affecto?

E Cecilia, fallando assim, havia recuado para o fundo do assento, fazendo a Leonor um pequeno gesto de amuo.

A joven correu para ella e apertou-lhe as mãos entre as suas, imprimindo-lhe ao mesmo tempo um beijo; depois deitou a cabeça no regaço de Cecilia, como se ficasse esperando o premio ou castigo da sua acção. Á vista d'isto a donzellá commoveu-se, e, levantando-lhe a cabeça, percebeu que a sua amiga chorava copioso pranto.

— Que é isso, Leonor?! levaste a serio o meu gracejo? desconfiás ainda da tua Cecilia?!

— Não, filha: choro porque sou muito infeliz!

E o pranto mais abundante corria d'aquelles formosos olhos, que a tristeza tornava mais poeticos ainda, sem contudo lhes impanar o brilho.

— Tu infeliz, minha Leonor?... exclamou Cecilia cheia de pasmo. Na primavera da vida mais fresca e amorosa, com o rosto de anjo mais seductor que em minha vida hei visto, com uma intelligencia e coração que fazem inveja á tua propria amiga, que te estima mais que a si mesma se ama, com a sympathia e affeição de todos os que te vêem ou conhecem, de que mais careces para seres completamente feliz? Em verdade que te não entendo: ou es muito descontente, ou pezar muito occulto te devora. Vejamos: que será que eu não possa remediar?

— Infelizmente não, minha amiga; ah! que se tu podesses, tenho a certeza que da tua mão me viria o remedio. Não sabes? é meu pae, sempre meu pae, que me quer

casar contra minha vontade, entendes, minha amiga?

— Sim, realmente! e eu que tão reservada tenho sido\* para contigo, que ainda te não disse que tambem minha familia me destinou noivo antes de eu poder ter voto na materia! felizmente agradou tanto, que é um casamento de amor, e não de contracto, o que vamos fazer.

Um relapago sombrio, mas instantaneo, atravessou rapido pelos olhos de Leonor, que para logo se fitaram meigos na sua amiga.

— Ma! e eras tu a que ainda ha pouco me accusavas de reservada para contigo!

— É porque, antes de te fazer esta confissão, eu carecia saber se era correspondida com o mesmo amor.

— E es?

— Sou-o tanto, que de hoje a um mez casámos!

— Tão proximo estava, e nada me dizias?! Não me deixarás ver teu noivo antes de ser marido? Comêço a suspeitar que desconfias de mim; enganar-mé-ei?

— E se assim fôsse, parece-te que não teria razão? Não es tu mais formosa, meiga e boa que eu?

— Cecilia!...

— Leonor!...

As duas amigas depois de se mutuamente olbarem abraçaram-se com extremo.

— Mas, enfim, quem é o feliz mortal, minha Cecilia? Não acabarás de m'ó dizer? Por certo não é meu conhecido? interrogou Leonor com modos de quem a si propria se fazia uma observação.

— Eis ahi onde está o negocio; teu conhecido é elle, tanto como de mim propria.

— Não entendo, Cecilia; tu gracejas comigo; á fe que o ia jurar!

E Leonor, que havia pouco tinha impallidido, fez-se escarlate como uma roman.

— Não gracejo, não, meu anjo; tu é que achas prazer em te fazeres ignorante agora. Pois não adivinhas que é Fernando de Magalhães, que todos os serões vem passar comnosco?

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

## DUVIDA

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. E. T. de M.

Quem 'nalma te gravou scismar tão triste?  
Tão triste pallidez quem te ha gravado  
No semblante formoso?

A. GONÇALVES DIAS

Reposa-me no seio a fronte exausta,  
E vem contar-me a dor que assim te opprime  
O joven coração:

E, se conforto houver á pena infausta,  
Dos balsamos de amor virá sublime  
Trazer-te a redempção.

Se estátua do soffrer tu es na terra,  
E de angústias sem nome ingrato mundo  
Te fez o pedestal,

Tambem nas solidões que a vida encerra  
Ha muito soffrimento acerbo e fundo,  
Ha muita sorte equal.

Quem lagrimas occulta em brando riso  
Não julgues que é feliz, porque se esconda  
A dor, que muda está;

Tambem se mostra o mar sereno e liso,  
Porém, se o norte irrompe... erguendo a onda  
Aos ceus a arrojará!

Tem contudo consólo as magoas de homem  
Que sente a desventura por instantes,  
E cujo pranto é

Como gotas de orvalho, que lhe somem  
As ancias do viver com mais brilhantes  
Lampejos d'alma fe;

Mas tão pallido sempre como a lua  
Que desmaia no ceu ao vir da aurora,  
Assim teu rosto vi,

Sem que nunca um sorriso a face tua  
Viesse illuminar: quem póde agora  
Levar-te allívio, a ti?!

Se divagas perdida em mil anceios,  
Correndo apos visão fagueira e linda  
De imaginario bem,

Quem ha de, pois, seguir-te os devaneios,  
Eternos como essa alma que não fluda,  
Nem laços ja detém?!

D'ahi vem teu soffrer. Sonhaste a vida  
Nuvem tenue, subtil, que te velava  
So mysterios de amor;

Depois rasgou-se o veu... desvanecida  
A candida illusão, caiste escrava  
De interminavel dor!

E assim te vejo agora pensativa  
E triste, como archaújo que tombasse  
Das regiões da luz;  
Se é mais tranqüillo o gesto, é menos viva  
A côr tão branca e pura d'essa face,  
Que teu penar traduz.

Não ha, não ha conforto que te abrande  
O férvido scismar, d'onde em tu'alma  
A dúvida brotou!  
Se descreste do amor, que é forte e grande,  
E fonte que so ella a sede acalua,  
Que esp'rança te restou?!

(Do Instituto)

LUIZ CARLOS

## A UNS ANNOS

Se os sentimentos que agitam,  
Que me abraçam o coração,  
Poderse exprimir em versos  
De celeste inspiração,

Na lyra de ouro tangêra  
Um canto novo, immortal,  
Que eternisasse na fama  
O dia do teu natal.

Mas, pobre, nada te offerto;  
Que póde um pobre offerlar-te?...  
Não tenho as galas do genio,  
Nem sei as pompas da arte.

Porém, se a expansão sincera  
De uma sincera amizade  
Póde ser grata a teus olhos,  
Póde dar-te f'licidade,

Acceita 'nestes meus versos,  
'Nesta singela canção,  
Os votos puros, sinceros,  
Da minha pura afeição.

A. A. F. P.

É condição de um pastor vigilante não  
se engolfar de modo no gôsto de um bem  
conseguido, que perca de vista alguns dos  
males que restem e a que se deva e possa  
applicar remedio.

A. CARTANO DE SOUSA

## AMOR COM AMOR SÊ PAGA

### VI

Passou um anno.

No tempo dos banhos encontrei-me de  
novo na Figueira com Pedro Sanches. Al-  
guma cousa nos divertimos então: houve  
até momentos de verdadeiro prazer, e em  
que eu sobremodo folguei, com quanto de  
minha natureza não seja eu muito para fol-  
guedos: mas nem sempre podemos viver na  
tristesa e abatimento; alguma vez ha de a  
alegria vir deleitar-nos a alma e desterrar  
paixões.

E não era por de todo me haver esque-  
cido D. Anna que eu assim passava alegre  
esse tempo dos banhos, pois nuvem negra  
e triste me cobria o rosto, quando uma vez  
por outra me recordava d'ella; mas eu fa-  
zia por me vir a sua imagem á lembrança  
o menor número de vezes: o estado de mi-  
nha alma outro era que o do anno anterior,  
e por isso pedia mais folgares e prazeres  
que 'nesse tempo em que não era senhora  
de si. Para 'dizer a verdade foi até aquelle  
o em que melhor me souberam as ferias:  
se me pareceram curtas!

Talvez se diga que so assim obrava para  
me atordoar e deslembra de D. Anna; não  
sei: o que sei é que é tarde, e que vou  
acabar com a *historia*.

Um dia, e era domingo, ia eu meu passo  
pela rua de S. Antonio acima para a missa,  
quando dei de cara com Pedro Sanches.

— Ainda bem que te encontro aqui,  
disse elle.

— Aconteceu-te alguma cousa?

— Não: acabo de ler agora uma carta  
de Manuel de Castro, sabes? que recebi  
ainda ha pouco: faz agora um anno exacto  
que nunca mais o vi, nem d'elle tornei a  
ter noticias: pois eu dou-te um doce se  
adivinhares o que me elle manda dizer;  
dou-lhe uma, dou-lhe duas... nada, toma  
la a carta e le.

Peguei d'ella e li; dizia elle la pelo meio  
da carta, e era ao que Pedro se referia,

que na terça feira se tinha baptisado um filho d'elle, que lhe puzera o nome de Pedro, que tinha havido festa rija, que D. Anna estava boa, etc. etc.

Não quiz ler mais; entreguei a carta, e elle disse-me:

— E então que te parece ésta? feito padrinho do pequeno sem ter vontade, nem ser convidado por uma carta em fórma! aonde é que isto se viu! *Ó tempus, ó mores!* ó tempo das amoras! Mas elle emfim é meu amigo, e então passe. Se lesse tudo verias que Manuel de Castro parece estar agora de outros humores: o nascimento do tal pequerrucho grande abalo lhe fez! veremos o que succede; o que ja estou vendo é que elle mostra agora estar doudo de todo por D. Anna, mas doudo de amores, que é a peor de todas as doudices; ella por um lado, e elle por outro, ha de ter que ver! nem duas rolinhas! Mas vamos indo para a missa que são horas.

Com quanto ja um anno se houvesse passado sôbre aquella venturosa noite de Luso, em que pela vez primeira tivera a dita de ver e fallar com D. Anna, no emtanto sempre que Pedro d'ella acertava de fallar, eu sentia ca no interior um não sei que de afflictivo, como que ciume, que bem a entender dava qual fôsse a impressão que ella no meu espirito fizera. O que é certo é que a noticia do nascimento de um filho de D. Anna, dada assim de chofre, me deixou aturdido.

Quinze dias depois recebe Pedro uma outra carta de Manuel: 'nesta lhe dizia que, attendendo, ja ao nascimento de Pedrinho, ja ao amor que ia começando com mais força de sentir por D. Anna, a quem mais prêso cada vez se via pela sua ternura e affeição, havia decidido tomal-a para espôsa, pois que assim tambem se congratava com uma familia que elle presava por ser a de D. Anna, e se descarregava de um pêso que tinha na consciencia, pagando assim o amor extremo que lhe ella tinha com outro não menos extremo; portanto lhe participava que, dentro de oito dias,

se recebia com D. Anna, e, logo depois, partiam ambos para Vizeu, onde os paes d'ella os esperavam alvoroçados para lhes darem sua paternal benção e para beijarem o seu querido netinho. Acabava emfim por se confessar o mais ditoso dos homens, e por dizer que ninguem possuia uma mulher como elle.

E eis aqui está como finda a historia do meu primeiro amor; se eu algum dia poder contarei tambem a historia do meu segundo amor, que ainda é mais divertida, e mais instructiva; ora verão.

E disse por hoje.

SEBASTIÃO VICTORINO

### A C...

(NO DIA DE SEUS ANNOS)

Perfeito amor que amor jura

A. F. DE CASTILHO — *O Outono.*

Formosa c'roa de flores  
quizera hoje p'ra ti;  
mas n'alma so tenho dores  
d'ausencia sentida aqui.

E eu hei de off'recer-te espinhos  
'num dia que é so d'amores,  
quando ventura e carinhos  
refletem d'aurora as côres?

Ou com saudades myrradas  
adornar-te a fronte pura?  
seria em horas doiradas  
lançar flores de sepultura.

Ao martyrio, que n'ausencia  
sem piedade me flagella,  
tenho prêsa a existencia,  
não quero mandar-t'o oh bella!

Outra flor guardo no peito  
que sem perdela t'offereço:  
é um puro amor perfeito,  
o mais puro que eu conheço.

Nos teus afagos mimosos  
que ella possa refflorir,  
possam dias mais ditosos  
com ésta flor nos unir.

Lisboa, 13 de junho de 1863

HENRIQUE FREIRE

## ERMELEINDA

## V

Pois, meus caros leitores, vou dizer-vos  
Que isto de verso solto é ja massada.  
Safa! que estou ja farto! Se não rimo,  
Não acabo o poema. Dão licença?  
Alguns até sei eu que estão achando  
Estes versos eguaes... eguaes á prosa.  
E se alguém se zangar com tal mudança  
(Que as opiniões emfim sempre variam)  
Fico que a maioria approva a ideia.  
Vamos pois a rimar. Principiemos.

## VI

## 1

Não sei se invoque a musa... Irei ao Pindo  
Chamar uma das nove... a que ama as danças.  
Ella ahí vem cantando e vem sorrindo.  
É Terpsichore bella! Em vão te canças  
Innovador espirito, se curas  
Supprimir tão sympathicas figuras.

## 2

Não ha ahí podêr que a tal se atreva,  
Nem que o houvesse o faria; e hoje mesmo,  
Inda que alguém seus nomes nunca escreva,  
E invocações, se as faz, as faça a esmo,  
Verão comtudo os taes, se bem reparam,  
Que as não extinguiram, não; so as chrismaram.

## 3

E que embaraços tiram! que surpresas  
Doces á phantasia ellas nos trazem!  
Por isso tu, meu estro, as não desprésas,  
Pois conheces o bem que inda te fazem.  
Vem pois, ó Musa do festim, do baile,  
Trajando o manto grego, ou fino chaile,

## 4

Vem-me contar o que essa noite viste,  
Quando Ermelinda delicada e esbelta,  
Dançando aquella valsa, alegre e triste,  
Descrevia com os pés na sala um della.  
(Não porque a sala fôsse algum triangulo,  
Senão porque impedido estava um angulo).

## 5

E ella na valsa, delirante e ardente,  
Sôbre o meu hombro reclinava a testa;  
E o braço nu, que me perdia a mente  
No meu pousava com doçura honesta:  
E o levê sôpro, que exhalava a espaços,  
Mais me apressava com o delirio os passos.

## 6

Eu amo a dança muito! Se soubesse  
Vossa excellencia o gôsto que me causa,  
Quando comigo dança!.. até parece  
Vir do ceu, quando a musica faz pausa!  
E quando de manhan a casa volto  
Não sonho em mais, que no dançar revolto.

## 7

Inda mais que o theatro, eu amo a dança!  
E para adoçar penas e esquecer-me  
Das magoas que na vida a sorte lança,  
E que affligem o triste, humano verme,  
Quizera allí passar a vida toda,  
Viesse embôra a estar fóra de moda!

## 8

Ah! meus bons corybantes! o que eu sinto  
É turdes todos vós o mesmo gôsto!  
E não posso tornar-me aqui distincto,  
So se gostar das danças... em Agosto!  
Mas 'nesse mez, em que se abraça o polo,  
Quanto mais quedo estou, mais me consôlo.

## 9

Ia-se á noite em amorosas lidas,  
Fallei-lhe muita vez, e fallou-me ella:  
Fez promessas e juras esquecidas,  
Eu prometti tambem... em Agosto!  
E contente por ver que inda era amado  
Fui p'ra casa e dormi mais descansado.

## 10

Ommittiram-se aquí muitas miudezas  
Que eram bons episodios para a obra;  
Tal era a descripção d'essas bellezas  
Que nos salões havia, até de sobra:  
E as censuras mordazes, que faziam  
Umas ás outras, quando bem podiam.

## 11

Podera aproveitar os grandes lustres  
Que pendiam dos forros estucados,  
Ou as figuras dos barões illustres  
Que andavam por allí embasbacados,  
E os mil casos ridiculos e serios  
Que davam p'ra dez poemas *megatherios*.

## 12

Podia eu pois aquí fazer um canto  
De novecentos versos, pelo menos;  
Mas 'neste assumpto tem-se escripto tanto,  
E ha versos tão mimosos... tão amenos...  
Que quando o estro a graça me não arme,  
Dos lugares communs quero escapar-me.

13

No outro dia morreu um homem grande.  
(Não é jornal, bem sei, este poema,  
Mas dado mesmo que a arte tal não mande,  
E se me altere assim da obra o systema,  
Quando o altera um homem d'este lote,  
Não temo que a censura me amarrote.)

14

Morrêra Xisto Camara. As ideias  
Sei que fazem esquecer quem as prepara.  
Vão-se as abelhas, ficam as colmeias;  
Morreu o lavrador, fica a seara.  
O mundo é uma officina. Os homens veem  
P'ra cumprir a missão e a cargo têm.

15

Cada um trabalha um pouco; depois parte.  
A ideia ca nos fica, essa não morre.  
Mas quem 'nella tomou mui grande parte  
Sempre ás abas da ideia prêso corre.  
Assim vemos dos genios a memoria.  
Cercada do esplendor da eterna gloria.

16

A tua ideia é grande: um geuio accusa!  
Espirito inquieto, ardente e ousado,  
A nenhum duro risco o peito excusa,  
Não teme a morte, não receia o fado.  
A ideia é grande; mas (mortaes enganosi!)  
Será talvez ideia muitos annos!

17

Não me quero metter na embruhada  
Da questão da Iberia. Isto que digo  
Se pensam referir-se a essa alhada  
Desde ja promptamente me desdigo,  
Pois em obras, como ésta, mal parece  
Que eu me metta em questões de alto interesse.

18

É bem simples o fim com que fiz isto.  
Notou sem dúvida o leitor benigno  
(Se com um relance de olhos o tem visto)  
Que é de perdão e de indulgencia diguo.  
E até avanço mais, embora riam;  
Se gostassem, favor lhes não fariam.

19

Serve isto de prefacio. Este poema  
Foi feito para rir. Ha uns momentos  
Em que dos nervos por subtil systema,  
Ou outras causas, outros temperamentos,  
Ou quando a gente quer fazer o chylo,  
Ninguem ama sisudo e grave estylo.

20

Le-se então o jornal, le-se o romance,  
Obras feitas 'num dia, e para um dia;  
E eu conhecia um velho (em paz descanse!)  
Que lia a *Batrachomyomachia*,  
Poema, que, como é fama, fez Homero,  
P'ra animar a fazer... cousas sem esmero.

21

É d'estas a presente. O bom Virgilio  
Do genero sabia e escreveu 'nelle;  
E o suavissimo Ovidio antes do exilio  
Não menos o tractou, que durante elle.  
Se eu nos exemplos protecção buscára,  
So com cital-os me saía cara.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

### Expediente

Com o n.º 24 completa-se o 1.º anno, e por conseguinte o 1.º volume dos Hymnos e Flores. Com este numero findam tambem a maior parte das assignaturas do nosso jornal. Fiados porém na protecção que os srs assignantes nos têm dispensado, não duvidámos que, no 2.º anno em que os Hymnos e Flores vão entrar, esses senhores nos continuem favorecendo com a sua assignatura, concorrendo assim para o augmento e prosperidade d'este jornal; mas no caso que, por este modo, nos não queiram obsequiar, os srs. assignantes terão a bondade de participar, impreterivelmente, a esta Redacção, até o dia 10 de Novembro, que não desejam continuar a sua assignatura.

Como poucos senhores têm acudido a satisfazer o importe da sua assignatura, apesar dos continuados pedidos que 'neste jornal e por cartas lhes temos feito, por este meio os avisámos que lhes não sera remetido o volume que se prometteu emquanto não satisfizerem toda a sua divida a ésta Redacção.

Esperámos que nos não levem a mal o tomarmos ésta medida.



## NUNCA MAIS!

A \*\*\*

Em tudo se me afigura escripto o  
lemma terrível — Nunca mais!

C. CASTELLO-BRANCO

Quem vae no ermo lamentar saudades,  
Tristes verdades, pungitiva dor?  
Quem vae vertendo de illusões perdidas  
Gotas sentidas em myrrhada flor?

Quem vae, se o fogo nos escalda a mente  
Resplandecente de fatal condão?  
Funesta imagem de illusão perdida  
La está cingida de infernal clarão!

Quem vae, se as flores de veneno eivadas,  
Mesmo regadas ja não vão florir?!  
Que vale o pranto quando a dor ateia?  
Fatal cadeia quem a vae partir?

Se nos embala com mentida esp'rança  
Triste lembrança de um passado vão,  
Mais alto falla a realidade fria  
Com voz sombria doloroso — não!

«Oh! nunca mais essa illusão tão q'rida  
P'ra ti com vida tu verás voltar!  
Immenso abysmo se interpõe no meio  
Que a dor te veio com punhal cravar.

«Oh! nunca mais essa risonha imagem!  
Fugiu na aragem que t'a trouxe aqui!  
Funesto sonho! nunca mais um riso  
Triste, indeciso, raiará em ti.

«Buscaste a vida 'num fogoso aneio,  
Nunca um receio teu desejo eivou;  
Queimou-te o fogo do teu estro ardente,  
Nem cinza quente do que foi restou.

«Sonhaste muito! mas teus sonhos bellos  
Loucos anhelos, quem podéra ver?  
Amor e gloria, tudo te sorria,  
Deu-te a ironia seu fatal descrer!»

Ai! flicidade, se tu es da terra,  
Quem te desterra d'aqui longe, assim?  
Triste destino que me rouba os annos?  
Nos desenganos de uma dor sem fim.

Embora! ao menos que eu a veja uma hora  
A linda aurora que te viu nascer;  
Passou qual nuvem que a tormenta arrasta  
Depois afasta p'ra não mais volver!

HENRIQUETA ELYSA

## SEMPRE?...

Que dor ésta de saudade e  
recordação para infelizes!

D. ANNA FLAGIDO

De que serve a memoria, se mata  
Quando a crença p'ra sempre acabou?  
De que serve, se em tudo retrata  
Doce encanto  
Que em pranto  
Findou?

Se recorda so triste passado  
Que um futuro d'esp'ranças roubou!  
Se nos diz que o soffrer é baldado,  
Que esquecido,  
Perdido  
Finou!

Se eu podéra esquecer esse transe  
Que de gelo minh'alma tornou!...  
Do passado no livro que lance  
Negro traço  
No espaço  
Deixou!

De que vale dizer á memoria  
Não te lembres, que a dita passou?  
Se foi escripta com fogo essa historia  
Expressiva,  
Bem viva  
Ficou!

Lodeiro, 10 de Outubro de 1862

HENRIQUETA ELYSA

## RECREIO PARA INSTANTES

Parece que alguma cousa de extraordinariamente espantoso e incredulo se desenhou no formoso rosto da menina, ora envolto de uma pallidez mortal. E muito dolorosa e terrivel devia de ser a d'úvida que lhe atravessou o espirito, para que seus labios balbuciassem éstas palavras, como se de manso fallassem á alma:

— É impossivel, é impossivel!!

— Impossivel?! que significa essa affirmativa, Leonor? interrogou Cecilia com voz já algum tanto alterada pela suspeita.

Leonor estremeceu, como se de subito saísse de uma abstracção dolorosa, mas compondo o rosto com ar risonho respondeu:

— Significa que se espanta o meu espirito com a reserva que tens até hoje guardado comigo! Estranho o mysterio com uma cousa, que, visto ter a approvação da tua familia, não devia nem podia ser um segredo para a tua particular amiga, como me chamas!

— É uma accusação que me fazes, mas que recae s'obre ti mesma: ainda ha pouco me confessaste um segredo, que foi quasi preciso arrancar-t'o do coração á fôrça.

— Ah! sim, a respeito do meu casamento? hei de pensar mais detidamente, e talvez que sempre me resolva a fazer a vontade a meus paes.

— Sim?! exclamou Cecilia sem poder occultar um raio de satisfação indizível que subito lhe brilhou nos olhos. Então deixa-me abraçar-te por tão bem procederes.

— Que quer isso dizer?

— Que por um instante suspeitei de ti uma infame deslealdade.

Ao ouvir éstas palavras Leonor levantou a fronte com nobre orgulho e respondeu:

— Se ha deslealdade neste negocio recae toda s'obre ti: se eu amasse Fernando, pois foi este o alvo a que lançaste a vista não podias fulminar-me com o labeu de infame. Ha tres mezes que elle frequenta a

tua casa todos os dias, e nunca uma palavra tua me deu a suspeitar que entre ambos houvessem relações mais estreitas do que as de amizade, ou as que a civilidade nos manda usar uns para com os outros. A tua revelação de ha pouco veio muito tardia para prevenir uma deslealdade infame da minha parte, como tu chamas, provavelmente, a uma inclinação pelo homem que havias escolhido sem o eu suspeitar! Socega, Cecilia, o meu coração está perfeitamente tranquillo, e completamente exempto de todo o sentimento que não seja uma profunda veneração pelos meus, e inteira amizade por ti, que, não obstante a tua reserva, não pôde esfriar. Não podêmos continuar agora, Cecilia, por isso que, se me não engano, Fernando é aquelle cavalheiro que vejo vir alem, alegre e risonho, pensando quiçá no futuro, ou na agradável surpresa que vem fazer á sua amada. Eu vou retirar-me, minha amiga, para te deixar conversar em liberdade com elle: mais tarde fallaremos nós s'obre este assumpto, que sobremodo nos interessa.

Leonor beijou com ternura a face da sua amiga, e retirou-se.

## IV

Não pôde a donzella evitar o encontrar-se com Fernando, pois não tinha outro caminho a seguir alem d'aquelle por onde o mancebo vinha: portanto viu-se obrigada a parar e complimental-o: 'neste acto o mancebo offereceu-lhe um ramo de violetas que trazia, ramo que ella acceitou sem muito saber porque nem para que.

Como caminhava ligeira, alguma cousa do ramo caiu no chão: baixou os olhos, e viu um pequeno bilhete cuidadosamente dobrado em fôrma de laço.

A primeira ideia que teve foi de voltar atraz, dizer a Fernando que se havia enganado na escolha da pessoa a quem offerecera o ramo; mas, pensando um momento, mudou de resolução, e, desdobrando lentamente o papel, leu o seguinte:

## Anjo

«Não posso dizer-lhe por escripto o que tenho a revelar-lhe; preciso de dizer-lh'o com a mão sôbre o coração, e que o ouça palpitar para não descrever da lealdade das minhas confissões.

«Peço-lhe portanto uma hora so de conversação íntima e secreta, hoje ou ámanhan, quando julgar opportuno conceder-m'a.

*Fernando de Magalhães»*

Leonor amarrotou entre os dedos aquelle tão querido e ao mesmo tempo tão detestado bilhete: mas levada repentinamente a sentimentos mais brandos, e como que accommettida de tristes e saudosas lembranças, começou de chorar, encostando-se a uma árvore para não cair com o violento palpitar do coração, que ameaçava asfíxial-a, tolhendo-lhe a respiração.

Passados que foram os primeiros momentos de desafogo tão necessario áquella alma, ferida por decepção mortal, a menina escreveu no verso do bilhete éstas poucas palavras:

«Ámanhan, ás onze horas da noite, na fonte do cedro, espera-o

*Leonor.»*

Findo isto, dobrou-o cuidadosamente, e embrulhou-o na ponta de um lenço onde se viam bordadas as iniciaes F. M., e retirou-se. No decorrer d'essa noite teve a joven occasião de entregar o lenço a Fernando, mas não o fez com tanta cautela, que Cecilia o não percebesse, mesmo sem a pobre menina dar por isso.

Infeliz criança, que sera de ti sem a experiencia do mundo, e demasiado confiada na dedicação de uma amiga! Não sabes tu, donzella, que a amizade pura e sincera é flor que raro se encontra nos desertos areas da vida, e que se la veceja é para logo murchar?

Ai! que o amor venda-te os olhos, e leva-te a um precipicio, onde, chegada que sejas, é forçoso resvalar!

## V

Era uma noite formosa como um sonho de anjos, ou um sorriso de Deus!

Mais fadada para amores nunca a lua surgira para allumiar de espaço a espaço com pallidos reflexos a crista dos robles, ou a copa dos salgueiros e carvalhos. Não devêra de ter tantos encantos e suavidade o despertar do primeiro homem, com toda a innocencia e púreza de sua alma, nos braços da mulher que Deus pozera a seu lado durante o somno! A lua apparecia com todo o seu magico esplendor; mas de instante a instante veu diaphano como o das virgens do Senhor lhe escondia a face de leite, para depois mais bella ainda destacar no azul do firmamento.

Éstas alternativas de luz clara ou branda convidavam os amantes a procurarem-se no silencio da noite, e conversarem na solidão dos campos, sob a rama do arvoredado prateada pela lua. O ligeiro ciciar da brisa ensinava a conversar baixinho, como suspirar da alma, que morre á flor dos labios, em murmurio tão brando que so ouvido de amante escuta.

Na quinta de Cecilia reinava absoluto silencio, e uma como meia obscuridade, pois a lua perdia sua luz no verde-negro dos cedros e outras arvores que não conhecem primavera nem outomno, e que alli foram plantadas profusamente.

Sob a copa de um mais elevado e antigo caía com gemebundo som, sôbre leito de fina relva, uma fonte, que, como fio de prata, corria por sôbre o campo, esmaltando-o de mil brilhantes lumes.

Era alli a chamada— fonte do cedro — a que Leonor alludira no seu pequeno bilhete dirigido a Fernando.

O mancebo la estava, havia boa meia hora, esperando Leonor com signaes de

visível impaciência, pois ésta faltava á hora aprasada. Porque seria ésta demora? que-ria a donzella não cumprir a sua palavra e fazer desesperar o pobre moço? Quem sabe? e o coração de Fernando com éstas e quejandas conjecturas, estremecia assaltado pela dúvida, que, como sombria nuvem, lhe obscurecia a frente depois de lhe ter alanceado o espirito.

De repente, e quando o mancebo mais desalentado se via, uma figura branca e aeria como visão, formosa como fada, mas pallida como virgem do martyrio, veio de manso encostar-se ao tronco do cedro, e murmurou baixinho:

— Aqui estou, sr. Fernando.

— Tardou tanto, Leonor, que começava a descrer de tanta felicidade! fui injusto, não é verdade? exclamou o mancebo levantando-se com precipitação e vindo junctar-se á donzella

Ésta, trémula e interdicta, redarguiu recuando dois passos:

— Falle mais baixo, sr. Fernando; aqui não ha paredes a que possa ser applicado o axioma: mas podem as árvores tambem ter ouvidos.

— E que me importa que os ellas tenham, formosa virgem? não queira envenenar com vãos temores o primeiro instante de felicidade que em minha vida hei tido! Oxala que todas as árvores, todas as plantas e todos os astros que d'aqui se avistam, tivessem ouvidos para escutar meus protestos e bocca para os repetir baixinho ao coração de Leonor!

— Leonor!... e porque não Cecilia? Se em vez da primeira fôsse a segunda que ora estivesse neste lugar, que lhe diria? interrogou a donzella.

— Dir-lhe-ia o mesmo que lhe vou dizer.

A joven fez um gesto desdenhoso, ao passo que ironico sorriso lhe crispava os labios.

— Então está visto que ha a mesma linguagem para todas, não é verdade?

— Não, Leonor; não comprehendeu bem, minha amiga; a mesma linguagem para

todas não póde ser, mas uma confissão para ambas, sim:

— Como se entende isso?

— Muito bem: a uma e outra eu diria: Amo Leonor!...

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

## A JULIA

(A pedido de uma dama)

Tu ja viste, minha Julia,  
Terna, fagueira rolinha,  
Quando morre a companheira,  
Como a triste se definha?...

Tu ja viste la no prado  
A bonina emmurchecida,  
Quando o sol lhe nega os raios  
Que lhe alimentam a vida?...

Viste ja o tenro arbusto,  
Todo florido e viçoso.  
Quebrar, sumir-se nos ares  
Pelo vento furioso?...

Se ja viste, apenas viste  
Da minha vida metade;  
São maiores minhas dores,  
Mais flua minha saudade.

A rola triste e sosinha,  
A bonina desbotada,  
O tenro arbusto sem folhas,  
Não me egualam desgraçada!

Perdi, assim como a rola,  
Minha terna companheira:  
Ja no mundo não conheço  
Amizade verdadeira.

Como a bonina do prado  
Longo do sol definhou,  
Perdida a fe que me tinhas,  
Minha alma tambem murchou.

E como o arbusto virente  
Foi do vento desfolhado,  
Tua cruel indiferença  
Infeliz tornou meu fado...

## CONFIDENCIA

Pleurs silencieux, pleurs terribles.  
VICTOR HUGO. *Les Misérables*.

Tu, que vês meu rosto pallido,  
Mas sorrindo sempre ledo,  
Não sabes quanto em segredo  
Me compunge acerba dor;  
Não te mostro minhas lagrimas  
Por isso que a pena é grande:  
Nem ha consôlo que abrande  
As magoas que vêm d'amor.

Sei que tenho grato balsamo  
Nos prantos que ás vezes choras,  
Quando tu mesma deploras  
Este soffrer que me dá:  
De que vale? A sorte asperrima  
Que nos separa na vida,  
Não pôde ser convertida  
Nunca em remanso de paz!

Não pôde. Fogem-nos rapidas  
As illusões d'esta idade;  
E vejo que a mocidade  
Se me esvae longe de ti!  
Houve tempo em que fui credulo,  
E julguei que inda podia  
Transformar esta agonía  
Na ventura em que ja cri.

Hoje sou qual triste naufrago  
Errante de vaga em vaga;  
Minha sêde não se apaga  
Do mundo no longo mar;  
Se toco as aguas do pelago  
Com labios de amor frementes,  
Sinto-lhe os travos ardentes  
Que vêm meu peito crestar!

E assim é que a fria dúvida  
Vae meus passos circumdando;  
E que ao seu altivo mando  
A fronte deixo pender;  
Nos dias de alegre júbilo  
Era ousado o pensamento;  
Mas hoje... que desalento,  
Que tristeza em meu viver!

Olha em tôrno: a quadra esplendida,  
A quadra amante das flores  
Trocon as vividas côres  
Por sombria pallidez:  
Pois minh'alma ao sôpro gelido  
De cada teu desengano  
Jaz immersa de anno em anno  
Em mais penosa aridez.

E choro. Mas, sempre tímido,  
Escondo as gotas do pranto  
Debaixo do falso manto  
De um prazenteiro sorrir:  
Ja que o mundo passa frivolo  
Ante a dor que se revela,  
Não lhe digo a causa d'ella,  
Pois temo que a vá trahir!

A ti so, que és pomba ingenua,  
Embora não deva amar-te,  
Posso afouto vir contar-te  
Meu soffrimento sem fim;  
Ai! contempla o negro calice  
D'esta amarga desventura,  
E não sejas sempre dura,  
Afasta-o longe de mim!

Coimbra, 19 de Outubro de 1863

LUIZ CARLOS

## O REI DA CREAÇÃO

(Traduzido do livro d'Alphonse Karr — *Voyage  
autour de mon jardin.*)

Não deu o Creador ás plantas a escolher  
o reproduzirem-se, ou não. Cabiram infal-  
livelmente seus grãos na terra, e se des-  
involveram em novas plantas.

O homem, a este respeito, é pelo con-  
trário inteiramente dependente da sua von-  
tade. Cuida pouco a natureza de que o ge-  
nero humano augmente ou diminua, exista  
ou desapareça da superficie da terra.

Quando o homem quer, evita a lei da  
reprodução. Faz-se muito segundo a sua  
vontade monge ou tenor soprano. Não tem  
epocha nem estação para sahir da semente  
como as plantas e outros animaes. Sae  
quando lhe apraz e se lhe apraz.

Escutae-o, fallando de si proprio:

«O homem é o primor d'arte da natu-  
reza, a última e a mais perfeita obra de  
Deus, feita segundo a imagem d'elle, o  
centro onde o universo inteiro se reflecte.»

Muito bem. Cada um dizendo isto de  
todos os homens não o julga verdadeira-  
mente convir a outro que não seja elle pro-  
prio.

Fazei-o fallar e vereis.

Acabae de ver o que é o homem.

Perguntae o que é o *negro*.

«Os negros são uma especie inferior, uns entes nascidos para serem escravos dos brancos.»

Neste caso o primor d'arte, o rei, o centro em questão so se pôde dizer a respeito dos brancos.

Escutae agora um francez:

«O povo francez é o mais espirituoso, elegante e intrepido do mundo.»

Escutae ainda:

«O normando é um pouco estúpido: o picardo não passa de teimoso: o parisiense é palrador; etc.»

Cada provincia ou cidade em que se não nasceu tem alguma ma reputação proverbial.

O *primor d'arte, o centro, o rei* é pois o homem da cidade que habitaes — de Paris supponhamos.

Fazei fallar um parisiense:

«Fulano de tal é um homem ensoberbecido e aspero.»

«A senhora ... é tola e mais que tola.»

«O senhor ... abusa da licença de ser tolo.»

Ah! diabo! é talvez mister de procurar na familia, pois quando se tracta de conhecidos ha sempre defeitos a pôr.

«Tal primo é um sordido avaro, aquelle tio poz sua familia por portas, etc.»

E o amigo?

«Oh! o meu amigo é um excellente rapaz: tem alguns defeitos, mas quem é que os não tem?»

E eil-o a adornar-se com a sua amizade e a do amigo, principalmente se parece que isto fica bem.

Faz do dicto amigo um elogio pomposo, não por que se dê credito ás brilhantes e bellas qualidades que lhe dá, mas por que se admire como diz bem do seu amigo.

Depois se a attenção parece deixal-o para o amigo ser objecto d'ella acrescenta:

«Este pobre rapaz tem quatro dentes de menos, o que me causa muita pena.»

Ou:

«É um excellente coração, mas uma tão

ma cabeça, que, se não fôsse eu, não sei o que seria d'elle.»

Em summa, não deixa a conversação a respeito do amigo sem o ter collocado immediatamente abaixo de si.

### Conclusão

Quando um homem diz que o homem é o primor d'arte da natureza, o rei da criação, o centro do universo, etc., é precisamente de si proprio que pretende fallar. Porque se lhe apresentarem todos os outros homens um a um verão que não os acha feitos á imagem de Deus, nem primores d'arte, nem reis, nem nada d'essas bellas cousas.

O homem é um primor d'arte, como a noz é um excellente fructo.

O que falta é o miolo: os outros são a casca aspera e dura e a pellicula amarga, que é necessario cortar.

### BRABELETTIDA

22

Era uma noite. A escuridão da treva  
Lua e estrellas cobria, terra e espaço.  
'Numa tal noite a tia Genoveva,  
Quando eu era pequeno, ia a compasso,  
Contando-me o ramram da carochinha  
Até que o somno finalmente vinha.

23

Tinha um jardim a casa de Ermelinda.  
E um bosque havia la frondoso e opaco.  
Um tanque ao meio, e vecejante e linda  
Em tórno vide de purpureo baccho,  
Que vista la ao pe á luz do dia  
As delicias de um bebedo faria.

24

Sentada juncto a mim 'num duro banco  
Feito, com muita arte, de cortiça,  
So lhe via o vestido que era branco  
E puro como a toga da Justiça;  
Porque o mais não se via: a noite escura  
Não permittia ver-se-lhe a figura.

25

Ecco quel fiero istante!  
Nice, mia Nice, addio!  
Come vivrò, ben mio  
Così lontan da te?

Io vivrò sempre in pene,  
Io non avrò più bene;  
E tu, chi sa se mai  
Ti sovverrai di me?

METASTASIO. *Canzonette*

*A partida* — POESIA DE  
SOARES DE PASSOS

— Esta é a última noite! Em poucas horas  
Serei longe de ti, ó doce amada!  
Quem então me dirá que tu me adoras?  
Onde ouvirei tua voz apaixonada?  
E que vento, embriagando-me os sentidos,  
Tuas juras trará a meus ouvidos?

26

— É verdade, menino! Ai que tristeza  
Me vae na ausencia torturar a alma!  
— Olha, como está muda a natureza,  
Como está triste, silenciosa e calma!  
Parece pela sorte ennegrecida  
Para assistir á nossa despedida.

27

Triste é sempre o adeus de dois amantes,  
Maximè quando vão para tão longe!  
É triste, como os ais de agonisantes,  
Ou qual *phantasma*, que parece um monge;  
Triste como do naufrago a mortalha,  
Que o mar com as ondas pela areia espalha!

28

— Ai! não falles assim! Mettes-me medo!  
Tens cada pensamento tão tristoso!  
— É que eu saíio d'aqui para um degredo,  
E presinto um porvir feio e medonho.  
Ermelinda! uma vez te peço ainda;  
Diz-me que es minha, que me adoras, linda!

29

— Sim... me disse ella. E tal melancholia  
Mostrou 'naquelle *sim* mavioso e brando,  
Que me assustou de vé.as, e parecia,  
Morbidamente a face reclinando,  
(Longe de brincadeira e de facecias),  
Presentir as futuras peripecias.

30

— Oh! não podêr eu hoje acompanhar-te!  
Quem sabe quando havemos de inda ver-nos?  
Ficar aqui!... Nem mais podêr.'scutar-te  
Teus protestos tão meigos... e tão ternos!  
Não te esqueças de mim!... Mas pois te apartas,  
Ve se escreves de la bastantes cartas!

31

— Oh! isso hei de eu fazer! — Lembras-te, filho,  
D'aquella infancia nossa tão saudosa?  
Ha de inda ao menos animar-me o brilho  
D'essa quadra de amor, quadra ditosa  
Que derrama no seio de infelizes  
Um balsamo suave!... Oh! dias felizes!

32

Quando a lua no ceu, na selva a brisa  
No transparente espaço os mil perfumes,  
No valle a fresca fonte, a relva lisa;  
E em tórno á lua os mil fulgentes lumes,  
E no meio da relva as brancas flores,  
Nos ensinavam a fallar de amores!

33

— Estás uma poetisa de mão cheia!  
— Achas? os fructos são das lições tuas!  
Todos têm p'ra manias sua veia,  
Esta é a minha, cada um la tem as suas.  
Mas com esta despedida dolorosa  
Receio inda outra vez cair na prosa!

34

— Oh! que doces palavras! Diz ainda  
Que me estimas, que vaes soffrer na ausencia!  
Da-me mil juras mais, bella Ermelinda,  
Do seio meu acalma esta vehemencia!  
Se soubesses o ardor com que te adoro!  
Jura, promette, é so o que te imploro!

35

## Canção

Eu

Primeiro o gyro seu no ceu opaco  
Ha de suster o auricomado Apollo,  
Primeiro odiará as vinhas Baccho,  
Ou deixará de nos soprar Eolo,  
Ou Venus deixará de ser tão linda,  
Que eu deixarei d'amar-te, ó Ermelinda!

36

Ella

Primeiro as ondas odiará o nauta,  
 Ou de manhan não cantará o gallo;  
 Primeiro ha de o pastor deixar a frauta, —  
 Ou ao coelho o cão, que ve saltal-o,  
 Ou a cabra ao codeço perfumado,  
 Que eu esquecer-me de ti, o doce amado!

37

Eu

Primeiro a ran não cantará no charco,  
 E o dia sera noite, e a noite dia,  
 E vogará por sôbre a terra o barco,  
 E sôbre o mar a corsa fugidia,  
 Que eu deixarei de amar-te, anjo celeste!

Ella

Que eu esquecerei a dita, que me deste!

38

— Sim!... De repente ouviu-se alli um tiro.  
 Amotina-se tudo. Os cães ladrando  
 Correm pelo jardim em sôlto gyro.  
 Ella sôbre os meus hombros desmaiando  
 Um grito sôlta, um ai... que mais não pôde.  
 Abrem-se as portas, toda a gente acode.

39

Passa por pe de nós um negro vulto  
 Que depressa saltou de um muro abaixo.  
 Eu vendo ésta inferneira, este tumulto  
 Safo-me, e em casa com furor me encaixo.  
 No outro dia contou-me um mariola  
 Que era o irmão provando uma pistola!...

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

## BIBLIOGRAPHIA

O sr. J. Simões Dias mimoseou-nos com um volume de poesias que acaba de dar á luz, e que tem por titulo — Relicario ou o Mundo Interior.

Tão agradável offerta do intimo d'alma nós agradecemos, pois nos veio dar occasião a passarmos deliciosamente algumas horas com a amena leitura das suas poesias, que excellentes e mui dignas de se lerem as ha no — Relicario.

Recommendámos a sua leitura.

## CHARADA

Quem soffre, quem trabalha, }  
 Quem maguas espalha, } 2

Quem penas ja não sente, }  
 Quem tudo olha contente } 1

Quem pasma, quem se admira }  
 Ou sente assomos de ira } 1

Assim faria eu se o muito pranto  
 Não me embargasse a voz, e 'nesse encanto  
 Acharia consôlos para as maguas.  
 Hão de me sempre achar em duras fraguas  
 Quêda, calada, rija, aspera e forte,  
 Sem temer a roaz foice da morte,  
 Nem os tormentos da mofina sorte,  
 Nem os sopros do sul, nem os do norte,  
 Nem outra cousa mais que acabe em *orte*,  
 A não ser do alvião o rijo corte,  
 Que muitas vezes faço que se intorte,

SANCTOS VALENTE

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Scenas Romanticas. — Continuum a vender-se nas lojas do costume.

## Expediente

Tornamos segunda vez a prevenir os Ill.<sup>mos</sup> Srs. Assignantes, que até hoje ainda não poderam satisfazer a importancia de toda a sua assignatura, que, enquanto o não fizerem, não serão agraciados com o volume que no fim do primeiro semestre se lhes prometteu. Em demasia sentimos o sermos forçados a lançar mão d'este meio, mas a demora que tem havido no saldo d'essas dividas nos desculpa exuberantemente.



## RECORDAÇÃO

Dedicada

À ESPERANÇOSA ROMANISTA E POÉTISA MIMOSA

A EX.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup> D. HENRIQUETA ELYSA.

Na lyra, no trovar, no sentimento,  
Foi-nos a sorte igual;  
Oxalá que o não seja no destino  
Que me fadou o mal!

AUGUSTO SARMENTO.

Um lustro e mais dois annos so contava,  
Quando te conheci;  
Nem posso recordar a minha infancia  
Sem lembrar-me de ti!

Qual vara de Moysés, fazendo a jorros  
Da pedra agua nascer,  
Dos olhos que a dôr sêcca, a saudade  
Faz lagrimas verter!

Ignorantes, festivas, ensinaram-nos  
A soletrar — *porvir!*  
E a idade tem passado em vão esforços  
Sem lê-lo conseguir!

Cançadas de folgar, lá 'stava á noite  
O regaço da mãe,  
Onde iamós dormir o amigo somno,  
Que a vida mais não tem!

No baixel d'innocencia ambas vogámos  
'Num mar todo alegria!  
Quinze estios passaram — eis-nós junctas  
No abysmo d'agonia!

Como tu, repellida da ventura,  
Vagueias erma e triste,  
Tambem eu, so por ver gozal-a aos outros,  
Não nego que ella existe!

Reflecte no teu pranto essa luz tibia  
Do adeus que o sol 'envia!  
Ás lagrimas d'aurora as minhas juncto,  
Por viver mais um dia!

Quem responda á tua alma, em vão procuras,  
Sem encontrar jamais!  
Sem peito que os abrigue, escuto aos montes  
O echo de meus ais!

É deserto p'ra ti tambem o mundo  
Sem oasis ja t'er!  
Eu tenho por amiga a doce crença  
Que um dia hei-de morrer!

No festim da desdita o Deus Eterno  
Indicou-te um logar!  
A mim, por entre espinhos e amargura,  
Mandou-me caminhar!

P'ra animar-te a soffrer beijou-te a fronte  
A deusa d'harmonia:  
A ti, deu-te o talento; a mim, apenas  
O amor da poesia!

Tu elevas-te ás nuvens inspirada!  
Da terra eu fito o céu!  
Nas azas d'uma esp'rança inda te libras,  
P'ra mim tudo morreu!

Afasta-te de mim — que o meu destino  
Tem horrivel matiz!  
Que eu rasteje no pó, tu vóa aos astros,  
Sê do que eu mais feliz!

Coimbra, 1863.

AMELIA JANNY.

## PREDESTINAÇÃO

A felicidade é a morte...

C. CASTELLO-BRANCO

Amor de perdição

Desgraçada! que encontro imprevisto  
Te surp'rende n'um gozo infeliz!...  
Porque cedo, mais cedo não veio  
O pharol que teu guia se diz!...

Hoje é tarde; não podem seus raios  
Nova senda no mundo te abrir;  
Se te mostras agora, quem sabe?...  
Mais condensas os veus do porvir...

Bem fatal, oh! se foi, para ambos  
Essa hora que amantes os fez:  
Sem piedade o Destino os affasta  
P'ra não mais se encontrarem talvez!

Se mais cedo viesse, ó astro,  
Outra aurora surgira nos ceus;  
Mas vens tarde: no livro da vida  
Foi um nome ja escripto por Deus!

A desgraça abraçou-os no berço  
E de prantos baptismo lhes deu:  
Este abraço foi élo fraterno  
Que ninguem n'este mundo entendeu.

E diversos caminhos traçaram  
Em redor d'esse berço fatal;  
Cada um foi seguindo seu norte  
Impellidos por sina infernal.

Não mais viram nas nuvens sombrias  
Que a seus olhos roubaram a luz,  
Despontar o pharol resplendente  
Que lhes dera por guia Jesus!

Eis-vos almas perdidas, errantes,  
Em demanda d'um mudo melhor;  
Vossa estrella apagou-se no occaso,  
No fulgor de outro astro maior,

E perdida, perdida p'ra sempre!  
Que vos vale a tardia affeição?  
Nada póde o calor d'este affecto  
Contra o gelo da fria razão.

Ide longe... bem longe um do outro!  
Que desgraça não fôra este amor!...  
Leis da terra infelizes condemnam  
Que no eu abençoã o Senhor!

Tende esp'rança, consôlo de affictos,  
Que inda alem d'esta vida ha porvir:  
Para aquelles que soffrem na terra  
Deus reservá divino sorrir.

Tende esp'rança! Se o mundo vos mostra  
Fundo abysmo que é crime transpôr,  
Lá, no ceu vossas almas unidas  
Dão a Deus um hossana d'amor.

Foz, 8 de Outubro de 1863

HENRIQUETA ELYSA

## RECREIO PARA INSTANTES

A menina estremeceu involuntariamente;  
e tão grande foi o deslumbramento que  
lhe offuscou a razão, tão immensa a ale-  
gria que lhe entrou 'nalma, que não deu  
pela posição do mancebo ajoelhado a seus  
pés, nem pelo ardor com que lhe estreitava  
a mão, senão quando elle a uniu aos la-  
bios em prolongado osculo.

Esquecida inteiramente da sua situação,  
da scena que ha pouco se dera entre ella  
e Cecilia, e da terrivel revelação que pouco  
antes lhe escutara, a innocente menina  
abriu o coração ao extasis doçissimo que  
lhe davam aquellas palavras, proferidas com  
a mais tocante inflexão de voz, e inclinan-  
do-se para diante cingiu a fronte do man-  
cebo com o reflexo luminoso de seus olhos  
que pareciam nadar em ondas de fluido  
magnético, e murmurou ao mesmo tempo,  
mais com o coração do que com os labios:

— Fernando, Fernando, para que tanto  
amor?!

— Para que tanto, meu anjo?! para te  
offerter todo! é pouco?

E fallando assim o mancebo, transpor-  
tado pelo inflexo d'aquellas suaves pala-  
vras, cobriã de ardentes beijos a mão da  
virgem que estremeçia entre as suas.

Foi rapido o delirio, tão rapido como a  
vertigem de felicidade que passa pela mente  
do desgraçado!

Leonor mudou repentinamente de phy-  
sionomia, limpou duas impertinentes lagri-  
mas que, como aljofares, lhe pendiam das  
compridas pestanãs, e, dando nova infle-  
xão de voz ás suas palavras, virou-se para  
Fernando, e lhe disse:

— Pedio-me uma hora de conversação

particular, Senhor Fernando: que tem a dizer-me?

— Leonor, estranho essa linguagem e sobretudo as alternativas porque a vejo passar! Cecilia fallou-lhe a meu respeito?

— E que tem isso de commum com o que ora se passa entre nós?

— Talvez que tudo, e pôde ser que nada. Não lhe disse a sua amiga que eu era perdedente á sua mão?

— Disse, respondeu a joven obrigada, mau grado seu, a confessar a verdade.

— Bem: 'nesse caso está tudo explicado; tem um motivo a sua reserva de hoje, Leonor. E Cecilia disse-lhe que ja recebeu da minha parte algum protesto ou confissão de amor?

— Então o casamento não é a maior, a mais leal, a mais convincente prova de um grande affecto?!

— Muitas vezes não, minha filha: o casamento, como o faz a sociedade, é um contracto em que nem sempre se consulta o coração, que deve ser o mais interessado 'neste negocio. Eu ja previa que mais tarde ou mais cedo tinha de dar-se uma explicação entre as duas amigas, e para prevenir o máo resultado d'ella foi que eu pedi esta entrevista, infelizmente, tardia bastante para me fazerem inteira justiça. Não obstante ainda conto rehabilitar-me no conceito de Leonor. Vou ajoelhar-me a seus pés, e confessar-me como o faria a um sacerdote nos ultimos momentos da minha vida. Por quem é não descreia das minhas palavras que, se acaso me suspeitasse de desleal, rasgaria aqui mesmo o coração! Olhe que nunca estes labios que ora lhe fallam souberam formular uma mentira! honra e verdade tem sido sempre a minha divisa! Sente-se Leonor, e ouça-me por um pouco; vou contar-lhe a minha vida, sem a romantisar. Não quero aos seus olhos valer mais do que sou. Não tema que venham peripecias variadas, nem lances de effeito: é uma historia de crianças, e não a vida de um homem o que lhe vou contar.

VI  
Fernando começou assim a sua narrativa.

—A sua amiga, Cecilia, não foi sempre o que hoje é: ha poucos annos ainda logrou ella ter na sociedade a posição que occupa, devida ésta sem duvida aos contos de reis que o pai adquiriu no Brasil.

De familia nobre nasceu ella; mas em consequencia das vicessitudes politicas, cousas que a Leonor nada interessam, seus pais caíram do alto das grandezas em uma mediania que era considerada por elles como completa indigencia. Algumas privações soffreram por essa epocha, e meu pai que era amigo intimo da infeliz familia correu a soccorrel-a, offerecendo-lhe a sua propria casa.

Occorreu então uma ideia, como taboa de salvação com que o naufrago depara na immensidade do Oceano, ao pai de Cecilia, e, acceitando o offerecimento do amigo, deixou-lhe em casa mulher e filha, e partiu para o Brazil, mais como aventureiro, que procura fortuna, do que como expatriado que foge á perseguição dos seus.

Resultou d'este exilio voluntario que, passados que foram dez annos, voltou o homem sobejamente indinheirado, e com basta experiencia do mundo para nunca mais se envolver em questões ou negocios politicos.

Entretanto a mãe de Cecilia morrerá, e sua filha havia sido educada por minha propria mãe, que, se o fôra d'ella legitimamente, não empregaria mais disvelos e cuidados para lhe dar superior e esmerada educação.

Era eu justamente da sua idade, e como não tinha irmãs, assim como ella não tinha irmãos, resultou que um ao outro nos afeiçoámos com extremo.

Sancta e innocente afeição começada no berço, e estreitada com infantis caricias!

Quando o pai da menina voltou do Brazil contavamos cada qual doze annos de idade: mas vendo que nos queriam sepa-

rar gritámos contra a violencia, protestando que havíamos de ser esposos. Acharam graça as nossas familias e prometteram que mais tarde, em tempo competente, se realisaria esta alliança, que mais consolidava os laços de affecto que ja de ha muito as unia. Além d'isso o pae de Cecilia julgava poder por meio do dote que desse á filha, saldar a divida de gratidão que confessava a meus pais.

Partiu com Cecilia para a provincia, por não podêr, dizia elle, viver mais tempo em Lisboa, terra que conhêcêra a sua primeira grandeza, que tramára e vira a sua queda, e que via agora, sem dúvida, presenciara cheia de inveja ou odio a sua regeneração, que tantos annos de trabalho lhe custára. Quanto a Cecilia e a mim consolamo-nos 'nesta separação com os retratos que um ao outro nos fizeram dar, e as esperanças de uma proxima e futura união.

Deixei-me embalar por esta crença, que mais em mais me queriam arregar na alma, como coisa que não convinha expulsar. Continuei a amar Cecilia, com o mesmo affecto de criança é verdade, mas com toda a violencia que podia dar a este sentimento, pois que era ella todo o meu futuro, todas as minhas aspirações.

Confesso-lhe, Leonor, que jamais sombra de outro amor, de outro affecto senti por Cecilia, que eu via sempre no retrato criança, risonha, descuidada, alegre, e não mulher com cabeça para pensar e coração para sentir.

Devo tambem confessar-lhe que nunca amei, nem tentei amar, levemente mesmo, outra mulher: Cecilia era o meu porvir, tinha-o eu dito com a singelleza e innocencia da infancia, confirmava-o minha familia, auctorisando-me e auxiliando-me para o querer.

Durante todo este tempo que vivemos separados escrevia eu cartas a Cecilia como as escreveria a uma irmã: a joven respondia-me pelo mesmo teor; mas ultimamente notava eu nas suas cartas certo despeito que se trahia nas expressões meio

affectuosas, meio ironicas, que me dirigia. Sem duvida Cecilia procurava com interesse as expansões dolorosas de um outro affecto que eu não sentia e que portanto lhe não podia communicar.

Assim tendo chegado á idade fixada por nossos pais para a realisação d'este casamento, parti de Lisboa resolvido a levar esposa. Vinha porém tão tranquillo e socgado como se negocio alheio me chamasse aqui, quando ao contrario eu dava um passo que decidia de todo o meu futuro.

Vi Cecilia, achei-a formosa, mas formosa como sempre a conhêcêra, e nenhum abalo experimentei a não ser o produzido pelas lembranças d'aquella feliz idade, que juntos folgavamos recordar com todas as suas innocentes peripecias. Uma cousa me encheu de desgosto logo no primeiro momento, e foi o eu encontrar-lhe a mesma vivacidade, e desenvoltura que lhe conhêcêra em criança, e que quanto agrada 'naquella idade, desagrada 'nesta.

Cecilia não era pois mulher, ou pelo menos a mulher que eu me deliciava em criar na minha imaginação meiga, melancholica, revelando sentimento no olhar e amor em cada palavra.

Comtudo eu não me sabia dar a razão d'estes desgostos, ou não sabia mesmo explicar assim a especie de frieza com que a via, e desalento com que a amava.

Um dia vi Leonor, e admirei-me de a preferir á outra. Fui para casa pensando muito e tentando fazer o parallelo entre as duas. De todas as combinações que fiz resultou que, de cada vez, mais distinguia Leonor, e menos considerava Cecilia.

Sem então ter ideia alguma de me desligar do compromisso feito ha tantos annos, nem esperança a seu respeito, como que por palpito intimamente me regosijava por não ter dado impulso, nem andamento algum ao negocio de que vinha encarregado.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

A virtude é paga igual de si mesma, sem mais troca.

SÁ DE MIRANDA

## A BRANCA

(Extracto de Zorrilla)

L'aube naît et ta porte est close!  
Ma belle, pourquoi sommeiller?  
À l'heure où s'éveille la rose  
Ne vas-tu pas te reveiller?

VICTOR HUGO.

Acorda tu, minha Branca,  
Que ja desponta a manhã,  
Ligeira e toda risonha,  
Toda brilhante e louça;

Acorda, que ja seu canto,  
Seu doce canto de amor,  
Solta alegre o rouxinol  
Dos ramos entre o verdor.

Acorda, Branca formosa  
Vem estes bosques sítar,  
Matar d'invejas o campo,  
Fazer a aurora corar.

Vêr como tudo desperta  
À luz do doce arrebol;  
Ostentar-te magestosa  
Mais brilhante do que o sol.

Aqui ha macios leitões,  
Que a branda relva formou  
Ao rouco som da fontinha,  
Que dos outeiros baixou.

Aqui doudas borboletas  
Divagam doidas d'amor;  
Aqui recendem perfumes,  
Gratos aromas da flor.

Aqui borbulham arroios,  
Aqui se pôde escutar  
Ao doce impulso das agnas  
Estes ramos ciclar.

Tinge o sol as cumiadas  
D'aquelles montes d'além,  
Que a noute de fresco orvalho  
Tinha coberto também.

Todo o bosque é riso, encanto,  
Paz segura aqui reina;  
Desce, oh! desce, minha pomba,  
Que o ceu todo te sorri!

A. A. V. P.

## HISTORIA VULGAR

## D'uma mulher singular

Digo-lhe que não, Alfredo, não devia retirar-se. Acostumado, como diz, a ler-me nos olhos os sentimentos da alma, devia saber hontem interpretar a minha agitação e as minhas lagrimas, e ficar aqui juncto de mim. A sua retirada auctorisa-me a duvidar que me comprehenda, ou a descrever de seus sentimentos...

— Que diz, minha senhora? Duvide antes da luz do sol, que do occidente nos espreita, do que da pureza de meus sentimentos. Eu suppuz-me de mais em presença de duas pessoas amigas, que segredavam á minha chegada. E nem mesmo agora comprehendo, para que fosse necessaria a minha presença?!

— Enleada como eu estava 'num dialogo, quiz me torturava, precisava d'ella; porque o meu intorlocutor apontava para os ceus invocando o testemunho da minha palavra; eo mesmo tempo que eu punha a mão sôbre o peito, para suffocar os gritos do meu coração!

Via d'um lado minha boa mãe sentada aos pés de Deus, contemplando sua filha: e do outro uma paixão abrasadora, cujo fogo eu indiscretamente ateara, e que já não podia apagar, sem o perigo de ser por elle devorada!

'Neste estado pois precisava, mais que nunca, d'uma justificação ao meu silencio: pois me custaria tanto descerrar os labios para mentir ao coração, como para desmentir a prevertida promessa d'uma creança obediente, que afagava no peito a memoria de sua mãe.

A sua presença, Alfredo, punha termo ao dialogo; e porisso eu a implorei pela unica maneira possivel no estado de perturbação, em que me achava: mas desgraçadamente, ou me não comprehendeu, ou se recusou ao meu pedido; e retirou-se deixando-me na agonia!...

— Perdão, minha senhora, se pela vez

primeira lhe dei involuntariamente motivo de queixa. Permitta porém que lhe diga, que, se não creio que lhe subissem do peito as palavras de censura, que ouvi, vejo todavia involvido nellas um certo mysterio, que me assusta, confundindo-me as ideias!

— E esse mesmo mysterio, Alfredo, é para mim um duplicado martyrio. Tremo de o revelar: accusa-me a consciencia de o não ter feito.

— Se o receio nasce da desconfiança, o remorso é uma consequencia da injustiça; e a prolongação do soffrimento um castigo da reserva immerecida. Se eu posso de qualquer fórma minorar o mal que o opprime; porque motivo adia v. ex.<sup>a</sup> a confidencia?

— E se ella tirasse uma esperanza, destruindo uma illusão?

— Tanto melhor, minha senhora, por que perdendo mais uma, desconta-a-hia nas poucas que ainda me restam, e mais perto ficaria da realidade. Affianço-lhe que se na historia figurar uma mulher, nada me maravilhará, por mais extraordinaria que seja. Quando eu contava apenas vinte primaveras, julgava que o mundo era um deserto, que so a companhia da mulher podia converter em paraizo: e deixava-me embalar por essa fagueira illusão, embora encontrasse todos os dias em cada mulher um desmentido! O fogo da juventude não se extinguia com o gelo dos desenganos; e a imaginação ardente offuscava com o brilho de suas imagens os quadros da realidade.

Hoje porém fez-se nas minhas ideias completa revolução. O frio dos janeiros, e a experiencia do mundo gelaram-me o coração, e fizeram desabar uma por uma as minhas illusões!

Agora supponho a mulher um ente poderoso e perigosissimo, que dispõe dos destinos da humanidade, a quem distribue a capricho a felicidade ou a desgraça.

— Tinha muito que oppôr, Alfredo, á apreciação que faz da força moral da mu-

lher, que eu reputo o mais fraco e infeliz dos seres creados. Mas diga-me — em quanto viveu 'nessa atmospherá d'illusões, suppondo em cada mulher um anjo, e em cada palavra sua um sentimento e um decreto, não se julgou muito mais feliz, que agora?

(Continúa)

## AO MEU AMIGO

A. C. Pereira de Figueiredo

Amigo, teus cantos,  
Por dor inspirados  
Parecem vibrados  
Em meu coração;  
As notas, que soltas  
Só tem mil queixumes  
Não tem os perfumes  
De doce paixão!

Não fallam de gozos,  
Só fallam de dores,  
Que causam amores  
Só pranto contém!  
É triste! no mundo  
Quem ama padece,  
Minh'alma fenece  
Com dores tambem!

Não vês despontar  
Para ti uma estrella  
No ceu, que singella  
Ventura te dê;  
Nas flores que eu colho  
Só acho os espinhos,  
Não tenho carinhos;  
Que triste que é!

Amigo, teus cantos,  
Por dor inspirados  
Parecem vibrados,  
Em meu coração;  
As notas que soltas  
São queixas, gemidos,  
Do peito sahidos  
N'intensa afflicção!

Se soffres, eu choro.  
Oh! vem que contigo  
Então meu amigo  
Só quero viver;

Serão menos fortes  
Aqui nossas dores,  
Cruéis dissabores  
D'atroz padecer!

Sim longe dos homens  
Que riem do pranto  
Que se véрте santo  
Oh! vem habitar.  
Terás em meu peito  
Para as maguas abrigo.  
Sim, vem que contigo  
Só quero chorar!

Amigo, teus cantos  
Por dor inspirados  
Parecem vibrados,  
Em meu coração;  
As notas que soltas  
Só tem mil queixumes  
Não tem os perfumes  
De doce paixão!

1863, Vizeu.

ALFREDO CAMPOS

## UMA SAUDADE

À memoria de J. J. R. de Mattos

Correi.....

Lagrimas tristes minhas

Garrett, CANÇÕES

Um necrologio é improprio 'num periodico como os *Hymnos e Flores*; mas o que nos fazemos não é um necrologio.

Entre as flores que tão bellas desabroçam e ostentam gallas 'nestas paginas, cabe a grave flor dos tumulos, a saudade.

E se é flor para que a havemos esbulhar dos jardins da vida?! E mais ainda quando ella nos recorda uma phase d'essa mesma vida!

É uma saudade que venho desfolhar sobre a campa d'um joven arrebatado cedo ao prazer, tarde á dor.

Soffreu muito. Oito mezes, dia a dia, os mil cruciantes punhaes da molestia lhe atormentaram o corpo, mas não lhe anniquilaram nunca o espirito. Foi-lhe forte até á derradeira hora.

J. J. Rodrigues de Mattos foi martyr desde o alvorecer da existencia.

Era natural de Coimbra, motivo este que me levou a escolher o periodico mais sympathico d'esta illustre terra para pagar á sua memoria mesquinho tributo d'amizade.

Dotado d'um talento superior luctou incessantemente para o aperfeçoar. O estudo era o seu Deus.

Filho d'esse talento foi um livrinho que é um thesouro de harmonia, uma endeixa que o genio do amor lhe ensinára a dedilhar na harpa da crença. A *Mulher* é o titulo d'esse opusculo.

Lançado o seu auctor na carreira litteraria por tão bella porta veio a politica, assassino de tudo o que é poesia, arrancal o aos sonhos d'illusão, e submergil-o 'nessa voragem immensa em cujo redemoinhar incessante chegam muitas vezes a perder-se, ainda os mais audases.

Poude ainda fugir-lhe.

E agora que de novo se entregára d'alma e coração aos estudos litterarios, agora que viajante fugidio dos areaes abrasadores voltára ao seu *oasis* querido, succumbio para não mais.

No *Tribuna Popular*, jornal de Coimbra, e no *Correio de Setubal* existem escriptos que melhor do que eu attestam o merecimento de Rodrigues de Mattos.

O dia 29 de outubro, viu a sua alma despir o envolvero terrestre e voar á eternidade.

No coração me deixou elle um lozar que jamais se preencherá! nunca o tivesse eu conhecido, que se me não tornaria impossivel olvidal-o.

.....  
Saudade regada pelo pranto é esta aqui por mim depositada; não convida a embriagar no seu ardor, mas revella a minha tristeza. Se lhe faltam as cores brilhantes envolve-a o veu de lucto que cobre o meu coração. Que isto ao menos a torne respeitada.

Lisboa

HENRIQUE FARIAS

## ERMEIANDA

## VII

Saudade! grato aroma que perfumas  
O seio do que soffre! Almo repouso  
Em que adormece a máguá, que nos punge,  
Como a onda socéga ao sôpro ameno!  
Intorna sôbre mim teu doce balsamo,  
Urna sagrada das estancias puras!  
Oh! chove-me consôlos, que este peito  
Anceia por quedar a dôr que o fére!

Mas não! Teus mimos não me acalmam, dôem-me!!  
Não me consolás, não, mais me torturas!  
Com o balsamo travaste o fel amargo!  
Nuvem dolosa, que um momento incantas,  
Sóme-te, vâa na amplidão immensa,  
Não mais por sôbre mim traces teu rumo!  
Quero comigo só gemer meus males,  
Quero a dôr devorar, chorar sôzinho.

Oh! céos! pois pôde a vil... Ail Ermelinda!  
Tão em remorso quebrantaste a jura!  
Tão sem dó me deixaste em duro exílio.  
Não tinhas pois no depravado seio  
Um so, que fôsse, sentimento puro!  
Mas porque assim da dôr vencer-me deixo?  
Ella d'outro quiz ser, hei de achar outras!  
Heide, ingrata mulher! E quando um dia  
O remorso tardio a alma te punja,  
E se te rasgue o seio á mágoa acerba;  
Quando queiras reunir o laço estreito,  
Que hoje ousaste quebrar tão sem piedade,  
Verás em mim o riso do desprêso,  
Sentirás duplicada a dôr que eu soffro!

No qual tempo eu andava passeando  
Em frente d'um palheiro. Era o palheiro,  
Onde como se vê num canto acima)  
Out'ora eu fui (tão louco!) pôr-me á espera  
De novas d'ella.

A casa inda lá estava,  
Mas so, mas destruida e quasi em ruinas,  
Que D. Julia p'ra Lisboa fôra.  
Tudo alli me dizia o nome d'ella,  
Tudo lembrava as scenas do passado,  
E falando d'amor, lembrava os males.

Foi o caso que o irmão viu uma tarde  
Passear por Lisboa um velho amigo  
Seu, do Pará negociante rico;  
E, sôbre rico e amigo, o quiz parente.  
Tantas voltas lhe deu, que o brasileiro  
Cahiu na rêde, armada em tenções boas,  
E a mão lhe foi pedir; a mão, não d'elle,  
Mas d'Ermelinda foi a mão pedida.  
Qual a aguia veloz, ao vêr na terra  
Estremecer a pressa procurada,  
Vae círculos traçando nas alturas

E mais o amiuda, quando desce,  
Té que nas garras vae cahir-lhe a presa,  
Tal ao rico inganou, tal cahiu elle:  
Ella hesitou um pouco, mas cedendo  
Ás instancias do irmão e do tal melro  
(Inda lhe hei de ser bom, se o apanho um dia!  
As juras olvidou, casou com elle,  
E eu fiquei cá de longe a vêr navios!

Ah! meu Ambrosio! tu é que és amigo!  
Este sim! Não me larga! Nós mais tarde,  
Por não ter que fazer e por buscarmos  
Remedio e lenitivo ás nossas máguas,  
Resolvemos deixar da Lusitania  
A tão querida terra e o patrio ninho,  
E junctando entre nós alguns dinheiros  
Fômos ambos fazer *le tour du monde*.

8 de Janeiro de 1862

A. L. SANCTOS VALENTE.

## Expediente

Completa-se com este n.º 24 o 1.º anno dos *Hymnos e Flores*.

Recebidos por todá a parte sempre com especial agrado, e prosperamente chegados a esta idade, cousa rara em jornaes litterarios que saíam á luz em Coimbra, vão por isso os *Hymnos e Flores* entrar no seu 2.º anno, confiando em que continuarão a ser acceitos pelo publico com a mesma benevolencia, e a merecer d'elle a mesma protecção. Temos fe em que os nossos assignantes não deixarão de renovar as suas assignaturas; e assim pedimos aos que desejam continuar, o obsequio de o participarem a esta Redacção, com a possivel brevidade.

As pessoas que, a todos os respeitos, valiosamente nos tem auxiliado nesta empresa, aqui lhes damos sinceros e cordeaes agradecimentos: os mesmos damos ás Ill.<sup>mas</sup> Redacções que se dignaram trocar com a nossa folha.

A estas Redacções pedimos o obsequio de transcreverem este expediente, pelo que lhes ficaremos summamente gratos.